



Alda Patrícia Marques Portugal

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE: AVALIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIAS PÓS-DIVÓRCIO

Psicologia Clínica

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

2013



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



Alda Patrícia Marques Portugal

**O PAPEL DA COMUNICAÇÃO
NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE:
AVALIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO
EM FAMÍLIAS PÓS-DIVÓRCIO**

Psicologia Clínica

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia da Universidade De Lisboa

2013

Tese orientada pela Professora Doutora Isabel Maria Marques Alberto,
no âmbito do Programa Interuniversitário de Doutoramento em Psicologia
(Psicologia da Família e Intervenção Familiar), da Universidade de Coimbra
e da Universidade de Lisboa.

AGRADECIMENTOS

Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, José Saramago refere “(...) quem acaba uma coisa nunca é aquele que a começou, mesmo que ambos tenham um nome igual, que só isso é que se mantém constante, nada mais”. Neste percurso, marcado por altos e baixos, foram muitos os que contribuíram para a realização deste trabalho, quer em termos científicos, quer em termos pessoais. A eles devo um profundo agradecimento.

Em primeiro lugar, à minha orientadora, Professora Doutora Isabel Alberto, que acompanha o meu percurso desde que comecei a “tatear” a ciência e a investigação. Obrigada por cultivar em mim a curiosidade e o desejo de saber mais sobre assuntos tão vagos e, por vezes, ambíguos. Obrigada, também, por ter secado algumas lágrimas e usado as palavras certas, nos momentos certos.

Às Professoras Doutoradas Ana Paula Relvas, Madalena Alarcão e Madalena Carvalho, por quem tenho grande consideração. Cada uma, à sua maneira, me mostrou a importância de se ser perseverante e confiante. São várias as conversas guardadas na minha memória e que moldam a história que conto de mim. Obrigada por confiarem nas minhas capacidades.

A todo o corpo docente e discente do Programa Inter-universitário em Psicologia Clínica, Psicologia da Família e Intervenção Familiar, bem como, aos docentes com os quais me fui cruzando ao longo deste percurso, por contribuírem para o meu conhecimento científico e por me ampararem sempre que as dúvidas me faziam cair. Faço um agradecimento particular à Professora Doutora Rita Francisco, ao Professor Doutor José Tomás e ao Professor Doutor Bruno de Sousa, cujas áreas de especialização contribuíram para o rigor deste trabalho.

Agradeço também à Professora Doutora Luísa Morgado, assim como, a todos os colegas (docentes, alunos e funcionários) que integraram o Conselho Pedagógico (2008/2010) e a Assembleia da Faculdade (2008/2012). Foi um gosto poder partilhar, discutir e decidir alguns dos assuntos mais importantes da gestão da nossa Escola. Direciono um agradecimento especial ao Dr. Laborinho Lúcio que, com a sua sabedoria e disponibilidade, fomentou em mim um sentido crítico, tanto para tópicos relacionados com a Faculdade, como para o meu próprio projeto de investigação.

A todos os organismos que permitiram a implementação deste trabalho, designadamente, no que se refere à recolha da amostra: Equipas Multidisciplinares de Acessoria ao Tribunal do Porto e de Coimbra, Tribunal de Família e Menores de Coimbra, diversas escolas do ensino básico e secundário distribuídas pelo país e associações de pais e encarregados de educação. Neste sentido, agradeço também às pessoas que, de forma independente, me ajudaram na recolha da amostra.

A todos os participantes deste estudo, sobretudo aqueles cujo exercício da parentalidade é particularmente desafiante e desafiado.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pela concessão da bolsa de investigação e todo o apoio que permitiu a concretização deste trabalho.

Quero agradecer, também, às minhas companheiras de investigação. À Diana, à Luciana, à Margarida e à Neide por me ensinarem a trabalhar em equipa, pela amizade a par da ciência e pelos constantes amparos. Obrigada meninas!

À Inês, à Isabel, à Luísa, à Milena, à Rafaela e à Vera por serem incondicionalmente minhas amigas. Estiveram presentes desde o início deste percurso e fica a segurança de que permanecerão por todos aqueles que ainda estão para vir. Obrigada pelo vosso afeto e força.

Ao André, por me escutar e acarinhar nesta etapa final.

Ao Samuel, amigo de longa data, pela sua disponibilidade, atenção, paciência e amizade. Obrigada por tornares o meu trabalho tão mais bonito.

Aos meus amigos da Nazaré por constantemente, e em momentos distintos, me tentarem desencaminhar. Lembraram-me de que o trabalho não é tudo na vida.

Ao Sr. Luís Lopes que teve a gentileza de aceitar o desafio de pintar um desenho que retratasse o tema deste trabalho. A sua dedicação e interesse pelo meu pedido incute, na imagem, ainda mais simbolismo.

Por fim, o agradecimento mais importante, à minha família. Ao meu pai, pelos incríveis esforços que faz para que eu tenha as condições necessárias para ser uma boa profissional e, acima de tudo, uma boa pessoa. À minha mãe, por transformar a sua doçura e suas palavras de incentivo numa rotina. Ao meu irmão, pela cumplicidade que nos une e que se reforça com o passar dos anos e pelas piadas que só ele sabe fazer! Aos três, um grande obrigada pela paciência, pelos mimos e pelo orgulho que têm em mim. Estão presentes em cada linha deste trabalho.

O trabalho de investigação conducente a esta dissertação foi co-financiado por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e pelo Fundo Social Europeu, no âmbito do Programa Operacional do Potencial Humano (POPH) e do Quadro de Referência Estratégico Nacional (QREN), através da Bolsa de Investigação com a referência SFRH/BD/63340/2009, concedida pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.



DECLARAÇÃO

De acordo com o artigo 17 do Regulamento do Programa Interuniversitário de Doutoramento em Psicologia (Psicologia da Família e Intervenção Familiar), área especialização em Psicologia clínica, da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa (19 de setembro de 2008), esta dissertação engloba artigos científicos submetidos para publicação em revistas nacionais e internacionais indexadas. A autora declara que foi responsável pela recolha de dados, análise e interpretação dos resultados, assim como pela redação, submissão e revisão dos manuscritos dos artigos enviados para publicação.

Alda Patrícia Marques Portugal

setembro de 2013

Resumo

A comunicação ocupa um lugar de referência entre as diversas componentes que caracterizam e definem o funcionamento familiar (e.g., envolvimento afetivo, coesão, regras/limites). Os padrões comunicacionais, no contexto da família, não só definem a qualidade do exercício da parentalidade como permitem inferir sobre a qualidade das relações pais-filhos. Estes indicadores são particularmente relevantes quando se analisam estruturas familiares pautadas por transformações acidentais, como é o caso das famílias pós-divórcio. Os estudos que se debruçam sobre as relações familiares tendem a incluir a comunicação nas dimensões a avaliar, embora de uma forma superficial e pouco focalizada. Uma possível justificação para este aspeto prende-se com a escassez de instrumentos de avaliação específicos da comunicação parento-filial, uma vez que aqueles que existem apresentam diversas lacunas (e.g., focam-se exclusivamente na etapa do ciclo vital família com filhos adolescentes).

Assim, foi desenhado um estudo transversal, de cariz misto (qualitativo/quantitativo), com o intuito de responder a três objetivos: (a) identificar as dimensões comunicacionais que pautam o exercício da parentalidade na perspetiva de pais e filhos, (b) construir um instrumento de avaliação da comunicação no contexto da parentalidade e caracterizar os padrões comunicacionais da população portuguesa em *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias com filhos adolescentes*, e (c) identificar possíveis especificidades dos padrões comunicacionais de famílias pós-divórcio, em comparação com famílias nucleares intactas.

Para atingir o objetivo (a) foram administradas entrevistas individuais e em contexto de grupos focais a pais e filhos de duas etapas do ciclo vital: *família com filhos em idade escolar* (6 progenitores/5 filhos) e *família com filhos adolescentes* (4 progenitores/5 filhos) (estudo 1, tarefa 1). Por sua vez, a amostra que esteve na base do objetivo (b) foi composta por 1422 sujeitos: 803 progenitores, 276 adolescentes (12-16 anos) e 343 crianças (7-11 anos) (estudo 1, tarefa 2). Finalmente, para atingir o objetivo (c), foi constituída uma amostra de 257 sujeitos (167 progenitores/90 filhos) distribuídos por duas subamostras: 155 indivíduos de famílias nucleares intactas e 102 indivíduos de famílias pós-divórcio (estudo 2).

A análise qualitativa efetuada na tarefa 1 do estudo 1 revelou que a comunicação parento-filial se caracteriza por sete dimensões: *metacomunicação*, *problemas comunicacionais*, *partilha de situações problemáticas*, *atitudes filiais*, *atitudes parentais*, *afeto* e *estabelecimento de regras e limites*. Com base nestes indicadores foi desenvolvida a *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* (COMPA) composta por três versões: COMPA-Pais (5 dimensões: *expressão do afetivo e apoio emocional*, *disponibilidade parental para a comunicação*, *metacomunicação*, *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos*

e *confiança/partilha de filhos para progenitores*), COMPA-Crianças (2 dimensões: *disponibilidade parental para a comunicação e expressão do afeto e apoio emocional*) e COMPA-Adolescentes (5 dimensões: *disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores, expressão do afeto e apoio emocional, metacomunicação e padrão comunicacional negativo*). Foram efetuadas análises fatoriais exploratórias e confirmatórias a cada uma das versões (estudos de validade de constructo), e a análise da consistência interna (estudos de fiabilidade) revelou valores aceitáveis para fins de investigação (α entre .62 e .87). A aplicação desta escala a pais e filhos da população portuguesa revelou que algumas variáveis se destacam na perceção positiva da comunicação, designadamente: (a) o sexo feminino, particularmente dos progenitores, (b) famílias que vivem em contextos urbanizados; (c) famílias de estatuto socioeconómico médio/elevado e (d) níveis de escolaridade superiores a nove anos.

Por sua vez, os dados obtidos no estudo 2, de uma forma geral, revelaram a inexistência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível da comunicação parento-filial, entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio, contrariando as indicações da literatura empírica. Além disto, o estudo 2 revela que a comunicação parento-filial tem valor preditivo sobre as práticas parentais adotadas pelos progenitores na amostra global. Genericamente, as dimensões da comunicação que constituem a escala COMPA tendem a ser preditoras de estratégias educativas parentais baseadas no *suporte emocional* e, por outro lado, tendem a prever negativamente estratégias educativas baseadas na *tentativa de controlo/sobreproteção e rejeição*.

O desenvolvimento da escala COMPA traz alguns contributos para a prática clínica e para a investigação. A existência deste instrumento de avaliação permite aprofundar o conhecimento sobre as relações familiares no exercício da parentalidade, perspetivando-se estudos com diversos grupos amostrais. A caracterização dos padrões comunicacionais entre progenitores e filhos na população portuguesa permite a definição de linhas de intervenção específicas e focalizadas para os profissionais que trabalham com *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias com filhos adolescentes*. Além disto, a constatação da inexistência de diferenças comunicacionais entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio demonstra que a estrutura familiar nem sempre é definidora do relacionamento progenitores-filhos, desmistificando a ideia de que apenas as famílias nucleares intactas têm um funcionamento familiar ajustado/saudável.

Palavras-chave: comunicação parento-filial; instrumento de avaliação; família com filhos em idade escolar; família com filhos adolescentes.

Abstract

Communication plays a very important role in the different components that characterize and define family functioning (e.g., affective involvement, cohesion, rules/limits). In the family context, the communication patterns define not only the quality of the exercise of parenting but also allow inferring on the quality of parent-child relationships. These indicators are particularly relevant when analysing family structures guided by accidental transformations, like post-divorce families. Studies that focus on family relationships tend to include communication in the dimensions that will be assessed, however superficial and poorly focused. One of the possible explanations relates to the lack of specific parent-child communication assessment tools, since the ones that exist have shortcomings (e.g., they focus exclusively on the family lifespan cycle of *family with adolescent children*).

Thus, a drafted-mixed (qualitative/quantitative) cross-sectional study was designed, in order to meet three goals: (a) to identify communicational dimensions that assess the exercise of parenting in parent and children perspective, (b) to build an instrument that allows both the evaluation of communication in the parenting context and characterize communicational patterns in the Portuguese population in *families with school-age children* and *families with adolescent children*, and (c) identify possible specificities of post-divorce family's communicational patterns, when compared to the intact nuclear families.

To achieve the goal (a) both individual and focus groups interviews were made, including parents and children of two stages of the lifespan cycle: families with school-age children (6 parents/5 children) and families with adolescent children (4 parents/5 children) (study 1, task 1). Then, the sample that was on the basis of goal (b) is composed of 1422 subjects: parents 803, 276 adolescents (12-16 years) and 343 children (7-11 years) (Study 1, task 2). Finally, to achieve goal (c) one formed a sample consisting of 257 subjects (167 parents/90 children) spread over two subsamples: individuals from 155 nuclear families and 102 individuals from intact families post-divorce (study 2).

The qualitative analysis performed in study 1 revealed that the parent-child communication is characterized by seven dimensions: *metacommunication*, *communication problems*, *child attitude*, *parental attitude*, *affective expression* and *rules / limits establishment*. Based on these indicators, a *Perception Scale of Parenting Communication* (COMPA) was developed, and consisted of three versions: COMPA-Parents (5 dimensions: *emotional support / affective expression*, *parental availability to communication*, *metacommunication*, *parental confidence / sharing*, *children confidence / sharing*), COMPA-Children (2 dimensions: *parental availability to communication*, *emotional support / affective expression*) and COMPA-Adolescents (5 dimensions: *parental availability to communication*, *children confidence /*

sharing, emotional support/affective expression, metacommunication, negative communication patterns). For each of the versions, exploratory and confirmatory factor analyses were performed (studies of construct validity), and the internal consistency analysis (accuracy studies) revealed acceptable values for research purposes (α between .62 and .87). The application of this scale to parents and children of the Portuguese population revealed that some variables stand out in the positive perceptions of communication, namely: (a) females, particularly the parents, (b) families living in urbanized contexts, (c) families of medium/high socioeconomic status, and (d) higher levels of schooling to nine years.

In general, the data obtained in study 2, revealed no evidence of statistically significant differences at the level of the parent-child communication between intact nuclear families and families post-divorce, contrary to what has been suggested by empirical literature. Furthermore, study 2 reveals that the parent-child communication has predictive value on parenting practices adopted by parents in the sample. Overall, the dimensions that compose the COMPA scale tend to be predictive of parental educational strategies based on *emotional support* and, on the other hand, tend to predict negatively based educational strategies in an *control attempt/overprotection* and *rejection*.

The development of the COMPA scale brings some contributions to clinical practice and research. The existence of this assessment tool allows to deepen knowledge about family relations in the exercise of parenting, relying on future studies with various sample groups. Characterization of communication patterns between parents and children in the Portuguese population allows the definition of specific intervention guidelines and targeted to professionals who work with families with school-age children and families with adolescent children. Furthermore, the finding of no communicational differences between intact nuclear families and post-divorce families demonstrates that family structure is not always the defining parent-child relationship, demystifying the idea that only the intact nuclear families have a healthy/well adjusted environment.

Keywords: communication parent-descendant; assessment instrument; family with school-age children; family with teenage children.

ÍNDICE GERAL

Introdução	1
Enquadramento conceptual	2
Comunicação na Família	3
Comunicação Familiar e Etapa do Ciclo Vital	7
Comunicação e Estrutura Familiar: a Influência do Divórcio	9
Desafios colocados à Investigação	11
Enquadramento Metodológico	15
Desenho da Investigação	17
Estrutura da Dissertação	20
Capítulo I	22
O Papel da Comunicação no Exercício da Parentalidade: Desafios e especificidades	23
Resumo	23
Abstract	24
Resumé	25
Introdução	26
Sistema Familiar e Parentalidade(s)	26
A Comunicação no Sistema Familiar	27
A Comunicação na Parentalidade: Etapas do ciclo vital	29
Desafios Colocados à(s) Parentalidade(s): Importância da comunicação	31
Conclusão	33
Capítulo II	35
A Comunicação Parento-Filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos	36
Resumo	36
Abstract	37
Introdução	38

Método	39
Resultados	42
Discussão	48
Conclusão	50
Capítulo III	51
Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial	52
Resumo	52
Abstract	53
Resumen	54
Introdução	55
Método	57
Resultados COMPA-P	60
Resultados COMPA-A	64
Resultados COMPA-C	69
Discussão	73
Implicações para a Prática e Investigações Futuras	75
Capítulo IV	76
Caracterização da Comunicação entre Progenitores e Filhos Adolescentes: Estudo com uma amostra portuguesa	77
Resumo	77
Abstract	78
Introdução	79
Método	81
Resultados	83
Discussão	89
Conclusão	93
Capítulo V	94
Caracterização da Comunicação entre Progenitores e Filhos em Idade Escolar: Estudo com uma amostra Portuguesa	95
Resumo	95
Abstract	96
Introdução	97
Método	100
Resultados	102
Discussão	109
Conclusão	113

Capítulo VI	115
Identificação dos Padrões Comunicacionais entre Progenitores e Filhos em Famílias Pós-divórcio	116
Resumo	116
Abstract	117
Resumen	118
Introdução	119
Método	120
Resultados	125
Discussão	132
Conclusão	135
Capítulo VII	136
Integração dos principais resultados	137
Construção do instrumento de avaliação	137
Caracterização da Comunicação parento-filial numa amostra da População Portuguesa	140
Comunicação parento-filial nas famílias pós-divórcio	143
Contributos do Estudo para a Prática Clínica	146
Limitações e Indicações para Estudos Futuros	149
Referências Bibliográficas	153

APÊNDICES

Apêndice A: Guião de entrevistas semiestruturadas;

Apêndice B: Versões originais da escala COMPA (COMPA-P, COMPA-C e COMPA-A);

Apêndice C: Declaração de autorização emitida por parte do serviço de Inovação Educativa;

Apêndice D: Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-P;

Apêndice E: Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-A;

Apêndice F: Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-C;

Apêndice G: Protocolo de avaliação administrado;

Apêndice H: Declarações de autorização emitidas por parte do Conselho Superior da Magistratura e do Núcleo de Infância e Juventude do Instituto da Segurança Social;

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Quadro-síntese dos axiomas da comunicação humana	6
Tabela 2. Exigências comunicacionais do exercício da parentalidade ao longo do ciclo vital da família	8
Tabela 3. Síntese dos modelos familiares que se debruçam sobre a dimensão comunicacional	13
Tabela 4. Resultados da análise de components principais com rotação <i>varimax</i> e alfa de <i>Cronbach</i> – COMPA-P	61
Tabela 5. Análise fatorial confirmatória da escala COMPA-P	62
Tabela 6. Correlações de <i>Pearson</i> entre as subescalas da escala COMPA-P	63
Tabela 7. Pontuações medias ponderadas e desvios-padrão das subescalas da escala COMPA-P	64
Tabela 8. Resultados da análise de components principais com rotação <i>varimax</i> e alfa de <i>Cronbach</i> – COMPA-A	65
Tabela 9. Análise fatorial confirmatória da escala COMPA-A	66
Tabela 10. Correlações de <i>Pearson</i> entre as subescalas da escala COMPA-A	67
Tabela 11. Pontuações medias ponderadas e desvios-padrão das subescalas da escala COMPA-A	69
Tabela 12. Resultados da análise de components principais com rotação <i>varimax</i> e alfa de <i>Cronbach</i> – COMPA-C	70
Tabela 13. Análise fatorial confirmatória da escala COMPA-C	71
Tabela 14. Correlações de <i>Pearson</i> entre as subescalas da escala COMPA-C	72
Tabela 15. Pontuações medias ponderadas e desvios-padrão das subescalas da escala COMPA-C	73

Tabela 16. Teste <i>t</i> de <i>Student</i> : diferenças de género na comunicação parento-filial	84
Tabela 17. Teste <i>Anova One-way</i> : diferenças na comunicação parento-filial ao nível das variáveis sociodemográficas dos filhos	86
Tabela 18. Teste <i>Anova One-way</i> : diferenças na comunicação parento-filial ao nível das variáveis sociodemográficas dos progenitores	88
Tabela 19. Teste <i>t</i> de <i>Student</i> : diferenças de género na comunicação parento-filial (COMPA-P e COMPA-C)	104
Tabela 20. Teste <i>Anova One-way</i> : diferenças na comunicação parento-filial ao nível das variáveis sociodemográficas dos filhos (COMPA-C)	106
Tabela 21. Teste <i>Anova One-way</i> : diferenças na comunicação parento-filial ao nível das variáveis sociodemográficas dos progenitores (COMPA-P)	108
Tabela 22. Valores de consistência interna dos instrumentos COMPA e EMBU	123
Tabela 23. Teste <i>U</i> de <i>Mann-Whitney</i> para comparação de medianas entre grupos e teste <i>t</i> de <i>Student</i> para amostras emparelhadas: dimensões da comunicação (COMPA)	126
Tabela 24. Regressão linear múltipla pelo método <i>Enter</i> realizada com a amostra dos progenitores	127
Tabela 25. Regressão linear múltipla pelo método <i>enter</i> realizada com a amostra das crianças em idade escolar	129
Tabela 26. Regressão linear múltipla pelo método <i>enter</i> realizada com a amostra dos adolescentes	131

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Momentos e tarefas de investigação	17
Figura 2. Mapa conceptual do estudo	19
Figura 3. Árvore de categorias elaborada pelo <i>software</i> NVivo8	47
Figura D. Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-P	Apêndice D
Figura E. Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-A	Apêndice E
Figura F. Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-C	Apêndice F

INTRODUÇÃO

A comunicação humana na família consiste num fluxo de potencial informativo, afetivo e operativo recíproco dos seus membros, capaz de incrementar o crescimento e a mudança qualitativa das pessoas.

(Gameiro, 1989, p. 6)

ENQUADRAMENTO CONCEPTUAL

O presente trabalho propõe-se contribuir para um conhecimento mais aprofundado da comunicação entre progenitores e filhos. Pensar sobre a comunicação parento-filial implica uma reflexão abrangente e multidimensional, uma vez que este conceito se constitui como um pilar central da convivência humana no contexto das relações interpessoais e, especificamente, das interações familiares. A complexidade deste constructo deve-se à imensa quantidade de variáveis que a comunicação integra e influencia, nomeadamente a organização familiar, quer a nível da sua estrutura quer da sua história. Assim, de forma mais específica, a investigação aqui apresentada procurou: (a) identificar as dimensões comunicacionais que pautam o exercício da parentalidade na perspetiva de pais e filhos, (b) construir um instrumento de avaliação da comunicação no contexto da parentalidade e caracterizar os padrões comunicacionais da população portuguesa em *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias com filhos adolescentes*, e (c) identificar possíveis especificidades dos padrões comunicacionais de famílias pós-divórcio, em comparação com famílias nucleares intactas. Para responder a estes objetivos, o presente trabalho adotou, como quadro teórico de referência, a perspetiva da complexidade sistémica (Bertalanffy, 1968; Morin, 1994) e, como lente conceptual, o modelo ecossistémico de desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1977, 1979, 1992) e a teoria da pragmática da comunicação humana (Watzlawick, Beavin, & Jackson, 1993).

A perspetiva da complexidade sistémica define a família como um sistema, sendo que os membros que a compõem, e as relações estabelecidas entre eles, são interdependentes (Kelley, 1983; Minuchin, 1984). De acordo com este pressuposto, depreende-se que uma alteração num componente do sistema afete, inevitavelmente, todos os outros componentes, como se de um *puzzle* se tratasse. Esta interconexão faz com que as famílias sejam melhor compreendidas como um todo unificado (Reis, Collins, & Berscheid, 2000). Assim, a conceção multifatorial da comunicação no contexto da família é consonante com a perspetiva da complexidade sistémica que enfatiza a necessidade de compreender o todo, cada uma das suas partes e as multi-relações que entre elas se desenvolvem. A compreensão da

complexidade inerente à comunicação parento-filial exige uma leitura holística, ou seja, de compreensão do todo, que resulta das influências interativas entre cada um dos níveis sistêmicos, e de uma leitura do particular, isto é, do conhecimento de cada uma das variáveis/fatores intervenientes.

Bronfenbrenner (1977, 1979, 1992), a partir do modelo ecossistêmico, considera cinco níveis sistêmicos que permitem compreender o processo de desenvolvimento humano: (a) o *nível microssistêmico*, que se refere aos contextos imediatos e de maior influência onde o indivíduo está inserido e que se caracterizam por determinados padrões de atividades, papéis e relações interpessoais aí estabelecidas (e.g., família); (b) o *nível mesossistêmico*, que compreende as relações e processos que têm lugar entre dois ou mais contextos do microssistema nos quais a pessoa em desenvolvimento participa diretamente (e.g., escola); (c) o *nível exossistêmico*, no qual o sujeito em desenvolvimento não participa diretamente, ainda que possa ser afetado por acontecimentos que ocorram nos sistemas que integram este nível (e.g., rede social de um dos elementos da família); (d) o *nível macrossistêmico*, relativo ao contexto cultural, económico e político da sociedade a que se pertence; e (e) o *nível cronossistêmico*, ou seja, o fator tempo, que remete para os processos de estabilidade e mudança, não apenas na pessoa, mas também nos contextos em que esta se insere (Bronfenbrenner, 1992; Bronfenbrenner & Morris, 1998). O *nível cronossistêmico* é transversal aos anteriores, sendo que todos se encontram integrados e em permanente interação, influenciando-se mutuamente.

Assim, de acordo com as lentes conceptuais referidas, o presente estudo debruça-se sobre a análise dos processos intra-individuais e inter-relacionais do *nível microssistêmico* (sistema individual e sistema familiar) tendo como pano de fundo o *nível macrossistêmico* (o contexto sociocultural em que vivem os progenitores e filhos que constituem o alvo desta investigação). Pretende-se entender como se gere a comunicação parento-filial, considerando-a como produto de vários sistemas em interação e não como resultado de comportamentos ou atitudes isoladas de um dos elementos de um sistema (Bertalanffy, 1968).

COMUNICAÇÃO NA FAMÍLIA

Bronckart (2001) refere que a comunicação é o “processo através do qual uma informação é transmitida de um elemento para o outro” (p. 156), seja numa dimensão biológica, tecnológica ou social. Este conceito integra diferentes contextos, realidades e sociedades/culturas (Fiske, 2005), tendo na sua base duas dimensões indissociáveis e interdependentes (Barker, 1987; Noller, 1980): a vertente verbal e a vertente não-verbal. A comunicação verbal manifesta-se através de sinais explícitos que mantêm a interação

(e.g., linguagem, escrita) (Barker, 1987). A pontuação que é feita desta dimensão semântica é compreendida e significada através da comunicação não-verbal que acompanha a mensagem verbal, uma vez que, de acordo com Barker (1987) “as mensagens não-verbais complementam as mensagens verbais” (p. 6). Todas as formas de comunicação devem ser compreendidas à luz do contexto particular em que ocorrem pois é nele que se definem as características gerais e específicas da comunicação e se atribuem significados (Barker, 1987; Corraze, 1982;).

No contexto familiar, a comunicação desempenha um papel central (Carr, 2006; Segrin & Flora, 2005). Quando se pensa na palavra *família* as representações evocadas pelo imaginário de cada um são variadas e abrangentes: podem emergir recordações positivas ou negativas, em função das relações familiares e das vivências pessoais de cada sujeito. Apesar da diversidade subjacente a essas recordações, todas elas têm na sua base um aspecto em comum: foram baseadas, formadas e mantidas através da comunicação. É a partir deste processo que os membros da família criam e partilham modelos mentais da vida familiar e os prolongam durante o tempo, ao longo de gerações (Vangelisti, 2004). De acordo com Vangelisti (2004), a comunicação no contexto da família é um agente essencial nas primeiras experiências de socialização, já que é através da observação e da interação com os membros da família que o ser humano aprende a comunicar e a pensar sobre a comunicação (Bruner, 1990). No exercício da parentalidade, é também através da comunicação que os progenitores, de forma intencional e/ou explícita, estabelecem as regras e os limites aos seus filhos, promovendo contextos onde estes antecipam o que podem esperar dos outros. Pearce (1976) refere que a comunicação dentro da família influencia a forma como as crianças e adultos coordenam os significados sociais que mantêm com os outros. A comunicação reflete as conexões interpessoais entre os elementos da família, permitindo antever a qualidade do relacionamento familiar e a capacidade de adaptação da família às mudanças estruturais, sejam elas naturais (e.g., nascimento de um filho) ou acidentais (e.g., ocorrência de um divórcio) (Vangelisti, 2004). De acordo com este pressuposto, alguns estudos demonstram que a qualidade da comunicação parento-filial afeta as competências das crianças na resolução de problemas (Goodman, Barfoot, Frye, & Belli, 1999), assim como, as suas competências sociais na relação com os pares (Burlison, Delia, & Applegate, 1995; Gentzler, Contreras-Grau, Kerns, & Weimer, 2005; Hillaker, Brophy-Herb, Villaruel, & Haas, 2008).

A Escola de Palo Alto teve um importante papel nos estudos pioneiros sobre a comunicação no contexto familiar, destacando-se um conjunto particular de autores: Paul Watzlawick, Janet Beavin, Don Jackson, Gregory Bateson, Jay Haley e John Weakland. Com origem no trabalho destes investigadores, surgiu o modelo da pragmática da comunicação humana (Watzlawick et al., 1993). Esta lente conceptual postula a existência de três níveis de análise da comunicação: a *sintaxe*, que analisa os problemas de transmissão de informação; a *semântica*, que se foca na significação das mensagens; e a *pragmática*, que se debruça sobre o estudo dos efeitos da comunicação no comportamento humano (Alarcão,

2006; Watzlawick et al., 1993). Este modelo tem como principal objetivo desviar o foco que habitualmente está centrado no indivíduo “para as relações entre as partes de um sistema muito mais vasto” (Watzlawick et al., 1993, p. 18). O modelo da pragmática da comunicação humana faz equivaler dois conceitos: comunicação e comportamento. De acordo com os autores, o comportamento adotado por cada pessoa traduz comunicação, isto é, o comportamento materializa a intenção comunicacional. Desta forma, toda a informação regressa a quem a comunica, por via da relação, sendo que comunicar é um ato sem princípio nem fim devido ao seu caráter circular. A este processo atribui-se o nome de *feedback*¹ (Alarcão, 2006; Ausloos, 2003; Gameiro, 1992; Hoffman, 1995; Miermont, 1994; Watzlawick et al., 1993), que pode ser de tipo negativo, promovendo mudanças quantitativas, ou de tipo positivo, promovendo mudanças qualitativas (Alarcão, 2006). Em função do tipo de *feedback* que surgir numa comunicação poder-se-á manter a estabilidade do sistema (*feedback* negativo) ou promover a sua regeneração/crescimento (*feedback* positivo) (Alarcão, 2006).

Watzlawick et al. (1993) identificaram cinco proposições básicas sobre os aspetos funcionais da comunicação (*vide* Tabela 1). A cada um destes axiomas correspondem possibilidades de fuga ao compromisso comunicacional que poderão estar na base de dilemas psicopatológicos da comunicação (Alarcão, 2006; Watzlawick et al., 1993). De acordo com Gameiro (1989) algumas das dificuldades relacionais que surgem no contexto familiar devem-se à rigidificação e imutabilidade dos padrões comunicacionais. A literatura destaca ainda que a comunicação familiar baseada em distorções comunicacionais promove o risco de desenvolvimento de distúrbios mentais (Davalos, Chavez, & Guardiola, 2005; Gameiro, 1989; Houk, Rodrigue, & Lobato, 2007; Lewis, Rodnick, & Goldstein, 1981; Matherne & Thomas, 2001; Stivers, 1988; Stromwall & Robinson, 1998; Tolan, Gorman-Smith, Zeli, & Huesmann, 1997; Wichstrom, Holte, Husby, & Wynne, 1994) e facilita o envolvimento em experiências aditivas (Gameiro, 1989; Harakeh, Scholte, Vries, & Engels, 2005; Otten, Harakeh, Vermulst, Van de Eijnden & Engels, 2007; Patock-Peckham & Morgan-Lopez, 2006; Patock-Peckham & Morgan-Lopez, 2007; Riesch, Anderson, & Krueger, 2006). Nestas circunstâncias, os autores identificam o processo de metacomunicação, ou seja, a capacidade de comunicar sobre a comunicação, como um processo facilitador da restauração comunicacional (Alarcão, 2006; Gameiro, 1989; Watzlawick et al., 1993).

¹ Vocábulo de etimologia inglesa cujo equivalente, na língua portuguesa, corresponde ao termo retroação (Porto Editora, 2005).

Tabela 1

Quadro-síntese dos Axiomas da Comunicação Humana

Axioma	Princípio(s)	Distorções comunicacionais
I. É impossível não comunicar	Todo o comportamento é comunicação e toda a comunicação afeta o comportamento.	Rejeição da comunicação; Aceitação da comunicação; Sintoma como comunicação; Desqualificação.
II. Toda a comunicação tem dois níveis: conteúdo e relação	A relação estabelecida entre os comunicantes classifica o conteúdo da comunicação.	Confusão entre conteúdo e relação; Rejeição clara do conteúdo; Desconfirmação.
III. A comunicação varia consoante a pontuação da sequência de eventos	A pontuação atribuída à comunicação molda o <i>feedback</i> comportamental.	Discrepância na pontuação (por parte do emissor e do recetor).
IV. A comunicação tem uma vertente digital e uma vertente analógica	Comunicação <i>digital</i> : mais precisa e impermeável às emoções/sentimentos. Comunicação <i>analógica</i> : menos precisa, permite interpretações mais pessoais do conteúdo.	Erros de tradução.
V. A comunicação rege-se por dois tipos de interação: simetria ou complementaridade	<i>Simetria</i> : minimizam-se diferenças e amplificam-se semelhanças. <i>Complementaridade</i> : minimizam-se as semelhanças e amplificam-se as diferenças.	Escalada simétrica; Complementaridade rígida.

Nota. Adaptado de Watzlawick et al. (1993).

A abrangência com que o modelo da pragmática da comunicação humana define o processo comunicacional, dificulta a delimitação da sua conceptualização. De facto, encontrar uma definição estruturada e única sobre a comunicação familiar é uma das principais e atuais dificuldades da comunidade científica (Edwards & Graham, 2009; Koerner & Fitzpatrick, 2002). Na busca de indicadores que permitam a elaboração de uma definição mais objetiva, Stamp (2004) levou a cabo uma investigação que consistiu na análise de diversos jornais científicos (e.g., *Journal of Marriage and Family*, *Journal of Family Communication*, *Communication Studies*) com o intuito de identificar os termos que surgem com maior frequência associados ao conceito de comunicação. O autor concluiu que alguns desses termos são: problemas comunicacionais, suporte emocional e instrumental, confirmação verbal, gestão de limites, padrões comunicacionais, partilha e comunicação não-verbal. Ritchie e Fitzpatrick (1990) consideram que é necessário atender a duas dimensões para a compreensão da comunicação no contexto familiar, nomeadamente intersubjetividade e interatividade. A *intersubjetividade* diz respeito à partilha de pensamentos entre os participantes de um evento comunicacional, enquanto a *interatividade* está relacionada com o significado e a interpretação das mensagens comunicadas. De acordo com Koerner e Fitzpatrick (2002) estes dois conceitos (*intersubjetividade* e *interatividade*) definem a estrutura comunicacional de um sistema através da redundância dos padrões comunicacionais.

Gameiro (1992) refere que são as redundâncias comunicacionais que, por sua vez, definem as “regras da dança familiar” (p. 94) e, por acréscimo, a identidade comunicacional de cada família.

COMUNICAÇÃO FAMILIAR E ETAPA DO CICLO VITAL²

A análise da evolução familiar pode ser feita através do eixo sincrónico, que diz respeito à dimensão relacional e aos tipos e modos de comunicação que os elementos de uma família privilegiam para o contacto interpessoal, e através do eixo diacrónico, associado ao tempo e à história familiar (Alarcão, 2006; Carter & McGoldrick, 1995; Miermont, 1994; Relvas, 1996). A análise do ciclo vital da família tem por base a evolução ao longo do eixo diacrónico, embora integrando as tarefas do eixo sincrónico. Por ciclo vital da família entende-se o percurso normativo que vai desde a formação de um sistema familiar até à sua desintegração ou reestruturação. As teorias que analisam a evolução familiar definem estádios de desenvolvimento que caracterizam as tarefas e funções de cada membro da família em vários momentos da vida (Berge, Loth, Hanson, Croll-Lampert, & Neumark-Sztainer, 2012).

Existem diversas conceptualizações sobre o ciclo vital da família (e.g., Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin & Fishman, 1981), das quais destacamos a proposta de Relvas (1996). Esta abordagem define cinco etapas de desenvolvimento familiar: (a) formação do casal, (b) família com filhos pequenos, (c) família com filhos na escola, (d) família com filhos adolescentes e (e) família com filhos adultos (Relvas, 1996). A vantagem desta conceptualização, relativamente às restantes, prende-se com o facto da autora distinguir três etapas durante a infância: filhos pequenos, filhos na escola e filhos adolescentes. De acordo com Relvas (1996) “a entrada na escola e a adolescência dos filhos colocam à família questões bem diferenciadas, não tanto em termos do sentido das mudanças, que será sempre a separação, mas em função do grau, qualidade e efeitos da própria mudança” (p. 21). Cada uma destas etapas é caracterizada por eventos nodais, isto é, momentos-chave de transição que tendem a gerar níveis elevados de *stress*, desafiando a capacidade da família para dar resposta às mudanças que se impõem (Berge et al., 2012; Carter & McGoldrick, 1995).

Considerando que o ciclo vital da família é caracterizado pela execução de tarefas e funções específicas, compreende-se que a dimensão comunicacional sofra flutuações ao longo do tempo, particularmente na relação parento-filial (Relvas, 1996). De acordo com alguns autores (Alarcão 2006; Cummings & Cummings, 2002; Dix, 1991; Herbert, 2004; Relvas, 1996; Tabora Simões, Martins, & Formosinho, 2006), o exercício da parentalidade impli-

² O ciclo vital da família descrito pela literatura (Alarcão, 2006; Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin & Fishman, 1981; Relvas, 1996) tem por referência a unidade familiar nuclear intacta.

ca três funções: o exercício da autoridade (função executiva), a promoção da socialização e individualização e a expressão afetiva, também associada à prestação de cuidados. A comunicação parento-filial desempenha um papel específico em cada uma destas funções, tal como está exposto na Tabela 2.

Tabela 2

Exigências Comunicacionais do Exercício da Parentalidade ao Longo do Ciclo Vital da Família.

	Etapas do Ciclo Vital		
	Família com Filhos Pequenos	Família com Filhos na Escola	Família com Filhos Adolescentes
Exercício da Autoridade	<ul style="list-style-type: none"> - Adotam-se responsabilidades de cariz educativo; - Definição de fronteiras claras entre subsistemas; - Papel importante dos avós no exercício da autoridade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Choque entre as regras intrafamiliares e as regras extrafamiliares; - Criança como veículo de interações comunicacionais entre a família e a escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Flexibilidade das normas familiares e diminuição do controlo exercido sobre os filhos; - Conflitos parento-filiais mais frequentes (escalada simétrica).
Promoção da Socialização	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentos de abertura ao exterior marcados pela cooperação com serviços da comunidade (infantário, creche). 	<ul style="list-style-type: none"> - Movimentos de abertura ao exterior marcados pela socialização com os pares e pela promoção do sucesso académico; - Continuidade projetiva das regras intrafamiliares de comunicação para outros subsistemas (pares, escola). 	<ul style="list-style-type: none"> - Promoção da aquisição de uma identidade individual por parte do adolescente (a nível social, relacional, afetivo e laboral); - Confronto com a paradoxalidade: dependência e independência.
Cuidado Afetivo	<ul style="list-style-type: none"> - A afetividade conjugal passa a ser triangulada com o novo elemento; - Papel importante dos avós na prestação de cuidados. 	<ul style="list-style-type: none"> - A função afetiva começa a ser desviada para o contexto escolar, isto é, para o grupo de pares. 	<ul style="list-style-type: none"> - Afetividade manifestada através da compreensão e atenção a temáticas consideradas sérias para os adolescentes (e.g., namoro, gostos musicais); - Expressão afetiva direcionada para o grupo de pares.

Nota. Nesta Tabela foram apresentadas apenas três das cinco etapas do ciclo vital propostas por Relvas (1996), uma vez que são aquelas onde o exercício da parentalidade se manifesta de forma mais contínua e ativa. Esta opção não pretende desvalorizar as especificidades da parentalidade e das interações comunicacionais aquando da adultez dos filhos. Os dados incluídos nesta Tabela foram organizados com base nos seguintes trabalhos: Alarcão, 2006; Carter e McGolgrick, 1995; Dix, 1991; Herbert, 2004; Laursen e Collins, 2004; Relvas, 1996, Stafford, 2004.

Desde o nascimento do filho até à sua adolescência, o exercício da parentalidade transforma-se, concomitantemente com a abertura do sistema familiar ao exterior, através da conjugação de movimentos centrífugos e movimentos centrípetos. A primeira fase da parentalidade, *família com filhos pequenos*, é marcada por uma reestruturação onde ambos os progenitores procuram encaixar os modelos comunicacionais e educativos que trazem das respetivas famílias de origem, no sentido de responderem aos desafios de ser pai e mãe (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). A comunicação parento-filial, nesta fase, é focada no estabelecimento de regras e limites e na manifestação de um cuidado afetivo mais explí-

cito. A etapa *família com filhos em idade escolar* é marcada pelo encontro com contextos extrafamiliares, em particular com a escola e o grupo de pares (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). As duas grandes funções desta etapa centram-se na promoção da socialização e do sucesso académico (Stafford, 2004). A comunicação familiar continua, também, investida no estabelecimento de regras e limites (Alarcão, 2006). Por fim, surge a etapa do ciclo vital *família com filhos adolescentes* que, de acordo com Allué (2011), nas últimas décadas, deixou de ser um período de moratória para se converter numa longa etapa do relacionamento familiar. O estudo realizado por Keijsers e Poulin (2013) revela algumas das variações dos padrões comunicacionais que ocorrem durante a fase da adolescência, de acordo com o sexo dos jovens. Os autores constataram que os rapazes tendem a passar de uma comunicação aberta, no início da adolescência, para níveis elevados de secretismo e falta de vontade em comunicar conteúdos pessoais aos progenitores; em contraste, as adolescentes fazem o movimento oposto, ou seja, passam de um registo comunicacional mais restrito no início da adolescência, para a abertura comunicacional (Keijsers & Poulin, 2013). Com o pensamento abstrato em desenvolvimento, os adolescentes ganham competências comunicacionais que lhes permitem desafiar as regras da família (Merchant, 2011). De acordo com Laursen e Collins (2004), este desafio é não só normativo como essencial para promover relações entre pais e filhos mais fortalecidas. Alguns autores (Allen & Land, 1999; Aquilino, 2006) referem que a separação e individuação que marcam esta etapa podem precipitar o conflito e diminuir o sentimento de proximidade durante um período de tempo, no entanto, a magnitude dessas alterações e o seu impacto na relação parento-filial tende a refletir a história de relacionamento prévia à adolescência. Desta forma, estes autores sugerem que a comunicação parento-filial tende a ser estável, sendo que as flutuações que apresenta ao longo do tempo se devem, essencialmente, aos desafios que cada etapa do ciclo vital levanta (Laursen & Collins, 2004).

COMUNICAÇÃO E ESTRUTURA FAMILIAR: A INFLUÊNCIA DO DIVÓRCIO

○ modelo da evolução do ciclo vital da família apresentado anteriormente aplica-se, essencialmente, aos núcleos familiares intactos, isto é, às famílias cuja organização não sofre alterações estruturais significativas ao longo do tempo. Porém, as mudanças estruturais tendem a ocorrer mais frequentemente e a serem percecionadas de forma normativa pela sociedade atual (Alarcão, 2006; Torres, 2010). Algumas das constelações familiares que resultam de transformações estruturais são: famílias monoparentais, famílias reconstituídas, famílias adotivas e famílias homossexuais (Alarcão, 2006). De acordo com Alarcão (2006):

Face ao alucinante ritmo de transformações que a nossa sociedade tem conhecido e à constatação de um padrão de mobilidade física, cognitiva e afetiva incomparável a qualquer outro período histórico a grande fantasia que ainda reina entre os humanos é a de que a família nuclear tradicional tem os dias contados. Curiosamente ela continua a constituir o modelo de organização familiar privilegiado por esses mesmos humanos e as *novas formas de família* seguem-lhe, em muitos aspetos, os passos. (p. 204).

A aplicabilidade das teorias da evolução do ciclo vital a estas estruturas familiares tem sido pouco explorada em termos científicos (Alarcão, 2006). Ainda assim, a literatura refere que estas composições têm particularidades e desafios específicos que as distinguem entre elas e em relação às famílias nucleares intactas (Alarcão, 2006).

São diversos os motivos que podem conduzir à reestruturação familiar, sendo que um deles é o divórcio. Peck e Manocherian (1995) caracterizam o divórcio como uma crise acidental que ocorre num dado momento do ciclo vital da família. De acordo com Prigogine (1990), a rutura do equilíbrio com a passagem a desequilíbrio, conduz a uma nova organização (génese da complexidade). Assim, a ocorrência de divórcio pode funcionar como oportunidade de readaptação e desenvolvimento (Hoffman, 1995; Peck & Manocherian, 1995). No entanto, se esta crise não for bem processada, o sistema entrará num bloqueio, dificultando a reorganização familiar pós-divórcio (Brown, 1995; Peck & Manocherian, 1995; Relvas & Alarcão, 2002). Autores como Brown (1995) e Milne (1986) consideram as famílias pós-divórcio como composições familiares em processo de transição para uma estrutura/organização diferente. De acordo com Margolin, Gordis e John (2001, p. 3):

A coparentalidade é, talvez, a experiência mais intensa e significativa que dois adultos podem partilhar na vida. É através desta relação que os progenitores negociam os seus respetivos papéis, responsabilidades e contribuições para os seus filhos... Além disto, os progenitores também se podem suportar e/ou enfraquecer mutuamente. Quando o divórcio ocorre, a relação de coparentalidade é, habitualmente, a única área a partir da qual os pais se relacionam.

Considerando que a comunicação reflete a qualidade das relações familiares, alguns autores indicam que esta é uma das dimensões mais afetadas pelo divórcio (Cloutier, Fillion, & Timmermans, 2006; Lewis, Wallerstein, & Johnson-Reitz, 2004). De acordo com Lewis et al. (2004), a comunidade científica tem investigado, sobretudo, os efeitos do conflito parental sobre o ajustamento das crianças durante o divórcio, relegando para segundo plano o estudo da comunicação parento-filial. Alguns autores partilham a opinião de que a existência de conflito conjugal é mais preponderante do que o divórcio para a compreensão da diminuição da qualidade relacional entre pais e filhos (Amato & Keith, 1991a; Amato

& Keith, 1991b; Bing, Nelson, & Wesolowski, 2009; Esmaeili, Yaacob, Juhari, & Mariani, 2011). Para além do conflito conjugal, os padrões de interação parento-filiais prévios ao divórcio parecem, também, explicar o ajustamento a este evento (Aquilino, 2006). Wallerstein e Kelly (1980) constataram a existência de uma aproximação entre pais e filhos após o divórcio, quando a relação prévia era marcada pelo distanciamento; por sua vez, os autores verificaram um afastamento parento-filial posterior ao divórcio quando a relação prévia entre pais e filhos era de proximidade. Todavia, de uma forma geral, os estudos existentes realçam os efeitos negativos que o divórcio tem sobre a comunicação parento-filial (Afifi, Huber, & Ohs, 2006; Ahrons, 2007; Herzog & Cooney, 2002; McManus & Nessbaum, 2011). Alguns autores, no entanto, relativizam o impacto deste acontecimento, desmistificando o pesado estigma social associado ao divórcio (Lamber, 2007; Lansford, 2009). Levin, Dallago e Currie (2012) realizaram um estudo com o intuito de identificar as variáveis associadas à satisfação com a vida no contexto das relações familiares. Estes autores concluíram que, para os adolescentes, os padrões de comunicação parento-filial com cada um dos progenitores são mais importantes para a definição da satisfação com a vida do que propriamente a estrutura familiar.

DESAFIOS COLOCADOS À INVESTIGAÇÃO

De acordo com o enquadramento apresentado, constata-se que a literatura tende a evidenciar a importância da comunicação parento-filial na gestão das mudanças e reorganizações familiares que ocorrem ao longo do ciclo vital, sejam elas normativas (e.g., entrada dos filhos na escola, adolescência) ou acidentais (e.g., divórcio).

A existência de um conjunto diversificado de modelos teóricos que se debruçam sobre a compreensão do funcionamento familiar e da comunicação intrafamiliar reforça a pertinência desta temática (Beavers & Hampson, 2000; Koerner & Fitzpatrick, 2002; Miller, Ryan, Keitner, Bishop, & Epstein, 2000; Olson, 2000; Skinner, Steinhauer, & Sitarenios, 2000; Wilkinson, 2000) (*vide* Tabela 3). Estas abordagens dão ênfase às propriedades sistémicas da família como um todo, focando-se nas suas forças e competências, em detrimento do foco nas características intrapsíquicas dos indivíduos que compõem a família. Com base nestes modelos foram desenvolvidos estudos empíricos e escalas de avaliação do funcionamento familiar. Porém, estas escalas revelam-se insuficientes para a avaliação da comunicação no contexto da família, apresentando algumas limitações, tais como: (a) os modelos subjacentes às escalas não têm uma definição convergente sobre a comunicação familiar, facto que suscita algumas questões relacionadas com a validade do constructo que está a ser medido; (b) os procedimentos levados a cabo para definir as dimensões que cada modelo avalia não

estão clarificados; (c) os instrumentos de avaliação desenvolvidos focam-se na adolescência (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Tomé et al., 2012; Tribuna, 2000), ficando por abarcar as faixas etárias mais jovens (e.g., crianças em idade escolar); (d) tanto quanto se sabe, nenhuma das medidas apresentadas foi desenvolvida especificamente para avaliar a comunicação parento-filial numa perspetiva multidimensional e em diferentes etapas do ciclo vital; e (e) a maior parte destes instrumentos de avaliação não estão traduzidos nem adaptados para a população Portuguesa.

Tabela 3

Síntese dos Modelos Familiares que se Debruçam sobre a Dimensão Comunicacional

Modelo do Funcionamento Familiar	Pressupostos Teóricos	Instrumentos Desenvolvidos
<p>Modelo Circumplexo do Sistema Familiar e Conjugal (Olson, Russell, & Sprenkle, 1983)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Modelo de <i>diagnóstico relacional</i> focado no sistema familiar; - Contempla três dimensões: <i>coesão</i>, <i>adaptabilidade</i> e <i>comunicação</i>; - A comunicação assegura o equilíbrio entre a coesão e a adaptabilidade familiar. 	<p>Parent-Child Communication (PACS, Olson et al., 1985)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Este instrumento avalia a comunicação entre pais e filhos adolescentes a dois níveis: (a) comunicação aberta e (b) comunicação problemática.
<p>Modelo do Processo Familiar (Skinner, Steinhauer, & Santa-Barbara, 1983)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Modelo que pretende integrar as diferentes abordagens da avaliação, intervenção e investigação no âmbito da família; - Integra sete constructos básicos: <i>comunicação</i>, <i>expressão afetiva</i>, <i>papéis familiares</i>, <i>realização de tarefas</i>, <i>envolvimento</i>, <i>controlo</i> e <i>valores e normas</i>. 	<p>Family Assessment Measure (FAM, Skinner et al., 1983)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Este instrumento avalia as sete dimensões teóricas descritas pelo modelo de acordo com três perspetivas: família com um todo (escala global), relações diádicas (escala diádica) e elementos individuais da família (escala de autor-resposta).
<p>Modelo de Avaliação Familiar de Darlington (Wilkinson, Barnett, Delf, & Pirie, 1988)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Modelo desenvolvido e aplicado no contexto de saúde mental na infância; - Analisa a saúde e o bem-estar dos indivíduos através das lentes do ciclo vital da familiar; - Define os aspetos mais importantes da avaliação familiar e infantil no contexto da saúde (e.g., <i>comunicação</i>, <i>independência</i>, <i>autocuidado</i>). 	<p>Darlington Family Rating Scale (DFRS, Wilkinson et al., 1988)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Avalia os problemas familiares em quatro níveis sistémicos: perspetiva filial, perspetiva parental, perspetiva parento-filial e perspetiva familiar.
<p>Teoria dos Padrões Comunicacionais da Família (Koerner & Fitzpatrick, 2002)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Baseado no modelo de McLeod e Chaffee (1973), explica a comunicação através do conceito de co-orientação, isto é, produção cognitiva de significados entre duas ou mais pessoas; - De acordo com este modelo, os padrões de comunicação familiar resultam da criação e partilha de realidades sociais (processo de co-orientação). 	<p>Revised Family Communication Patterns (RFCP, Ritchie & Fitzpatrick, 1990)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Composta por uma versão filial e uma versão parental, analisa a comunicação familiar em duas dimensões: <i>conversação</i> (criação de um ambiente familiar recetivo à discussão de diversos tópicos) e <i>conformidade</i> (criação de um ambiente familiar centrado na homogeneidade de atitudes, valores e crenças).

Nota. Existem outros modelos do funcionamento familiar, no entanto, estes são aqueles que de forma mais relevante se centram na dimensão comunicacional.

Posto isto, uma das necessidades de investigação que se impõe é o desenvolvimento de uma escala de avaliação multidimensional que abarque a complexidade da comunicação parento-filial, e a sua validação para a população portuguesa. No atual panorama nacional e internacional, a inexistência de uma escala de avaliação específica da comunicação na parentalidade que contemple a perspectiva de filhos e de progenitores, em diferentes etapas do ciclo vital, compromete o desenvolvimento de estudos centrados na influência da dimensão comunicacional sobre as relações familiares, especificamente entre progenitores e filhos. Importa sublinhar que esta necessidade é desafiada pela complexidade inerente à definição do conceito *comunicação* (Edwards & Graham, 2009; Koerner & Fitzpatrick, 2002), ou seja, o desenvolvimento de um instrumento de avaliação, com critérios objetivos sobre a comunicação progenitores-filhos, é uma tarefa difícil dada a dificuldade de estabelecer indicadores precisos sobre o modo como a comunicação se processa. Outra necessidade atual prende-se com o estudo da comunicação entre progenitores e filhos em famílias pós-divórcio (Eldar-Avidan, Haj-Yahia, & Greenbaum, 2009; Johnson, Buboltz, & Nichols, 1999; McManus & Nessbaum, 2011). Alguns autores referem, inclusivamente, que este estudo deve ser focalizado nas famílias cujo processo de divórcio ainda está a decorrer (Afifi et al., 2006). A investigação efetuada nesta área, apesar de vasta, apresenta três fragilidades: (a) a tendência para analisar a perspectiva dos progenitores ou dos filhos separadamente, (b) o foco num desenho de cariz retrospectivo (c) e a dificuldade de conceptualização e diferenciação entre conceitos como *comunicação*, *práticas parentais* e *estilos parentais*.

Dados os desafios que se colocam à investigação, torna-se essencial desenvolver um instrumento de avaliação centrado na comunicação parento-filial, que contemple diversas dimensões da comunicação, diversos informantes (pais, mães, filhos, filhas) e permita a aplicação em diferentes etapas do ciclo vital da família. É, ainda, relevante o estudo do processo comunicacional nas famílias pós-divórcio em comparação com as famílias nucleares intactas, composição considerada como o modelo de base da organização familiar (Alarcão, 2006). Bronfenbrenner (1992) refere que quando uma estrutura social tem o potencial de se tornar numa subcultura, pela partilha de determinados valores, crenças, experiências, estilos de vida, expectativas ou recursos socioeconómicos, esta pode ser denominada de *macrossistema*, tornando-se possível investigar a natureza dos vários aspetos que afetam a comunicação em níveis mais próximos. Desta forma, é fundamental ponderar-se que, na sociedade atual em geral, as organizações familiares decorrentes do divórcio registam uma presença respeitável, próxima da dos núcleos familiares intactos. A partir da comparação das perceções comunicacionais de progenitores e filhos que integram famílias nucleares intactas, com progenitores e filhos que pertencem a famílias pós-divórcio, cumpre-se uma das indicações de Bronfenbrenner acerca da investigação ecossistémica, pois só contrastando, pelo menos, dois sistemas é possível identificar as especificidades dos padrões comunicacionais de um deles (e.g., das famílias pós-divórcio comparativamente às famílias nucleares intactas).

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Vangelisti (2004) refere que “se as famílias se desenvolvem a partir da interação social, compreender a comunicação familiar torna-se essencial para entender os membros da família e a relação estabelecida entre eles” (p. 8), reforçando a complexidade associada ao estudo da comunicação no contexto familiar. O princípio sistémico da totalidade (Morin, 1994), que postula que é impossível compreender o todo sem conhecer as partes e vice-versa, foi tido em conta aquando do planeamento da presente investigação. Procurou-se compreender o melhor possível a realidade (ainda que de forma imperfeita e incompleta, dada a sua complexidade) olhando de forma aproximada para cada um dos sistemas que a compõem e, simultaneamente, para o todo, com o intuito de entender como se caracteriza a comunicação no contexto familiar e, em particular, nas composições familiares pós-divórcio. Deste modo, a investigação aqui apresentada enquadra-se no paradigma pós-positivista (Guba & Lincoln, 1994), baseado numa abordagem mista que contempla métodos qualitativos e quantitativos (Hesse-Biber & Leavy, 2011; Tashakkori & Teddlie, 2003; Teddlie & Tashakkori, 2009). A combinação destes dois tipos de análise permite a recolha de informação detalhada sobre o fenómeno em estudo (Teddlie & Yu, 2007; Yoshikawa, Weisner, Kalil, & Way, 2013).

Numa etapa inicial do estudo optou-se por uma abordagem mista, cuja essência foi de cariz qualitativo (Hesse-Biber & Leavy, 2011; Tashakkori & Teddlie, 2003), ou seja, os dados recolhidos a partir da revisão da literatura e da realização de entrevistas semiestruturadas a elementos da população-alvo (progenitores e filhos), foram analisados através da análise de conteúdo (dimensão qualitativa) (Miles & Huberman, 1994) e da quantificação das referências temáticas efetuadas pelos participantes (dimensão quantitativa) (Teddlie & Yu, 2007). De acordo com Yoshikawa et al. (2013), a conjugação da abordagem qualitativa com a abordagem quantitativa é a opção mais adequada quando se pretende analisar fenómenos sociais (e.g., comportamentos individuais, características contextuais). O objetivo deste momento de investigação consistiu na identificação das dimensões comunicacionais que integram o exercício da parentalidade, partindo da perspetiva de progenitores e filhos, no sentido de uma maior clarificação conceptual. Através da metodologia de grupos focais e entrevistas individuais foi possível, a partir da própria linguagem dos participantes e da interação entre estes, aceder aos seus pontos de vista, crenças e atitudes em relação à temática em causa (Hesse-Biber & Leavy, 2011; Milena, Dainora, & Alin, 2008; Morgan, 1998).

Os momentos seguintes do estudo focaram-se numa abordagem quantitativa, com recurso a métodos estatísticos, designadamente no que se refere aos estudos de validade e fiabilidade da escala de avaliação desenvolvida a partir do estudo preliminar, e aos estudos

de comparação entre grupos. Zawawi (2013) descreve a metodologia quantitativa como sendo, sobretudo, numérica, permitindo assegurar alguma objetividade, generalização e fiabilidade. A abordagem quantitativa caracteriza-se pela independência entre o processo de recolha de dados e a sua análise, ao contrário do que genericamente acontece com a abordagem qualitativa (Zawawi, 2013).

Neste sentido, a complementaridade dos métodos referidos contribui para o enriquecimento da obtenção de informação específica sobre o fenómeno analisado, neste caso, a comunicação entre progenitores e filhos. A conjugação das diferentes metodologias permite uma análise e discussão mais integradora dos dados, facilitando uma leitura do todo e das partes mais aprofundada e completa (Teddlie & Tashakkori, 2009).

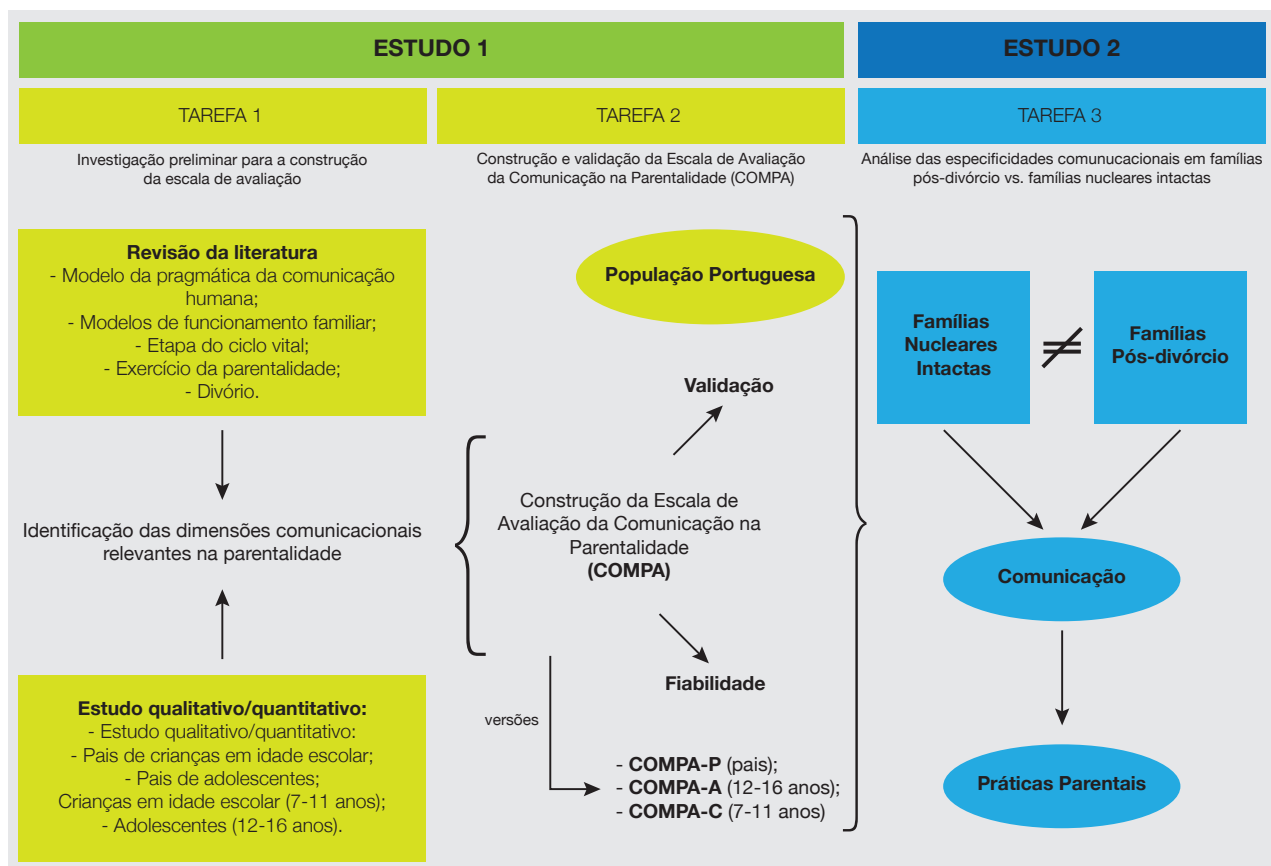
DESENHO DA INVESTIGAÇÃO

Quais são as dimensões comunicacionais mais relevantes no exercício da parentalidade, na perspetiva de progenitores e filhos? Como se caracteriza a comunicação parento-filial na população Portuguesa? Há especificidades nos padrões comunicacionais nas famílias pós-divórcio?

Estas questões iniciais orientaram todo o processo de investigação, ao qual se procurou responder através de dois estudos empíricos de carácter distinto, representados na Figura 1.

Figura 1

Momentos e Tarefas de Investigação.



O primeiro estudo consistiu no desenvolvimento de uma escala de avaliação da comunicação na parentalidade contemplando, para tal, duas tarefas: (a) investigação preliminar e exploratória para a elaboração dos itens do instrumento de avaliação e (b) construção da escala e respetiva validação para a população portuguesa. Para responder a este primeiro estudo, foram definidos cinco objetivos:

(1) Efetuar a revisão teórica da literatura nacional e internacional sobre as dimensões da comunicação consideradas mais relevantes no exercício da parentalidade;

(2) Elaboração de entrevistas semiestruturadas para aplicar em contexto de grupo focal, a crianças com idade escolar e adolescentes, e entrevistas individuais para aplicar a pais/mães de crianças em idade escolar (7-11 anos), pais/mães de adolescentes (12-16 anos);

(3) Análise qualitativa e quantitativa do conteúdo das entrevistas no sentido da identificação das dimensões comunicacionais consideradas mais relevantes para o exercício da parentalidade;

(4) Elaboração de itens referentes aos padrões comunicacionais [com base nos objetivos (1) e (3)] para a construção de um instrumento de avaliação da comunicação na parentalidade que seja diversificado em termos: das dimensões da comunicação que avalia, da população à qual se dirige (pai, mãe, filho e filha) e das etapas do ciclo vital (*família com filhos em idade escolar* e *família com filhos adolescentes*);

(5) Realização dos estudos de validade e de fiabilidade da escala desenvolvida, para a população portuguesa;

(6) Caracterização dos padrões comunicacionais de *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias com filhos adolescentes*.

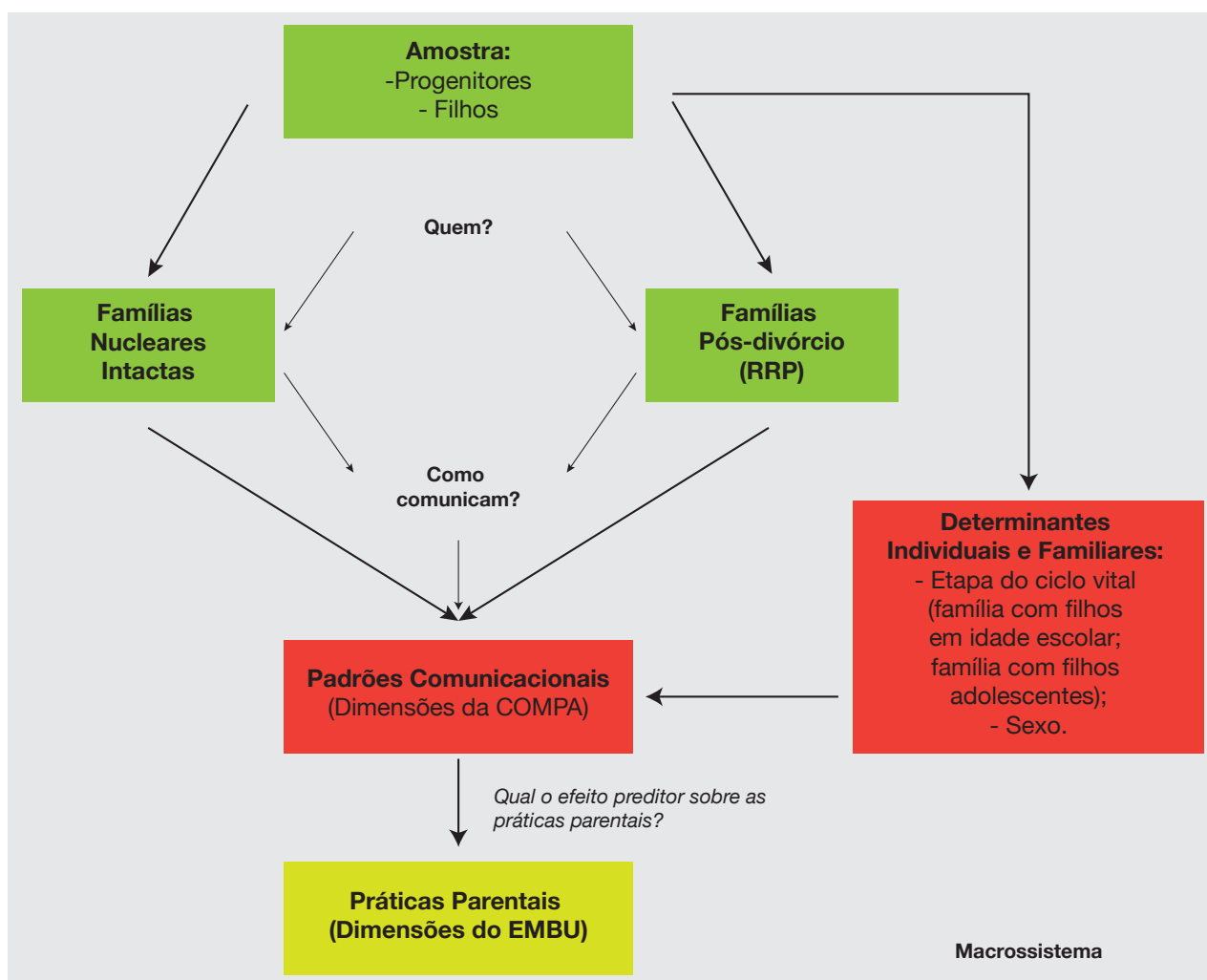
O segundo estudo, de cariz transversal, consistiu na aplicação de um protocolo de avaliação que integrou vários instrumentos de medida, um dos quais a escala desenvolvida no primeiro estudo, denominada *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* (COMPA). O objetivo central deste estudo consistiu na análise dos padrões comunicacionais em famílias pós-divórcio, mais especificamente de famílias em processo de regulação das responsabilidades parentais (RRP), comparativamente aos padrões comunicacionais em famílias nucleares intactas. Este estudo contemplou dois objetivos específicos:

(1) Identificar eventuais especificidades da comunicação entre dois tipos de composição familiar (famílias pós-divórcio e famílias nucleares intactas);

(2) Analisar o efeito preditor da comunicação (variável independente), enquanto processo básico da interação, sobre as práticas parentais (variável dependente) percebidas por progenitores e filhos.

Figura 2

Mapa conceptual do Estudo



A Figura 2 apresenta graficamente o mapa conceptual que conduziu o segundo estudo da presente investigação. A amostra constituída por progenitores (pais e mães) e filhos (filhos e filhas) subdividiu-se em dois grupos amostrais: progenitores/filhos de famílias nucleares intactas e progenitores/filhos de famílias pós-divórcio. Através da aplicação da escala COMPA pretendeu-se analisar os padrões comunicacionais de cada uma destas composições familiares, no sentido de identificar as suas especificidades. Para tal, além de se compararem os resultados nas versões da escala COMPA entre as duas subamostras (famílias pós-divórcio e famílias nucleares intactas), foram realizadas análises diádicas comparativas entre pais e mães de cada subamostra, no sentido de se analisar o grau de semelhança/diferença entre as perceções de cada par parental relativamente à comunicação que estabelecem com o(s) filho(s). Pretendeu-se ainda avaliar a capacidade preditiva das diferentes dimensões comunicacionais sobre as práticas parentais no exercício da parentalidade.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Esta dissertação organiza-se em sete capítulos³.

No primeiro capítulo – *O Papel da Comunicação no Exercício da Parentalidade: Desafios e especificidades* – será apresentado um breve enquadramento teórico sobre os principais conceitos abordados no presente trabalho [cf. estudo 1, objetivo (1)]. Trata-se de um capítulo de revisão teórica e empírica sobre a articulação entre comunicação, sistema familiar, parentalidade, etapas do ciclo vital e novas formas de família.

O segundo capítulo – *A Comunicação Parento-Filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos* – corresponde ao estudo misto, que conjuga a dimensão qualitativa com a dimensão quantitativa [cf. estudo 1, objetivos (2) e (3)]. Este capítulo apresentará a análise de conteúdo da informação resultante dos grupos focais e das entrevistas individuais efetuadas a progenitores e filhos, destacando as dimensões da comunicação parento-filial emergentes.

O terceiro capítulo – *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial* – diz respeito ao desenvolvimento de um instrumento de avaliação sobre a comunicação no contexto da parentalidade, construído com base no estudo apresentado no capítulo anterior [cf. estudo 1, objetivos (4) e (5)]. Os dados psicométricos que constam neste capítulo dizem respeito: (a) aos estudos de validade, nomeadamente de análise fatorial exploratória e análise fatorial confirmatória; (b) aos estudos de fiabilidade, especificamente da consistência interna; e (c) à estatística descritiva das versões do instrumento. Estes resultados são apresentados para cada uma das versões que compõem o instrumento: COMPA-P (pais), COMPA-C (crianças dos 7 aos 11 anos) e COMPA-A (adolescentes dos 12 aos 16 anos).

O quarto capítulo – *Caracterização da Comunicação entre Progenitores e Filhos Adolescentes: Estudo com uma amostra portuguesa* – apresenta uma caracterização mais aprofundada dos padrões comunicacionais estabelecidos entre progenitores e filhos adolescentes da população portuguesa [cf. estudo 1, objetivo (6)]. A comunicação estabelecida entre estes elementos será analisada à luz de variáveis individuais e familiares, designadamente: sexo dos participantes, escolaridade, área de residência, estatuto socioeconómico e composição familiar.

O quinto capítulo – *Caracterização da Comunicação entre Progenitores e Filhos em Idade Escolar: Estudo com uma amostra portuguesa* – apresenta, também, um estudo quantitativo de caracterização da comunicação parento-filial focado na etapa do ciclo vital *família*

³ Os estudos que integram os capítulos I, II, III, IV, V e VI são apresentados em formato de artigo científico por se tratar de estudos submetidos para publicação em revistas científicas nacionais e internacionais com arbitragem científica.

com filhos em idade escolar [cf. estudo 1, objetivo (6)].

O sexto capítulo – *Identificação dos Padrões Comunicacionais entre Progenitores e Filhos em Famílias Pós-divórcio* – corresponde ao segundo estudo planejado na presente investigação, nomeadamente, a análise dos padrões comunicacionais em famílias nucleares intactas e em famílias pós-divórcio (RRP), com o intuito de identificar especificidades da comunicação em cada uma destas organizações familiares [cf. estudo 2, objetivo (1) e (2)]. Para além disto, foca-se na análise do efeito preditor da comunicação sobre as práticas parentais percebidas por progenitores e filhos.

Por fim, no sétimo e último capítulo desta dissertação – *Discussão Integrada e Considerações Finais* – far-se-á uma leitura integrada dos principais resultados dos vários estudos, destacando alguns dados e colocando novas interrogações face aos objetivos de investigação definidos inicialmente. Procurar-se-á, também, refletir criticamente sobre o processo de investigação e sobre os contributos e possibilidades que este projeto traz para a avaliação e intervenção preventiva e terapêutica em contextos específicos, assim como, para investigações futuras.

CAPÍTULO I

O PAPEL DA COMUNICAÇÃO NO EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE: DESAFIOS E ESPECIFICIDADES ⁴

Resumo

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel da comunicação no exercício da parentalidade, atendendo aos desafios, especificidades e transversalidades familiares. A literatura teórica destaca a efetividade desta relação, surgindo o modelo da pragmática da comunicação humana como importante suporte para a compreensão da interação entre estes dois conceitos. Em termos empíricos, verifica-se a existência de diversos estudos sobre a relação da comunicação parento-filial com outras variáveis, nomeadamente, o sexo de progenitores e filhos, a etapa do ciclo vital da família e a tipologia/composição familiar. Desta forma, pretende-se aprofundar o conhecimento sobre uma dimensão da parentalidade tão influente, como é a comunicação, para o bem-estar relacional entre pais e filhos.

Palavras-Chave: parentalidade, comunicação, modelo da pragmática da comunicação humana, ciclo vital da família.

⁴ Portugal, A., & Alberto, I. (2012). O papel da comunicação no exercício da parentalidade: Desafios e especificidades. *Psychologica*, 52(2), 387-400. ISSN: 0871-4657. Retirado de <http://iduc.uc.pt/index.php/psychologica/article/view/1062/510>.

Abstract

The present paper aims to reflect on the role of communication on the exercise of parenthood, regarding the challenges, specificities and family crosses. Theoretical literature highlights the effectiveness of this relationship, emerging therefore the pragmatics of human communication model as an important support to the comprehension of these two concepts. In empirical terms, one can verify the existence of different studies on the relationship of parents-sons communication with other variables, namely, the sex of the progenitors and their children, the stage of the family's life span and the familiar typology/composition. Hence, it is intended to deepen the knowledge of one parenthood dimension so influent, as communication, on relation well being between parents and sons.

Keywords: parenthood, communication, pragmatics of human communication model, family's life span.

Resumé

Cet article vise réfléchir sur le rôle de la communication dans la parentalité, tenant compte des défis, des spécificités et transversalités de la famille. La littérature théorique met en évidence cette relation et le modèle pragmatique de la communication humaine apparaît comme un soutien important pour la compréhension de l'interaction entre ces deux concepts. Empiriquement, il existe plusieurs études sur la relation de la communication mère/père-enfants avec d'autres variables, y compris le sexe des parents et des enfants, l'étape du cycle de vie familiale et la typologie/composition de la famille. Ainsi, nous avons l'intention d'approfondir l'étude de la communication, une dimension de la parentalité moins connue, mais si influente pour le bien-être relationnel des parents et des enfants.

Mot-Clef: parentalité, communication, modèle pragmatique de la communication humaine, étape du cycle de vie.

INTRODUÇÃO

O exercício da parentalidade representa um modelo de funcionamento familiar caracterizado pela experiência emocional (Dix, 1991) e por funções executivas específicas (Alarcão, 2006). A comunicação torna-se, assim, um conceito essencial para a compreensão das dinâmicas relacionais que se processam ao nível do exercício da parentalidade (Alarcão, 2006; Relvas, 1996; Watzlawick et al., 1993).

Com o objetivo de caracterizar a relação entre comunicação e parentalidade, será feita uma breve reflexão sobre as particularidades do conceito de *família* e do *subsistema parental* partindo, depois, para a análise da *comunicação* atendendo a duas etapas do ciclo vital. Por fim, abordar-se-á o papel da dimensão comunicacional em situações familiares consideradas de risco.

SISTEMA FAMILIAR E PARENTALIDADE(S)

A perspectiva sistémica conceptualiza a família como “um sistema, um todo, uma globalidade” (Relvas, 1996, p. 12), dentro da qual se geram relações e emoções independentes de vínculos biológicos (Alarcão, 2006). O sistema familiar caracteriza-se por: (a) estar em constante transformação, (b) ser ativo e autor-regulado, (c) estar aberto à interação com outros subsistemas, e (d) organizar-se numa hierarquia sistémica (Alarcão, 2006; Relvas, 1996).

O sistema familiar é constituído por diferentes subsistemas: individual, conjugal, parental, filial e fraternal (Alarcão, 2006; Relvas, 1996). Estes subsistemas delineiam papéis, estatutos e funções diferenciadas com o objetivo de responder às expectativas sociais e aos processos de desenvolvimento familiar (Relvas, 1996). É neste enquadramento que surge o exercício da parentalidade, caracterizado por ser um “modelo de funcionamento que pressupõe o desempenho das funções executivas, como proteção, educação, integração na cultura familiar (...). Resulta sempre da reelaboração dos modelos de parentalidade construídos na(s) família(s) de origem” (Alarcão, 2006, p.353). Desta forma, o exercício da parentalidade corresponde a três grandes funções legalmente reconhecidas (Taborda Simões et al., 2006): (a) o exercício da autoridade, (b) a promoção da socialização e individualização e (c) a afetividade associada à prestação de cuidados e à qualidade da vinculação. O exercício da autoridade diz respeito ao desempenho da função executiva, mediado pelos estilos e práticas parentais (Baumrind, 2005). Inerente a esta tarefa está a promoção da autonomia com vista a facilitar a emancipação da criança/jovem no contexto social (Relvas & Alarcão, 2002). Os cuidados afetivos correspondem a outra tarefa central do exercício da

parentalidade, associados à vinculação e à afetividade positiva (Cummings & Cummings, 2002; Herbert, 2004).

A COMUNICAÇÃO NO SISTEMA FAMILIAR

Considerada uma “condição *sine qua non* da vida humana e da ordem social” (Watzlawick et al., 1993, p. 13), a comunicação trata de um processo de transmissão de informação que integra diferentes contextos, realidades e sociedades/culturas (Barker, 1987; Fiske, 2005; Watzlawick et al., 1993).

Este constructo, de cariz multidimensional, tem vindo a ser alvo de interesse crescente na comunidade científica, sobretudo desde a segunda metade do século XX (Fiske, 2005). Registam-se os importantes contributos de um conjunto de investigadores do Instituto de Pesquisa Mental de Palo Alto: Bateson, Jackson, Haley e Weakland (1956), Watzlawick, Beavin e Jackson (1993).

O trabalho desenvolvido por esta escola está na base de um dos modelos nucleares para a compreensão da comunicação familiar: o modelo da pragmática da comunicação humana (Watzlawick et al., 1993). Este modelo equaciona a comunicação como um processo circular no qual se transfere o foco no indivíduo “para as relações entre as partes de um sistema muito mais vasto” (Watzlawick et al., 1993, p. 18), conferindo carácter dinâmico à família.

O modelo da pragmática da comunicação humana explica o processo comunicacional com base em cinco proposições relativas aos aspetos funcionais da comunicação (Watzlawick et al., 1993). De um modo geral, a identificação das regras comunicacionais permite inferir sobre a qualidade relacional estabelecida entre pais e filhos num determinado contexto familiar e social. A estas cinco preposições, denominadas axiomas da comunicação, corresponde uma série de possibilidades de fuga ao compromisso comunicacional que poderá estar na base de alguns dilemas perturbadores da comunicação (Alarcão, 2006).

O primeiro axioma postula que é impossível não comunicar (Watzlawick et al., 1993), pois todo o comportamento é comunicação logo, não existe forma de não comunicar. Tudo o que se diz, ou não se diz, tudo o que se faz, ou não se faz, tem intenção comunicacional. Os autores consideram que comunicar é um ato sem princípio nem fim devido ao carácter circular que assume (Watzlawick et al., 1993). O compromisso comunicacional pode ser evitado com recurso a diferentes estratégias: (a) rejeição da comunicação (e.g., o pai não dá a atenção devida ao filho deixando-o a falar sozinho), (b) aceitação (e.g., alimentar uma conversa de forma monossilábica), (c) formação do sintoma (Davalos et al., 2005; Lewis et al., 1981; Stivers, 1988), e (d) desqualificação da comunicação (pobreza de conteúdo e/ou forma que invalida a própria comunicação ou a do outro). Esta última distorção parece es-


tar associada ao desenvolvimento de uma menor competência social em crianças em idade escolar (Wichstrom et al., 1994).

O segundo axioma refere que “toda a comunicação tem dois níveis, conteúdo e relação, sendo que o segundo classifica o primeiro e é, por isso, uma metacomunicação” (Alarcão, 2006, p. 70). As distorções correspondentes a esta proposição são: (a) confusão entre conteúdo e relação (e.g., o adolescente e a mãe discutem sobre o horário de chegar a casa quando, na verdade, pretendem discutir o poder que têm na relação), (b) rejeição clara e constante do conteúdo, e (c) desconfirmação (é negada a existência do outro) (Alarcão, 2006). Eckstein (2004), ao estudar a agressividade filio-parental, demonstrou como este tipo de violência pode representar um exemplo de distorção deste axioma. Quando a comunicação se rigidifica, dando origem a distorções e mal-entendidos, a metacomunicação surge como estratégia central “determinando (e clarificando) como devem ser interpretados os comportamentos relacionais” (Alarcão, 2006, p. 351).

O terceiro axioma refere que a pontuação da comunicação organiza os eventos comportamentais e, portanto, é vital para as interações em curso (Watzlawick et al., 1993, p. 51). A distorção pode surgir quando existe uma discrepância na pontuação entre o emissor e o recetor (Alarcão, 2006). O estudo realizado por Gordon e Feldman (2008) demonstra a existência de um comportamento parental que pode estar na base desta distorção, nomeadamente o facto de, em termos práticos, ambos os progenitores pontuarem o exercício da parentalidade diferenciadamente (Gordon & Feldman, 2008).

O quarto axioma destaca que a comunicação tem uma vertente digital e uma vertente analógica (Watzlawick et al., 1993). Uma vez que a comunicação digital é mais precisa e impermeável às emoções/sentimentos, tende a ser utilizada para comunicar informações/conteúdos. Por outro lado, a comunicação analógica permite uma interpretação mais pessoal do conteúdo que é transmitido digitalmente, estando ao nível da simbolização (Alarcão, 2006; Watzlawick et al., 1993). A distorção comunicacional pode ocorrer através de erros de tradução que resultam da combinação da interpretação pessoal com o conteúdo da mensagem que se comunica (Alarcão, 2006).

Finalmente, o último axioma realça que a comunicação pode ter dois níveis de interação: simétrica ou complementar. Na interação simétrica os elementos de uma comunicação colocam-se ao mesmo nível, refletindo assim os comportamentos uns dos outros (Alarcão, 2006). A escalada simétrica é o resultado distorcido deste pressuposto, caracterizado pela rigidificação da postura, atitude e comunicação perante o outro (Eckstein, 2004). Na interação complementar são promovidas e reforçadas as diferenças comunicacionais, no sentido em que um elemento complementa a comunicação do outro. O extremo desta dependência conduz a uma complementaridade rígida (Alarcão, 2006).

 ciclo vital da família representa a co-evolução dos membros que compõem um sistema familiar, num contínuo caracterizado por várias mudanças, nomeadamente ao nível dos hábitos, das atitudes, dos comportamentos e dos rituais (Relvas, 1996).

Esta co-evolução constitui-se por exigências comunicacionais e funcionais inerentes ao exercício da parentalidade. Para uma melhor compreensão, serão analisadas duas etapas do ciclo vital contempladas na categorização proposta por Relvas (1996): *família com filhos em idade escolar* e *família com filhos adolescentes*. De acordo com as especificidades de cada uma destas fases, serão abordados os desafios da parentalidade ao nível do exercício da autoridade (Alarcão 2006; Herbert, 2004; Relvas, 1996; Taborda Simões et al., 2006), da promoção da socialização e individualização (Herbert, 2004; Relvas & Alarcão, 2002; Taborda Simões et al., 2006), do cuidado afetivo (Cummings & Cummings, 2002; Herbert, 2004; Taborda Simões et al., 2006) e, finalmente, da comunicação estabelecida (Alarcão, 2006; Relvas, 1996; Watzlawick et al., 1993), dimensão que assume um carácter transversal relativamente às tarefas anteriores.

Família com Filhos em Idade Escolar

A entrada dos filhos na escola assinala um ponto de viragem importante para a família nuclear, de uma forma direta, e para a família alargada e comunidade, de forma indireta (Relvas, 1996). De um momento para outro o sistema familiar vê-se confrontado com uma nova realidade que precipita a autonomização dos filhos (Demick, 2002; Herbert, 2004; Relvas, 1996).

O exercício da autoridade passa a ser partilhado com o contexto escolar e a promoção da socialização acontece de forma quase acidental, já que se trata de um acontecimento inerente à entrada dos filhos na escola. Fora do contexto familiar, os pares influenciam e contribuem para a formação das crianças, colocando à prova a imagem que a família promove para o exterior (Alarcão, 2006; Ladd & Pettit, 2002; Lima, 1999; Relvas, 1996). O contacto com novos amigos conduz a um progressivo afastamento físico facilitando um distanciamento emocional que promoverá o processo de autonomia (Relvas, 1996). O cuidado afetivo continua a ser essencialmente prestado no contexto familiar (Relvas, 1996), embora a triangulação com o sistema escolar seja inevitável (Alarcão, 2006).

A dimensão comunicacional está, nesta etapa, muito associada às discrepâncias existentes entre o sistema escolar e o sistema familiar (Epstein & Sanders, 2002). É através da criança que as mensagens circulam entre os sistemas, marcando a entrada destas no mundo dos adultos (Herbert, 2004; Relvas, 1996). Vários estudos centram a sua análise na comunicação, ao nível da parentalidade, constatando-se que: por vezes, a comunicação

parento-filial não é tão frequente quanto o desejável na percepção dos filhos (Cia, Pamplin, & Del Prette, 2006); os progenitores parecem comunicar de forma mais aberta com as filhas do que com os filhos (McNaughton, 2000); e a comunicação suportada na desqualificação parece estar na base da dificuldade de desenvolvimento das competências sociais, em crianças em idade escolar (Wichstrom et al., 1994).

Família com Filhos Adolescentes

A descrição da adolescência é geralmente feita em termos exagerados, tanto pelas famílias, como pela sociedade ocidental em geral (Alarcão, 2006; Herbert, 2004; Relvas, 1996). No entanto, alguns autores referem que este período constitui “um campo psicológico privilegiado para o estudo da mudança” (Doron & Parot, 2001, p. 32). Assim, as dinâmicas familiares são um dos alvos de mudança e transformação, processando-se de forma mais ou menos conflituosa (Relvas, 1996). Por este motivo, a flexibilidade tem um papel chave na superação dos desafios familiares (Preto, 1995).

Muito centradas nas relações estabelecidas entre pais e adolescentes encontram-se, com regularidade, as referências relativas à relação entre a comunicação e o exercício da autoridade (Alarcão, 2006; Carter & McGoldrick, 1995; Relvas, 1996). Eckstein (2004) conclui que os filhos que percecionam uma postura comunicacional desafiante, por parte dos seus progenitores, tendem a estabelecer padrões de interação negativos, em termos de violência filio-parental. Este estudo, tal como outros (Otten et al., 2007; Patock-Peckham & Morgan-Lopez, 2006; Patock-Peckham & Morgan-Lopez, 2007), corrobora a necessidade de estabelecer limites e fronteiras claras entre os subsistemas filial e parental, especialmente em circunstâncias de conflito eminente (Relvas, 1996). Outros autores (Jackson, Bijstra, Oostra, & Bosma, 1998; Ochoa, Lopez, & Emler, 2008) constataram que o autoconceito familiar positivo depende do nível de abertura comunicacional existente entre pais e filhos adolescentes indicando que, quando a comunicação é aberta/livre de problemas, os jovens tendem a experienciar sentimentos positivos e menor conflitualidade. De facto, a comunicação parento-filial parece assumir um papel de grande relevância a longo prazo, enquadrando alguns comportamentos problemáticos (Relvas, 1996) e promovendo, por vezes, o desenvolvimento de psicopatologias (Watzlawick et al., 1993). A investigação longitudinal efetuada por Overbeek, Vermulst, Ha, Engels e Stattin (2007) reforça os efeitos negativos de uma comunicação de baixa qualidade, entre o adolescente e as figuras parentais, para um desenvolvimento socioemocional deficitário na idade adulta. Ao nível da variável sexo, alguns estudos (Barnes & Olson, 1985; Jackson et al., 1998; Lanz, Iafrate, Rosnati, & Scabini, 1999) demonstram que a comunicação do adolescente é preferencialmente mantida com o progenitor do sexo feminino e, geralmente, as figuras parentais tendem a percecionarem uma boa comunicação com os filhos contrariamente ao que é percecionado por estes (Heiman, Zinck, & Heath, 2008).

A adolescência parece funcionar enquanto estágio pináculo da socialização e promoção

da individualização. Os grupos de pares são fulcrais para a resolução desta tarefa pois favorecem a descentralização emocional e relacional do adolescente com o sistema familiar (Wills, Murry, Brody, Gibbons, & Gerrard, 2003). Além disto, assumem, também, o papel de cuidadores afetivos, sobretudo pelo facto de gerirem as tensões emocionais que surgem no contexto familiar (Alarcão, 2006).

DESAFIOS COLOCADOS À(S) PARENTALIDADE(S): IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO

O termo *novas formas de família* diz respeito às variações estruturais que podem ocorrer ao longo do ciclo de vida familiar e que afetam a noção de *família nuclear intacta* (Alarcão, 2006). Apesar destas composições familiares existirem desde sempre, tem-se registado, nos últimos anos, um aumento crescente de organizações famílias com uma estrutura diferente da típica e tradicional *família nuclear intacta* (Alarcão, 2006). Estas constelações familiares têm uma série de características que as podem tornar mais vulneráveis às dificuldades inerentes a cada etapa do ciclo vital e às condições sociais envolventes (Alarcão, 2006; Relvas & Alarcão, 2002). Desta forma, numa tentativa de compreensão do que poderão ser as singularidades e os desafios colocados à parentalidade ao nível da comunicação, serão analisados dois tópicos: (a) algumas composições familiares distintas da *família nuclear intacta* e (b) situações especiais, reguladas judicialmente, que poderão colocar em causa a qualidade do exercício da parentalidade.

A Comunicação Parento-Filial nas Novas Formas de Família

O *divórcio* representa uma crise acidental que ocorre num dado momento do ciclo vital da família (Peck & Manocherian, 1995). Partindo do princípio de que as crises facilitam o processo de transformação e transição, este acontecimento poderá funcionar como oportunidade de readaptação (Hoffman, 1995; Peck & Manocherian, 1995), porém, se esta crise não for bem processada, o sistema entrará num bloqueio, dificultando a reorganização pós-divórcio (Brown, 1995; Peck & Manocherian, 1995; Relvas & Alarcão, 2002). A comunicação parento-filial é indicada como sendo uma das dimensões afetadas durante este processo (Cloutier et al., 2006). A longo prazo, a deterioração na relação parento-filial pode conduzir ao distanciamento e/ou estabelecimento de relações de conflito suportadas numa comunicação ineficaz (Ahrons, 2007). Além disto, a literatura empírica revela que os filhos de famílias nucleares intactas estabelecem uma melhor comunicação parental do que os filhos de pais divorciados (Lanz et al., 1999).

As *famílias monoparentais* caracterizam-se pela existência de um único progenitor que assume a maior parte dos papéis parentais (Cloutier et al., 2006). Os estudos indicam que

o exercício da parentalidade por apenas um dos progenitores constitui um fator de risco, devido à presença de múltiplos fatores *stressores* (Grass-Sternas, 1995) e à utilização de estratégias de *coping* pouco adaptativas (Avison, Ali, & Walters, 2007). No entanto, outras investigações contrariam os resultados referidos, verificando que a monoparentalidade vai sendo aprendida e melhorada ao longo do tempo (Richards & Schmiede, 1993). Jackson e Scheines (2005) constata, inclusivamente, que a manutenção de uma comunicação regular entre filhos e pais do sexo masculino não residentes tende a promover uma maior competência parental por parte das mães.

As *famílias reconstituídas* podem ou não surgir numa etapa posterior à monoparentalidade (Cloutier et al., 2006). De acordo com Alarcão (2006) esta configuração define-se pelo facto de “existirem pessoas que, num passado mais ou menos próximo, tiveram outras famílias, (...) agora reunidas num novo sistema” (p. 206), tornando-a uma organização sistémica bastante complexa. Apesar de Adamsons, O’Brien e Pasley (2007) não encontrarem diferenças significativas, ao nível da comunicação, entre famílias reconstituídas e famílias nucleares intactas, Flouri (2004) concluiu que o envolvimento relacional entre o padrasto e o enteado depende da perceção que este tem sobre o ajustamento emocional do adolescente (Flouri, 2004). Thomson, Mosley, Hanson e McLanahan (2001) estudaram as alterações no comportamento materno após o recasamento, concluindo que tanto filhos como mães percebem práticas educativas menos severas. As crianças tendem a perceber, também, o estabelecimento de uma comunicação mais ajustada com a mãe (Thomson et al., 2001).

As *famílias adotivas*, por sua vez, caracterizam-se pelo acolhimento de crianças ou adolescentes cujo vínculo é exclusivamente afetivo e legal (Alarcão, 2006). O estudo levado a cabo por Rueter, Keyes, Iacono e McGue (2009) concluiu que, tanto os pais como os filhos adolescentes, tendem a perceber as interações familiares como sendo mais conflituosas nas famílias adotivas em comparação às famílias biológicas. No entanto, nem todas as investigações corroboram estes resultados. De acordo com Lanz et al. (1999), as crianças adotadas apresentam melhores índices de relação com os seus progenitores, estabelecendo uma comunicação mais ajustada, comparativamente aos seus pares (filhos de famílias nucleares intactas e filhos de famílias divorciadas). A dimensão comunicacional assume um importante papel para o esclarecimento de mitos e receios. Por um lado, o estabelecimento de uma comunicação clara tende a estar associado à superação dos medos de abandono, característicos desta tipologia familiar (Carter & McGoldrick, 1995), por outro lado, uma comunicação problemática parece relacionar-se com a dificuldade parental na imposição de regras e limites, tomando como justificação a eventual história traumática das crianças, prévia à entrada destas na família adotiva (Relvas & Alarcão, 2002).

A Comunicação Parento-filial nas Famílias Negligentes/Abusivas

Paralelamente aos desafios de cariz estrutural com os quais a família se pode ou não defrontar ao longo do ciclo vital (Alarcão, 2006), poderão surgir dificuldades no exercício

da parentalidade que envolvam o contexto judicial (Fonseca, 2006), designadamente as situações caracterizadas pela negligência e/ou pelo abuso por parte das figuras parentais.

A *negligência* implica uma falha multidimensional nas respostas às necessidades das crianças, sendo uma forma passiva de violência (Alberto, 2006). A investigação indica que algumas dimensões psicológicas podem marcar a diferença entre pais negligentes e pais não-negligentes, designadamente, os níveis de assertividade, positividade e envolvimento nas interações com os filhos (Wilsona, Racka, Shib, & Norris, 2008).

O *abuso*, por sua vez, pode ter várias vertentes: físico, psicológico, sexual, exploração do trabalho infantil, entre outros. A interação abusiva integra-se, frequentemente, numa dimensão disciplinadora/educativa e na afirmação do poder e do exercício de uma autoridade extrema por parte dos progenitores em relação aos seus filhos (Alberto, 2006).

O abuso e a negligência representam posturas relacionais que implicam distorções na dimensão comunicacional, marcadas pela paradoxalidade e confusão/rigidificação de papéis (Alberto, 2008). As fugas ao compromisso comunicacional enquadram alguns dos fenómenos que ocorrem nas famílias negligentes/abusivas. A rejeição da comunicação e a desconfirmação, por exemplo, são características comuns nas famílias negligentes, provocando sentimentos de inutilidade e rejeição nas crianças. A desqualificação, por sua vez, é mais característica dos abusos, conduzindo à sua perpetuação. A expressão abusiva, seja em que dimensão for, traduz uma confusão entre o conteúdo e a relação. Finalmente, a complementaridade rígida parece explicar o abuso no seu extremo através, por exemplo, da exploração do trabalho infantil.

CONCLUSÃO

Os contextos, as pessoas, as vivências e os desafios que se vão colocando às famílias ao longo da vida contribuem para uma melhor compreensão no que cada uma se transforma. Entende-se, assim, que os efeitos da comunicação sobre o exercício da parentalidade devam ser analisados à luz das singularidades e dos desafios colocados a cada família. Os princípios propostos pelo modelo da pragmática da comunicação humana (Watzlawick et al., 1993), e as distorções comunicacionais a eles associados, facilitam a compreensão, e até explicação, de relações parento-filiais edificadas e suportadas pela conflituosidade. Por outro lado, o ciclo vital familiar esclarece-nos sobre as tarefas e exigências funcionais e comunicacionais colocadas às famílias ao longo da sua evolução e maturação.

As implicações desta revisão teórica vão no sentido de realçar a importância de se avaliar a qualidade da comunicação no exercício da parentalidade, independentemente da

composição familiar em causa. De facto, as possibilidades e caminhos de investigação parecem não se esgotar, embora seja relevante o foco da avaliação da comunicação sobre dois eixos: (a) análise da comunicação parento-filial em etapas do ciclo vital pouco estudadas (e.g., *família com filhos em idade escolar*) e (b) exploração desta dimensão no contexto forense, nomeadamente, nas situações onde a parentalidade parece ser mais desafiada (e.g., famílias divorciadas, adotivas).

Se a comunicação medeia o exercício da parentalidade e define a sua qualidade, é então fundamental que se constitua como tema central na avaliação da relação entre pais e filhos, não apenas com uma função de diagnóstico, mas também como motor de promoção de mudança com vista a uma configuração familiar mais adequada e positiva.

CAPÍTULO II

A COMUNICAÇÃO PARENTO-FILIAL: ESTUDO DAS DIMENSÕES COMUNICACIONAIS REALÇADAS POR PROGENITORES E POR FILHOS⁵

Resumo

A comunicação desempenha um papel central na relação entre pais e filhos, particularmente no exercício da parentalidade. Foi desenhado um estudo misto (qualitativo/quantitativo) com o intuito de identificar as dimensões da comunicação realçadas por pais e filhos (7-16 anos). Para atingir este objetivo entrevistaram-se dez progenitores e realizaram-se dois grupos focais com dez filhos (sem correspondência de parentesco). A análise de conteúdo revelou sete dimensões (*Metacomunicação, Problemas Comunicacionais, Partilha de Situações Problemáticas, Atitudes Filiais, Atitudes Parentais, Afeto e Estabelecimento de Regras e Limites*). Cada uma destas dimensões é composta por subdimensões revelando consistência e coerência com a literatura teórica que tem conceptualizado a comunicação na relação parento-filial. Estes dados estarão na base do desenvolvimento de uma escala de avaliação da comunicação.

Palavras-chave: relação pais-filhos; comunicação; estudo misto (qualitativo/quantitativo).

⁵ Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 319-326.

Abstract

Communication seems to play a central role in the parent-child relationship, especially in parenting exercise. This mixed study (qualitative/quantitative) was designed to identify the most referred dimensions of communication in the perspective of both parents and children (7-16 years old). To achieve this goal, 10 individual interviews (parents) and 2 focus groups with ten children, without matching relationship were carried out. The content analysis performed revealed seven parent-child communication dimensions (*Metacommunication, Communication Problems, Child Attitude, Parental Attitude, Affective Expression and Rules/Limits Establishment*). Each one of this dimensions were composed by subdimensions, revealing consistence and coherence with theoretical literature. These findings will underpin the development of a parent-child communication scale.

Keywords: parent-child relationship; communication; qualitative study.

A família, enquanto sistema auto-organizado, caracteriza-se pela contínua negociação e definição das relações entre os seus membros através de processos comunicacionais (Watzlawick et al., 1993). Nesse sentido, a comunicação torna-se um construto central para a qualidade do exercício da parentalidade (Carr, 2006). Os modelos teóricos destacam, de forma consistente, algumas dimensões relevantes na comunicação parento-filial: (a) a abertura comunicacional e problemas comunicacionais (Barnes & Olson, 1985; Watzlawick et al., 1993), (b) a expressão afetiva (Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Segrin & Flora, 2005), e (c) o exercício da autoridade associado à função executiva (Herbert, 2004). Porém, a pesquisa empírica desenvolvida, nos últimos anos, sobre este tema (Barnes & Olson, 1985; Bumpus & Hill, 2008; Crockett, Brown, Russel, & Shen, 2007; Lanz et al., 1999) apresenta algumas dificuldades: (a) é essencialmente de cariz quantitativo, (b) está demasiado centrada nos adolescentes, e (c) tem por base modelos do funcionamento familiar que nem sempre especificam a relação comunicacional entre pais e filhos (e.g., Beavers & Hampson, 2000; Skinner et al., 2000).

A literatura indica a influência de duas variáveis sobre a comunicação parento-filial: (a) a etapa do ciclo vital da família⁶ e (b) o sexo de progenitores e filhos. O ciclo de vida da família é o reflexo do seu crescimento, enquanto sistema e de cada um dos seus membros enquanto indivíduo (Carr, 2006). A comunicação, nesse contexto, permite identificar e dar resposta às necessidades/exigências específicas de cada etapa do ciclo vital (Carr, 2006). Annear e Yates (2010) demonstraram que a comunicação familiar, nas famílias com filhos em idade escolar, tende a estar focada na progressiva autonomização das crianças; por sua vez, a comunicação nas famílias com filhos adolescentes tem um papel preponderante para a construção da identidade do adolescente (Allué, 2011). A manutenção de uma comunicação aberta e clara entre progenitores e filhos está relacionada com sentimentos positivos e níveis reduzidos de conflito (Jackson et al., 1998); por outro lado, o afastamento dos progenitores relativamente aos filhos tende a predizer sintomatologia depressiva nos adolescentes (Abaid, Dell’Aglia, & Koller, 2008). Uma pesquisa realizada por Teodoro, Cerqueira-Santos, Morais e Koller (2007) revelou que um clima familiar positivo favorece comportamentos saudáveis em relação ao tabagismo, por parte dos adolescentes.

Para além da etapa do ciclo vital da família, o sexo de pais e de filhos parece ser uma variável importante na comunicação parento-filial. Os resultados de alguns estudos sugerem a existência de diferenças ao nível do sexo, relativamente ao estabelecimento da comunicação, existindo indicadores de que os filhos, de ambos os sexos, tendem a procurar mais as mães para comunicar do que os progenitores do sexo masculino (Barnes & Olson,

⁶ A literatura teórica (Relvas, 1996) distingue entre *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias com filhos adolescentes*. No presente estudo, o intervalo de idades definido para as crianças em idade escolar situa-se entre os 7 e os 11 anos e para os adolescentes situa-se entre os 12 e os 16 anos.

1985; Crockett et al., 2007; Jackson et al., 1998; Lanz et al., 1999).

Apesar da ampla extensão de pesquisa empírica realizada no âmbito da comunicação pais-filhos na comunidade científica, verifica-se uma escassez de estudos de cariz qualitativo, que contemplem os aspetos comunicacionais da interação rotineira entre progenitores e filhos. Assim, esta investigação, suportada teoricamente no modelo da pragmática da comunicação humana de Watzlawick et al. (1993), surge impulsionada pela necessidade de desenvolver um estudo misto (qualitativo e quantitativo) subjacente a um objetivo: identificar as dimensões da comunicação progenitores-filhos mais destacadas no exercício da parentalidade, para posterior construção de uma escala de avaliação deste construto. Pretende-se, então, caracterizar a comunicação no contexto das relações parento-filiais permitindo estabelecer singularidades e transversalidades comunicacionais em duas etapas particulares do ciclo vital da família: *família com filhos em idade escolar* e *família com filhos adolescentes*. Prevê-se que este trabalho abra novas possibilidades de avaliação e intervenção nas dinâmicas relacionais entre progenitores e filhos.

MÉTODOS

Desenho da Investigação

Nesta pesquisa optou-se por uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa) (Tashakkori & Teddlie, 2003), tendo por base um roteiro de entrevista semiestruturada sobre a comunicação parento-filial, elaborado a partir da revisão da literatura. A análise qualitativa, caracterizada pelo recurso a uma metodologia de caráter descritivo e continuamente analítico, dirige-se especialmente para a compreensão do significado da experiência e ação humana, recorrendo a dados/textos verbais variados (Rennie, 2002). Esta metodologia de investigação implica métodos de análise específicos (Miles & Huberman, 1994), nomeadamente: (a) codificação do conjunto de entrevistas recolhidas; (b) anotação de reflexões/comentários para além dos códigos; (c) identificação de relações entre as variáveis codificadas, padrões, diferenças entre os subgrupos e sequências comuns; (d) elaboração gradual de um conjunto de generalizações que cubram as consistências encontradas ao longo da análise das entrevistas; e (e) confrontação destas generalizações com o corpo teórico formal. Por sua vez, a análise quantitativa deste estudo está relacionada com o critério selecionado para atingir o objetivo proposto, isto é, optou-se pela quantificação das referências dos participantes no sentido de identificar as dimensões da comunicação mais destacadas nas entrevistas. A combinação destes dois tipos de análise permite a recolha de informação mais detalhada sobre o fenómeno em estudo (Teddlie & Yu, 2007).

Relativamente à metodologia para a recolha de dados, optou-se pela realização de en-

trevistas individuais e de grupos focais. As entrevistas individuais têm como principal objetivo explorar a perspetiva de um indivíduo, considerado perito sobre o tema em investigação, no sentido de captar os seus sentimentos, opiniões e experiências (Milena et al., 2008). Os grupos focais permitem uma discussão interativa entre indivíduos selecionados para integrar o grupo no sentido de gerar discussão e reflexão sobre perceções, pensamentos e impressões acerca do tema sob análise (Milena et al., 2008). Apesar das particularidades inerentes a cada uma destas metodologias, considera-se que ambas as opções são igualmente válidas para a exploração da temática da comunicação progenitores-filhos (Hill & Hill, 2009; Milena et al., 2008).

PARTICIPANTES

Foram constituídos quatro grupos: (a) cinco crianças em idade escolar, (b) cinco adolescentes, (c) seis pais de crianças em idade escolar e (d) quatro pais de adolescentes. Este estudo envolveu um total de vinte informantes, de nacionalidade portuguesa, com idades entre os 10 e os 52 anos, sem correspondência de parentesco entre si.

O grupo das crianças em idade escolar incluiu duas meninas e três meninos, com idades entre os 10 e os 12 anos ($M = 10.8$). Todas as crianças provinham de um meio medianamente urbano, coabitavam com ambos os progenitores e, em média, pertenciam a uma fratria de dois elementos. Em termos socioeconómicos⁷, verificou-se que duas crianças pertenciam à classe de estatuto socioeconómico baixo e três integravam o estatuto socioeconómico médio. O grupo dos adolescentes foi composto por quatro participantes do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades entre os 13 e os 16 anos ($M = 13.2$). Estes adolescentes, que provinham de um meio medianamente urbano, viviam com ambas as figuras parentais e, em média, pertenciam a uma fratria de dois elementos. A nível socioeconómico, três adolescentes pertenciam ao estatuto socioeconómico baixo e dois integravam o estatuto socioeconómico médio.

O grupo dos progenitores foi constituído por dois pais e quatro mães de crianças em idade escolar, com idades entre os 36 e os 39 anos ($M = 37.6$), e dois pais e duas mães de adolescentes, com idades entre os 40 e os 52 anos ($M = 46.6$). À exceção de uma mãe divorciada, os restantes progenitores estavam casados ou viviam em união de facto e tinham, em média, dois filhos. Relativamente ao estatuto socioeconómico, um progenitor pertencia ao estatuto socioeconómico alto, dois ao estatuto socioeconómico baixo e sete ao estatuto médio.

⁷ O estatuto socioeconómico dos participantes foi definido de acordo com o rendimento mensal e a profissão dos progenitores: rendimento inferior a 475€ equivale a um estatuto socioeconómico baixo; rendimento entre os 475€ e os 1211€ equivale a um estatuto socioeconómico médio; rendimento superior a 1211€ equivale a um estatuto socioeconómico alto (dados do Instituto Nacional de Estatística, Portugal).

Procedimento

Tanto os grupos focais como as entrevistas individuais decorreram ao longo de cinco meses, respeitando os procedimentos éticos recomendados (American Psychological Association, 2002), nomeadamente a obtenção do consentimento informado pelos participantes (caráter voluntário da participação, apresentação dos riscos e benefícios, e salvaguarda da confidencialidade).

Nos grupos dos filhos (crianças em idade escolar e adolescentes) recorreu-se aos grupos focais, tendo um roteiro de entrevista semiestruturada como motor de discussão entre os participantes. Com os progenitores realizaram-se entrevistas individuais. A opção por estas duas modalidades de exploração do tema prendeu-se, exclusivamente, com dificuldades associadas à marcação de entrevistas conjuntas com os adultos. Tanto os grupos focais como as entrevistas individuais foram realizadas em sessões únicas.

As crianças e os adolescentes participantes neste estudo foram selecionados aleatoriamente numa escola do ensino regular. Depois do consentimento informado dado pelos encarregados de educação, as discussões em grupos focais (debate grupal de cada uma das questões lançadas) desenrolaram-se no espaço escolar. Os progenitores integraram uma amostragem por conveniência (Maroco, 2007) e as entrevistas foram realizadas em casa ou no local de trabalho dos pais e das mães.

Os fatores de inclusão dos participantes foram: (a) crianças/adolescentes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 7 e os 16 anos; coabitação com os respetivos progenitores ou substitutos; e (b) progenitores de crianças com idades entre os 7 e os 16 anos em coabitação com os respetivos filhos. Excluíram-se os participantes com diagnóstico de psicopatologia ou deficiência mental e/ou física. As entrevistas foram gravadas (com permissão de todos os envolvidos) para posterior transcrição e análise de conteúdo. A duração das discussões foi variável (entre 90 a 120 minutos), consoante a modalidade de entrevista utilizada e as características dos próprios entrevistados.

Instrumentos Utilizados

Tendo por base a revisão da literatura sobre a comunicação na parentalidade (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Herbert, 2004; Segrin & Flora, 2005; Watzlawick et al., 1993), foi elaborada uma entrevista semiestruturada para analisar as perceções, opiniões e experiências pessoais dos participantes sobre esta temática⁸. O roteiro de entrevista destinado aos progenitores foi dividido em sete tópicos de discussão: (1) definição do conceito de comunicação, (2) objetivos da comunicação, (3) facilidade/dificuldade na comunicação com os filhos, (4) temas-alvo de comunicação com os filhos, (5) comunicação dos sentimentos/emoções, (6) expressão do afeto e (7) imposição de

8 *Vide* guião de entrevistas semiestruturadas no Apêndice A.

regras e limites. Por sua vez, o roteiro de entrevista aplicado aos grupos focais contemplou os mesmos tópicos de discussão, mas na perspectiva dos filhos. O roteiro incluiu questões como “Partilha habitualmente os seus sentimentos com os seus filhos?”, “Que assuntos são mais fáceis de partilhar com os teus pais?”.

RESULTADOS

As entrevistas foram transcritas e codificadas por categorias (Miles & Huberman, 1994) que, por sua vez, foram analisadas ao nível das propriedades, similitudes e diferenças originando uma árvore categorial sobre a comunicação parento-filial (*vide* Figura 3). Foi ainda avaliado o acordo intercodificadores.

Os resultados derivados da análise qualitativa com recurso ao *software* NVivo8 serão apresentados em dois momentos: (a) primeiro será feita a análise de conteúdo das entrevistas a progenitores e filhos (em idade escolar e adolescentes) e (b) depois serão definidas as dimensões da comunicação parento-filial que emergiram dessa análise.

Análise de Conteúdo às Entrevistas

A primeira questão do guião de entrevista tinha como principal objetivo esclarecer o que cada um dos participantes considerava ser o conceito de comunicação. Progenitores e filhos fizeram, a este nível, referências muito semelhantes, indicando a vertente verbal e não-verbal da comunicação e identificando este conceito como sendo essencial para a compreensão do outro. Os testemunhos de duas mães deixam este aspeto claro (Mãe 1) “Comunicar é quase tudo! Quase tudo o que uma pessoa faz voluntária e involuntariamente!”, (Mãe 2) “Comunicar é entender o que a outra pessoa está a querer dizer”.

Depois de esclarecido o conceito de comunicação avançou-se para a sua exploração no âmbito do contexto específico da relação entre progenitores e filhos. A discussão sobre o tema foi muito abrangente, permitindo abordar áreas diversas (e.g., dificuldade/facilidade em conversar com os filhos/pais sobre alguns temas, dificuldade/facilidade em expressar emoções e sentimentos). Apesar de terem surgido algumas referências específicas, tanto os progenitores como as crianças, abordaram tópicos semelhantes, conferindo transversalidade na forma como se veem a comunicar. Surgiram assim referências caracterizadoras desta relação como os seguintes exemplos comprovam: “A comunicação com os meus filhos é mais espontânea e autêntica” (Mãe 1), “É mais fácil falar com as minhas filhas porque estou no contexto familiar e posso dizer aquilo que penso e dar a minha opinião” (Mãe 2), “Procuro falar com elas sobre o dia a dia. Pergunto-lhes como correu a escola, o que comeram... Mas

faço isto de forma diferente porque elas têm idades diferentes” (Mãe 3), “Gosto de falar com a minha filha e de perceber o que a atormenta, que problemas é que ela tem e tento despreocupá-la” (Pai 2). Estas referências remetem para o conceito de metacomunicação no sentido em que os progenitores, ao falarem com os seus filhos, pretendem esclarecer a comunicação estabelecida. Colocam a ênfase na livre expressão, abertura comunicacional e na satisfação que daí advém referindo, por mais do que uma vez, a preferência por desenvolver a comunicação dentro do contexto familiar, em particular com os filhos. A adequação desta comunicação às características das crianças fica também patente através do exemplo da Mãe 3 que reforça a necessidade de uma comunicação clara e livre de mal-entendidos. Também a clarificação de papéis surge como elemento característico da comunicação parento-filial, como se reflete no testemunho de uma adolescente: “O meu pai chateia-se comigo por causa da forma como eu falo com a minha mãe” (Adolescente 2). A clarificação de papéis permite a identificação do poder no contexto da relação parento-filial e a imposição clara de regras e limites.

Nesse sentido, também o tema das regras e dos limites foi abordado, mencionando-se, a advertência como a principal estratégia de imposição de regras e limites por parte dos progenitores, tal como é demonstrado por um pai de uma adolescente: “Até ver ela respeita as nossas ordens mas nós temos um pacto... Eu avisei-a “a primeira vez que saíres fora, acabou!” e até agora tem resultado” (Pai 1). Esta estratégia é também reconhecida pelos filhos como sendo recorrente “Quando eu peço para sair à noite eles começam a falar dos perigos e estão sempre a avisar-me para ter cuidado com os amigos, bebidas, drogas e essas coisas” (Adolescente 2). As advertências parecem, assim, ser motivadas pela preocupação parental. Por outro lado, a negociação surge como importante elemento da imposição de regras e limites. As descrições relativas à negociação são maioritariamente positivas, embora alguns filhos e pais tenham dificuldade em gerir certos assuntos, tal como demonstra uma das mães (Mãe 1) “Lá em casa eles fazem muito pouco. Nós fazemos várias tentativas para dividir as tarefas de limpeza mas não funciona. Acho que os habituamos mal”. O testemunho de uma menina da faixa etária dos 7 aos 11 anos corrobora este aspeto “Eu nunca ajudo a minha mãe... tenho preguiça. Às vezes, quando tenho de arrumar o quarto, demoro muito a ir” (Filha Idade Escolar 1). Além disso, os progenitores pontuam como elemento importante do estabelecimento de regras e limites o acordo parental “Se a minha esposa vê que eu estou a ter dificuldades em mandá-lo fazer os trabalhos da escola, ela ajuda-me” (Pai 3). Dessa forma, o acordo parental relativamente às estratégias educativas utilizadas com os filhos parece facilitar a comunicação parento-filial. A comunicação entre pais e filhos emerge nas entrevistas como um processo modelado pelas atitudes que cada um manifesta. Foram descritas algumas posturas que, na perspetiva dos participantes, contribuem para uma comunicação harmoniosa. Relativamente aos filhos, por exemplo, percebe-se que a responsabilidade, a empatia e a negociação facilitam um melhor entendimento com os pais. Algumas referências tornam esta afirmação consistente: “Eles ouvem-me e chamam-me à atenção. Eu ouço-os porque sei que eles são mais velhos e têm mais experiência”

(Adolescente 5), “Eu evito pedir coisas aos meus pais porque sei que eles nem sempre podem comprar” (Adolescente 2), “Eu percebo quando a minha mãe está triste. Ela começa a ler revistas e a pintar as letras...” (Filho Idade Escolar 3), “Eu não saio à noite até muito tarde. Eu e os meus pais negociamos a hora de chegada a casa: eles dizem meia-noite mas dão-me mais um bocadinho! Aos poucos foram-me dando mais tempo para ficar na rua” (Adolescente 2). Os filhos relatam ainda uma atitude que pode servir como estratégia para gerir o conflito (Filho Idade Escolar 4):

Quando eu me zango com os meus pais vou a correr para a sala, fecho a porta e deito-me na poltrona a ver televisão. Se eles forem atrás de mim eu vou para o quarto ouvir música. Só passado algum tempo é que vou falar com eles.

Este comportamento, próximo da definição do conceito de *time-out* (Turner & Watson, 1999), parece evitar o aparecimento de dinâmicas familiares promotoras de escaladas conflituosas. Também os pais referem, de forma recorrente, algumas atitudes centrais para a gestão da comunicação, nomeadamente, as expectativas que têm em relação ao presente e ao futuro dos seus filhos “O meu filho é um artista! Ele adora desenhar. Oxalá não me engane, mas eu acho que tenho ali um artista” (Pai 3), a autorreferência em termos educativos “Os meninos com esta idade habituam-se aos videojogos e depois é complicado! No meu tempo os nossos jogos e brincadeiras eram na rua. Havia maior envolvimento e um convívio natural” (Pai 4), a atitude protetora (Pai 2):

Ela só este ano é que começou a sair mais com os amigos (...) Normalmente aceitamos que ela saia porque acontece poucas vezes e nós conhecemos bem os amigos dela. Vamos buscá-la e vamos levá-la. Há sempre um controlo mesmo através do telemóvel.

E a disponibilidade para a comunicação “A minha esposa tem mais disponibilidade para estar com ele por isso ele direciona-se mais para a mãe” (Pai 4).

Apesar da identificação de tópicos centrais positivos na manutenção da comunicação parento-filial, os temas relacionados com problemas comunicacionais também surgiram durante as entrevistas. A falta de clareza comunicacional é pontuada como sendo um elemento perturbador da comunicação, sobretudo pela não clarificação de assuntos que provocam conflito. Uma das meninas faz referência a esta dimensão através de um exemplo do quotidiano “A minha irmã já partiu um batom à minha mãe e ela pensa sempre que a culpa é minha” (Filha Idade Escolar 2). A mãe de um adolescente mencionou episódios de *bullying* que aconteceram na escola relatando “Eu acho que ele não nos disse nada porque achava que aquilo não merecia a pena ser falado em casa. Nós só viemos a saber o que se passou muito mais tarde e eu fiquei zangada” (Mãe 1). Foram referidos outros temas re-

lacionados com os problemas comunicacionais, tanto pelos progenitores como pelos filhos, tais como a desvalorização da comunicação mantida, a existência de interações negativas que perpetuam uma comunicação problemática, o exercício de uma comunicação paradoxal, entre outros: “Às vezes é preciso gritar. Em circunstâncias diferentes é preciso gritar com todos. Mas quando eu estou muito zangada eu grito e explico as coisas a gritar que é uma coisa que eu detesto” (Mãe 1). Através do seu relato, esta mãe manifesta a dificuldade que, por vezes, sente em manter uma comunicação livre de conflitos, mesmo tendo consciência de que nem sempre é adequado. O mesmo acontece com os filhos (Adolescente 3):

A minha mãe pede-me para a ajudar em casa mas falta-me a vontade... Ela começa a discutir comigo e começa a gritar e eu grito também e depois diz-me “deves pensar que estás a falar com os teus amigos da escola!” e eu fico muito irritada.

Os filhos recorrem à desvalorização da comunicação, sobretudo, com a intenção de evitar o compromisso comunicacional: “Quando eu me chateio com a minha mãe não quero falar nem pensar nisso!” (Adolescente 2). Existem também referências a alianças familiares que podem promover coligações e interações conflituosas, como no exemplo (Mãe 5):

Ficamos um pouco exaltadas uma com a outra. Ela normalmente amua e toma partido de outras pessoas da casa. Vira-se contra mim e toma partido do pai e do irmão e não quer conversas comigo. Nessas alturas só o pai é que é bom!

A análise de conteúdo das entrevistas permite distinguir entre dois tipos de reação face ao conflito: ou há uma relação complementar caracterizada por uma clara definição de papéis onde os progenitores assumem o papel de autoridade e os filhos adotam uma postura submissa: “Ela vem para a cozinha gritar e eu fico a ouvir música no meu leitor de *mp3*” (Adolescente 4), ou se manifesta uma relação simétrica, caracterizada pela escalada conflituosa: “O meu filho é insistente. É do género de criança que está sempre a falar no mesmo até conseguir. Faz birras, chora, manda-se para o chão...” (Pai 3).

Outro tema abordado durante as entrevistas esteve relacionado com a partilha de situações problemáticas. Tanto os progenitores como os filhos manifestam confiança para conversar sobre alguns assuntos, todavia, mencionam dificuldade em abordar questões específicas. Vejamos o exemplo da mãe de uma menina em idade escolar: “Tento afastar a conversa sobre o trabalho. Digo sempre que o trabalho corre bem porque ela é uma menina muito preocupada e eu não a quero aborrecer com os problemas do trabalho” (Mãe 2). A decisão de partilhar ou não partilhar as dificuldades pessoais com os filhos (ou vice-versa) é variável e depende da temática em questão. Por exemplo, questões relacionadas com a sexualidade são descritas pelos adolescentes deste estudo como sendo difíceis de partilhar: “Esse é um assunto mais difícil (sexualidade). É um tema que não é muito discutido lá em

casa. Às vezes via uma telenovela sobre adolescentes com o meu pai e até ficava envergonhada quando tocavam nesse assunto” (Adolescente 1). Por sua vez, os problemas mais partilhados pelos progenitores parecem estar relacionados com: (a) dificuldades económicas/financeiras, (b) problemas familiares e (c) problemas laborais. Relativamente aos filhos em idade escolar, o tema-alvo que suscita mais dificuldades de partilha está relacionado com a escola.

Por fim, a expressão dos afetos foi um tema recorrente ao longo das várias entrevistas. A expressão do afeto mais frequente parece ser do tipo não-verbal: “A minha filha é muito meiga e dá muitos beijinhos. De vez em quando chega-se ao pé de mim e dá-me um grande abraço sem razão nenhuma” (Mãe 1), “As minhas filhas dão-me beijos e abraços e gostam de estar perto de mim. Elas não dizem as coisas, preferem fazer” (Mãe 2). No discurso dos filhos, também a expressão não-verbal do afeto parece ser privilegiada: “De vez em quando tenho vontade de fazer presentes para a minha mãe” (Filha Idade Escolar 3), “Eu não digo nada. Só dou abraços e beijinhos” (Adolescente 3). Ainda assim existem algumas descrições relacionadas com a inibição do afeto, mais presentes na etapa da adolescência: “O meu filho tem 13 anos e está naquela idade em que acha que não precisa dos pais para nada. De manhã já nem me dá um beijo!” (Mãe 1), “Eu não mostro muito os meus afetos, eles é que me costumam pedir um beijinho” (Adolescente 2).

Comunicação Parento-filial: Dimensões Emergentes⁹

Pelo conceito de dimensão entende-se “qualquer propriedade de um estímulo passível de uma quantificação (...) (ou) qualquer traço psicológico que pode ser objeto de uma quantificação” (Doron & Parot, 2001, p. 241). A necessidade de sistematizar a informação conduziu ao agrupamento, em categorias, de temas semelhantes e à eliminação de alguns temas que foram pouco destacados ou mencionados (e.g., receios filiais, ausência de triangulação). Esta opção teve por base a descrição da literatura sobre a pertinência das dimensões e sub-dimensões, o número de referências efetuadas pelos participantes a cada dimensão e sub-dimensão, a representatividade da dimensão teórica nas respetivas sub-dimensões, e, finalmente, a exclusão das dimensões que não contribuíam para a coerência do conjunto de categorias globais sobre a comunicação parento-filial.

A análise qualitativa das entrevistas acima descritas revelou sete categorias gerais que parecem caracterizar a comunicação mantida entre pais e filhos (*vide* Figura 3): *metacomunicação* (seis sub-categorias), *problemas comunicacionais* (seis sub-categorias), *atitude parental* (quatro sub-categorias), *atitude filial* (quatro sub-categorias), *estabelecimento de regras e limites* (três sub-categorias), *afeto* (três sub-categorias) e *partilha de situações problemáticas* (dois sub-categorias).

⁹ A apresentação dos resultados é feita com base no número de referências que os participantes fizeram às dimensões e sub-dimensões.

Figura 3

Árvore de categorias elaborada pelo software NVivo8



A categoria *metacomunicação* refere-se aos indicadores comunicacionais positivos que permitem o esclarecimento de conteúdos e papéis, promovendo o estabelecimento de uma comunicação aberta. Esta dimensão resulta da definição original de metacomunicação proposta por Watzlawick et al. (1993) “Quando deixamos de usar a comunicação para comunicar mas a empregamos para comunicar sobre comunicação (...) isto tem o nome de metacomunicação” (p. 36). Inclui, como sub-categorias, a *livre expressão*, a *satisfação com a comunicação*, a *adequação da linguagem*, a *pontuação da comunicação*, a *clarificação de papéis e de conteúdos* e o *otimismo comunicacional*. A dimensão *problemas comunicacionais* diz respeito aos aspetos menos positivos da comunicação parento-filial, nomeadamente, *padrões de interação negativos*, *conflito* (simétrico ou complementar), *paradoxalidade*, *desvalorização* e *coligações*. As referências relativas às *atitudes filiais* (*time-out*, *responsabilidade*, *empatia* e *negociação*) e às *atitudes parentais* (*proteção*, *expectativas*, *autorreferência* e *disponibilidade*) relacionam-se com as posturas de interação consideradas adequadas e promotoras de uma comunicação eficaz e funcional, tal como é comprovado teoricamente (Holden & Buck, 2002; Segrin & Flora, 2005). O *estabelecimento de regras e limites* refere-se ao estilo de negociação parental e ao exercício da função executiva (Herbert, 2004) e integra sub-dimensões como o *acordo parental*, *negociação* e *advertência*. Por

sua vez, a expressão do *afeto* está relacionada com a manifestação de um comportamento vinculativo e, por sua vez, adaptativo (Floyd & Morman, 2003), podendo ocorrer de uma forma *verbal* e/ou *não-verbal* (Segrin & Flora, 2005). Finalmente, a categoria *partilha de situações problemáticas* está relacionada com a *confiança* e/ou *dificuldade na partilha de problemas* entre pais e filhos (Barnes & Olson, 1985; Segrin & Flora, 2005).

Com o intuito de garantir a fiabilidade das categorias finais que emergiram deste estudo, solicitou-se a dois observadores (com formação na área da psicologia da família) que codificassem as entrevistas de modo independente (Zwick, 1988). Com base nesta codificação calculou-se o acordo interobservadores no sentido de apurar a qualidade e estabilidade das dimensões finais (Zwick, 1988). Assim, o teste estatístico *Cohen's Kappa* revelou um nível de acordo de .79, valor considerado excelente pela literatura (Hill & Hill, 2009).

DISCUSSÃO

O primeiro vínculo afetivo/emocional de qualquer pessoa ocorre no contexto familiar, particularmente, na relação que une pais e filhos. A comunicação assume-se como elemento delineador da identidade e da realidade familiar, mas também das relações que se estabelecem nesse sistema (Segrin & Flora, 2005). O presente estudo reforçou a importância da comunicação parento-filial, consolidando o pressuposto do modelo da pragmática da comunicação humana (1993) “é impossível não comunicar”.

Apesar de existir um vasto corpo teórico sobre o tema (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Herbert, 2004; Segrin & Flora, 2005; Watzlawick et al., 1993), verifica-se uma lacuna ao nível de estudos empíricos, em particular, de estudos de cariz qualitativo. Assim, a presente investigação, através de uma metodologia mista (qualitativa e quantitativa), permitiu a identificação de dimensões da comunicação parento-filial com base na frequência de referências às unidades de análise que surgiram durante a análise de conteúdo.

As dimensões da comunicação parento-filial que foram destacadas ao longo das entrevistas foram: (a) *metacomunicação*, (b) *problemas comunicacionais*, (c) *atitudes parentais*, (d) *atitudes filiais*, (e) *estabelecimento de regras e limites*, (f) *afeto* e (g) *partilha de situações problemáticas*. Cada uma destas dimensões é composta por sub-dimensões, revelando consistência e coerência com a literatura teórica que tem conceptualizado a comunicação na relação parento-filial (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Herbert, 2004; Segrin & Flora, 2005; Watzlawick et al., 1993).

Todas as dimensões que emergiram deste estudo parecem caracterizar a relação entre progenitores e filhos em termos comunicacionais. A *metacomunicação* integra uma série de

sub-dimensões que promove a manutenção de uma comunicação satisfatória e harmoniosa. Esta dimensão é referida de forma substancial ao longo das entrevistas e, numa perspetiva teórica, está relacionada com a troca de mensagens positivas entre os elementos da família possibilitando uma melhor gestão dos fatores de *stress* (Olson, 1993). A quantidade de tempo e de comunicação que se estabelece entre progenitores e filhos nem sempre é sinónimo de qualidade e, por esse motivo, há que ter em conta características como a clareza comunicacional, clarificação de papéis, otimismo, livre expressão, entre outros (Segrin & Flora, 2005).

Os *problemas comunicacionais* também foram referidos pelos participantes deste estudo. A existência de uma comunicação baseada no esclarecimento do conteúdo e da relação não impede o aparecimento de algumas dificuldades comunicacionais entre pais e filhos, até porque a existência de conflito é característica da relação humana (Relvas, 1996). Os problemas comunicacionais surgem quando os elementos da família se focam nos aspetos negativos da comunicação, tais como, estilos de interação negativos, paradoxalidade, seletividade e precaução relativamente aos conteúdos comunicacionais partilhados (Olson et al., 1985).

As *atitudes* adotadas tanto pelos pais como pelos filhos são descritas neste estudo como potenciadoras, por um lado, de uma comunicação positiva e, por outro, de problemas comunicacionais. A dimensão atitudinal tem uma importância central na gestão da comunicação e do exercício da parentalidade, influenciando os comportamentos e, desse modo, os *outcomes* comportamentais de pais e de filhos (Holden & Buck, 2002). Os resultados relativos às atitudes parentais mais frequentes indicam uma atitude parental positiva: as expectativas e a empatia parental implicam a aceitação da criança/adolescente como pessoa (Silveira, Pacheco, Cruz, & Schneider, 2005), enquanto a preocupação e proteção por parte dos pais sugere um estilo parental proativo, fundamental para a manutenção, de forma firme e consistente, da disciplina (Segrin & Flora, 2005; Silveira et al., 2005). As atitudes filiais emergentes, tais como empatia, responsabilidade e *time-out*, demonstram uma atitude positiva por parte dos filhos perante as solicitações dos progenitores.

O *estabelecimento de regras e limites* parece ser uma dimensão também central na comunicação entre progenitores e filhos. Para além de ter sido referido com frequência, surge como um elemento integrado na relação quotidiana de progenitores e filhos. O estabelecimento de regras e limites define-se, essencialmente, pela possibilidade de negociação parento-filial e pelo acordo parental relativamente às estratégias educativas utilizadas. Neste estudo verificou-se que a advertência é frequentemente adotada como estratégia para delimitar os comportamentos dos filhos.

A expressão do *afeto* foi referida, de modo transversal, tanto por pais como por filhos. Segrin e Flora (2005) acentuam a importância desta dimensão para o desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais. Floyd e Morman (2003) conceptualizaram esta temática através da teoria da troca de afeto, postulando que a expressão de afeto é um

comportamento adaptativo que contribui para a sobrevivência e procriação do ser humano, sendo concretizado por mensagens verbais (especialmente durante a infância) e mensagens não-verbais (Segrin & Flora, 2005). Apesar da importância da co-ocorrência de mensagens afetivas verbais e não-verbais, Segrin e Flora (2005) indicam que a expressão do afeto não-verbal é mais poderosa e, desse modo, pode ser comunicada isoladamente desde que não seja acompanhada por mensagens de afeto inconsistentes.

Finalmente, a *partilha de situações problemáticas* é também pontuada, pelos participantes deste estudo, como sendo um elemento importante na comunicação entre pais e filhos. Esta dimensão implica a partilha de problemas pessoais e questões íntimas relacionadas com o trabalho, amizades, família, entre outras. Para que esta partilha seja levada a cabo é necessário que exista um balanceamento entre a confiança parento-filial e a privacidade de cada um dos elementos.

CONCLUSÃO

Os resultados obtidos reafirmam a complexidade e a importância da comunicação entre progenitores e filhos, revelando indicadores concretos, nomeadamente as sete dimensões e respetivas sub-dimensões emergentes. Esta investigação apresenta, porém, algumas limitações: (a) o facto de ter sido realizada com poucos participantes, (b) existe pouca variabilidade nas idades dos filhos entrevistados e alguns desequilíbrios nas suas características sócio-demográficas, e (c) considera-se pertinente homogeneizar a metodologia de recolha de informação. Finalmente, há que mencionar a dificuldade de análise que este género de pesquisa suscita já que implica dados dispersos e simultaneamente detalhados.

A realização deste estudo abre possibilidades de investigação a curto e médio prazo. Identificadas as principais dimensões da comunicação (1ª fase), pode-se avançar para a construção de uma escala de avaliação da comunicação parento-filial (2ª fase) que promova diretrizes específicas de avaliação e intervenção clínica/forense. A elaboração de uma escala de avaliação da comunicação na parentalidade facilitará o estudo da população geral e de populações específicas, consideradas de risco pelas suas características estruturais (e.g., famílias em processo de regulação das responsabilidades parentais). Deste modo, os psicólogos que trabalham em colaboração com o contexto judicial poderão realizar avaliações fundamentadas acerca de uma das dimensões relacionais mais importantes entre pais e filhos: a comunicação (Lago & Bandeira, 2008).

CAPÍTULO III

ESCALA DE AVALIAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NA PARENTALIDADE (COMPA): DESENVOLVIMENTO E VALIDAÇÃO DE UMA MEDIDA DA COMUNICAÇÃO PARENTO-FILIAL¹⁰

Resumo

Neste trabalho foram apresentadas as características psicométricas das versões da *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)*: versão parental, versão adolescentes (12-16 anos) e versão crianças (7-11 anos). Este instrumento tem por objetivo avaliar as percepções de progenitores e filhos sobre a comunicação que mantêm. O estudo foi realizado com uma amostra de 803 progenitores e 619 filhos da população portuguesa. Os resultados da análise de componentes principais revelaram uma estrutura de cinco fatores para a versão parental (*expressão do afetivo e apoio emocional*, α : .82; *disponibilidade parental para a comunicação*, α : .73; *metacomunicação*, α : .73; *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos*, α : .75; *confiança / partilha de filhos para progenitores*, α : .62) e para a versão adolescentes (*disponibilidade parental para a comunicação*, α : .87; *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores*, α : .87; *expressão do afeto e apoio emocional*, α : .84; *metacomunicação*, α : .81; *padrão comunicacional negativo*, α : .65) e de dois fatores para a versão das crianças (*disponibilidade parental para a comunicação*, α : .84; *expressão do afeto e apoio emocional*, α : .78). Esta estrutura fatorial exploratória foi confirmada pela análise de equações estruturais. Os níveis de consistência interna revelaram-se bons para fins clínicos e de investigação.

Palavras-chave: comunicação parento-filial; crianças em idade escolar; adolescentes; validação.

¹⁰ Portugal, A., & Alberto, I. (in press). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana* (impact factor: 0.176) Aceite para publicação em 25/07/2013.

Abstract

The main goal of this study was the presentation of Perception Scale of Parenting Communication (COMPA) psychometric characteristics: parental version, adolescent version (12-16 years old) and children version (7-11 years old). This instrument have the purpose of evaluate parental and children percepçion about their communication. The sample was composed by 803 parents and 619 children collected from Portuguese population. The results of exploratory factor analysis revealed a five-factor structure for parental version (*emotional support / affective expression*, α : .82; *parental availability to communication*, α : .73; *metacommunication*, α : .73; *parental confidence / sharing*, α : .75; *children confidence / sharing*, α : .62) and for adolescent version (*parental availability to communication*, α : .87; *children confidence / sharing*, α : .87; *emotional support / affective expression*, α : .84; *metacommunication*, α : .81; *negative communication patterns*, α : .65) and two-factor structure for children version (*parental availability to communication*, α : .84; *emotional support / affective expression*, α : .78). This factorial structure was confirmed by structural equations analysis. COMPA' nivels of internal consistency seems to be good for research and clinical use.

Keywords: parent-child communication, school-age children, adolescents, validation.

Resumen

Este trabajo presenta las características psicométricas de las versiones de la Escala de Evaluación de la Comunicación en la Parentalidad (COMPA): versión parental, versión para adolescentes (12-16 años) y versión para niños (7-11 años). Esta es una prueba que tiene el objetivo de evaluar las percepciones de padres e hijos sobre la comunicación que mantienen. El estudio ha sido realizado con una muestra de 803 padres y 619 hijos de la población portuguesa. Los resultados del análisis de los componentes principales han revelado una estructura de cinco factores para la versión parental (*expresión afectiva / apoyo emocional*, α : .82; *disponibilidad parental para la comunicación*, α : .73; *metacomunicación*, α : .73; *compartir / confianza de los padres en los hijos*, α : .75; *compartir / confianza de los hijos en los padres*, α : .62) y para la versión de adolescentes (*disponibilidad parental para la comunicación*, α : .87; *compartir / confianza de los hijos en los padres*, α : .87; *expresión afectiva / apoyo emocional*, α : .84; *metacomunicación*, α : .81; *patrones negativos de comunicación*, α : .650) y de dos factores para la versión de los niños (*disponibilidad parental para la comunicación*, α : .84; *expresión afectiva / apoyo emocional*, α : .78). Esta estructura factorial exploratoria fue confirmada mediante un análisis de ecuaciones estructurales. Los niveles de consistencia interna se han revelado buenos para el propósito de investigación y evaluación clínica.

Palabras clave: comunicación parento-filial; niños en edad escolar; adolescentes; validación.

INTRODUÇÃO

A comunicação é um processo contínuo de transmissão de mensagens que integra diferentes contextos, realidades e sociedades/culturas (Barker, 1987; Fiske, 2005). Esta é uma dimensão fundamental no contexto familiar, particularmente na relação parento-filial (Carr, 2006; Segrin & Flora, 2005) uma vez que promove o desenvolvimento global e individual dos seus elementos. É a partir deste construto que se definem os papéis familiares (e.g., pai, mãe, filho), as regras (e.g., horários), os padrões comportamentais (e.g., partilha, conflito) e as funções que cada um exerce (e.g., dar suporte emocional e/ou físico) (Vangelisti, 2004).

A importância que a comunicação parento-filial assume reflete-se na grande quantidade de investigações realizadas. Miller-Day e Kam (2010) levaram a cabo um estudo com o intuito de explorar a eficácia da comunicação parento-filial sobre as expectativas e comportamentos de crianças em idade escolar em relação ao álcool. Esta investigação concluiu que a abertura e a frequência comunicacional entre progenitores e filhos pode influenciar as perceções que as crianças têm sobre o consumo de álcool. Os resultados sugerem ainda que uma comunicação parento-filial mais complexa e detalhada sobre o tópico pode ter maior influência na determinação das expectativas e dos comportamentos futuros.

Watzlawick et al. (1993) analisaram a comunicação patológica e identificaram cinco axiomas da comunicação e as suas respetivas distorções. Os autores partiram do pressuposto de que, por vezes, a comunicação entre os seres humanos é enviesada por diversas variáveis (e.g., mal-entendidos), o que pode promover dinâmicas familiares negativas e, inclusivamente, patológicas. Wichstrom et al. (1994) analisaram longitudinalmente os efeitos da comunicação familiar desqualificante com filhos de pacientes psiquiátricos. Os autores concluíram que os filhos que são alvo de altos níveis de desqualificação tendem a ser socialmente menos competentes do que aqueles que foram alvo de níveis menores de desqualificação. O estudo corrobora os pressupostos de Watzlawick et al. (1993) de que nem todos os tipos de comunicação são aceitáveis ou contribuem para um desenvolvimento saudável.

A investigação sobre a comunicação familiar enquadrada no exercício da parentalidade sugere a existência de diferenças em função do sexo relativamente ao estabelecimento da comunicação, existindo indicadores de que os adolescentes de ambos os sexos tendem a procurar mais as mães do que os pais para comunicar (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002). Jiménez e Delgado (2002) verificaram que o nível de conflituosidade entre progenitores e filhos é percecionado de forma mais intensa por parte dos rapazes do que das adolescentes.

A influência da comunicação familiar sobre a saúde, física e mental, também tem sido alvo de investigação. Rivero-Lazcano, Matínez-Pampliega e Iraurgi (2011) desenvolveram

um estudo com o intuito de analisar o efeito de algumas variáveis familiares (coesão, adaptabilidade e satisfação) na relação entre comunicação e sintomas psicossomáticos. Os resultados revelaram que os elementos de famílias que têm papéis e estilos de liderança indefinidos tendem a manifestar mais comportamentos psicossomáticos do que os elementos de famílias onde existe uma comunicação clara e aberta, isto é, expressão aberta de pensamentos e sentimentos. No mesmo sentido, Segrin (2006) demonstrou que famílias que recorrem a estratégias positivas de comunicação e que procuram gerar interações harmoniosas entre os seus membros tendem a ser mais saudáveis do que aquelas que mantêm relações conflituosas. Xiao, Li e Staton (2010) examinaram a concordância entre as percepções parentais e as percepções filiais, relativamente à comunicação mantida, bem como a associação da comunicação percebida com o ajustamento psicossocial das crianças. Os autores concluíram que os filhos que percebem baixos níveis de comunicação aberta com os seus progenitores tendem a demonstrar um ajustamento psicossocial pobre, independentemente da percepção parental.

Face à importância dos padrões comunicacionais no desenvolvimento individual e familiar, surgiram vários modelos teóricos que se debruçam sobre a compreensão do funcionamento familiar e da comunicação intrafamiliar (Beavers & Hampson, 2000; Miller et al., 2000; Olson, 2000; Skinner et al., 2000; Wilkinson, 2000). Estas abordagens dão ênfase às propriedades sistémicas da família como um todo, focando-se nas suas forças e competências, em detrimento do foco nas características intrapsíquicas dos indivíduos que compõem a família. Com base nestes modelos foram desenvolvidos estudos empíricos e escalas de avaliação do funcionamento familiar. Porém, estas escalas revelam-se insuficientes, apresentando algumas limitações: (a) estes modelos não têm uma definição convergente sobre a comunicação familiar, facto que suscita algumas questões relacionadas com a validade do construto que está a ser medido; (b) os procedimentos levados a cabo para definir as dimensões que cada modelo avalia não estão clarificados; (c) estes instrumentos de avaliação não estão traduzidos nem adaptados para a população portuguesa; (d) as medidas de avaliação desenvolvidas focam-se na adolescência (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Tomé et al., 2012; Tribuna, 2000), ficando por abarcar as faixas etárias mais jovens (e.g., crianças em idade escolar); e (e) nenhuma das medidas apresentadas foi desenvolvida especificamente para avaliar a comunicação parento-filial numa perspetiva multidimensional e em diferentes etapas do ciclo vital.

Em Portugal, existem poucos estudos sobre este tema. Uma possível explicação prende-se com a inexistência de escalas especificamente validadas que analisem a comunicação parento-filial. Exemplo disto foi o estudo realizado por Tribuna (2000) com o objetivo de investigar a vinculação e a comunicação em adolescentes que vivem em famílias de acolhimento. Esta investigação recorreu a uma escala que não está validada para a população Portuguesa (*Parent-Adolescent Communication Scale*, Olson, 2000).

Assim, o objetivo do presente estudo é a validação de uma escala de avaliação da comu-

nicação na parentalidade, construída de raiz, que pretende contemplar a multidimensionalidade do conceito e abarcar duas etapas do ciclo vital da família, nomeadamente *família com filhos em idade escolar* (7 aos 11 anos) e *famílias com filhos adolescentes* (12 aos 16 anos) (Hoffman, 1995; Relvas, 1996).

MÉTODO

Amostra

Trata-se de uma amostragem por conveniência composta por 1422 sujeitos: 803 progenitores, 276 adolescentes (12 aos 16 anos) e 343 crianças em idade escolar (7 aos 11 anos), sem grau de parentesco entre si.

A amostra dos progenitores foi constituída por 141 pais e 662 mães ($n = 803$), com idades compreendidas entre os 24 e os 67 anos ($M = 41.30$, $SD = 5.96$), com diferentes graus de escolaridade (até ao 4º ano de escolaridade: 6.5%; do 6º ao 12º ano de escolaridade: 39.4%; ensino superior: 52%). Relativamente ao estatuto socioeconómico (de acordo com os critérios do INE, cruzando o nível de escolaridade com a profissão) verificou-se que 22% dos progenitores pertence à classe baixa, 71.1% à classe média e 5.7% à classe alta; ao nível da composição familiar, 85.2% dos progenitores integra um núcleo familiar intato, 13.1% constituem famílias monoparentais e 1.7% integram famílias reconstituídas. Considerando a etapa do ciclo vital da família, 58.2% dos progenitores têm filhos em idade escolar (7 aos 11 anos) e 41.8% têm filhos adolescentes (12 aos 16 anos).

A amostra composta pelos adolescentes integra 126 participantes do sexo masculino e 150 do sexo feminino ($n = 276$), com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos ($M = 13.61$, $SD = 1.30$) e diferentes graus de escolaridade (até ao 4º ano de escolaridade: 0.7%; do 5º ao 6º ano de escolaridade: 23.2%; do 7º ao 9º ano de escolaridade: 70.7%; do 10º ao 12º ano de escolaridade: 5.4%); relativamente ao estatuto socioeconómico verificou-se que 6.2% dos adolescentes pertence à classe baixa, 85.5% à classe média e 6.5% à classe alta; ao nível da composição familiar, 74.6% dos adolescentes integra um núcleo familiar intacto, 14.5% fazem parte de famílias monoparentais e 10.9% integram famílias reconstituídas.

Por fim, a amostra das crianças em idade escolar é composta por 151 meninos e 192 meninas ($n = 343$), com idades entre os 7 e os 11 anos ($M = 9.66$, $DP = 1.32$). Destas crianças, 53.6% frequentam o ensino básico (até ao 4º ano de escolaridade) e 46.4% estudam entre o 5º e o 6º ano de escolaridade; em termos do estatuto socioeconómico constata-se que 5.5% das crianças pertencem à classe baixa, 85.4% à classe média e 8.7% à classe alta; relativamente à composição familiar, 83.7% das crianças integram um agregado nuclear intacto, 10.2% pertencem a famílias monoparentais e 6.1% integram famílias constituídas.

Instrumentos

Foi desenvolvida a *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* (COMPA) com base em três etapas: (a) revisão da literatura, no sentido de identificar as dimensões consideradas mais relevantes para a comunicação parento-filial, a partir das quais foi desenhada uma entrevista semiestruturada para aplicar a progenitores e a filhos; (b) realização de entrevistas individuais a progenitores e de grupos focais a adolescentes e crianças em idade escolar, de acordo com um desenho de investigação misto (análise qualitativa e quantitativa), com recurso ao *software* NVivo8 para a categorização dos dados provenientes das entrevistas (Portugal & Alberto, 2013); e (c), por fim, elaboração de um conjunto de itens, com base nas sete dimensões reveladas pelo estudo qualitativo (*afeto, atitude filial, atitude parental, estabelecimento de regras e limites, metacomunicação, partilha de situações problemáticas e problemas comunicacionais*). Este trabalho resultou em três versões da escala COMPA: uma versão para pais/mães (COMPA-P), uma versão para filhos entre os 7 e os 11 anos (idade escolar) (COMPA-C), e uma versão para filhos entre os 12 e os 16 anos (adolescentes) (COMPA-A). As três versões da escala COMPA são respondidas numa escala de *Likert* (1 = *Nunca*; 2 = *Raramente*; 3 = *Às vezes*; 4 = *Muitas vezes*; 5 = *Sempre*) e a sua cotação é feita a partir do somatório dos itens e divisão pelo total de itens de cada subescala. O objetivo deste instrumento consiste na avaliação das perceções de progenitores e de filhos, nestas duas etapas do ciclo vital da família, sobre a comunicação que mantém entre si¹¹.

Procedimentos

A escala COMPA-P (versão parental) foi administrada por duas vias: *online* ($n = 342$) e através da aplicação tradicional de papel e lápis ($n = 461$), tratando-se de uma amostragem por conveniência. A divulgação do estudo foi realizada: (a) através da criação de uma página *web*, onde foram apresentados os objetivos do estudo e disponibilizada a escala para os progenitores que estivessem interessados em colaborar; e (b) a partir da distribuição de panfletos por diversas Associações de Pais e Encarregados de Educação e por escolas que aceitaram participar no estudo. Em qualquer uma das metodologias de recolha de protocolos os participantes foram informados sobre o sigilo, anonimato e confidencialidade das suas respostas. Os progenitores cuja aplicação do questionário foi feita em papel, levaram cerca de 15 a 20 minutos a preenchê-lo.

Relativamente à aplicação das versões dos filhos (COMPA-A e COMPA-C), foi necessário submeter o projeto de investigação à avaliação da Direção de Serviços de Inovação Educativa, um Departamento do Ministério da Educação Português¹². Esta comissão avaliou os parâmetros de aplicação das versões da COMPA, assim como as questões éticas associadas. Depois da aprovação por parte deste órgão, solicitou-se a colaboração de várias escolas do

¹¹ Vide versões da escala COMPA para validação no Apêndice B.

¹² Vide declaração de autorização do serviço de Inovação Educativa no Apêndice C.

país, sobretudo da zona centro. Os professores das escolas que aceitaram participar no estudo distribuíram dois documentos pelos seus alunos: (a) um panfleto informativo sobre o estudo e (b) o consentimento informado a assinar pelo encarregado de educação. Os alunos, cujos progenitores autorizaram a participação no estudo, preencheram o protocolo em contexto escolar durante o período de aulas. Este preenchimento demorou cerca de 15 a 20 minutos para os alunos dos 12 aos 16 anos e cerca de 30 a 40 minutos para os alunos dos 7 aos 11 anos. Tanto a escala COMPA-C como a escala COMPA-A é constituída por duas folhas de resposta, equivalentes: uma em relação à comunicação estabelecida com o pai e outra relativa à comunicação estabelecida com a mãe. Deste modo, a maior parte das crianças e dos adolescentes que participaram no presente estudo partilharam a perceção sobre a comunicação que mantêm com ambos os progenitores, à exceção daqueles que coabitam ou têm menos contacto com um dos progenitores. A aplicação do instrumento foi feita com base em instruções estandardizadas, solicitando-se aos participantes que assinalassem em cada item, numa escala de 1 a 5, qual a perceção que tinham sobre a comunicação estabelecida com os filhos (COMPA-P) ou com as figuras parentais (COMPA-C e COMPA-A). Com a exceção dos questionários respondidos *online*, houve disponibilidade de um elemento da equipa de investigação para administrar e esclarecer qualquer dúvida que pudesse surgir ao longo do processo de preenchimento (foram, sobretudo, as crianças com idades entre os 7 e os 9 anos que solicitaram ajuda no decorrer do processo de preenchimento).

Análise estatística

A análise estatística utilizada foi a mesma para as três versões da escala COMPA. Assim, a estrutura fatorial das versões da COMPA foi determinada através do método de análises de componentes principais, com rotação *varimax*, para o conjunto inicial de itens distribuídos pelas sete dimensões referidas na secção anterior. Os critérios de decisão para a solução final de fatores foram: (a) o valor de *Kaiser-Meyer-Olkin*, (b) o valor do teste de esfericidade de *Bartlett*, e (c) a análise do método *scree-plot*. Todos os itens que apresentaram um peso inferior a .30 foram eliminados e todos os itens que apresentaram um peso superior a .30 em pelo menos dois fatores foram distribuídos pelo fator onde a sua saturação era maior.

Depois de determinada a estrutura fatorial exploratória das versões da COMPA, foram realizadas análises confirmatórias das estruturas fatoriais encontradas. Para efetuar essas análises recorreu-se ao *software* AMOS 18. Para o teste de ajuste do modelo proposto foram analisados os seguintes índices: χ^2 , CFI (*Comparative Fit Index*), RMSEA (*Root Mean Square Error of Aproximation*) e IFI (*Incremental Fit Index*). De acordo com Schermelleh-Engel, Moosbrugger, e Müller (2003) os valores $\chi^2 \leq 3df$, $RMSEA \leq 0.08$, e $CFI/IFI \geq 0.95$ indicam um ajuste aceitável do modelo, enquanto que os valores $\chi^2 \leq 2df$, $RMSEA \leq 0.05$, e $CFI/IFI \geq .97$ indicam um bom ajuste do modelo. A supremacia de um modelo sobre o outro foi determinada através das médias do critério AIC (*Akaike's information criterion*).

Para as três versões da COMPA foram comparados dois modelos fatoriais: um modelo oblíquo, no qual os itens estão distribuídos por fatores e estes, por sua vez, estão relacionados entre si (Modelo 1) e um modelo de um único fator, no qual todos os itens são indicadores da variável latente *comunicação parento-filial* (Modelo 2).

Depois de determinada a estrutura fatorial das versões da COMPA, realizaram-se estudos de fiabilidade das escalas através de análises de consistência interna pela determinação do alfa de *Cronbach* e da correlação item-escala total. As correlações entre as diferentes subescalas e entre estas e o total das versões da COMPA foram também averiguadas através do cálculo de coeficiente de *Pearson*. Por fim, foram explorados os dados relativos à estatística descritiva das diferentes subescalas, em função do sexo e das idades dos participantes, através do cálculo de médias e desvios-padrão.

RESULTADOS COMPA-P

Análise fatorial exploratória

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-P, o que foi confirmado através dos índices de $KMO = .94$ e do Teste de Esfericidade de *Bartlett*, $\chi^2 (946) = 10282.662$, $p < .000$. A rotação *varimax* produziu uma estrutura fatorial constituída por cinco fatores que explicam 42% da variância, e não por sete fatores como inicialmente se previa. Do conjunto de 71 itens iniciais foram eliminados 28 com peso inferior a .30 nos fatores. A partir da análise dos itens de cada um dos fatores, as dimensões passaram a designar-se da seguinte forma (*vide* Tabela 4): (fator 1) *expressão do afeto e apoio emocional*, (fator 2) *disponibilidade parental para a comunicação*, (fator 3) *metacomunicação*, (fator 4) *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos* e (fator 5) *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores*.

A dimensão *expressão do afeto e apoio emocional* (12 itens) explica 9.9% da variância e refere-se à troca de mensagens positivas entre os membros da família e a algumas características da comunicação como: clareza, resolução de problemas, suporte emocional, apoio verbal, demonstração de afeto e empatia; a segunda dimensão, *disponibilidade parental para a comunicação* (8 itens), explica 9.8% da variância e diz respeito à sinceridade nas respostas às questões dos filhos, à abertura comunicacional e ao equilíbrio entre estes aspetos e a privacidade; a terceira dimensão, *metacomunicação* (8 itens), explica 8% da variância e remete para a capacidade dos progenitores utilizarem uma comunicação esclarecedora evitando estratégias manipulativas e de controlo; por fim, a quarta (*confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos*, 7 itens) e quinta dimensão (*confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores*, 7 itens) explicam 7.2% e 6.9%, respetivamente, da variância e são relativas à partilha equilibrada de questões e problemas

peçoais, de progenitores e de filhos, sobre trabalho, relacionamentos, amizades, família.

Tabela 4

Resultados da Análise de Componentes Principais com Rotação Varimax e Alfa de Cronbach – COMPA-P

Nº	Descrição do Item	Saturação	α
Fator 1 - Expressão do Afeto e Apoio Emocional			.82
% Variância explicada: 9.9 %			
10	O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo.	.40	.907
17	Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado.	.36	.910
18	Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho.	.66	.908
19	É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho.	.41	.908
20	Explico as regras ao meu filho.	.44	.908
28	Digo ao meu filho que gosto dele.	.64	.907
29	Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas.	.56	.908
30	Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o desvalorize ou envergonhe.	.43	.908
34	O meu filho gosta muito de conversar comigo.	.47	.906
37	Procuo animar o meu filho quando ele está mais em baixo e/ou triste.	.64	.907
39	Preocupo-me com os sentimentos do meu filho.	.66	.908
44	O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto.	.34	.907
Fator 2 – Disponibilidade Parental para a Comunicação			.73
% Variância explicada: 9.8 %			
9	O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele.	.57	.907
11	É fácil impor regras e limites ao meu filho.	.62	.909
24	Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho.	.45	.907
26	O meu filho entende aquilo que lhe quero dizer.	.50	.907
31	Quando eu e o meu filho nos zangamos discutimos conflituosamente.	-.56	.909
40	O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso.	.51	.907
42	Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim.	.59	.907
43	Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho.	-.50	.913
Fator 3 – Metacomunicação			.73
% Variância explicada: 8 %			
3	Procuo escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho.	.30	.909
5	Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder com clareza e de forma sincera	.49	.909
22	Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos resolve-lo.	.43	.906
23	Tento compreender o ponto de vista do meu filho.	.52	.907
25	Sou capaz de dizer ao meu filho o que me está a incomodar.	.51	.910
33	Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado.	.44	.910
35	Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê.	.65	.909
38	Quando o meu filho não está a compreender o que digo, procuro explicar de outra forma.	.59	.907
Fator 4 - Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos			.753
% Variância explicada: 7.2%			
2	Sinto que posso confiar no meu filho e contar-lhe todos os meus problemas.	.72	.908
4	Eu sei que posso contar com o meu filho para me apoiar.	.58	.908
6	Sinto que posso confiar no meu filho.	.46	.907
7	Quando quero falar sobre alguma coisa, é com o meu filho que gosto de conversar.	.74	.909
8	Converso com o meu filho sobre a minha infância e a forma como fui educado/a.	.43	.908
27	Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante.	.41	.909
41	Converso com o meu filho quando me sinto aborrecido/a.	.64	.908
Fator 5 - Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores			.62
% Variância explicada: 6.9 %			
12	Sei como o meu filho se sente sem ter de lhe perguntar.	.53	.909
13	Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo.	.41	.907
14	Compreendo os problemas e preocupações do meu filho.	.48	.907
15	Quando o meu filho está aborrecido/zangado comigo, explica-me claramente o que sente.	.61	.907
16	O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação	.62	.907
21	Gostava que o meu filho fosse criança para sempre.	.34	.917
32	O meu filho conversa comigo sobre as obrigações/responsabilidades que tem.	.44	.906
Total COMPA-P			.91

Análise fatorial confirmatória

Tal como pode ser visto na Tabela 5, de acordo com os índices referidos (RMSEA, CFI/IFI), a COMPA-P apresenta um bom ajuste em todos os índices. De acordo com o AIC, constata-se que o Modelo 1 é superior ao Modelo 2, isto é, o modelo oblíquo explica em melhor medida a estrutura fatorial da COMPA-P, confirmando os dados da análise fatorial exploratória¹³.

Tabela 5

Análise Fatorial Confirmatória da Escala COMPA-P

		χ^2 (df)	RMSEA (90%CI)	[C I]	CFI	IFI	AIC
COMPA- P	1 Fator	428.26 (54)	.09	[.085 ; .101]	.89	.89	500.26
	5 Fatores	143.83 (44)	.05	[.044 ; .063]	.97	.97	235.83

Nota. Comparação do modelo: para cada versão, o “melhor” modelo (i.e. com menor valor de AIC) encontra-se em itálico.

Fiabilidade

Para averiguar a fiabilidade da COMPA-P foram realizadas análises de consistência interna (*vide* Tabela 4) para a escala total e para as diferentes subescalas, atendendo à cotação invertida de alguns itens. A consistência interna foi analisada para o conjunto de 71 itens, verificando-se um alfa de *Cronbach* global de .77. Depois de removidos os 27 itens, com peso inferior a .30, o alfa de *Cronbach* global passou a .91, valor considerado excelente pela literatura (Nunally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunally (1978) os valores do coeficiente de alfa de *Cronbach* para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (Fator 1: .82; Fator 2: .73; Fator 3: .73; Fator 4: .75; Fator 5: .62).

Alguns autores defendem que o cálculo do coeficiente de alfa deve ser complementado pela análise dos valores das correlações médias interitem, uma vez que um elevado valor de alfa pode significar redundância e não uma adequada consistência interna. Os valores da correlação média interitem para a escala global e para as subescalas (intervalo: .33 a .57), estão dentro dos valores recomendados por Briggs e Cheek (1986).

Correlação entre as subescalas e a escala total

Como se pode observar na Tabela 6, a análise das correlações entre as subescalas revela correlações positivas moderadas e estatisticamente significativas entre as cinco subescalas

¹³ *Vide* modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-P em Apêndice D.

(intervalo: $r = .42$ a $r = .65$, $p = .000$). Os valores de *Pearson* revelam, também, correlações positivas fortes e estatisticamente significativas entre as subescalas e a escala global (intervalo: $r = .72$ a $r = .87$, $p = .000$).

Tabela 6

Correlações de Pearson entre as Subescalas da Escala COMPA-P

Subescalas	I	II	III	IV	V
COMPA-P					
I. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	–	.59*	.65*	.54*	.61*
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	.59*	–	.44*	.45*	.49*
III. Metacomunicação	.65*	.44*	–	.42*	.56*
IV. Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores	.54*	.45*	.42*	–	.42*
V. Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos	.61*	.49*	.56*	.42*	–
Total	.87*	.77*	.75*	.72*	.77

*. A correlação é significativa ao valor .01 level (2-tailed).

Estatística descritiva das subescalas

As médias e os desvios-padrão das pontuações das cinco subescalas para os progenitores encontram-se na Tabela 7. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. A subescala *expressão do afeto e apoio emocional* apresenta as pontuações mais elevadas (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.25 e 4.42), seguindo-se as pontuações da escala *metacomunicação* (pontuações médias dos itens de 4.18 para o pai e de 4.28 para a mãe), depois as pontuações da escala *disponibilidade parental para a comunicação* (pontuações médias dos itens de 4.06 para o pai e de 4.03 para a mãe), de seguida as pontuações da escala *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* (pontuações médias dos itens de 3.78 para o pai e de 3.89 para a mãe) e, por fim, as pontuações da escala *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* (pontuações médias dos itens de 3.78 para o pai e de 3.99 para a mãe). Assim, constata-se que mães tendem a perceber mais positivamente a comunicação em todas as suas dimensões (exceto na dimensão *disponibilidade parental para a comunicação*, onde os pais obtêm um resultado ligeiramente superior ao das mães) comparativamente aos progenitores do sexo masculino.

Para efetuar a cotação dos resultados por subescala basta somar os itens e dividi-los pelo total de itens da escala. No entanto, há que ter em conta que os itens 31 e 43 são cotados inversamente, uma vez que se trata de itens formulados pela negativa. Desta forma,

quanto mais elevada for a pontuação em cada subescala melhor tende a ser a percepção da comunicação parento-filial.

Tabela 7

Pontuações Médias Ponderadas e Desvios-Padrão das Subescalas da Escala COMPA-P

Subescalas		M	DP
COMPA-P			
Pais (n =140); Mãe (n =652)			
I. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Pai	4.25	.48
	Mãe	4.42	.38
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Pai	4.06	.50
	Mãe	4.03	.48
III. Metacomunicação	Pai	4.18	.48
	Mãe	4.28	.46
IV. Confiança/Partilha de Progenitores para Filhos	Pai	3.78	.58
	Mãe	3.89	.47
V. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	Pai	3.78	.51
	Mãe	3.99	.46

RESULTADOS COMPA-A

Análise fatorial exploratória

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-A, o que foi confirmado através dos índices de KMO = .96 e do Teste de Esfericidade de Bartlett, $\chi^2 (741) = 10091.742, p < .000$. A rotação *varimax* produziu uma estrutura fatorial constituída por cinco fatores que explicam 59.7% da variância, à semelhança do que aconteceu na COMPA-P. Do conjunto de 65 itens iniciais foram eliminados 26 com peso inferior a .30 nos fatores e com forte influência na variação do valor do coeficiente de *alfa de Cronbach*. A estrutura fatorial final ficou composta por (*vide* Tabela 8): (fator 1) *disponibilidade parental para a comunicação*, (fator 2) *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores*, (fator 3) *expressão do afeto e apoio emocional*, (fator 4) *metacomunicação*, e (fator 5) *padrão comunicacional negativo*.

A dimensão *disponibilidade parental para a comunicação* (14 itens) explica 16.3% da variância e diz respeito à percepção de escuta atenta e ativa do progenitor em relação ao filho; a segunda dimensão, *confiança/partilha de filhos para progenitores* (7 itens), explica

11.9% da variância e refere-se à percepção da capacidade do filho de ter uma postura aberta e honesta e ser responsivo para com as figuras parentais; a terceira dimensão, *expressão do afeto e apoio emocional* (5 itens), explica 10.8% da variância e implica uma ligação afetiva entre filhos e progenitores que permita a partilha e discussão de preocupações e sentimentos pessoais; a quarta dimensão, *metacomunicação* (9 itens), explica 9.6% da variância e está relacionada com a capacidade dos filhos estabelecerem uma comunicação aberta e clara com os seus progenitores, promovendo um estilo comunicacional livre de mal-entendidos; por fim, a última dimensão, *padrão comunicacional negativo* (4 itens), explica 8.6% da variância e é uma subescala relacionada com os aspetos menos ajustados da comunicação, isto é, comportamentos comunicacionais que promovem estilos desadequados de relacionamento, acarretando sofrimento.

Tabela 8

Resultados da Análise de Componentes Principais com Rotação Varimax e Alfa de Cronbach – COMPA-A

Nº	Descrição do Item	Saturação	α
Fator 1 –Disponibilidade Parental para a Comunicação			
% Variância explicada: 16.3 %			
4	Eu e o/a meu/minha pai/mãe procuramos a melhor maneira para resolver os problemas.	.54	.941
9	O/a meu/minha pai/mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade.	.56	.943
10	Posso confiar no/na meu/minha pai/mãe e contar-lhe os meus problemas.	.51	.941
11	O/a meu/minha pai/mãe compreende os meus problemas e as minhas preocupações.	.50	.941
12	O/a meu/minha pai/mãe diz-me o que é certo e errado.	.63	.942
13	O/a meu/minha pai/mãe dá-me atenção e é carinhoso/a comigo.	.63	.941
14	O/a meu/minha pai/mãe gosta de me fazer surpresas.	.53	.942
15	Quando falo com o/a meu/minha pai/mãe ele/ela ouve-me e dá-me atenção.	.69	.941
16	O/a meu/minha pai/mãe tenta compreender aquilo que eu digo.	.64	.941
17	O/a meu/minha pai/mãe preocupa-se com o que eu sinto.	.54	.941
18	Quando preciso de conversar com o/a meu/minha pai/mãe, ele/ela mostra-se atento.	.58	.941
19	O/a meu/minha pai/mãe explica-me porque me diz não às coisas que eu peço.	.56	.942
20	O/a meu/minha pai/mãe gosta de conversar comigo.	.54	.941
21	Quando faço perguntas ao/à meu/minha pai/mãe ele/ela é sincero/a e claro/a.	.53	.941
Fator 2 – Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores			
% Variância explicada: 11.9 %			
1	Sinto-me bem com as conversas que tenho com o/a meu/minha pai/mãe.	.48	.942
2	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre os meus amigos e/ou amigas.	.59	.942
3	Converso com o/a meu/minha pai/mãe quando me sinto aborrecido/a.	.76	.942
7	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre os meus problemas.	.76	.941
30	Quando tenho preocupações (e.g. violência) converso com o/a meu/minha pai/mãe.	.55	.942
33	É fácil para mim dizer ao/à meu/minha pai/mãe aquilo que sinto.	.50	.942
34	Converso mais com o/a meu/minha pai/mãe do que com qualquer outra pessoa.	.61	.942
Fator 3 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			
% Variância explicada: 10.8 %			
23	Gosto de dar beijos e de abraçar o/a meu/minha pai/mãe.	.60	.942
29	Digo ao/à meu/minha pai/mãe que gosto dele/dela.	.70	.941
31	Procuro alegrar o/a meu/minha pai/mãe quando ele/ela está em baixo e/ou triste.	.58	.941
35	Sei que posso conversar com o/a meu/minha pai/mãe sobre o que eu quiser.	.61	.941
39	O/a meu/minha pai/mãe sabe que também pode contar comigo para o/a apoiar.	.65	.941
Fator 4 –Metacomunicação			
% Variância explicada: 9.6 %			
8	Quando converso com o/a meu/minha pai/mãe digo o que penso.	.49	.943
22	Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que o/a meu/minha pai/mãe dá.	.44	.942
24	O/a meu/minha pai/mãe explica o que sente quando está aborrecido/a ou.	.47	.942
25	Sinto que o/a meu/minha pai/mãe conversa comigo de maneira a que eu entenda.	.54	.941
27	Quando não percebo o que o/a meu/minha pai/mãe me está a dizer, digo-lhe.	.54	.941
28	Entendo o que o/a meu/minha pai/mãe me quer dizer.	.64	.942
32	Quando eu e o/a meu/minha pai/mãe discutimos, costumo ouvi-lo/la até ao fim.	.62	.943
36	Quando faço alguma coisa errada digo ao/à meu/minha pai/mãe sem medo.	.56	.942
37	O/a meu/minha pai/mãe sabe que também pode contar comigo para o/a apoiar.	.36	.942

Tabela 8**Resultados da Análise de Componentes Principais com Rotação Varimax e Alfa de Cronbach – COMPA-A (Continuação)**

Nº	Descrição do Item	Saturação	α
Fator 5 –Padrão Comunicacional Negativo			.65
% Variância explicada: 8.6 %			
5	Eu e o/a meu/minha pai/mãe ficamos chateados/as um(a) com o/a outro/a.	-.64	.948
6	Minto ao/à meu/minha pai/mãe.	-.63	.947
26	Quando tenho algum problema prefiro não contar ao/à meu/minha pai/mãe.	-.58	.950
38	Tenho dificuldade em acreditar no que o/a meu/minha pai/mãe me diz.	-.66	.948
Total COMPA-A			.94

Análise fatorial confirmatória

Tal como pode ser visto na Tabela 9, de acordo com os índices referidos (RMSEA, CFI/IFI), a COMPA-A apresenta um bom ajuste em todos os índices. De acordo com o AIC, constata-se que o Modelo 1 é superior ao Modelo 2, isto é, o modelo oblíquo explica em melhor medida a estrutura fatorial da COMPA-A, confirmando os dados da análise fatorial exploratória.¹⁴

Tabela 9**Análise Fatorial Confirmatória da Escala COMPA-A**

		χ^2 (df)	RMSEA (90%CI)	[C I]	CFI	IFI	AIC
COMPA - A	1 Fator	324.97 (65)	.09	[.077 ; .096]	.93	.93	402.97
	5 Fatores	150.39 (55)	.05	[.046 ; .068]	.98	.98	248.39

Nota. Comparação do modelo: para cada versão, o “melhor” modelo (i.e. com menor valor de AIC) encontra-se em itálico.

Fiabilidade

Inicialmente, a consistência interna foi analisada para o conjunto de 65 itens, verificando-se um alfa de *Cronbach* global de .85. Depois de removidos os 26 itens, com peso inferior a .30, o alfa de *Cronbach* global passou a .94, valor considerado excelente pela literatura (Nunally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunally (1978) os valores do coeficiente de alfa de *Cronbach* para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (Fator 1: .87; Fator 2: .87; Fator 3: .84; Fator 4: .81; Fator 5: .65) (*vide* Tabela 8). Por sua vez, os valores da correlação média interitem para a escala global e subescalas variam entre .30 e .57. Estes valores estão ligeiramente acima daqueles que são considerados níveis aceitáveis (entre .20 e .40) por Briggs e Cheek (1986).

¹⁴ *Vide* modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-A em Apêndice E.

Correlação entre as subescalas e a escala total

A análise das correlações entre as escalas revela correlações positivas e negativas moderadas para as cinco dimensões da escala (intervalo: $r = -.46$ a $r = -.76$), tal como pode ser analisado na Tabela 10. Os valores de correlação negativos dizem respeito aos quatro itens da subescala *padrão comunicacional negativo* cujo conteúdo indica um afastamento comunicacional entre os comunicantes.

Os valores de *Pearson* revelam, também, correlações positivas e negativas fortes entre as subescalas e a escala global (intervalo: $r = -.48$ a $r = .94$). Em todos os casos, as correlações são estatisticamente significativas ($p = .000$).

Tabela 10

Correlações de Pearson entre as subescalas da Escala COMPA-A

Subescalas	I	II	III	IV	V
COMPA-A					
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	–	.73*	.75*	.76*	-.54*
II. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	.73*	–	.71*	.72*	-.46*
III. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	.75*	.71*	–	.70*	-.51*
IV. Metacomunicação	.76*	.72*	.70*	–	-.47*
V. Padrão Comunicacional Negativo	-.54*	-.46*	-.51*	-.47*	–
Total	.94*	.87*	.86*	.89*	-.48*

*. A correlação é significativa ao valor .01 level (2-tailed).

Estatística descritiva das escalas

As médias e os desvios-padrão das pontuações das cinco subescalas para os adolescentes encontram-se na Tabela 11. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. Esta análise foi realizada para os dois progenitores em separado. Deste modo, são apresentados os dados dos adolescentes em relação ao pai e em relação à mãe.

As pontuações nas subescalas dos adolescentes do sexo masculino são: *disponibilidade parental para a comunicação* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.98 e 4.12), *metacomunicação* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.63 e 3.77), *confiança/partilha de filhos para progenitores* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.25 e 3.63), *expressão do afeto e apoio emocional*, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.80 e 4.06) e *padrão comunicacional negativo* (as pontuações médias dos itens desta escala

para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.90 e 3.06).

As pontuações registadas pelos adolescentes do sexo feminino são as seguintes: *disponibilidade parental para a comunicação* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.96 e 4.22), *metacomunicação* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.58 e 3.86), *confiança / partilha de filhos para progenitores* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 2.93 e 3.80), *expressão do afeto e apoio emocional*, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.73 e 4.17) e *padrão comunicacional negativo* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.85 e 3.92).

Estes valores indicam que tanto os adolescentes do sexo masculino como os adolescentes do sexo feminino, percebem maior interação comunicacional por parte da mãe, exceto na dimensão *padrão comunicacional negativo*, onde os valores dos rapazes são mais elevados para os progenitores do sexo masculino e os valores das adolescentes são ligeiramente superiores para as mães.

Para efetuar a cotação das subescalas da COMPA-A deve utilizar-se o procedimento descrito para a COMPA-P. Mais uma vez, quanto mais elevado for o resultado melhor tende a ser a perceção da comunicação. No entanto, há que ter em conta que a quinta dimensão é constituída por itens que dizem respeito aos aspetos negativos da comunicação (5, 6, 26 e 38), sendo que estes devem ser cotados inversamente.

Tabela 11**Pontuações Médias Ponderadas e Desvios-padrão das Subescalas da Escala COMPA-A**

Subescalas		<i>M</i>	<i>SD</i>
COMPA-A			
Sexo Masculino (<i>n</i> = 120)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	3.98	.69
	Em relação à Mãe	4.12	.70
II. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	Em relação ao Pai	3.25	.72
	Em relação à Mãe	3.63	.78
III. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.80	.89
	Em relação à Mãe	4.06	.77
IV. Metacomunicação	Em relação ao Pai	3.63	.68
	Em relação à Mãe	3.77	.72
V. Padrão Comunicacional Negativo	Em relação ao Pai	3.90	.62
	Em relação à Mãe	3.06	.71
Sexo Feminino (<i>n</i> = 141)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	3.96	.74
	Em relação à Mãe	4.22	.63
II. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	Em relação ao Pai	2.93	.80
	Em relação à Mãe	3.80	.77
III. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.73	.93
	Em relação à Mãe	4.17	.80
IV. Metacomunicação	Em relação ao Pai	3.58	.66
	Em relação à Mãe	3.86	.68
V. Padrão Comunicacional Negativo	Em relação ao Pai	3.85	.64
	Em relação à Mãe	3.92	.63

RESULTADOS COMPA-C**Análise fatorial exploratória**

Inicialmente, verificou-se a adequação de se realizar uma análise fatorial à versão COMPA-C, o que foi confirmado através dos índices de $KMO = .92$ e do Teste de Esfericidade de *Bartlett*, $\chi^2 (120) = 3112.326, p < .000$. A rotação *varimax* produziu uma estrutura fatorial constituída por dois fatores que explicam 44.6% da variância. Do conjunto de 39 itens iniciais foram eliminados 16 com peso inferior a .30 nos fatores e com forte influência

na variação do valor do coeficiente de alfa de *Cronbach*. A estrutura fatorial ficou então composta por (*vide* Tabela 12): (fator 1) *disponibilidade parental para a comunicação* e (fator 2) *expressão do afeto e apoio emocional*.

A dimensão *disponibilidade parental para a comunicação* (8 itens) explica 37.3% da variância e diz respeito à percepção, por parte dos filhos, de uma escuta atenta e ativa, por parte do progenitor, e também à capacidade deste para dar resposta às necessidades dos filhos; a segunda dimensão *expressão do afeto e apoio emocional* (8 itens) explica 7.2% da variância e refere-se à ligação emocional e afetiva entre pai/mãe e filho/filha que sustenta uma relação cúmplice e baseada na abertura comunicacional, associada à partilha de problemas e tópicos pessoais, por parte da criança.

Tabela 12

Resultados da Análise de Componentes Principais com Rotação Varimax e Alfa de Cronbach – COMPA-C

Nº	Descrição do Item	Saturação	A
Fator 1 –Disponibilidade Parental para a Comunicação			.84
% Variância explicada: 37.3 %			
3	O/a meu/minha pai/mãe compreende os meus problemas e preocupações.	.58	.867
4	O/a meu/minha pai/mãe diz-me o que é certo e errado.	.50	.873
5	O/a meu/minha pai/mãe dá-me atenção e é carinhoso/a comigo.	.72	.871
6	Quando falo com o/a meu/minha pai/mãe, ele/ela ouve-me e dá-me atenção.	.69	.872
7	O/a meu/minha pai/mãe tenta compreender aquilo que eu digo.	.74	.871
8	O/a meu/minha pai/mãe preocupa-se com o que eu sinto.	.65	.869
9	O/a meu/minha pai/mãe ouve-me e fala comigo quando preciso.	.56	.870
12	Quando não percebo o que o/a meu/minha pai/mãe me está a dizer, digo-lhe, e ele/ela tenta explicar-se melhor.	.57	.876
Fator 2 – Expressão do Afeto e Apoio Emocional			.78
% Variância explicada: 7.2 %			
1	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia a dia.	.59	.871
2	Converso com o/a meu/minha pai/mãe sobre os meus problemas.	.69	.868
10	O/a meu/minha pai/mãe explica-me porque me diz Não às coisas que eu peço.	.48	.875
11	O/a meu/minha pai/mãe explica-me o que sente quando está aborrecido/a ou zangado/a comigo.	.60	.873
13	Entendo o que o/a meu/minha pai/mãe quer dizer.	.51	.876
14	O/a meu/minha pai/mãe diz-me que gosta de mim.	.52	.874
15	Quando tenho preocupações (e.g. violência) converso com o/a meu/minha pai/mãe.	.70	.874
16	É fácil para mim dizer ao/à meu/minha pai/mãe aquilo que sinto.	.58	.879
Total COMPA-C			.88

Análise fatorial confirmatória

Tal como pode ser visto na Tabela 13, de acordo com os índices referidos (RMSEA, CFI/IFI), a COMPA-C apresenta um ajuste aceitável em todos os índices. De acordo com o AIC, mais uma vez se constata que o Modelo 1 é superior ao Modelo 2. Assim, o modelo oblíquo explica em melhor medida a estrutura fatorial da COMPA-C, confirmando os dados da análise fatorial exploratória¹⁵.

Tabela 13

Análise Fatorial Confirmatória da Escala COMPA-C

		χ^2 (df)	RMSEA (90%CI)	[C I]	CFI	IFI	AIC
	1 Fator	136.08 (20)	.09	[.079 ; .109]	.92	.92	184.08
COMPA - C	2 Fatores	77.47 (19)	.06	[.053 ; .085]	.96	.96	127.47

Nota. Comparação do modelo: para cada versão, o “melhor” modelo (i.e. com menor valor de AIC) encontra-se em itálico.

Fiabilidade

Inicialmente, a consistência interna foi analisada para o conjunto de 35 itens, verificando-se um alfa de *Cronbach* global de .65. Depois de removidos os 16 itens, com peso inferior a .30, o alfa de *Cronbach* global passou a .88, valor considerado bom pela literatura (Nunnally, 1978). De acordo com o recomendado por Nunnally (1978) os valores do coeficiente de alfa de *Cronbach* para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (Fator 1: .84; Fator 2: .78) (*vide* Tabela 12). Por sua vez, os valores da correlação média interitem para a escala global e subescalas variam entre .32 e .41, níveis considerados aceitáveis por Briggs e Cheek (1986).

Correlação entre as subescalas e a escala total

Tal como pode ser visto na Tabela 14, a análise das correlações entre as subescalas revela uma correlação positiva e forte, estatisticamente significativa ($r = .69$; $p = .000$). Os valores de *Pearson* revelam, também, correlações positivas e fortes, estatisticamente significativas, entre as subescalas e a escala global (intervalo: $r = .90$ a $r = .93$; $p = .000$).

15 *Vide* modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-C em Apêndice F.

Tabela 14**Correlações de Pearson entre as Subescalas da Escala COMPA-C**

Subescalas	I	II
COMPA- C		
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	–	.69*
II. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	.69*	–
Total	.90*	.93*

*. A correlação é significativa ao valor .01 level (2-tailed).

Estatística Descritiva das Escalas

As médias e os desvios-padrão das pontuações das duas subescalas para as crianças em idade escolar encontram-se na Tabela 15. Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem. Esta análise foi realizada para os dois progenitores em separado, tal como na COMPA-A.

As pontuações das crianças do sexo masculino relativamente às subescalas, por ordem das mais elevadas, são: *disponibilidade parental para a comunicação* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 4.31 e 4.52) e *expressão do afeto e apoio emocional*, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente, 3.84 e 4.17).

Por sua vez, as pontuações das crianças do sexo feminino são as seguintes: *disponibilidade parental para a comunicação* (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 4.50 e 4.65) e *expressão do afeto e apoio emocional*, (as pontuações médias dos itens desta escala para o pai e para a mãe são, respetivamente 3.91 e 4.29).

À semelhança do que aconteceu na COMPA-A, estes valores indicam que as crianças de ambos os sexos percecionam maior interação comunicacional por parte da mãe do que do pai.

Para efetuar a cotação das subescalas da COMPA-C deve utilizar-se o procedimento descrito para a COMPA-P e para a COMPA-A. À semelhança destas versões, quanto mais elevado for o resultado nas duas subescalas da COMPA-C, melhor tende a ser a perceção da comunicação. Neste caso, não existem itens invertidos.

Tabela 15

Pontuações Médias Ponderadas e Desvios-padrão das Subescalas da Escala COMPA-C

Subescalas		<i>M</i>	<i>SD</i>
COMPA-C			
Sexo Masculino (<i>n</i> = 137)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	4.31	.53
	Em relação à Mãe	4.52	.50
II. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.84	.72
	Em relação à Mãe	4.17	.61
Sexo Feminino (<i>n</i> = 180)			
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Em relação ao Pai	4.50	.52
	Em relação à Mãe	4.65	.46
II. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Em relação ao Pai	3.91	.63
	Em relação à Mãe	4.29	.60

DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo consistiu na avaliação das qualidades psicométricas da escala COMPA, uma medida multidimensional da comunicação parento-filial construída de raiz. Existem alguns instrumentos que analisam a relação pais-filhos, porém essas escalas não têm um foco específico na dimensão comunicacional. Um motivo possível para justificar este aspecto prende-se com a complexidade que o conceito acarreta sendo, inclusivamente, difícil de estabelecer uma definição conceptual de comunicação familiar (Watzlawick et al., 1993).

Para a construção da COMPA foi levado a cabo um estudo misto (qualitativo e quantitativo) com o intuito de identificar as principais características e dimensões da comunicação parento-filial na percepção de progenitores e de filhos em duas etapas do ciclo vital da família (*família com filhos em idade escolar* e *família com filhos adolescentes*). Deste estudo resultaram três versões da COMPA: versão parental (COMPA-P), versão filial, dos 7 aos 11 anos (COMPA-C), e versão filial, dos 12 aos 16 anos (COMPA-A).

Os estudos psicométricos permitiram analisar o instrumento em detalhe, revelando que a escala COMPA tem condições aceitáveis para ser utilizada em contexto clínico e em contexto de investigação. Os valores de consistência interna das três versões da COMPA são considerados bons pela literatura, particularmente os valores da COMPA-A. Por sua

vez, a estrutura fatorial exploratória foi confirmada por análises de equações estruturais, revelando que, tal como se esperava, a comunicação parento-filial é um constructo multidimensional (Portugal & Alberto, 2013): *expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação, confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos, confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores e padrão comunicacional negativo*. Estas dimensões vão ao encontro das indicações da literatura sobre o tema (Barnes & Olson, 1985; Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Herbert, 2004; Watzlawick et al., 1993). Os dados revelam a existência de correlações moderadas entre as subescalas de cada versão e correlações fortes entre as subescalas e os totais de cada versão da COMPA. Estes resultados sugerem que as subescalas medem conceitos diferentes mas todas elas constituem componentes importantes para medir a comunicação em global. Por sua vez, a estatística descritiva das três versões da COMPA indica que as mães tendem a ter um papel de destaque positivo na comunicação familiar, segundo a perspetiva de filhos e de progenitores, tal como indica a literatura (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002). No entanto, a percentagem de variância explicada por cada uma das versões da COMPA não é elevada. Este aspeto pode dever-se ao facto de existirem outros fatores que influenciam a perceção que os progenitores têm das suas próprias interações comunicacionais e que, até ao momento, não foram identificados.

Em conclusão, as qualidades psicométricas da escala COMPA indicam que se trata de um instrumento fiável para aplicação com a população portuguesa. Trata-se de uma escala inovadora que permite avaliar a comunicação de forma multidimensional, contemplando duas etapas distintas do ciclo vital da família (versão para crianças em idade escolar e versão para adolescentes) e recorrendo a diferentes perspetivas (progenitores e filhos). Avaliar a perceção de progenitores e de filhos sobre a comunicação que mantêm entre si permite identificar a existência de eventuais discrepâncias que possam estar na base de mal-entendidos e, conseqüentemente, promover o desenvolvimento de padrões comunicacionais parento-filiais positivos que assegurem comportamentos adequados e uma saúde mental ajudada (Miller-Day & Kam, 2010).

Apesar das boas qualidades psicométricas demonstradas pela escala COMPA, o presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas. Uma dessas limitações prende-se com a representatividade da amostra, uma vez que se trata de uma amostragem por conveniência. Além disto, não foi possível efetuar um controlo das respostas, nem da compreensão dos itens, por parte dos progenitores que responderam ao protocolo via internet. Uma outra limitação deste estudo remete para o facto da validade preditiva do instrumento não ter sido estudada, isto é, as suas qualidades psicométricas não foram analisadas em populações específicas e independentes. Uma terceira limitação do presente estudo prende-se com o facto das características psicométricas da escala terem sido analisadas conjuntamente para progenitores do sexo masculino e do sexo feminino. Considerando que os estilos comunicacionais variam em função do sexo do progenitor (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002), poderia ser útil fazer uma análise da consistência

interna independente para pais e para mães. Por fim, este estudo não contemplou o grau de parentesco entre os respondentes, ou seja, não foi tido em conta o facto de alguns dos pais e mães respondentes pertencerem ao mesmo agregado familiar e, por esse motivo, não é possível identificar os níveis de correlação de comunicação ao nível da coparentalidade.

Implicações para a Prática e Investigações Futuras

A escala COMPA pode ser aplicada em três contextos distintos: avaliação, intervenção e investigação. De forma mais específica, o instrumento permite: (a) efetuar a avaliação da comunicação na díade pai/mãe-filho/filha e entre ambos os progenitores, (b) avaliar a comunicação parento-filial em diferentes momentos (e.g., antes e depois de uma intervenção clínica ou em processos de cariz forense), (c) monitorizar as atitudes que possam melhorar a relação comunicacional entre progenitores e filhos, e (d) o desenvolvimento de estudos empíricos centrados na comunicação parento-filial. Desta forma, a COMPA pode ser útil para a elaboração de programas de educação parental, ou para o desenvolvimento de grupos psicoeducativos com diversas tipologias familiares.

No futuro, a investigação deve incluir: (a) a validação das três versões da escala em amostras específicas da população portuguesa, (b) a tradução e adaptação do instrumento para outros países, e (c) o desenvolvimento de uma versão da COMPA para crianças em idade pré-escolar. A aplicação deste instrumento em populações específicas (e.g., famílias pós-divórcio, famílias adotivas, famílias com um elemento com psicopatologia ou doença crónica) poderá constituir uma fonte adicional de informação contribuindo, assim, para uma visão mais rica das relações entre progenitores e filhos e da sua comunicação.

CAPÍTULO IV

CARACTERIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ENTRE PROGENITORES E FILHOS ADOLESCENTES: ESTUDO COM UMA AMOSTRA PORTUGUESA¹⁶

Resumo

A qualidade do exercício da parentalidade, nas famílias com filhos adolescentes, é definida pela comunicação familiar. Esta etapa do ciclo vital é marcada por transformações individuais/familiares, com vista ao estabelecimento da autonomia, que perturbam a relação parento-filial. Desta forma, a comunicação entre pais-filhos destaca-se pelo seu cariz organizador. Objetivo: A finalidade desta pesquisa consiste na análise da percepção de pais e de filhos adolescentes sobre a comunicação mantida. A questão de investigação foca-se na influência de algumas variáveis sociodemográficas sobre a comunicação: *sexo, local de residência, nível socioeconómico, nível de escolaridade e estrutura familiar*. Pretende-se, assim, caracterizar as famílias portuguesas com filhos adolescentes ao nível da comunicação familiar. Método: Estudo de cariz quantitativo e transversal, recorreu ao instrumento de medida *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)* para analisar as percepções de 336 pais e 268 adolescentes (12-16 anos) sobre a comunicação parento-filial. Resultados: Verifica-se que (a) os filhos tendem a partilhar mais os seus problemas com os progenitores do sexo masculino, (b) as mães destacam-se na percepção de uma melhor comunicação, (c) não se registam diferenças estatisticamente significativas ao nível do sexo no conflito comunicacional, (d) membros de classes socioeconómicas altas percebem melhor comunicação, tal como membros de contextos urbanos, e (e) filhos de famílias pós-divórcio revelam partilhar mais os seus problemas com as mães do que filhos de agregados intactos. Conclusões: A constatação da influência de algumas variáveis sociodemográficas sobre a comunicação pais-adolescentes permite o desenho de intervenções mais concretas, em contexto clínico e, sugere a necessidade de prestar maior atenção a contextos particulares (locais de residência rurais e classes socioeconómicas baixas). Estes resultados desmistificam a crença de que as famílias pós-divórcio têm mais dificuldades do que as famílias nucleares intactas.

Palavras-chave: comunicação; progenitores; adolescentes; estudo comparativo.

¹⁶ Portugal, A., & Alberto, I. (artigo submetido para publicação em janeiro de 2012). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos adolescentes: Estudo com uma amostra portuguesa. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*.

Abstract

Communication defines the quality of parenthood in parent-adolescent relationship. This lifespan stage is marked by several individual and familiar transformations that perturb parent-adolescent relationship in order to establish autonomy. Thus, parent-adolescent communication stands-out for its organizing nature. Objective: The main goal of this research is the analysis of parent-adolescent perception about their communication. Question research focuses on influence of some socio-demographic variables on quality of communication such as *sex*, education level, place of residence, *socioeconomic status* and *family composition*. Thus, the main goal of this study is characterize parent-adolescent communication in Portuguese families. Method: A quantitative and transversal design was used to analyze the perception of 336 parents and 268 children (12-16 years old) about quality of communication using the *Perception Scale of Parenting Communication*. Results: It appears that (a) boys tend to share their problems mostly with fathers, (b) mothers stands-out in a better perception of communication, (c) there weren't statistical differences about communicational conflict in sex variable, (d) members of high socioeconomic classes have better perception about communication such as members of urban contexts, and (e) adolescents of post-divorce families tend to share their problems mostly with mothers than adolescents of intact nuclear families. Conclusions: The findings, which showed that some socio-demographic variables had influence on parent-adolescent communication, allow the design of concrete and adapted interventions in clinical context. In addition, it suggests the need of pay attention to particular contexts (rural places and low socioeconomic classes). These results demystify, also, the belief that post-divorce families have more difficulties than nuclear intact families.

Keywords: communication; parents; adolescents; comparative study.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase decisiva na construção da identidade pessoal e das relações que o indivíduo mantém com os seus pares, com os adultos e com o meio que o rodeia (Pereira, 2011). A comunicação desempenha um papel central na gestão dos desafios e concretização das tarefas inerentes a esta etapa do ciclo vital (Carr, 2006), tornando essencial a análise dos padrões comunicacionais, entre progenitores e filhos, que caracterizam esta fase de desenvolvimento individual e familiar.

Apesar da vivência da adolescência variar em função dos contextos sociais e dos momentos históricos (Pereira, 2011), é possível identificar características incontornáveis desta fase da vida, nomeadamente, a necessidade de promover transformações de cariz estrutural na família, a renegociação de padrões de relacionamento e de comunicação e a aceitação de transformações ao nível da personalidade, tanto dos progenitores como do(s) filho(s) (Preto, 1995). Estas transformações, equivalentes a uma metamorfose familiar, podem acarretar dificuldades para os elementos da família, motivo pelo qual a adolescência é considerada um período de crise que ativa a mudança (Preto, 1995).

As principais tarefas que caracterizam esta etapa de desenvolvimento são: (a) o despertar para a sexualidade e para as transformações corporais por parte do adolescente, (b) a tomada de consciência e o desenvolvimento de um pensamento abstrato sobre características pessoais que formam a identidade individual (crise identitária), (c) o processo de autonomização e diferenciação em relação ao núcleo familiar, e (d) temas relacionados com a vinculação, separação e perda (Preto, 1995; Steinberg & Morris, 2001). A resolução inadequada destas tarefas pode ter implicações no desenvolvimento individual e familiar (Carr, 2006).

A análise da comunicação familiar é fundamental na compreensão do processo de adaptação de progenitores e de filhos à adolescência (Segrin & Flora, 2005). A comunicação, enquanto processo contínuo de transmissão de informação entre progenitores e filhos permite atender e dar resposta às exigências específicas desta etapa do ciclo vital (Carr, 2006; Preto, 1995). Tomé et al. (2012) defendem que o processo de comunicação parento-filial influencia positivamente a saúde dos adolescentes: quando a comunicação com os progenitores é percebida pelos adolescentes como sendo boa, estes tendem a manifestar maior satisfação com a vida e menos sintomas negativos em termos de saúde.

De acordo com a literatura (Carr, 2006; Herbert, 2004), a percepção de conflito constante entre progenitores e filhos, nesta etapa do ciclo vital, é um mito, não correspondendo aos discursos e às representações sociais. Segrin e Flora (2005) referem que as interações parento-filiais conflituosas que se verificam nesta fase desenvolvimental são normativas e, inclusivamente, promotoras de reajustes ao nível das expectativas e da renegociação de papéis. Laursen e Collins (2004) consideram, inclusivamente, que o conflito na adolescên-

cia tende a reforçar os laços afetivos entre progenitores e filhos a curto e a longo prazo, estimulando a comunicação sobre a relação.

As características específicas desta fase de desenvolvimento poderão explicar a quantidade de pesquisas existentes que se debruçam sobre o estudo da adolescência (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Laursen & Collins, 2004). Os estudos sobre a comunicação familiar, enquadrada no exercício da parentalidade, sugerem a existência de diferenças em função do sexo, existindo indicadores de que os adolescentes de ambos os sexos, tendem a procurar mais as mães do que os pais para comunicar (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Laursen & Collins, 2004). Jiménez e Delgado (2002) verificaram que o nível de conflituosidade entre progenitores e filhos é percebido de forma mais intensa por parte dos rapazes do que das adolescentes.

Também as características sociodemográficas da família parecem ter influência na gestão comunicacional (Preto, 1995), nomeadamente: (a) o nível de instrução, isto é, quanto menor for a escolaridade dos progenitores menos frequentes serão as interações comunicacionais (Jiménez & Delgado, 2002); e (b) o tipo de estrutura familiar (Carlsund, Eriksson, & Sellstrom, 2012). Considerando as configurações familiares, Carlsund et al. (2012) verificaram que os adolescentes de famílias monoparentais e de famílias pós-divórcio (em regime de guarda partilhada) tendem a apresentar mais queixas relacionadas com a saúde e a reportar menor bem-estar, comparativamente aos adolescentes de famílias nucleares intactas.

A atual necessidade de desenvolver pesquisa sobre a comunicação entre pais e filhos adolescentes resulta das transformações que a vivência da adolescência tem sofrido nas últimas décadas, tanto a nível social (e.g., independência tardia relativamente ao agregado familiar), como a nível tecnológico (e.g., banalização do uso da internet, telemóvel, redes sociais), influenciando a forma como os progenitores exercem a parentalidade nesta fase (Pereira, 2011). Particularmente em Portugal, a investigação sobre a comunicação estabelecida entre progenitores e filhos adolescentes é escassa, refletindo uma lacuna a nível de instrumentos de avaliação psicológica que avaliem especificamente os padrões comunicacionais.

A presente pesquisa tem como objetivo analisar as perceções de progenitores e de adolescentes sobre a comunicação estabelecida na relação parento-filial. Considerando este objetivo surgiram três questões de investigação que constituem a base do presente estudo:

(a) Existem diferenças na comunicação parento-filial em função do sexo dos progenitores e dos adolescentes (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002)?

(b) O nível de conflito com as figuras parentais é independente do sexo dos adolescentes (Jiménez & Delgado, 2002)?

(c) As variáveis *nível de escolaridade* dos progenitores, *área de residência*, *estatuto socioeconómico* e *composição familiar* de progenitores e adolescentes influenciam a percepção relativa aos padrões comunicacionais na relação parento-filial (Preto, 1995)?

MÉTODO

Amostra

O cálculo amostral foi realizado com base no total da população portuguesa com idades entre os 0 e os 14 anos ($N = 1.572.329$) e o total da população portuguesa com idades entre os 15 e os 64 anos ($N = 6.979.785$), contemplando um erro amostral de 5%. Desta forma, o valor ideal da amostra corresponde a 385 progenitores e a 309 filhos adolescentes.

A amostra total foi constituída por 604 sujeitos distribuídos por duas amostras específicas: 268 adolescentes com idades entre os 12 e os 16 anos ($M = 13.62$, $DP = 1.31$) e 336 progenitores com idades entre os 30 e os 58 anos ($M = 43.91$, $DP = 5.40$). As amostras dos adultos e dos adolescentes são independentes, não havendo relação de parentesco entre si.

A amostra dos adolescentes é composta por 123 (45.9%) adolescentes do sexo masculino e 145 (54.1%) do sexo feminino. Considerando a área de residência, 20 adolescentes (7.5%) vivem num contexto predominantemente urbano, 139 (51.9%) num contexto medianamente urbano e 109 (40.7%) num contexto predominantemente rural. Ao nível do estatuto socioeconómico, calculado com base nos indicadores disponíveis no Instituto Nacional de Estatística relativos às profissões e aos rendimentos dos progenitores, 17 (6.3%) adolescentes pertencem à classe socioeconómica baixa, 230 (85.8%) à classe média e 16 (6%) à classe alta. No que respeita às habilitações literárias, 2 (0.7%) adolescentes frequentam a 4ª classe, 63 (23.5%) frequentam 6º ano de escolaridade, 188 (70.1%) estão no 9º ano de escolaridade e 15 (5.6%) adolescentes frequentam o 12º ano de escolaridade. Relativamente à composição familiar, verifica-se que 203 (75.7%) adolescentes vivem em agregados familiares intactos, 32 (11.9%) em famílias pós-divórcio, 28 (10.4%) adolescentes vivem em famílias reconstituídas e, por fim, 5 (1.9%) integram famílias monoparentais.

A amostra dos progenitores é composta por 57 pais (17%) e 279 mães (83%), verificando-se que 116 (34.5%) progenitores vivem num contexto predominantemente urbano, 168 (50%) num contexto medianamente urbano e 44 (13.1%) habitam num contexto predominantemente rural. Relativamente ao estatuto socioeconómico, 226 sujeitos (67.3%) enquadraram-se no nível socioeconómico médio, 88 (26.2%) pertencem ao nível socioeconómico baixo e 18 (5.4%) estão no nível socioeconómico alto. Considerando a escolaridade, 31 (9.2%) progenitores completaram o 4º ano, 25 (7.4%) completaram o 6º ano, 46 (13.7%) concluíram

o 9º ano, 54 (16.1%) terminaram o 12º ano, 112 (33.3%) têm uma licenciatura e 49 realizaram uma pós-graduação (mestrado: $n = 30$, 8.9%; doutoramento: $n = 19$, 5.7%). A maior parte dos progenitores integram famílias nucleares intactas ($n = 281$, 83.6%), 38 (11.3%) vivem em famílias pós-divórcio, 12 (3.6%) pertencem a um núcleo familiar monoparental e 5 (1.5%) vivem em famílias reconstituídas.

Instrumentos

Ficha de dados sociodemográficos

Trata-se de um questionário breve que inclui questões relacionadas com o sexo (masculino, feminino), idade (em anos), parentesco (pai, mãe, filho, filha), área de residência (predominantemente urbano, medianamente urbano, predominantemente rural), estatuto socioeconómico (alto, médio, baixo) e tipo de composição familiar (nuclear, pós-divórcio, monoparental, reconstituída).

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA, Portugal & Alberto, in press)

É um instrumento de autorrelato que tem como objetivo avaliar as perceções sobre os padrões de comunicação entre progenitores e filhos através de uma escala de tipo *Likert* com cinco níveis (1 = *Nunca*; 2 = *Raramente*; 3 = *Às vezes*; 4 = *Muitas vezes*; 5 = *Sempre*). Atendendo às especificidades de algumas subescalas, quanto mais elevada for a pontuação, melhor tende a ser a perceção sobre a comunicação estabelecida entre progenitores e filhos (Portugal & Alberto, in press).

A versão da escala COMPA para os adolescentes entre os 12 e os 16 anos tem 39 itens distribuídos por cinco subescalas (*disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores, expressão do afeto e apoio emocional, metacomunicação e padrão comunicacional negativo*), registando um valor de $\alpha = .94$, para a escala global, nos estudos relativos à consistência interna. A versão dos adolescentes é respondida de forma separada para o pai e para a mãe.

A versão parental da escala COMPA é composta por 44 itens distribuídos por cinco subescalas (*expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos e confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores*). Esta versão obteve um valor de consistência interna para a escala global de $\alpha = .91$.

Procedimento

O estudo foi divulgado por diversas escolas públicas. Entre aquelas que aceitaram par-

ticipar na presente investigação, distribuiu-se, pelos alunos, um documento informativo sobre o estudo e os seus objetivos, assim como, os consentimentos informados para serem assinados pelos respetivos progenitores. O protocolo de avaliação foi respondido em contexto de sala de aula. A administração do protocolo aos progenitores foi feita de duas formas: em formato de papel e lápis ($n = 171$, amostra de conveniência) e numa versão online ($n = 165$, criação de um *website* para o efeito). Foi solicitado a estes progenitores que pensassem na comunicação que estabelecem com um dos seus filhos, em particular aquele que se encontra na faixa etária dos 12 aos 16 anos. Nas situações em que os progenitores tinham mais do que um filho nesta faixa etária, pediu-se para que respondessem especificamente sobre um dos filhos, uma vez que os padrões comunicacionais diferem de filho para filho. A opção por dois grupos amostrais (um de progenitores e um de adolescentes), sem grau de parentesco entre si, teve por base a possibilidade de maior acesso a sujeitos independentes, permitindo um aumento considerável da dimensão da amostra. Importa referir que em alguns casos se registam *missings* nas respostas à escala, aspeto que provoca ligeiras variações nos valores de n aquando das comparações entre grupos.

A pesquisa foi realizada de acordo com os princípios éticos básicos da Declaração de Helsinque (versão alterada na 55^a Assembleia, em Tóquio, Japão, 2004), estabelecendo-se o consentimento informado e a resguarda da confidencialidade e anonimato dos respondentes. O presente trabalho foi submetido a um processo de avaliação que, posteriormente, foi aprovado pela Direção de Serviços de Inovação Educativa, um departamento do governo português que analisa os pressupostos éticos de pesquisas realizadas com crianças (número de registo: 0137000001).

RESULTADOS

Para responder à primeira questão de investigação (existem diferenças na comunicação parento-filial em função do sexo dos progenitores e dos adolescentes?) realizou-se o teste de comparação de médias t de *Student* para amostras independentes. Estes dados poderão ser consultados com maior detalhe na Tabela 16.

Na amostra dos adolescentes apenas se registou uma diferença estatisticamente significativa na dimensão *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* nas respostas dos filhos em relação aos progenitores [$t(245) = 3.223, p = .001$], com uma magnitude do efeito pequena ($\eta^2 = .04$) (Field, 2003). Em média, os adolescentes do sexo masculino partilham os seus problemas e confiam mais nos pais ($M = 3.26, DP = .72$) do que nas mães ($M = 2.95, DP = .80$). Por outro lado, e apesar deste resultado não ser estatisticamente significativo [$t(259) = -1.746, p = .082$], verificou-se que as adolescentes ($M = 3.82, DP = .78$), em comparação com os rapazes ($M = 3.65, DP = .78$), tendem a partilhar as suas

dificuldades e a confiar mais nas mães do que nos pais.

Na amostra dos progenitores, por sua vez, obtiveram-se dois valores estatisticamente significativos, nomeadamente ao nível da subescala *expressão do afeto e apoio emocional* [$t(317) = -2.609, p = .010$], com uma magnitude do efeito média ($\eta^2 = .06$), e da subescala *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* [$t(326) = -2.417, p = .016$], com uma magnitude do efeito média ($\eta^2 = .06$). Em média, as mães destacam-se por terem uma melhor perceção nas dimensões relacionadas com o apoio emocional e afetivo ($M = 4.37, DP = .38$) e confiança/partilha comunicacional por parte dos filhos ($M = 4.22, DP = .39$), comparativamente aos pais ($M = 3.78, DP = .51; M = 3.95, DP = .46$).

Tabela 16

Teste t de Student: Diferenças de Género na Comunicação Parento-filial

Sub-dimensão/Nome		M	DP	t (gl)	p	95% IC (baixo ; alto)
COMPA-A: filhos em relação ao pai (n = 138)						
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Masc.	3.99	.69	.234	.815	-2.17764; 2.76486
	Femin.	3.97	.73	(251)		
II. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	Masc.	3.26	.72	3.223	.001*	.85211; 3.53080
	Femin.	2.95	.80	(242)		
III. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Masc.	3.81	.89	.702	.483	-.72345; 1.52457
	Femin.	3.73	.93	(255)		
IV. Metacomunicação	Masc.	3.64	.68	.537	.592	-1.10302; 1.93043
	Femin.	3.60	.67	(247)		
V. Padrão Comunicacional Negativo	Masc.	3.91	.61	.743	.458	-.38411; .84984
	Femin.	3.85	.64	(255)		
COMPA-A: filhos em relação à mãe (n = 143)						
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Masc.	4.12	.69	-1.191	.235	-3.63830; .89663
	Femin.	4.22	.63	(256)		
II. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	Masc.	3.65	.78	-1.746	.082	-2.51975; .15127
	Femin.	3.82	.78	(259)		
III. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Masc.	4.08	.77	-1.024	.307	-1.46006; .46070
	Femin.	4.18	.80	(262)		
IV. Metacomunicação	Masc.	3.78	.72	-1.022	.308	-2.33560; .73927
	Femin.	3.87	.68	(259)		
V. Padrão Comunicacional Negativo	Masc.	3.83	.70	-1.125	.261	-1.01694; .27727
	Femin.	3.93	.63	(262)		

* $p < .05$.

Tabela 16

Teste t de Student: Diferenças de Género na Comunicação Parento-filial (Continuação)

Sub-dimensão/Nome		M	DP	t (gl)	p	95% IC (baixo ; alto)
COMPA-P: Pais (n = 55); Mães (n = 271)						
I. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Masc.	4.22	.39	-2.609 (317)	.010*	-3.14443; -.44090
	Femin.	4.37	.38			
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Masc.	4.07	.49	.470 (288)	.639	-.87388; 1.42253
	Femin.	4.03	.48			
III. Metacomunicação	Masc.	4.24	.43	-.495 (321)	.621	-1.35607; .81108
	Femin.	4.28	.46			
IV. Confiança/Partilha de Progenitores para Filhos	Masc.	3.86	.51	-.988 (323)	.324	-1.56479; .51832
	Femin.	3.94	.51			
V. Confiança/Partilha de Filhos para Progenitores	Masc.	3.78	.51	-2.417 (326)	.016*	-2.13268; -.21857
	Femin.	3.95	.46			

* $p < .05$.

A análise efetuada para responder à segunda questão de investigação (o nível de conflito com as figuras parentais é independente do sexo dos adolescentes?) não revelou diferenças estatisticamente significativas entre os adolescentes do sexo masculino (conflito em relação ao pai: $M = 3.91$, $DP = .61$; conflito em relação à mãe: $M = 3.83$, $DP = .70$) e do sexo feminino (conflito em relação ao pai: $M = 3.85$, $DP = .64$; conflito em relação à mãe: $M = 3.93$, $DP = .63$) em relação ao conflito comunicacional com ambos os progenitores (em relação ao pai [$t(255) = 0.743$, $p = .458$], em relação à mãe [$t(262) = -1.125$, $p = .261$]) (vide Tabela 16).

No sentido de responder à terceira questão de investigação (as variáveis *nível de escolaridade*, *área de residência*, *estatuto socioeconómico* e *composição familiar* de progenitores e adolescentes influenciam a perceção relativa aos padrões comunicacionais na relação parento-filial?) realizaram-se testes de ANOVA *one-way between-groups* (análise da variância) recorrendo ao teste de *Tukey* para comparações múltiplas de médias. Estes resultados podem ser consultados nas Tabelas 17 e 18.

Os resultados para a amostra dos adolescentes sugerem a existência de diferenças estatisticamente significativas em função do *estatuto socioeconómico* [$F(2, 251) = 3.565$, $p = .030$] e da *composição familiar* [$F(3, 252) = 2.912$, $p = .035$]. Considerando o estatuto socioeconómico, os adolescentes de estatuto socioeconómico alto tendem a perceber menos padrões negativos de comunicação com as suas mães ($M = 3.47$, $DP = .82$), comparativamente aos adolescentes de estatuto socioeconómico baixo ($M = 4.03$, $DP = .74$) e médio (M

= 3.90, $DP = .64$). Relativamente à *composição familiar*, o teste de *Tukey* indica que os adolescentes de famílias pós-divórcio tendem a partilhar os seus problemas e a confiar mais nas suas mães ($M = 3.96$, $DP = .84$) do que os adolescentes de famílias monoparentais ($M = 2.82$, $DP = .47$). Apesar destas diferenças serem estatisticamente significativas, o cálculo da magnitude do efeito, através do *eta squared*, revelou um valor de .30, significando um efeito pequeno (Field, 2003).

Tabela 17

Teste Anova One-way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Filhos

		COMPA-A em relação ao Pai					COMPA-A em relação à Mãe				
		I.	II.	III.	IV.	V.	I.	II.	III.	IV.	V.
Local de Residência											
Urbano	<i>M</i>	3.82	2.99	3.56	3.54	4.00	4.20	3.79	4.06	3.82	4.80
	<i>DP</i>	.93	1.09	1.02	.80	.75	.79	.90	.84	.76	.82
Medianamente Urbano	<i>M</i>	4.01	3.14	3.76	3.64	3.90	4.12	3.75	4.08	3.79	3.86
	<i>DP</i>	.73	.76	.96	.64	.66	.68	.76	.82	.69	.69
Rural	<i>M</i>	3.96	3.04	3.79	3.58	3.83	4.23	3.68	4.18	3.85	3.85
	<i>DP</i>	.65	.73	.84	.68	.57	.61	.79	.74	.70	.61
	<i>F</i>	.601	.572	.552	.359	.785	.880	.252	.473	.256	.973
Nível Socioeconómico											
Baixo	<i>M</i>	3.89	2.88	3.61	3.56	4.00	4.12	3.71	3.94	3.73	4.03
	<i>DP</i>	.63	.73	.95	.63	.76	.63	.93	.95	0.78	.74
Médio	<i>M</i>	3.98	3.09	3.77	3.61	3.87	4.18	3.74	4.14	3.83	3.90
	<i>DP</i>	.74	.79	.93	.68	2.51	.70	.76	.79	.70	.64
Alto	<i>M</i>	3.89	3.30	3.86	3.56	0.63	4.06	3.54	3.94	3.77	3.47
	<i>DP</i>	.56	.61	.81	.61	.56	.64	.90	.68	.70	.82
	<i>F</i>	.227	1.014	.292	.073	.759	.305	.437	.897	.178	3.565*
Composição Familiar											
Nuclear Intacta	<i>M</i>	3.99	3.11	3.80	3.61	3.88	4.18	3.71	4.10	3.80	3.90
	<i>DP</i>	.69	5.75	.88	.64	.61	.64	.76	.77	.68	.61
Pós-Divórcio	<i>M</i>	3.72	2.82	3.58	3.61	3.80	4.26	3.96	4.29	3.83	4.01
	<i>DP</i>	.95	.96	1.05	.89	.81	.82	.84	.80	.83	.84
Monoparental	<i>M</i>	4.18	3.79	4.10	3.17	4.63	3.50	2.82	4.05	3.22	3.56
	<i>DP</i>	.56	.71	.71	.24	.18	.39	.47	.91	.41	.88
Reconstituída	<i>M</i>	4.03	3.01	3.60	3.63	3.83	4.08	3.65	4.10	3.90	3.62
	<i>DP</i>	.66	.81	1.03	.71	.58	.67	.81	.90	.65	.80
	<i>F</i>	1.140	1.517	.848	.293	1.111	1.735	2.912*	.550	1.662	2.078

* $p < .05$.

Relativamente às análises efetuadas à escala COMPA-P, obtiveram-se diferenças estatisticamente significativas em diversas dimensões, em função de algumas variáveis socio-demográficas. Considerando o *nível de escolaridade* dos progenitores, registaram-se diferenças estatisticamente significativas nas subescalas *metacomunicação* [$F(7, 308) = 2.181, p = .036$] e *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$F(7, 309) = 2.494, p = .017$]. Em concreto, estas diferenças indicam que os progenitores que completaram o sexto ano de escolaridade percecionam menor metacomunicação com os filhos ($M = 4.05, DP = .78$) do que progenitores com mestrado ($M = 4.42, DP = .24$), e os progenitores que terminaram o 12º ano de escolaridade ($M = 4.23, DP = .39$) percecionam uma maior partilha e confiança nos seus filhos do que aqueles que têm uma licenciatura ($M = 3.84, DP = .47$) e mestrado ($M = 3.73, DP = .36$). A magnitude do efeito para estas diferenças é pequena ($\eta^2 = .02$).

Na análise da escala COMPA em função da variável *área de residência* dos progenitores registaram-se diferenças estatisticamente significativas na dimensão *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$F(2, 315) = 6.515, p = .002$], no sentido dos progenitores que vivem num contexto predominantemente urbano percecionarem uma menor confiança/partilha nos seus filhos ($M = 3.79, DP = .45$) comparativamente aos que vivem em contextos medianamente urbanos ($M = 3.99, DP = .54$) e predominantemente rurais ($M = 4.05, DP = .51$). Apesar disto, o tamanho deste efeito é pequeno ($\eta^2 = .02$).

O *estatuto socioeconómico* foi outra variável analisada na amostra dos progenitores, registando diferenças estatisticamente significativas na dimensão *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* [$F(2, 320) = 3.851, p = .022$]. Os resultados sugerem que os progenitores de estatuto socioeconómico alto percecionam uma maior partilha e confiança por parte dos filhos ($M = 4.19, DP = .50$) comparativamente aos de estatuto baixo ($M = 3.58, DP = .54$). A magnitude do efeito para estes resultados é, em todos os casos, pequena ($\eta^2 = .01$).

Por fim, a variável *composição familiar* não revelou diferenças estatisticamente significativas.

Tabela 18

Teste Anova One-way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Progenitores

		I.	II.	III.	IV.	V.
Local de Residência						
Urbano	<i>M</i>	4.32	4.03	4.27	3.79	3.96
	<i>DP</i>	.32	.42	.35	.45	.41
Medianamente Urbano	<i>M</i>	4.34	4.06	4.24	3.99	3.90
	<i>DP</i>	.45	.54	.52	.54	.51
Rural	<i>M</i>	4.40	4.03	4.38	4.05	3.92
	<i>DP</i>	.32	.42	.43	.51	.53
	<i>F</i>	.601	.133	1.597	6.515*	.626
Nível Socioeconómico						
Baixo	<i>M</i>	4.34	4.05	4.19	3.99	3.85
	<i>DP</i>	.48	.51	.60	.57	.54
Médio	<i>M</i>	4.33	4.02	4.29	3.89	3.93
	<i>DP</i>	.35	.47	.39	.49	.44
Alto	<i>M</i>	4.46	4.29	4.44	4.02	4.19
	<i>DP</i>	.29	.46	.37	.43	.50
<i>F</i>	.791	2.627	2.845	1.552	3.851*	
Composição Familiar						
Nuclear Intacta	<i>M</i>	4.34	4.05	4.26	3.91	3.92
	<i>DP</i>	.39	.49	.46	.51	.49
Pós-Divórcio	<i>M</i>	4.42	4.00	4.38	4.09	3.99
	<i>DP</i>	.31	.48	.34	.52	.38
Monoparental	<i>M</i>	4.28	3.94	4.16	3.86	3.91
	<i>DP</i>	.49	.41	.59	.57	.46
Reconstituída	<i>M</i>	4.12	3.78	4.33	3.86	3.77
	<i>DP</i>	.24	.36	.24	.36	.40
<i>F</i>	1.206	.742	1.069	1.471	.450	
Nível de Escolaridade						
4 anos	<i>M</i>	4.25	4.00	4.05	3.93	3.77
	<i>DP</i>	.65	.47	.78	.58	.50
6 anos	<i>M</i>	4.46	4.24	4.42	4.04	3.95
	<i>DP</i>	.42	.53	.47	.59	.63
9 anos	<i>M</i>	4.44	4.18	4.24	4.14	3.94
	<i>DP</i>	.40	.43	.47	.56	.55
12 anos	<i>M</i>	4.36	4.05	4.23	3.97	4.02
	<i>DP</i>	.35	.57	.39	.45	.42
Licenciatura	<i>M</i>	4.29	3.94	4.27	3.84	3.91
	<i>DP</i>	.35	.48	.40	.47	.44
Mestrado	<i>M</i>	4.26	4.04	4.42	3.73	3.91
	<i>DP</i>	.26	.35	.24	.36	.33

* $p < .05$.

Tabela 18**Teste Anova One-way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Progenitores (Continuação)**

		I.	II.	III.	IV.	V.
Nível de Escolaridade						
Doutoramento	<i>M</i>	4.38	4.06	4.03	3.86	4.05
	<i>DP</i>	.31	.45	.37	.60	.39
	<i>F</i>	1.388	1.659	2.181*	2.494*	1.206

* $p < .05$.

DISCUSSÃO

O objetivo da presente investigação consistiu na análise das percepções de progenitores e de adolescentes da população portuguesa sobre a comunicação mantida na relação parento-filial, através da aplicação da escala COMPA. Pretendia-se caracterizar a comunicação entre pais e filhos adolescentes atendendo a três questões iniciais de investigação. Para tal, realizaram-se análises estatísticas cujos resultados serão seguidamente discutidos, analisando a sua concordância ou divergência com outras pesquisas já publicadas.

Começando pelas diferenças nos padrões comunicacionais em função da variável *sexo*, constatou-se que os rapazes tendem a confiar e a partilhar as suas dificuldades com as figuras parentais do sexo masculino enquanto as adolescentes fazem-no, preferencialmente, mas não de forma estatisticamente significativa, com as mães. Este resultado contradiz parcialmente a literatura que indica que as mães tendem a ser mais frequentemente procuradas para o estabelecimento da comunicação (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002).

No entanto, uma pesquisa mais cuidada da literatura (Grotevant & Cooper, 1985; Tomé et al., 2012) revela a existência de estudos que corroboram os resultados da presente investigação. Grotevant e Cooper (1985) constataram que os pais, mais do que as mães, tendem a encorajar a assertividade dos adolescentes, aquando da crise identitária. No estudo de Tomé et al. (2012) verificou-se que os rapazes comunicam mais com os progenitores e amigos enquanto que as adolescentes do sexo feminino comunicam melhor com o grupo de pares do que com os progenitores. Contudo, na perspetiva dos progenitores continua a verificar-se uma percepção mais positiva por parte das mães, comparativamente aos pais, em relação à comunicação que mantêm com os filhos adolescentes ao nível da disponibilidade para a comunicação, da metacomunicação e da percepção sobre a confiança/partilha por parte dos filhos (Barnes & Olson, 1985). Este resultado pode advir das representações

sociais que favorecem alguns estereótipos relativamente às figuras parentais: por um lado, o papel protetor e afetivo das mães e, por outro, o papel disciplinador e patriarca dos pais (Park, 2002).

Considerando o conflito entre progenitores e filhos adolescentes, não se verificaram diferenças em função da variável sexo, resultado que contraria a literatura empírica revista (Jiménez & Delgado, 2002). Este resultado poderá explicar-se pelo facto de, atualmente, os temas/problemáticas que favorecem os conflitos parento-filiais serem cada vez mais transversais aos adolescentes de ambos os sexos (e.g., autorização parental para saídas noturnas, relação com o grupo de pares, utilização excessiva das novas tecnologias, (in) sucesso escolar, emancipação sexual, consumo de substâncias, regras familiares). Exemplo disto é o estudo realizado por Villa Moral-Jiménez, Ovejero-Bernal, Castro, Rodríguez-Díaz e Sirvent-Ruiz (2011) que analisou as diferenças atitudinais em função do sexo dos adolescentes no consumo de substâncias psicoativas. Esta investigação demonstrou que, apesar das adolescentes manifestarem uma atitude de maior sensibilização perante os efeitos negativos do consumo destas substâncias e os rapazes manifestarem uma atitude permissiva, ambos referem disponibilidade e curiosidade para experimentar drogas. O estudo sobre os consumos deste tipo de substâncias por parte dos adolescentes foi associado, durante algum tempo e em exclusivo, ao sexo masculino (Biederman et al., 2009).

Os resultados obtidos nas duas versões (parental e filial) da escala COMPA indicam que algumas variáveis sociodemográficas têm um papel importante na comunicação entre progenitores e filhos. Os dados mais significativos surgiram na amostra dos progenitores. De acordo com o que se previa, atendendo à literatura, quando os progenitores têm níveis de escolaridade baixos, a frequência comunicacional com os seus filhos adolescentes tende a ser menor (Jiménez & Delgado, 2002). Os progenitores que completaram apenas o 6º ano de escolaridade tendem a metacomunicar menos com os seus filhos do que os progenitores com níveis superiores de escolaridade. Menores níveis de escolaridade poderão traduzir-se em competências linguísticas mais pobres nos progenitores, dificultando a estruturação de um pensamento complexo e a construção de uma comunicação clara (Hoff, Laursen, & Tardif, 2002). Verificou-se ainda que os progenitores com maiores níveis de escolaridade tendem a perceber maior confiança e partilha de problemas por parte dos seus filhos do que aqueles que têm níveis de escolaridade mais baixos. Este resultado é convergente com a ideia defendida por Crouter e Head (2002), indicando que quanto maior for a escolaridade dos progenitores, mais informados estes estarão sobre as experiências quotidianas dos seus filhos. Ainda assim, os resultados revelaram um dado curioso: progenitores com níveis de escolaridade mais baixos tendem a estar mais disponíveis para comunicar com os seus filhos adolescentes do que os licenciados. Esses progenitores manifestam, igualmente, uma maior confiança nos filhos e referem partilhar intimidades/problemas com eles, em comparação com os que têm licenciatura, mestrado e doutoramento. Uma possível explicação para este resultado pode ser a existência de uma maior liberdade e espontaneidade comunicacional nos progenitores com níveis escolares baixos/médios. Considerando as questões culturais, supõe-se que a

existência de qualificações superiores limita a expressão de uma comunicação mais genuína, aberta e livre de preconceitos.

Apesar da escassez de investigação sobre a influência do estatuto socioeconómico na comunicação entre pais e filhos adolescentes, alguns autores indicam que, à semelhança do que acontece com o nível de escolaridade, quanto mais elevado é o estatuto socioeconómico do progenitor, melhor tende a ser a sua comunicação com o adolescente, marcada por um estilo parental democrático (Conger & Conger, 1992). Os resultados do presente estudo são congruentes com esta hipótese, verificando-se que os progenitores de estatuto socioeconómico alto percecionam maior confiança e partilha comunicacional por parte dos filhos comparativamente aos progenitores de estatuto socioeconómico baixo e médio. Estes resultados são compreensíveis considerando que, por norma, os indivíduos de estatuto socioeconómico baixo têm menor escolarização e, por isso, menor capacidade de elaboração ao nível comunicacional (Zhang, 2012). Os resultados obtidos revelam a fragilidade interacional nas famílias de estatutos socioeconómicos desfavorecidos, tal como demonstra o estudo de Conger e Conger (1992). Estes autores sugerem que as dificuldades económicas desencadeiam respostas emocionais de *stress* que afetam a qualidade do exercício da parentalidade que, por sua vez, pode facilitar o desajustamento social dos filhos adolescentes. Os resultados da presente investigação corroboram os dados obtidos pelo estudo de Zhang (2012), ou seja, filhos de famílias desfavorecidas tendem a estabelecer uma relação mais conflituosa com os seus progenitores do que filhos de famílias de estatuto socioeconómico médio ou alto. O autor considera que estes resultados se explicam atendendo ao impacto adverso que a pobreza tem sobre as emoções e os comportamentos dos progenitores. O estudo de Conger e Conger (1992) revela, também, que os progenitores de nível socioeconómico alto tendem a percecionar maior confiança e partilha de intimidades por parte dos seus filhos do que os progenitores de estatuto socioeconómico baixo ou médio. Os mesmos autores enquadraram este resultado indicando que a monitorização parental tende a ser mais rígida e punitiva nas famílias com baixos níveis de rendimento do que nas de níveis médios ou altos, criando condições favoráveis a que os adolescentes se sintam menos confortáveis para partilhar tópicos problemáticos e confiar aspetos da sua intimidade com os progenitores.

Considerando a variável *área de residência*, os dados indicam que os progenitores que habitam num contexto predominante urbano tendem a confiar e a partilhar menos os seus problemas/preocupações/intimidades com os filhos adolescentes, comparativamente aos que vivem em contextos medianamente urbanos e predominantemente rurais. Apesar da literatura existente sobre este tema ser escassa e dispersa (Diggs & Socha, 2004), este é um resultado esperado. Considerando as características da sociedade urbana moderna (longa jornada de trabalho, distância entre o trabalho e a casa, pouco tempo de convívio com os filhos), depreende-se que estes progenitores tenham menor disponibilidade para estar física e afetivamente com os filhos, limitando a oportunidade de partilha de assuntos do foro pessoal. O isolamento e a privação de alguns serviços nos contextos rurais podem conduzir à rigidificação dos modelos educativos e comunicacionais entre pais e adolescen-

tes (Diggs & Socha, 2004), porém, numa vertente mais positiva, pode facilitar a partilha genuína das preocupações parentais.

Por fim, um dos resultados mais surpreendentes obtidos com a escala COMPA relaciona-se com a variável *composição familiar*. Ao contrário de algumas indicações da literatura (Amato, 2001; Carlsund et al., 2012), não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na subamostra dos progenitores. Por outro lado, constatou-se que os adolescentes que integram famílias pós-divórcio tendem a confiar/partilhar mais os seus problemas com as mães do que os adolescentes de famílias monoparentais. A literatura indica que, apesar de já não ser tratado como um acontecimento excecional, a separação/divórcio marca um dos períodos mais desafiantes do ciclo vital de uma família pois trata-se “do maior rompimento no processo de ciclo de vida familiar, aumentando a complexidade das tarefas desenvolvimentais que a família está a experienciar naquela fase” (Peck & Manocherin, 1995, p. 291). O estudo de Carlsund et al. (2012) revela que adolescentes que pertencem a agregados familiares com um único progenitor tendem a perceber uma pior comunicação parento-filial comparativamente a adolescentes de famílias nucleares intactas. Porém, o mesmo estudo indica que a comunicação entre progenitores e filhos não difere substancialmente quando se comparam famílias nucleares intactas com famílias pós-divórcio em regime de custódia partilhada. Os autores verificaram que a partilha igualitária de responsabilidades parentais, independentemente do tipo de estrutura familiar, não parece influenciar o estabelecimento de uma comunicação parento-filial adequada. A meta-análise conduzida por Amato (2001), com base em 67 estudos sobre divórcio publicados ao longo da década de 90, indica que os filhos de famílias em processo de divórcio apresentam valores significativamente mais baixos, em comparação com famílias nucleares intactas, ao nível do sucesso escolar, comportamento, ajustamento psicológico, autoconceito e manutenção de relações sociais. Apesar destes resultados, o autor concluiu que, na década de 90, houve um decréscimo nas diferenças entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio em algumas destas dimensões. Esta pesquisa mostra que o divórcio tem vindo a ser encarado de forma diferente pela sociedade e isso poderá explicar o resultado registado no trabalho sob discussão. Com o aumento da taxa de divórcios, a adaptação social a este acontecimento tende a ser cada vez mais normativa, sobretudo quando não se verifica conflito conjugal acentuado (Bing et al., 2009; Esmaeili et al, 2011). Assim, os resultados obtidos podem ser explicados pela possibilidade de os pais divorciados que integraram esta amostra terem um baixo nível de conflito interparental.

A análise dos resultados obtidos deve ser feita de modo cauteloso uma vez que esta pesquisa apresenta algumas limitações. Salienta-se a heterogeneidade ao nível das características sociodemográficas (sexo, área de residência, estatuto socioeconómico e composição familiar). Esta limitação é particularmente relevante quando se comparam os resultados das famílias pós-divórcio com os outros tipos de composição familiar. É importante ponderar que os resultados obtidos nestas variáveis podem dever-se a uma série de fatores/variáveis não controlados nesta pesquisa.

CONCLUSÃO

Em conclusão, do conjunto de resultados apresentados realça-se o papel da figura paterna na perceção dos adolescentes relativamente à partilha comunicacional e, por outro lado, uma perceção mais positiva por parte das mães relativamente à expressão afetiva dos filhos e à confiança/partilha destes. Os dados demonstram a incongruência, que por vezes existe, entre as perceções de progenitores e de adolescentes.

Apesar de circunscritos à população portuguesa, os resultados desta pesquisa permitem caracterizar a comunicação entre pais e filhos adolescentes, contribuindo assim, para o desenho de estratégias de intervenção específicas para famílias com filhos adolescentes.

Considera-se fundamental que futuramente se desenvolvam pesquisas com populações específicas/clínicas, não só para promover estudos de validade da escala COMPA, como também para compreender as particularidades da comunicação entre pais e filhos adolescentes em situações específicas (e.g., famílias em processo de regulação das responsabilidades parentais, famílias com um elemento com doença crónica). A investigação futura deve contemplar também famílias com crianças ou com jovens adultos, permitindo comparações entre as várias etapas do ciclo vital.

CAPÍTULO V

CARACTERIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO ENTRE PROGENITORES E FILHOS EM IDADE ESCOLAR: ESTUDO COM UMA AMOSTRA PORTUGUESA¹⁷

Resumo

A comunicação parento-filial é uma dimensão central do exercício da parentalidade. O objetivo do presente estudo foi identificar e comparar as percepções de 467 progenitores e 329 crianças (entre os 7 e os 11 anos) sobre a comunicação parento-filial, através da *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA)*. Os testes *t* de *Student*, *ANOVA* e correlação de *Pearson* revelaram alguns resultados estatisticamente significativos: destaque positivo de mães/filhas na comunicação, relação positiva entre as dimensões *meta-comunicação* e *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores*, e influência de algumas variáveis sociodemográficas (níveis socioeconómico e de escolaridade baixos, contexto rural) sobre a comunicação. De uma forma geral, os resultados sugerem a necessidade de dar atenção às relações parento-filiais em contextos escolares e socioeconómicos desfavorecidos.

Palavras-chave: comunicação pais-criança; crianças em idade escolar.

¹⁷ Portugal, A., & Alberto, I. (em revisão). Caracterização da comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar: Estudo com uma amostra portuguesa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa* (impact factor: 0.268). Revisão solicitada em 03/07/2013.

Abstract

Parent-child communication is a central dimension of parenting exercise. The main goal of the present study was perceptions' identification and comparison of 467 parents and 329 children (7-11 years old) about parent-child communication, by using the *Perception Scale of Parenting Communication*. T-Student, ANOVA and Pearson correlation tests revealed some statistically significant results: positive highlight for mothers/daughters on communication, positive relationship between metacommunication and sharing/confidence dimensions by children, and the influence of some sociodemographic variables (low levels of financial income and education, rural context) on quality of communication. In general, paying attention to parent-child relationship in social, academic and socioeconomic disadvantage contexts seems to be an important suggestion of these results.

Keywords: parent-child communication; school-age children.

INTRODUÇÃO

A relação parento-filial inicia-se a partir do momento da concepção de um filho, acontecimento que marca o estabelecimento da primeira ligação intergeracional do ser humano (Segrin & Flora, 2005). Esta relação é constituída e definida por diversas dimensões das quais se destaca a comunicação (Carr, 2006). Por comunicação entende-se o processo contínuo de transmissão de informação que integra diferentes realidades e sociedades/culturas (Fiske, 2005) sendo que, no contexto particular da família, a comunicação permite reconhecer e dar resposta às necessidades e exigências básicas da parentalidade em função de cada etapa do ciclo vital (Carr, 2006; Relvas, 1996). A comunicação familiar engloba diversas dimensões: *expressão do afeto e apoio emocional*, que diz respeito à troca de mensagens positivas entre os membros da família, à clareza comunicacional, à resolução de problemas, ao suporte emocional, ao apoio verbal e à demonstração de afeto e empatia (Ségrin & Flora, 2005); *disponibilidade*, que se refere à abertura comunicacional e à sinceridade no diálogo (Kirkman, Rosenthal, & Feldman, 2005); *metacomunicação*, que está relacionada com o esclarecimento dos conteúdos comunicacionais verbalizados (Watzlawick et al., 1993); e *confiança/partilha* equilibrada de questões e problemas pessoais sobre trabalho, relacionamentos, amizades e família (Kirkman et al., 2005). A etapa do ciclo vital *família com filhos em idade escolar* é considerada uma das mais desafiantes em termos do exercício da parentalidade (Relvas, 1996). Empiricamente, registam-se alguns estudos centrados no relacionamento pais-filhos durante esta etapa, por exemplo ao nível das práticas e dos estilos parentais (e.g., Camacho & Matos, 2007; Kerr, Stattin, & Özdemir, 2012) no entanto, poucos são aqueles que analisam a dimensão comunicacional de forma específica (Stamp, 2004).

Numa perspetiva sistémica, a entrada das crianças na escola é “um momento capital de abertura do sistema familiar ao mundo extrafamiliar. (...) É a primeira crise de desmembramento com que a família se confronta” (Relvas, 1996, p. 114). Esta etapa do ciclo vital, que contempla os primeiros seis anos de escolaridade (Stafford, 2004), implica a realização de tarefas específicas tanto por parte dos pais (e.g., garantir a segurança da criança; prestar-lhe os cuidados básicos, incluindo a dimensão afetiva e relacional; monitorizar o seu comportamento; estimulá-la intelectualmente), como por parte dos filhos (e.g., obter sucesso escolar; iniciar o processo de socialização com o grupo de pares) (Carr, 2006). De acordo com Relvas (1996) esta fase da vida familiar conjuga movimentos centrípetos (fecho ao exterior) com movimentos centrífugos (abertura ao exterior), dando início a uma das tarefas mais relevantes: o processo de socialização e individuação dos filhos (Herbert, 2004; Tabora Simões et al., 2006). Em termos comunicacionais, verifica-se uma continuidade projetiva das regras de comunicação intrafamiliares para outros subsistemas (e.g., pares, escola), passando a criança a assumir o papel de gestor comunicacional (Alarcão 2006; Relvas, 1996). Nesta gestão, destacam-se três áreas importantes (Stafford, 2004): (a) os com-

portamentos afetivos (suporte emocional e conforto), que refletem a capacidade da criança para perceber e dar apoio perante a expressão de sentimentos negativos como tristeza, medo, ansiedade e raiva; (b) as competências de argumentação e de gestão de conflitos necessárias para superar e resolver situações relacionais entre pares; e (c) a expressão afetiva/emocional, que diz respeito à competência das crianças para gerirem a manifestação de emoções com os pares (automonitorização).

Streeck (2002) refere que a comunicação familiar é um dos agentes instrumentais mais importantes para o processo de socialização infantil, facto que é reforçado pelo estudo de Gentzler et al. (2005). Estes autores verificaram que a competência social das crianças em idade escolar tende a ser maior em função do uso de estratégias de *coping* adaptativas, sendo que o recurso a essas estratégias depende da comunicação aberta mantida com os progenitores no contexto familiar. Riesch et al. (2006) constataram que o processo de comunicação parento-filial, que inclui a abertura comunicacional, a satisfação com o sistema familiar, o cuidar do outro e a capacidade de resolução de conflitos, pode funcionar como mecanismo mediador e protetor de comportamentos de risco das crianças em idade escolar, tais como, consumo de tabaco, álcool, drogas leves e iniciação sexual precoce. Assim, Riesch et al. (2006) defendem que a intervenção na comunicação entre progenitores e filhos pode prevenir o desenvolvimento de comportamentos de risco ao nível da saúde (e.g., abuso de substâncias). Hillaker et al. (2008) desenvolveram uma investigação com o objetivo de analisar o efeito da comunicação familiar sobre o desenvolvimento de competências sociais e constataram que, de facto, a manutenção de uma comunicação parento-filial positiva (e.g., responsividade comunicacional) contribui para o desenvolvimento de competências sociais, tais como: valores sociais positivos (e.g., cuidar do outro, sentido de igualdade e justiça, integridade, honestidade, responsabilidade), tomada de decisão, competência interpessoal e competências de resiliência. Bumpus e Hill (2008), através de um estudo longitudinal, analisaram a relação entre a existência de segredos por parte dos filhos e a comunicação que estes mantêm com os seus progenitores, com o ajustamento social das crianças. Os resultados indicam que existe uma relação moderada entre a existência do segredo sobre as atividades diárias por parte das crianças e a frequência da comunicação parento-filial. Verifica-se uma menor comunicação entre progenitores e filhos quando estes ocultam informação aos seus pais. Além disto, constatou-se, que as crianças que guardam segredos em relação às figuras parentais tendem a ser perçecionadas pelos professores como sendo menos competentes a nível social, mais opositoras e agressivas.

A literatura demonstra que a comunicação entre progenitores e filhos em idade escolar é influenciada por diversas variáveis, tais como: *sexo, estrutura familiar, nível socioeconómico, cultura /local de residência e nível de escolaridade* (Segrin & Flora, 2005). Relativamente às diferenças em relação ao sexo, McNaught (2000) concluiu que: os progenitores de ambos os sexos tendem a comunicar mais abertamente com as filhas do que com os filhos, e as filhas tendem a ser mais expressivas (quando se referem a sentimentos) do que os filhos, já que estes manifestam maior contenção na expressão emocional. Também Patrick,

Snyder, Schrepferman e Snyder (2005) verificaram que as meninas reportam uma comunicação mais frequente com ambos os progenitores do que os meninos. Ao nível da estrutura familiar, Dunn, Davies, O'Connor e Sturgess (2001) constataram que as crianças de famílias reconstituídas desenvolvem relações de menor confiança com ambos os progenitores, comparativamente às crianças de famílias nucleares intactas, enquanto as crianças de famílias monoparentais tendem a partilhar mais atividades com a família do que crianças que vivem noutras composições familiares. Alguns autores verificaram que a comunicação parento-filial é, também, negativamente afetada pela ocorrência de um divórcio (Afifi et al., 2006; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011; Nair & Murray, 2005). O nível socioeconómico influencia, também, o exercício da parentalidade (Magnuson & Duncan, 2002). De acordo com Magnuson e Duncan (2002) os progenitores com baixos rendimentos económicos tendem a recorrer a estratégias educativas mais centradas no castigo físico e em estilos comunicacionais mais autoritários que não contemplam a perspetiva das crianças. Da mesma forma, a comunicação parece ser mediada pelo contexto social em que a família vive. As crenças e as atitudes comunicacionais distinguem-se e adaptam-se em função do contexto geográfico seja ele rural, urbano ou semiurbano. O estudo de Wamoyi, Fenwick, Urassa, Zaba e Stones (2010) evidenciou que, apesar dos filhos das famílias que viviam em contexto rural conversarem com os progenitores sobre aspetos relacionados com a sexualidade, reportavam falta de confiança sobre o que partilhar e com qual dos progenitores partilhar, por receio de serem castigados. Os progenitores, por sua vez, referem dificuldade na comunicação sobre este tópico devido às barreiras culturais e à falta de conhecimento. Jiménez e Delgado (2002) verificaram que também o nível de literacia parental tem implicações na comunicação parento-filial, constatando que quanto menor for a escolaridade dos progenitores menos frequentes serão as interações comunicacionais.

Atendendo à importância que a comunicação tem no contexto do exercício da parentalidade, o principal objetivo do presente estudo é identificar e comparar as perceções que progenitores e crianças (entre os 7 e os 11 anos) têm sobre a comunicação parento-filial, através de um instrumento de medida específico da comunicação: *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* (COMPA). De acordo com este objetivo, foram colocadas três hipóteses de investigação: (1) existem diferenças de género, no sentido dos elementos do sexo feminino (mães e filhas) manterem uma comunicação parento-filial mais frequente do que os elementos do sexo masculino (pais, filhos) (Bumpus & Hill, 2008; McNaught, 2000; Patrick et al., 2005); (2) existe uma relação positiva entre a comunicação parento-filial clara (metacomunicação) e a confiança/partilha de situações problemáticas por parte dos filhos em relação aos progenitores (Bumpus & Hill, 2008; Patrick et al., 2005); e (3) variáveis sociodemográficas como a *estrutura familiar* (Afifi et al., 2006; Dunn et al., 2001; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011; Nair & Murray, 2005), o *nível socioeconómico* (Magnuson & Duncan, 2002), o *local de residência* (Wamoyi et al., 2010) e a *escolaridade* (Jiménez & Delgado, 2002) dos participantes influenciam os padrões comunicacionais entre progenitores e filhos.

MÉTODOS

Amostra

A amostra total é constituída por 796 participantes distribuídos por duas subamostras independentes: 329 crianças com idades entre os 7 e os 11 anos ($M = 9.68$) e 467 progenitores com idades entre os 24 e os 67 anos ($M = 39.41$).

A subamostra das crianças é composta por 145 (44.1%) meninos e 184 (55.9%) meninas, verificando-se que 32 crianças (9.7%) vivem num contexto predominantemente urbano, 170 (51.7%) num contexto medianamente urbano e 127 (38.6%) num contexto predominantemente rural. Ao nível do estatuto socioeconómico, calculado com base nos indicadores disponíveis no Instituto Nacional de Estatística relativos às profissões e rendimentos dos progenitores, constata-se que 18 (5.5%) crianças pertencem à classe socioeconómica baixa, 281 (85.4%) à classe média e 29 (8.8%) à classe alta. Por fim, relativamente à escolaridade, 174 (52.9%) crianças frequentam os quatro anos iniciais de escolaridade, 154 (46.8%) estão a terminar os seis anos de escolaridade e apenas 1 (0.3%) das crianças está a completar os nove anos de escolaridade. Em termos da estrutura familiar, verifica-se que 278 (84.5%) crianças vivem em agregados familiares nucleares intactos, 29 (8.8%) em famílias pós-divórcio, 18 (5.5%) crianças vivem em famílias reconstituídas e 4 (1.2%) crianças vivem em famílias com apenas um progenitor (monoparentais). Em média, os participantes desta subamostra têm 1 irmão ($M = 1.39$, $DP = 0.84$).

A subamostra dos progenitores é composta por 84 pais (18%) e 383 mães (82%), verificando-se que 225 (48.2%) progenitores vivem num contexto predominantemente urbano, 184 (39.4%) num contexto medianamente urbano e 50 (10.7%) habitam num contexto predominantemente rural. Relativamente ao nível socioeconómico, 345 participantes (73.9%) enquadram-se no nível socioeconómico médio, 89 (19.1%) pertencem ao nível socioeconómico baixo e 28 (6%) estão no nível socioeconómico alto. Considerando a escolaridade verifica-se que 21 (4.5%) progenitores completaram quatro anos de escolaridade, 25 (5.4%) completaram seis anos, 49 (10.5%) dos progenitores concluíram nove anos e 118 (25.3%) terminaram doze anos (escolaridade obrigatória em Portugal). Grande parte dos progenitores que compõem esta amostra ($n = 175$, 37.5%) têm uma licenciatura e 58 têm uma pós-graduação (mestrado: $n = 37$, 7.9%; doutoramento: $n = 21$, 4.5%). Constata-se que a maioria dos progenitores representam famílias nucleares intactas ($n = 403$, 86.3%), 48 (10.3%) participantes vivem em famílias pós-divórcio, 9 (1.9%) estão numa família reconstituída e apenas 7 (1.5%) progenitores pertencem a um núcleo familiar monoparental. Os progenitores desta amostra têm, em média, dois filhos ($M = 1.92$, $DP = 0.73$) e pelo menos um deles encontra-se no intervalo de idades entre os 7 e os 11 anos.

Instrumentos

Ficha de dados sociodemográficos

Trata-se de um questionário simples e breve que inclui questões de recolha de informação relacionadas com o sexo (masculino, feminino), idade (em anos), parentesco (pai, mãe, filho, filha), número de filhos/irmãos, local de residência (distrito), nível socioeconómico (alto, médio, baixo) e tipo de constituição familiar (nuclear, pós-divórcio, monoparental, reconstituída).

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA, Portugal & Alberto, in press)

É um instrumento de autorrelato que avalia os padrões de comunicação entre progenitores e filhos através de uma escala de tipo *Likert* com cinco níveis (1 = *Nunca*; 2 = *Raramente*; 3 = *Às vezes*; 4 = *Muitas vezes*; 5 = *Sempre*). Atendendo às especificidades de algumas subescalas, quanto mais elevada for a pontuação, melhor tende a ser a perceção sobre a comunicação estabelecida entre progenitores e filhos (Portugal & Alberto, in press). No presente estudo utilizou-se a versão parental (COMPA-P) e a versão para filhos dos 7 aos 11 anos de idade (COMPA-C).

A versão parental da escala COMPA é composta por 44 itens distribuídos por 5 subescalas (*expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos e confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores*). Esta versão obteve um valor de consistência interna de $\alpha = .91$ para a escala global. A versão COMPA-C tem 16 itens distribuídos por duas subescalas (*disponibilidade parental para a comunicação e expressão do afeto e apoio emocional*) e registou um valor de $\alpha = .88$ nos estudos relativos à consistência interna, para a escala global. A versão para as crianças é respondida de forma separada para cada um dos progenitores.

Procedimento

Depois da aprovação do estudo por parte da Direção de Serviços de Inovação Educativa (departamento do governo português), o presente estudo foi divulgado, via e-mail, por 15 escolas públicas distribuídas pelo país, das quais 7 aceitaram participar. Estas escolas de ensino básico estão distribuídas por 3 municípios localizados na zona centro de Portugal: Coimbra, Leiria e Alcobaça. Nas escolas que aceitaram participar, distribuiu-se pelos alunos um documento informativo sobre o estudo, os seus objetivos e o consentimento informado a assinar pelos respetivos progenitores. O protocolo de avaliação, aplicado por um elemento da equipa de investigação ou por um docente, foi respondido coletivamente em contexto de sala de aula. No caso das crianças mais pequenas (7 e 8 anos) os itens do

questionário foram lidos, um a um, em voz alta para todos os alunos e a escala de *Likert* foi inicialmente explicada com recurso a exemplos práticos.

Por sua vez, a aplicação do protocolo aos progenitores foi feita de duas formas: em formato de papel e lápis ($n = 290$, amostra de conveniência) e numa versão online ($n = 177$, criação de um *website*). Na primeira situação (formato de papel e lápis) o protocolo foi aplicado presencialmente e o preenchimento foi efetuado em casa dos participantes ou no seu local de trabalho, em função do que lhes era mais conveniente. Foi solicitado a estes progenitores que pensassem na comunicação que estabelecem com um dos seus filhos, em particular aquele que se encontra na faixa etária dos 7 aos 11 anos. Nas situações em que os progenitores tinham mais do que um filho nesta faixa etária, pediu-se para que respondessem especificamente sobre um dos filhos, uma vez que os padrões comunicacionais diferem de filho para filho. O processo de recolha desta subamostra foi baseado no método não-probabilístico de *bola de neve*, ou seja, foi gerada uma rede de contactos a partir da aplicação do protocolo aos primeiros progenitores (Pais-Ribeiro, 2007). Importa referir que em alguns casos se registam *missings* nas respostas à escala, aspeto que provoca ligeiras variações nos valores de n aquando das comparações entre grupos.

As amostras dos progenitores e das crianças são independentes, não havendo relação de parentesco entre si. Esta opção deveu-se a dois motivos: à maior acessibilidade a participantes independentes e à possibilidade de controlo da manipulação das respostas, condição difícil de gerir caso os questionários fossem aplicados a todos os elementos do mesmo agregado familiar (comparação de respostas).

RESULTADOS

Hipótese 1: Existem diferenças ao nível da variável sexo: mães e filhas mantêm uma comunicação parento-filial mais frequente do que os pais e filhos

Para analisar a influência da variável sexo de progenitores e filhos na comunicação parento-filial recorreu-se ao teste de comparação de médias t de *Student* para amostras independentes.

Resultados na amostra das crianças

Os resultados revelaram que as subescalas da versão filial da escala COMPA têm variâncias homogêneas, registando-se diferenças estatisticamente significativas na subescala *disponibilidade parental para a comunicação*, quer tendo por referência o pai [$t(309) = -2.648, p = .009$], quer a mãe [$t(313) = -2.331, p = .020$]. Em média, as crianças do sexo feminino percebem uma maior disponibilidade parental à comunicação por parte da mãe

($M = 4.64$, $DP = .46$) e do pai ($M = 4.50$, $DP = .52$), comparativamente às crianças do sexo masculino [($M = 4.52$, $DP = .50$), ($M = 4.34$, $DP = .53$)]. Porém, a magnitude das diferenças entre as médias nos filhos revelou-se pequena, quer em relação à mãe ($\eta^2 = .02$), quer em relação ao pai ($\eta^2 = .02$). Estes resultados podem ser analisados em detalhe na Tabela 19.

Resultados na amostra dos progenitores

O teste *t* de *Student* para amostras independentes foi utilizado para comparar as respostas dos progenitores. Verificada a homogeneidade das variâncias constatou-se, tal como se pode ver na Tabela 19, a existência de dois valores estatisticamente significativos, nomeadamente ao nível da subescala *expressão do afeto e apoio emocional* [$t(450) = -3.182$, $p = .002$] e da subescala *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores* [$t(454) = -3.505$, $p = .001$]. Em média, as mães destacam-se nas subescalas *expressão do afeto e apoio emocional* ($M = 4.48$, $DP = .34$) e *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores* ($M = 4.03$, $DP = .46$) quando comparadas com os pais [($M = 4.34$, $DP = .39$), ($M = 3.84$, $DP = .44$)]. A magnitude das diferenças entre as médias nos progenitores revelou-se pequena na expressão do afeto ($\eta^2 = .02$) e na confiança ($\eta^2 = .03$).

Tabela 19

**Teste t de Student: Diferenças de Género na Comunicação Parento-filial
(Versão Filial e Parental)**

Sub-dimensão/Nome		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i> (gl)	<i>p</i>	95% IC (baixo ; alto)
COMPA-C em relação ao pai: sexo feminino (<i>n</i> = 176); sexo masculino (<i>n</i> = 135)						
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Masc.	4.34	.53	-2.648 (309)	.009*	-2.21604; -.32663
	Femin.	4.50	.52			
II. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Masc.	3.84	.72	-.870 (300)	.385	-1.75715; .68005
	Femin.	3.91	.63			
COMPA-C em relação à mãe: sexo feminino (<i>n</i> = 179); sexo masculino (<i>n</i> = 137)						
I. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Masc.	4.52	.50	-2.331 (313)	.020*	-1.85760; -.15716
	Femin.	4.64	.46			
II. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Masc.	4.17	.61	-1.732 (311)	.084	-2.04735; .13048
	Femin.	4.29	.60			
COMPA-P: Pais (<i>n</i> = 84); Mães (<i>n</i> = 371)						
I. Expressão do Afeto e Apoio Emocional	Masc.	4.34	.39	-3.182* (450)	.002*	-2.66227; -.62936
	Femin.	4.48	.34			
II. Disponibilidade Parental para a Comunicação	Masc.	4.10	.48	1.097 (386)	.273	-.43561; 1.53451
	Femin.	4.03	.42			
III. Metacomunicação	Masc.	4.21	.42	-1.645 (453)	.101	-1.53591; .13609
	Femin.	4.30	.45			
IV. Confiança/Partilha Comunicacional de Progenitores para Filhos	Masc.	3.79	.55	-1.160 (448)	.247	-1.45324; .37424
	Femin.	3.87	.54			
V. Confiança/Partilha Comunicacional de Filhos para Progenitores	Masc.	3.84	.44	-3.505 (454)	.001*	-2.12635; -.59859
	Femin.	4.03	.46			

* $p < .05$.

Hipótese 2: Existe uma relação positiva entre a comunicação parento-filial clara (metacomunicação) e a confiança/partilha de situações problemáticas por parte dos filhos em relação aos progenitores

Para analisar a relação entre a clareza comunicacional (*metacomunicação*) e a *confiança/partilha comunicacional de filhos para progegenitores*, na perceção dos progenitores, utilizou-se o coeficiente de correlação de *Pearson*. Os pressupostos de normalidade, linearidade e homocedasticidade foram estabelecidos. Registou-se uma correlação positiva moderada entre as duas variáveis [$r(445) = .579, p = .001$], com valores da subescala *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* a aumentarem à medida que os da subescala *metacomunicação* sobem. Obtiveram-se valores de correlação positiva

moderada entre as subescalas *metacomunicação* e *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$r(445) = .377, p = .001$] e entre as subescalas *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* e a *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* [$r(445) = .391, p = .001$].

Hipótese 3: As variáveis sociodemográficas estrutura familiar, nível socioeconómico, local de residência e escolaridade dos participantes influenciam os padrões comunicacionais entre progenitores e filhos

Para analisar a influência das variáveis *local de residência, nível socioeconómico, estrutura familiar e escolaridade* na comunicação parento-filial recorreu-se ao teste ANOVA *one-way* e ao teste de *Tukey* para comparação múltipla das médias.

Resultados na amostra das crianças

Os resultados obtidos na subamostra das crianças sugerem, de acordo com a Tabela 20, a existência de diferenças estatisticamente significativas em função da variável *local de residência* nas subescalas *disponibilidade parental para a comunicação* tendo como referência o pai [$F(2, 308) = 6.442, p = .002$] e a mãe [$F(2, 312) = 5.110, p = .007$] e *expressão do afeto e apoio emocional* apenas em relação ao pai [$F(2, 299) = 3.730, p = .025$]. O teste de *Tukey* indica que as crianças que pertencem a um contexto predominantemente urbano tendem a perceber uma maior disponibilidade comunicacional por parte do pai ($M = 4.61, DP = .42$), em comparação com as crianças que vivem em contextos medianamente urbanos ($M = 4.49, DP = .48$) ou rurais ($M = 4.30, DP = .59$). A disponibilidade das mães para a comunicação é percebida como sendo maior nas crianças que vivem em contextos medianamente urbanos ($M = 4.67, DP = .42$), em contraste com o contexto predominantemente rural ($M = 4.49, DP = .53$). Por sua vez, as crianças de um contexto medianamente urbano tendem a perceber uma maior expressão dos afetos e apoio emocional dos progenitores do sexo masculino ($M = 3.97, DP = .65$), comparativamente a crianças de contextos predominantemente rurais ($M = 3.75, DP = .69$). O cálculo do tamanho do efeito, através do *eta squared*, revela valores que variam entre .02 e .04 o que significa que as diferenças verificadas têm um efeito pequeno, de acordo com (Field, 2003).

Considerando o *nível socioeconómico*, verificam-se algumas diferenças estatisticamente significativas nas subescalas *disponibilidade parental para a comunicação* tendo por referência o pai [$F(2, 307) = 11.850, p = .001$] e a mãe [$F(2, 307) = 5.404, p = .005$], e *expressão do afeto e apoio emocional* apenas em relação ao pai [$F(2, 298) = 4.701, p = .010$]. As crianças que pertencem à classe socioeconómica alta tendem a perceber uma maior disponibilidade para a comunicação por parte do pai ($M = 4.54, DP = .63$) e da mãe ($M = 4.72, DP = 3.18$), comparativamente às crianças de classe média [pai ($M = 3.59, DP = .40$), mãe ($M = 4.45, DP = .49$)] ou baixa [pai ($M = 4.59, DP = .46$), mãe ($M = 3.83, DP = .68$)]. A expressão do afeto e apoio emocional por parte do pai parece ser percebida de uma forma significati-

vamente menor na classe baixa ($M = 4.24$, $DP = .77$) comparativamente à classe média ($M = 3.43$, $DP = .81$) e alta ($M = 4.06$, $DP = .60$). O cálculo do tamanho do efeito, através do *eta squared*, revela valores que variam entre .03 e .07, o que significa que apenas o resultado relativo à *disponibilidade parental para a comunicação*, tendo por referência o pai, tem um efeito médio; as outras diferenças têm um efeito pequeno de acordo com (Field, 2003).

Analisando a variável *estrutura familiar* registam-se diferenças estatisticamente significativas apenas na subescala *disponibilidade parental para a comunicação* relativamente ao pai [$F(3, 307) = 2.633$, $p = .050$]. O teste *Tukey* revelou que esta variável é menos pontuada nas famílias monoparentais ($M = 4.06$, $DP = .90$), seguida das famílias pós-divórcio ($M = 4.17$, $DP = .69$), famílias nucleares intactas ($M = 4.45$, $DP = .50$) e famílias reconstituídas ($M = 4.47$, $DP = .62$). O tamanho do efeito para esta diferença é pequeno ($\eta^2 = .03$).

Tabela 20

Teste Anova One-Way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Filhos (COMPA-C)

		Versão em relação ao Pai		Versão em relação à Mãe		
		I.	II.	I.	II.	
Local de Residência						
Urbano	<i>M</i>	4.61	3.90	4.57	4.27	
	<i>DP</i>	.42	.57	.51	.57	
Medianamente Urbano	<i>M</i>	4.49	3.97	4.67	4.28	
	<i>DP</i>	.48	.65	.42	.60	
Rural	<i>M</i>	4.30	3.75	4.49	4.17	
	<i>DP</i>	.59	.69	.53	.63	
		<i>F</i>	6.442*	3.730*	5.110*	1.197
Nível Socioeconómico						
Baixo	<i>M</i>	3.83	3.43	4.24	3.93	
	<i>DP</i>	.68	.81	.77	.87	
Médio	<i>M</i>	4.45	3.89	4.59	4.25	
	<i>DP</i>	.49	.65	.46	.60	
Alto	<i>M</i>	4.54	4.06	4.72	4.28	
	<i>DP</i>	.63	.60	.40	.54	
		<i>F</i>	11.850*	4.701*	5.404*	2.078
Estrutura Familiar						
Nuclear Intacta	<i>M</i>	4.45	3.89	4.59	4.24	
	<i>DP</i>	.50	.64	.48	.59	
Pós-Divórcio	<i>M</i>	4.17	3.70	4.60	4.32	
	<i>DP</i>	.69	.86	.45	.61	
Monoparental	<i>M</i>	4.06	4.04	4.75	3.31	
	<i>DP</i>	.90	1.16	.43	2.03	

* $p < .05$.

Tabela 20

Teste Anova One-Way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Filhos (COMPA-C) (Continuação)

		Versão em relação ao Pai		Versão em relação à Mãe	
		I.	II.	I.	II.
Reconstituída	<i>M</i>	4.47	3.97	4.48	4.08
	<i>DP</i>	0.62	.69	.54	.63
	<i>F</i>	2.633*	.715	.424	2.134

* $p < .05$.

Resultados na amostra dos progenitores

Através do teste ANOVA *one-way*, e considerando a variável *local de residência*, encontram-se diferenças estatisticamente significativas nas subescalas *metacomunicação* [$F(2, 444) = 3.283, p = .038$] e *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$F(2, 439) = 3.543, p = .030$], tal como se pode ver na Tabela 21. Os progenitores que pertencem a um contexto predominantemente urbano tendem a perceber uma maior clareza comunicacional (metacomunicação) com os seus filhos ($M = 4.33, DP = .41$) do que aqueles que vivem em contextos medianamente urbanos ($M = 4.24, DP = .49$) ou predominantemente rurais ($M = 4.20, DP = .41$). Por outro lado a *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* parece ser menor em contextos predominantemente urbanos ($M = 3.79, DP = .52$) em comparação com os contextos medianamente urbanos ($M = 3.94, DP = .58$). Apesar de as diferenças serem estatisticamente significativas, o tamanho do efeito é pequeno para ambas ($\eta^2 = .01; \eta^2 = .02$).

Na análise da comunicação parento-filial em função do *nível socioeconómico* verificam-se diferenças estatisticamente significativas apenas na subescala *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$F(2, 442) = 8.306, p = .001$], com os progenitores que pertencem à classe socioeconómica baixa a demonstrarem mais confiança nos filhos ($M = 4.06, DP = .56$) do que os progenitores da classe socioeconómica média ($M = 3.82, DP = .53$) ou alta ($M = 3.68, DP = .47$). O tamanho do efeito para estes resultados é pequeno ($\eta^2 = .01$).

Por fim, ao nível da *escolaridade* dos progenitores registam-se diferenças estatisticamente significativas nas subescalas *metacomunicação* [$F(7, 440) = 6.972, p = .001$], *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$F(7, 435) = 5.315, p = .001$] e *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* [$F(7, 441) = 2.605, p = .012$]. Os resultados no teste de *Tukey* indicam que os progenitores que completaram quatro anos de ensino básico tendem a estabelecer uma comunicação significativamente menos clara com os filhos ($M = 3.68, DP = .76$) em comparação com os progenitores que estu-

daram durante seis anos ($M = 4.27$, $DP = .31$), nove anos ($M = 4.21$, $DP = .52$), doze anos ($M = 4.32$, $DP = .41$), e também em comparação com os progenitores que completaram a licenciatura ($M = 4.32$, $DP = .37$), o mestrado ($M = 4.33$, $DP = .42$) e o doutoramento ($M = 4.32$, $DP = .37$). Ao nível da *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos* os progenitores que completaram nove anos de ensino básico destacam-se por revelarem maior confiança e partilha de assuntos problemáticos com os filhos ($M = 4.11$, $DP = .53$), comparativamente aos progenitores que completaram 12 anos de estudos ($M = 4.00$, $DP = .46$), a licenciatura ($M = 3.73$, $DP = .55$) e o mestrado ($M = 3.66$, $DP = .52$). Relativamente à *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos* constata-se que aqueles que completaram apenas os quatro anos de ensino básico se destacam por terem uma baixa perceção nesta subescala ($M = 25.45$, $DP = 4.78$) comparativamente aos que concluíram seis anos ($M = 4.07$, $DP = .49$), nove anos ($M = 4.40$, $DP = .46$), doze anos ($M = 4.03$, $DP = .47$), a licenciatura ($M = 3.99$, $DP = .42$) e o mestrado ($M = 4.14$, $DP = .36$). Neste caso, o cálculo do tamanho do efeito revela que as subescalas *metacomunicação* ($\eta^2 = .10$) e *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos* ($\eta^2 = .08$) têm um efeito médio enquanto a subescala *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores* tem um efeito pequeno ($\eta^2 = .04$).

A variável *estrutura familiar* não revelou qualquer resultado estatisticamente significativo na versão parental da escala COMPA.

Tabela 21

Teste Anova One-way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Progenitores (COMPA-P)

		I.	II.	III.	IV.	V.	
Local de Residência							
Urbano	<i>M</i>	4.48	4.01	4.33	3.79	4.10	
	<i>DP</i>	.33	.45	.41	.52	.46	
Medianamente Urbano	<i>M</i>	4.43	4.01	4.24	3.94	4.01	
	<i>DP</i>	.39	.51	.49	.58	.47	
Rural	<i>M</i>	4.39	3.97	4.20	3.84	3.91	
	<i>DP</i>	.36	.39	.41	.45	.46	
		<i>F</i>	1.439	2.412	3.283*	3.543*	1.082
Nível Socioeconómico							
Baixo	<i>M</i>	4.44	4.10	4.20	4.06	4.02	
	<i>DP</i>	.45	.54	.62	.56	.57	
Médio	<i>M</i>	4.45	4.02	4.31	3.82	3.99	
	<i>DP</i>	.33	.46	.39	.53	.44	
Alto	<i>M</i>	4.47	4.20	4.25	3.68	4.10	
	<i>DP</i>	.35	.40	.40	.47	.35	
		<i>F</i>	.105	2.279	1.975	8.306*	.791

* $p < .05$.

Tabela 21

Teste Anova One-way: Diferenças na Comunicação Parento-filial ao Nível das Variáveis Sociodemográficas dos Progenitores (COMPA-P) (Continuação)

		I.	II.	III.	IV.	V.	
Estrutura Familiar							
Nuclear Intacta	<i>M</i>	4.45	4.06	4.27	3.85	3.99	
	<i>DP</i>	.36	.46	.44	.54	.46	
Pós-Divórcio	<i>M</i>	4.46	3.93	4.42	3.84	4.11	
	<i>DP</i>	.37	.52	.37	.63	.42	
Monoparental	<i>M</i>	4.52	4.09	4.25	4.31	4.05	
	<i>DP</i>	.50	.47	.53	.46	.58	
Reconstituída	<i>M</i>	4.50	3.89	4.20	3.92	3.95	
	<i>DP</i>	.31	.63	.58	.48	.65	
		<i>F</i>	1.134	1.316	1.713	1.267	1.031
Escolaridade							
4 anos	<i>M</i>	4.26	3.94	3.68	3.77	3.64	
	<i>DP</i>	.64	.66	.76	.72	.68	
6 anos	<i>M</i>	4.41	4.14	4.27	4.00	4.07	
	<i>DP</i>	.39	.48	.31	.53	.49	
9 anos	<i>M</i>	4.44	4.23	4.21	4.11	4.40	
	<i>DP</i>	.38	.47	.52	.53	.46	
12 anos	<i>M</i>	4.46	4.06	4.32	4.00	4.03	
	<i>DP</i>	.35	.50	.41	.46	.47	
Licenciatura	<i>M</i>	4.46	3.99	4.32	3.73	3.99	
	<i>DP</i>	.31	.44	.37	.55	.42	
Mestrado	<i>M</i>	4.41	4.10	4.33	3.66	4.14	
	<i>DP</i>	.35	.39	.42	.52	.36	
Doutoramento	<i>M</i>	4.46	3.95	4.32	3.71	4.00	
	<i>DP</i>	.29	.40	.37	.52	.39	
		<i>F</i>	1.071	1.542	6.972*	5.315*	2.605*

* $p < .05$.

DISCUSSÃO

O principal objetivo do presente estudo foi identificar e comparar as percepções que progenitores e crianças (entre os 7 e os 11 anos) têm sobre a comunicação parento-filial, através do teste de três hipóteses de investigação. Para tal, recorreu-se às

versões COMPA-P e COMPA-C da *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade*.

A literatura indica que, apesar do progressivo envolvimento da figura paterna nas atividades e interações com os filhos, as mães tendem a manter um papel de destaque na comunicação parento-filial (McNaught, 2000; Patrick et al., 2005). Estas diferenças em função do sexo registaram-se nas crianças da amostra em estudo, com as meninas a obterem valores mais elevados na escala COMPA-C comparativamente aos meninos, emergindo a preferência da comunicação com as mães. Estes resultados podem advir das atribuições sociais aos papéis parentais dado que, nas sociedades ocidentais, prevalece uma clara diferenciação ao nível dos papéis e funções de pai e mãe. Verifica-se, por exemplo, que as mulheres são mais incentivadas a partilhar as suas emoções e sentimentos, comparativamente aos homens (McNaughton, 2000). Socialmente, é esperado que as mulheres sejam mais atentas e respondam às necessidades básicas das crianças (e.g., cuidados de saúde, higiene), enquanto os homens/pais tendem a gerir as dimensões que envolvem poder (e.g., estabelecimento de regras e limites, monitorização dos resultados académicos) (McNaughton, 2000). Estas atribuições e representações sociais em torno dos papéis de género influenciam o exercício da parentalidade e a forma como pais/mães e filhos se relacionam numa dada cultura. Assim, as mães participantes neste estudo destacam-se relativamente aos pais por se considerarem mais atentas às necessidades básicas e quotidianas dos filhos, estabelecendo a comunicação baseada numa maior partilha, comparativamente aos pais. O mesmo se aplica às meninas, que percebem uma maior disponibilidade parental para a comunicação, tanto por parte das mães como por parte dos pais. De acordo com McNaughton (2000), este resultado poderá estar relacionado com o facto de as meninas partilharem mais assuntos com os progenitores do que os meninos, logo, percebem uma maior disponibilidade parental do que as crianças do sexo masculino.

A literatura (Bumpus & Hill, 2008; Watzlawick et al., 1993) indica que existe uma relação positiva entre a confiança/partilha de situações problemáticas por parte dos filhos e uma comunicação parento-filial caracterizada por um registo claro, sem distorções comunicacionais, isto é, uma comunicação que clarifica não só os conteúdos como também a relação, evitando mal-entendidos entre os membros envolvidos na interação comunicacional. No presente estudo, os progenitores que indicam uma comunicação clara com os filhos, ou seja, que referem metacomunicar, tendem a perceber maior confiança por parte destes. A metacomunicação é favorável ao bem-estar e desenvolvimento individual e familiar, particularmente nesta etapa do ciclo vital, *famílias com filhos em idade escolar*, caracterizada pela abertura do sistema familiar ao exterior (Bumpus & Hill, 2008; Patrick et al., 2005; Watzlawick et al., 1993). A metacomunicação parece facilitar a confiança e a abertura na comunicação verbal e não verbal entre progenitores e filhos, facilitando uma monitorização parental mais eficaz sobre o quotidiano das crianças. Estes padrões comunicacionais são apontados como fatores de prevenção de comportamentos sociais e familiares desajustados (Bumpus & Hill, 2008). A investigação desenvolvida por Liao, Khoo e Ang (2008) indica que as novas tecnologias podem ser fatores desafiantes para as estratégias parentais educati-

vas e respetiva monitorização. Apesar da metacomunicação poder estar relacionada com a perceção parental de maior confiança/partilha por parte dos filhos, é importante ponderar que o acesso precoce às novas tecnologias (e.g., internet) dificulta a supervisão e o controlo dos progenitores. Desta forma, é importante que a metacomunicação no contexto familiar acompanhe a progressiva disseminação destas vias de comunicação. O estudo realizado por Liau et al. (2008) realça a necessidade de reconceptualizar a monitorização parental e melhorar a comunicação parento-filial perante este novo “membro” da família, que é a internet.

Um outro dado de interesse no presente estudo, aponta para a influência das variáveis sociodemográficas, tais como *local de residência*, nível socioeconómico, *estrutura familiar* e *escolaridade* dos progenitores na comunicação parento-filial. Um dos resultados em destaque é a perceção que as crianças oriundas de áreas urbanas têm sobre a comunicação estabelecida com as figuras parentais. Verifica-se que estas crianças percebem de uma forma mais positiva a comunicação estabelecida com os respetivos progenitores (ao nível da disponibilidade parental para a comunicação e da expressão do afeto e apoio emocional), comparativamente às crianças de áreas rurais. Este dado é coerente com o estudo de Wamoyi et al. (2010), onde se verificou que as crianças e progenitores de contextos rurais têm mais dificuldade em abordar determinados temas, nomeadamente tópicos relacionados com a sexualidade, do que as crianças e progenitores de contextos urbanos. Os contextos rurais são caracterizados por um menor acesso à informação e à globalização pois estão, frequentemente, afastados dos polos onde se centraliza o conhecimento e a inovação (contextos urbanos). Este aspeto pode justificar a menor disponibilidade parental para a comunicação e a menor expressão de afeto e apoio emocional. Além disto, Whitbeck et al. (1997) referem que esta diferença poderá estar relacionada com aspetos como o trabalho e as dificuldades económicas que, também, caracterizam os contextos rurais, uma vez que o estatuto socioeconómico é apontado como uma variável igualmente importante na gestão da comunicação parento-filial (Magnuson & Duncan, 2002).

Contudo, os resultados obtidos na amostra dos progenitores revelam um dado curioso: os progenitores que pertencem ao estatuto socioeconómico baixo referem partilhar mais os seus problemas com os filhos do que aqueles que provêm de um estatuto socioeconómico médio e/ou alto. Esta diferença pode ser justificada pelo facto das famílias de nível socioeconómico baixo terem uma rede social de apoio pobre, o que faz com que os adultos vejam nos seus filhos, ainda que crianças, pessoas acessíveis com quem podem partilhar as suas preocupações, alegrias, experiências (Brown & Lynn, 2010). Porém, e ainda que de forma inconsciente, esta interação parento-filial pode dar origem a processos de parentificação das crianças, que são desfavoráveis ao seu bem-estar e desenvolvimento adequado (Peris, Cummings, Goeke-Morey, & Emery, 2008).

Um outro resultado interessante surge relativamente à influência da *escolaridade* das figuras parentais sobre as interações comunicacionais. Verifica-se que os progenitores que

concluíram apenas os quatro primeiros anos de ensino tendem a metacomunicar menos com os seus filhos do que os restantes progenitores, tal como é sugerido por Jiménez e Delgado (2002). Quanto mais baixa é a escolaridade dos pais, maiores serão as suas dificuldades na organização de um pensamento complexo e na estruturação de uma comunicação clara (Dekovic & Gerris, 1992). Este resultado reforça a existência de algumas dificuldades comunicacionais entre pais e filhos em contextos menos favorecidos, nomeadamente ao nível socioeconómico, residencial e educativo. Os resultados obtidos na escala COMPA nas duas amostras (progenitores e crianças) sugerem que as famílias que vivem em contextos rurais, que pertencem ao nível socioeconómico baixo e cujos progenitores apenas completaram quatro anos de escolaridade tendem a estabelecer uma comunicação parento-filial global mais enfraquecida, embora existam algumas variações ao nível das subdimensões da escala COMPA (os progenitores de nível socioeconómico baixo destacam-se por revelar uma pontuação elevada na dimensão *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos*).

A variável *estrutura familiar* influencia também a comunicação parento-filial, com os resultados a mostrarem que as crianças que vivem em famílias monoparentais pontuam significativamente menos na subescala *expressão do afeto e apoio emocional* tendo por referência o pai, comparativamente às crianças de famílias pós-divórcio. Este resultado é compreensível atendendo ao facto de que a amostra de famílias monoparentais estudada é maioritariamente composta por mães. Por este motivo, as crianças podem perceber menor expressão do afeto e apoio emocional com os progenitores do sexo masculino por estes serem uma figura ausente do agregado familiar. Por outro lado, e ao contrário do que é sugerido pela literatura empírica (Afifi et al., 2006; Dunn et al., 2001; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011), não se registam diferenças estatisticamente significativas nos resultados da escala COMPA em função das restantes estruturas familiares, na amostra dos progenitores. Alarcão (2006) sugere que a qualidade da comunicação parento-filial na etapa do ciclo vital *família com filhos em idade escolar* pode variar em função do tipo de família uma vez que as diferentes configurações familiares têm “algumas particularidades que ultrapassam as singularidades de cada família” (p. 204). Nair e Murray (2005), analisando o impacto do divórcio na qualidade da vinculação entre mães e filhos, constataram que em famílias divorciadas as mães tendem a manifestar níveis elevados de *stress* e depressão, utilizando significativamente menos estratégias positivas no exercício da parentalidade comparativamente às mães que pertencem a núcleos familiares intactos. As crianças de famílias divorciadas apresentavam valores mais baixos ao nível da vinculação segura com as mães. Estes resultados sustentam a ideia de que famílias com uma estrutura diferente da tradicional *nuclear intacta* tendem a enfrentar mais desafios e riscos (Nair & Murray, 2005). Porém estes indicadores não se refletem no presente estudo. Poderão ser avançadas várias hipóteses para este resultado, a começar pela mudança de perspectiva no atual panorama social relativa ao conceito de família. De acordo com Torres (2010), a sociedade contemporânea marcou um ciclo de mudanças no que diz respeito à

forma como vê o casamento e a família. Torres (2010, p. 25) refere verificar-se, por toda a Europa, uma “maior valorização dos interesses individuais (...), exigência de posições simétricas entre homens e mulheres e desvalorização ou resistência a formas externas de imposição e condicionamento”, perspectiva que coloca em causa o conceito de família tradicional e a própria finalidade do casamento. Esta mudança de paradigma social reconhece às diferentes estruturas familiares condições e competências que, até agora, eram negadas ou ignoradas. A perspectiva centrada nas competências, e cada vez menos no défice, permite às novas constelações familiares adaptarem-se à sua estrutura de uma forma tendencialmente positiva e menos *stressante*.

A análise dos resultados referidos deve ser feita tendo em consideração algumas limitações. Uma delas prende-se com a constituição da amostra já que, para além de ter sido uma amostra por conveniência, o número de participantes em cada condição das variáveis sociodemográficas analisadas limita a representatividade de cada uma das categorias que as compõem. Além disto, o estudo é limitado por alguns desequilíbrios ao nível da variável sexo, nomeadamente, no número de mães e de pais participantes. O facto de participarem mais mães do que pais pode influenciar os resultados. Ainda assim, verificou-se grande adesão de progenitores do sexo masculino que pertencem a famílias pós-divórcio, ou seja, que exercem a parentalidade de forma autónoma/individual pois não integram um par parental. Por fim, importa realçar uma outra limitação do estudo, nomeadamente o facto de se utilizarem subamostras independentes de pais e de filhos, isto é, sem grau de parentesco entre si. Este aspeto impossibilita a comparação das dimensões da comunicação ao nível da coparentalidade, assim como a análise diádica (pai/mãe - filhos) e triádica (pai - mãe - filhos) das perceções de progenitores e de filhos sobre a comunicação que mantêm.

CONCLUSÃO

A presente investigação permitiu a análise da comunicação parento-filial em *famílias com filhos em idade escolar*. Os resultados obtidos constituem indicadores úteis para os profissionais que trabalham direta ou indiretamente com estas famílias, como por exemplo, terapeutas familiares, assistentes de segurança social, professores, entre outros. Alguns dos resultados implicam uma atenção reforçada às relações familiares de indivíduos desfavorecidos em termos sociais, económicos e educativos. Os indicadores do presente estudo funcionam ainda como sinal de alerta para os clínicos, permitindo a identificação das necessidades comunicacionais tanto de progenitores como de filhos.

A investigação futura deve promover o estudo deste tema com base em amostras de maior dimensão e equidade na distribuição por sexo dos respondentes, abrangendo população geral e amostras específicas do contexto clínico/forense. É, também, importante que to-

dos os elementos do mesmo agregado familiar sejam integrados nos grupos amostrais para obter, assim, um registo mais claro da comunicação parento-filial. É pertinente promover estudos que cruzem a variável *comunicação parento-filial* com outras dimensões centrais do exercício da parentalidade, nomeadamente a *vinculação* e as *práticas educativas parentais*, contribuindo para o conhecimento científico aprofundado de uma das dimensões mais relevantes do funcionamento familiar. Além disto, poderá ser interessante analisar a relação entre as subdimensões da escala COMPA com as competências sociais de crianças em idade escolar.

CAPÍTULO VI

IDENTIFICAÇÃO DOS PADRÕES COMUNICACIONAIS ENTRE PROGENITORES E FILHOS EM FAMÍLIAS PÓS-DIVÓRCIO¹⁸

Resumo

A literatura indica que o divórcio tem impacto na comunicação parento-filial e no exercício da parentalidade. O presente estudo teve como objetivos: (a) analisar a eventual influência do divórcio nos padrões comunicacionais entre progenitores-filhos em famílias pós-divórcio e (b) analisar o efeito preditor dos padrões comunicacionais sobre as práticas educativas parentais. O protocolo de avaliação, constituído por (a) ficha de dados sociodemográficos, (b) *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* e (c) *Questionário de Avaliação da Percepção das Práticas Parentais*, foi administrado a uma amostra composta por 54 famílias nucleares intactas e 48 famílias pós-divórcio. Ao contrário do que a literatura indica, os principais resultados revelam a inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre as duas subamostras, ao nível da comunicação parento-filial. Constatou-se que a comunicação parento-filial tende a predizer positivamente as práticas educativas centradas no *suporte emocional*. Estes resultados desmistificam a ideia de que as famílias pós-divórcio estabelecem padrões comunicacionais entre progenitores e filhos mais negativos comparativamente às famílias nucleares intactas.

Palavras-chave: comunicação; divórcio; relações pais-filho.

¹⁸ Portugal, A., & Alberto, I. (artigo em preparação para submissão). Identificação dos padrões comunicacionais entre progenitores e filhos em famílias pós-divórcio. *Cadernos de Saúde Pública*.

Abstract

The occurrence of divorce seems to have impact in parent-child communication and parenting exercise. The present study aims to: (a) analyse divorce influence on parent-child communication patterns in post-divorce families and (b) analyze predictive effect of communication patterns on parenting practices. The evaluation protocol were composed by (a) sociodemographic questionnaire, *Perception Scale of Parenting Communication* and (c) *Parental Rearing Style Questionnaire*. It was administered to a sample composed by 54 nuclear intact families and 48 post-divorce families. Despite literature indicators, the main findings of the presente study reveal the absence of significant statistical differences between both family structure, concerning to parent-child communication. Overall, the dimensions that compose the COMPA scale tend to be predictive of parental educational strategies based on *emotional support*. These findings demystifying the idea that post-divorce families establish negative communication patterns comparing to nuclear intact families.

Keywords: communication; divorce; parent-child relationships.

Resumen

La literatura indica que el divorcio tiene impacto sobre la comunicación de padres e hijos y en el ejercicio de las prácticas parentales. Lo presente estudio tuvo como objetivos: (a) analizar la eventual influencia del divorcio en los patrones comunicacionales de padres-hijos de familias pos-divorcio y (b) analizar si los patrones comunicacionales predicen las prácticas educativas. El protocolo de evaluación, compuesto por (a) hoja de registro de datos sociodemográficos, (b) *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* e (c) *Questionário de Avaliação da Percepção das Práticas Parentais*, fue administrado a una muestra de 54 familias nucleares intactas y 48 familias pos-divorcio. Al contrario de las previsiones de la literatura, los principales resultados revelan la inexistencia de diferencias estadísticamente significativas entre las dos submuestras, al nivel de la comunicación de padres e hijos. Se constató que la comunicación de padres e hijos tiende a predecir positivamente las prácticas educativas focadas en el *soporte emocional*. Estos resultados desmitifican la idea de que las familias pos-divorcio establecen patrones comunicacionales entre padres e hijos más negativos comparadas a las familias nucleares intactas.

Palabras clave: comunicación; divorcio; relaciones padres-hijos.

INTRODUÇÃO

As taxas de divórcio começaram a destacar-se nas últimas três décadas um pouco por toda a Europa devido às transformações sociais, familiares e matrimoniais que se têm vindo a registar (Panasenکو, 2013). A literatura sobre o divórcio qualifica-o como uma crise acidental (Peck & Manocherian, 1995) e um processo familiar doloroso e perturbador, tanto para os progenitores como para os filhos (Afifi et al., 2006).

Uma das dimensões relacionais mais afetadas pelo divórcio é a comunicação familiar (Afifi et al., 2006; Eldar-Avidan et al., 2009; Lewis et al., 2004; Linker, Stolberg, & Green, 1999). No contexto peculiar da família, a comunicação permite perceber e dar resposta às necessidades específicas de cada elemento ao longo do ciclo vital (Relvas, 1996) determinando, de forma particular, o exercício da parentalidade (Herbert, 2004). Rivero-Lazcano et al. (2011) referem, inclusivamente, que a manutenção de uma comunicação parento-filial baseada na empatia e no respeito pelo outro previne problemas do foro psicológico e psicossomático. A literatura faz referência, também, à existência de diferenças comunicacionais em função do sexo, existindo indicadores de que os adolescentes de ambos os sexos mantêm uma comunicação mais frequente com as mães do que com os pais (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002). Por sua vez, algumas investigações assinalam que as mães tendem a estar mais envolvidas na comunicação com os filhos (McHale, Crouter, & Whitman, 2003), especialmente quando são abordados tópicos relacionados com a sexualidade (Wilson & Koo, 2010).

A comunicação é, assim, indissociável do exercício da parentalidade, que se concretiza através das práticas parentais (Herbert, 2004). Estas traduzem-se em ações de cariz disciplinador e de suporte com o objetivo de promover o desenvolvimento ajustado e estável das crianças (Bornstein, 2002). De acordo com Herzog e Conney (2002) tanto a comunicação como as práticas parentais parecem ter influência na reorganização das relações entre progenitores e filhos após a ocorrência de um divórcio.

Alguns estudos têm sido desenvolvidos com o intuito de analisar o impacto do divórcio nas relações familiares. McManus e Nessbaum (2011) realizaram uma investigação que teve como objetivo a identificação de temas *stressores* relacionados com o divórcio (e.g., preocupações relativas à reconstituição familiar, questões financeiras, partilha de tempo, comunicação, gestão de conflitos). Os resultados indicaram que, dez anos após a separação conjugal, as famílias participantes no estudo continuam a experienciar alguns destes tópicos, concluindo que as consequências do divórcio se podem manter a longo prazo. No sentido de atenuar o impacto destas consequências, alguns autores referem que a manutenção de uma comunicação parento-filial aberta e clara sobre o tema é fundamental, pois comunicar sobre o divórcio ajuda os filhos a tornarem-se mais resilientes perante a crise

(Afifi et al., 2006; Linker et al., 1999).

Apesar de grande parte da literatura dar ênfase aos aspetos menos positivos e aos riscos que o divórcio acarreta para o exercício da parentalidade, é necessário contemplar as possíveis vantagens que este acontecimento traz às dinâmicas relacionais e, particularmente, ao exercício da parentalidade. Lambert (2007) realizou um estudo qualitativo onde analisou a percepção de jovens adultos sobre o divórcio dos seus progenitores, identificando algumas vantagens (e.g., maior resistência à crise, maior proximidade aos irmãos e outros familiares, percepção de que os progenitores se tornaram pessoas mais felizes, aprendizagem do que não se deve fazer numa relação amorosa, percepção de maior atenção e cuidado por parte de cada um dos progenitores, menor tensão e *stress* familiar e aumento da rede social pessoal) e desvantagens (e.g., dificuldade na definição das visitas/férias com ambos os progenitores, falta de um modelo parental uniforme, hostilidade entre os progenitores e diminuição das condições económicas) do divórcio. Os resultados da revisão da literatura conduzida por Lansford (2009) corroboram estes dados demonstrando que, embora o divórcio tenha um impacto imediato negativo sobre as competências académicas e o comportamento das crianças, a maior parte dos jovens cujos pais são divorciados não apresentam este tipo de problemas a longo-prazo.

A literatura apresenta, no entanto, duas lacunas: (a) as investigações tendem a analisar a perspectiva dos progenitores ou dos filhos separadamente e (b) os estudos existentes focam-se, sobretudo, num desenho retrospectivo, ignorando a fase de reorganização familiar que ocorre imediatamente após ao divórcio. Assim, os objetivos do presente estudo são: (a) perceber se há padrões comunicacionais específicos entre progenitores e filhos numa amostra de famílias pós-divórcio, comparando-os com uma amostra de famílias nucleares intactas, e (b) verificar se os padrões de comunicação são preditores das práticas parentais nessas duas composições familiares.

MÉTODOS

Amostra

A amostra total contou com a colaboração 257 participantes ($n = 102$ famílias) (74 pais, 93 mães, 52 filhos e 38 filhas) distribuídos por duas subamostras: 102 participantes de famílias em processo de regulação das responsabilidades parentais (RRP) e 155 participantes de famílias nucleares intactas.

A subamostra das famílias em processo de RRP foi constituída por 48 famílias, especificamente por 29 pais (28.4%), 39 mães (38.2%), 19 filhos (18.6%) e 15 filhas (14.7%). A idade dos progenitores varia entre 23 e 60 anos ($M = 41.72$, $DP = 7.90$) e a idade dos filhos

encontra-se entre os 7 e os 16 anos ($M = 11.41$, $DP = 2.84$). De acordo com a caracterização do ciclo vital da família proposta por Relvas (1996), 16 (47.1%) dos filhos integram *famílias com filhos em idade escolar* (7-11 anos) e 18 (52.9%) integram *famílias com filhos adolescentes* (12-16 anos). Relativamente ao nível de escolaridade, 9 progenitores (13.2%) concluíram os quatro primeiros anos de ensino, 8 (11.8%) têm o 2º ciclo (5º - 6º ano), 15 (22.1%) completaram o 3º ciclo (7º - 9º ano), 22 (32.4%) concluíram o ensino secundário (10º - 12º ano) e 14 (20.6%) têm um curso superior. No que respeita aos filhos, verifica-se que 10 crianças (29.4%) frequentam os quatro primeiros anos de escolaridade, 9 (26.5%) estão no 2º ciclo de estudos (5º - 6º ano), 11 (32.4%) no 3º ciclo (7º - 9º ano) e 4 (11.8%) jovens frequentam o ensino secundário (10º - 12º ano). Ao nível do estatuto socioeconómico, calculado com base nos indicadores disponíveis no Instituto Nacional de Estatística relativos às profissões e rendimentos dos progenitores, verifica-se que a maior parte dos progenitores pertence a um nível socioeconómico médio ($n = 46$, 67.6%), seguido do nível baixo ($n = 20$, 29.4%) e do nível alto ($n = 2$, 2.9%).

A subamostra das famílias nucleares intactas foi composta por 54 famílias, representadas por 45 pais (29%), 54 mães (34.8%), 33 filhos (21.3%) e 23 filhas (14.8%). Os progenitores têm idades entre os 25 e os 57 anos ($M = 39.74$, $DP = 6.53$) e os filhos têm idades entre os 7 e os 16 anos ($M = 11.05$, $DP = 2.84$), sendo que 30 (53.6%) estão em idade escolar (7-11 anos) e 26 (46.4%) são adolescentes (12-16 anos). Considerando o nível de escolaridade, 11 progenitores (11.1%) concluíram o 1º ciclo do ensino básico (4º ano), 19 (19.2%) têm o 2º ciclo (5º - 6º ano), 27 (27.3%) finalizaram o 3º ciclo (7º - 9º ano), 17 (17.2%) têm o ensino secundário (10º - 12º ano) e, por fim, 25 progenitores (25.3%) frequentaram o ensino superior. Relativamente à subamostra dos filhos, 23 crianças (41.1%) frequentam o 1º ciclo, 13 (23.2%) estão no 2º ciclo (5º - 6º ano), 16 (28.6%) no 3º ciclo (7º - 9º ano) e 4 (7.1%) jovens frequentam o ensino secundário (10º - 12º ano). O estatuto socioeconómico, por sua vez, foi calculado atendendo ao agregado familiar, verificando-se que 45 famílias integram um estatuto socioeconómico médio (83.3%), 6 famílias pertencem ao estatuto socioeconómico alto (11.1%) e 3 famílias ao estatuto socioeconómico baixo (5.6%).

Instrumentos¹⁹

A recolha de dados foi efetuada com recurso a três instrumentos: ficha de dados sociodemográficos, *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* (COMPA) e *Questionário de Avaliação da Perceção das Práticas Parentais* (EMBU).

A ficha de dados sociodemográficos inclui questões relacionadas com o sexo, idade, escolaridade, etapa do ciclo vital e estatuto socioeconómico dos participantes.

A Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA; Portugal & Alberto,

19 Vide protocolo de administração no Apêndice G.

in press) é um instrumento de autorrelato que avalia os padrões de comunicação entre progenitores e filhos através de uma escala *Likert* com cinco níveis (1 = *Nunca*; 5 = *Sempre*). Neste estudo usou-se a versão parental, a versão para filhos dos 7 aos 11 anos e a versão para filhos dos 12 aos 16 anos. A versão parental (COMPA-P) é composta por 44 itens distribuídos por cinco subescalas (*expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação, confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos e confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores*). No estudo original de validação, as subescalas registaram valores de consistência interna entre .52 e .86. A versão para crianças dos 7 aos 11 anos (COMPA-C) tem 16 itens distribuídos por duas subescalas (*disponibilidade parental para a comunicação e expressão do afeto e apoio emocional*) sendo que, no estudo original, as duas subescalas revelaram valores de consistência interna entre .76 e .86. Por fim, a versão COMPA-A, para adolescentes com idades entre os 12 e os 16 anos, é composta por 39 itens distribuídos por cinco subescalas (*disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores, expressão do afeto e apoio emocional, metacomunicação e padrão comunicacional negativo*), registrando valores de consistência interna entre .62 e .87, no estudo original. Ambas as versões filiais têm duas folhas de resposta: uma para responder em relação ao pai e outra para responder em relação à mãe.

O *Questionário de Avaliação da Percepção das Práticas Parentais - Pais* (EMBU-P; Castro, Pablo, Gómez, Arrindel, & Toro, 1997; versão Portuguesa de Canavarro & Pereira, 2007a) avalia a percepção dos progenitores relativamente à frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas parentais. É constituído por 42 itens, cotados numa escala *Likert* com quatro níveis (1 = *Não, nunca*; 4 = *Sim, sempre*). Este instrumento é composto por três dimensões: *suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo*. A análise da consistência interna do estudo de adaptação revelou valores entre .71 e .82. A versão do EMBU para crianças (6-12 anos) foi adaptada pelos mesmos autores (EMBU-C; Castro, Toro, van der Ende & Arrindell, 1993; versão Portuguesa de Canavarro & Pereira, 2007b) e é constituída por 32 itens que se distribuem, igualmente, por três subescalas: *suporte emocional, rejeição e tentativa de controlo*. Os valores de consistência interna revelados pelos estudos de adaptação do instrumento para a população portuguesa variam entre .62 e .85. Por fim, a versão do EMBU destinado a adolescentes dos 13 aos 16 anos (EMBU-A; Gerlsma, Arrindel, Van Der Veen, & Emmelkamp, 1991; versão Portuguesa de Lacerda de Almeida, 2005) conta com 48 itens, distribuídos por 3 subescalas: *suporte emocional, sobreproteção e rejeição*, cujos valores de consistência interna, de acordo com os estudos de adaptação, variam entre .73 e .94. As versões filiais do EMBU têm as mesmas questões colocadas em relação ao pai e em relação à mãe.

O cálculo da consistência interna das três versões da COMPA e do EMBU, em ambas as subamostras (famílias em RRP e famílias nucleares intactas), relevaram valores próximos daqueles que foram obtidos nos estudos originais e de adaptação dos instrumentos (*vide* Tabela 22). Apesar disto, verificaram-se alfas de *Cronbach* inferiores a .60 em algu-

mas escalas, valores considerados baixos pela literatura (Maroco & Garcia-Marques, 2006; Pallant, 2010). Desta forma, os resultados da presente investigação devem ser lidos com ponderação nas subescalas que obtiveram esses valores. A dimensão *padrão comunicacional negativo* relativo à mãe, da versão COMPA-A, na subamostra das famílias nucleares intactas, não será analisada no presente estudo dado o baixo valor de consistência interna obtido ($\alpha = .30$).

Tabela 22

Valores de Consistência Interna dos Instrumentos COMPA e EMBU

Dimensões		I	II	III	IV	V
COMPA-P						
Estudo Original (Portugal & Alberto, in press)	Mãe	.80	.76	.73	.75	.55
	Pai	.86	.75	.72	.78	.52
Estudo Presente: amostra de famílias nucleares intactas	Mãe	.85	.84	.80	.73	.80
	Pai	.87	.85	.84	.72	.58
Estudo Presente: amostra de famílias em processo de RRP	Mãe	.89	.87	.85	.78	.72
	Pai	.82	.71	.78	.68	.71
COMPA-A						
Estudo Original (Portugal & Alberto, in press)	Mãe	.86	.87	.87	.80	.69
	Pai	.83	.85	.86	.83	.62
Estudo Presente: amostra de famílias nucleares intactas	Mãe	.92	.89	.89	.90	.30
	Pai	.89	.85	.85	.81	.76
Estudo Presente: amostra de famílias em processo de RRP	Mãe	.98	.94	.91	.93	.75
	Pai	.98	.97	.86	.94	.82
COMPA-C						
Estudo Original (Portugal & Alberto, in press)	Mãe	.82	.76	-	-	-
	Pai	.86	.78	-	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias nucleares intactas	Mãe	.84	.79	-	-	-
	Pai	.87	.87	-	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias em processo de RRP	Mãe	.98	.93	-	-	-
	Pai	.97	.93	-	-	-
EMBU-P						
Estudo Original (Canavarro & Pereira, 2007a)	Mãe	.80	.74	.71	-	-
	Pai	.82	.78	.73	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias nucleares intactas	Mãe	.83	.85	.78	-	-
	Pai	.78	.76	.75	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias em processo de RRP	Mãe	.85	.88	.67	-	-
	Pai	.86	.74	.59	-	-

Tabela 22

Valores de Consistência Interna dos Instrumentos COMPA e EMBU (Continuação)

Dimensões		I	II	III	IV	V
EMBU-A						
Estudo Original (Lacerda de Almeida, 2005)	Mãe	.87	.74	.80	-	-
	Pai	.94	.73	.88	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias nucleares intactas	Mãe	.95	.70	.86	-	-
	Pai	.93	.56	.82	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias em processo de RRP	Mãe	.97	.81	.93	-	-
	Pai	.96	.64	.87	-	-
EMBU-C						
Estudo Original (Canavarro & Pereira, 2007b)	Mãe	.83	.63	.63	-	-
	Pai	.85	.62	.65	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias nucleares intactas	Mãe	.80	.67	.63	-	-
	Pai	.83	.53	.70	-	-
Estudo Presente: amostra de famílias em processo de RR	Mãe	.95	.71	.82	-	-
	Pai	.95	.76	.56	-	-

Procedimento²⁰

Depois do projeto ter sido apresentado aos Núcleos de Infância e Juventude de Coimbra e do Porto do Instituto da Segurança Social, e ao Centro de Prestação de Serviços à Comunidade da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, foi solicitada autorização para a recolha da amostra de famílias pós-divórcio. Estes organismos prestam apoio aos Tribunais de Família e Menores, no sentido de assessorar questões relacionadas com a regulação das responsabilidades parentais. A investigação e os seus objetivos foram apresentados aos técnicos que integram estas equipas e estes, por sua vez, informaram as famílias em processo de RRP, assegurando a inexistência de qualquer vínculo entre a investigação e o processo decorrente em Tribunal. Nos casos em que as famílias aceitaram colaborar (consentimento informado) o protocolo foi aplicado por um elemento da equipa de investigação numa sala disponibilizada pelo serviço. Por questões temporais e logísticas, nem sempre foi possível administrar o protocolo a todos os membros da família que integram o mesmo processo de RRP, isto é, pai, mãe e filho(s). A recolha da subamostra de famílias nucleares intactas foi realizada a partir de um processo de amostragem por conveniência, através do método *bola de neve*, isto é, as primeiras famílias a quem foi administrado o protocolo sugeriram outras que pudessem estar disponíveis para participar. Após apresentação do projeto e obtenção do consentimento informado, o protocolo foi aplicado individualmente num local tranquilo e, sempre que possível, às figuras parentais e filiais do mesmo agregado familiar. O período de recolha da amostra decorreu ao longo de doze meses.

²⁰ Vide declarações de autorização para a recolha de dados no Apêndice H.

RESULTADOS

Os resultados serão apresentados de acordo com os objetivos do estudo: (a) perceber se há padrões comunicacionais específicos entre progenitores e filhos numa amostra de famílias pós-divórcio, comparando-os com uma amostra de famílias nucleares intactas, e (b) verificar se os padrões de comunicação são preditores das práticas parentais nessas duas composições familiares.

a) Identificação das especificidades nos padrões comunicacionais comparando as duas subamostras

A análise da normalidade da distribuição e da homogeneidade das variâncias revelou a violação destes pressupostos para a variável *composição familiar* (famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio). Por esse motivo, foi selecionado o teste não paramétrico de comparação de medianas *U* de *Mann-Whitney*, no sentido de identificar diferenças estatisticamente significativas entre a comunicação parento-filial de famílias nucleares intactas e de famílias pós-divórcio (RRP). Por sua vez, foi selecionado o teste de comparação de médias *t* de *Student* para amostras emparelhadas, depois de confirmada a normalidade da distribuição e a homogeneidade das variâncias para a variável *sexo*, com o intuito de analisar, especificamente, a perspectiva diádica de pais/mães e filhos/filhas sobre a comunicação em cada uma das subamostras (*vide* Tabela 23).

A comparação das medianas (teste não-paramétrico *U* de *Mann-Whitney*), entre o grupo de famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio, não revelou diferenças estatisticamente significativas ao nível das variáveis comunicacionais, na perspectiva de progenitores, de crianças em idade escolar e de adolescentes. Importa realçar que a dimensão 5 (*padrão comunicacional negativo*) da versão COMPA-A, relativamente à mãe, não foi analisada dado o valor de consistência interna obtido com a subamostra de famílias nucleares intactas que compõem o presente estudo ($\alpha = .30$). Por sua vez, a comparação de médias *t* de *Student* para amostras emparelhadas, especificamente na subamostra das famílias pós-divórcio, permitiu verificar que as mães percebem maior *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos* ($M = 4.14, DP = .69$) do que os pais [$M = 3.58, DP = .74, t(22) = -2.642, p = .015, \eta^2 = .19$], sendo que o efeito da magnitude desta diferença é elevado (Field, 2003). Em relação aos filhos, não se verificam diferenças estatisticamente significativas, nem nas respostas dos adolescentes, nem nas respostas das crianças em idade escolar. Relativamente à subamostra das famílias nucleares intactas, constata-se que as mães percebem maior *confiança / partilha comunicacional de filhos para progenitores* ($M = 3.91, DP = .63$) do que os pais [$M = 3.65, DP = .51, t(42) = -2.341, p = .024, \eta^2 = .10$]. Os resultados relativos aos filhos, revelam que apenas os adolescentes de famílias nucleares

intactas percebem maior *expressão do afeto e apoio emocional* por parte das mães ($M = 4.10$, $DP = .74$) do que por parte dos pais [$M = 3.67$, $DP = .82$, $t(41) = -3.228$, $p = .003$, $\eta^2 = .21$]. Mais uma vez, o efeito da magnitude destas diferenças revela-se elevado (Field, 2003).

Tabela 23

Teste U de Mann-Whitney para Comparação de Medianas Entre Grupos e Teste t de Student para Amostras Emparelhadas: Dimensões da Comunicação (COMPA)

Sub-dimensões e versão da escala		<i>n</i>	<i>Mdn</i>	<i>DP</i>	<i>U</i>	<i>p</i>	95% IC (baixo; alto)
<i>U de Mann Whitney - Estrutura Familiar</i>							
Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas em nenhuma das dimensões da escala COMPA-P, COMPA-A e COMPA-C							
		<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>T</i>	<i>p</i>	95% IC (baixo; alto)
<i>t de Student para Amostras Emparelhadas – Famílias Nucleares Intactas</i>							
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores (COMPA-P)	Pai	43	3.65	.51			
	Mãe	43	3.91	.63	-2.341	.024	-.476; -.035
Expressão do afeto e apoio emocional (COMPA-A)	Pai	26	3.67	.82			
	Mãe	26	4.10	.74	-3.228	.003	-.706; -.156
<i>t de Student para Amostras Emparelhadas – Famílias em Processo de RRP</i>							
Confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos (COMPA-P)	Pai	23	3.58	.74			
	Mãe	23	4.14	.69	-2.642	.015	-.998; -.120

* $p < .05$.

b) Predição dos padrões comunicacionais sobre as práticas parentais

Recorreu-se à regressão linear múltipla com o método *enter* para obter modelos parcimoniosos que permitissem prever as práticas parentais em função das dimensões comunicacionais. Este procedimento foi efetuado para a amostra total, uma vez que os resultados da análise da comparação entre grupos não revelaram diferenças estatisticamente significativas entre as duas subamostras. Além disto, não se integraram, como variáveis independentes, o *sexo* e *etapa do ciclo vital* visto que, também, não registaram diferenças estatisticamente significativas. Os pressupostos da normalidade de distribuição e da homogeneidade de variâncias foram validados graficamente e o pressuposto da independência foi validado com a estatística de Durbin-Watson (Maroco, 2007; Pallant, 2010). Utilizou-se o VIF para diagnosticar a multicolinearidade e, para todas as análises, considerou-se uma probabilidade de erro tipo I (α) de .05.

Amostra dos progenitores

Com o objetivo de avaliar a capacidade preditiva da comunicação sobre as práticas parentais, definiram-se como variáveis independentes as dimensões da comunicação avaliadas pelas subescalas da COMPA-P: *expressão do afeto e apoio emocional*, *disponibilidade parental para a comunicação*, *metacomunicação*, *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* e *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores*. As variáveis dependentes foram as três dimensões das práticas parentais avaliadas pelo EMBU-P: *suporte emocional*, *rejeição* e *tentativa de controlo*. Os resultados obtidos pela regressão linear múltipla destacam as variáveis *expressão do afeto e apoio emocional* [$\beta = .323$, $t(157) = 2.807$, $p = .006$] e *metacomunicação* [$\beta = .260$, $t(157) = 3.088$, $p = .002$] como predictoras da prática parental *suporte emocional*. Este modelo é estatisticamente significativo e explica uma proporção elevada da variabilidade no *suporte emocional* [$\Delta R^2 = .51$, $F(5, 157) = 34.52$, $p = .000$]. Por sua vez, as variáveis *disponibilidade parental para a comunicação* [$\beta = -.483$, $t(157) = -4.810$, $p = .000$] e *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* [$\beta = .207$, $t(157) = 2.167$, $p = .032$] são indicadas como predictoras significativas da prática parental *rejeição*, ainda que se trate de um modelo cujo valor da variância explicado é baixo [$\Delta R^2 = .22$, $F(5, 157) = 9.99$, $p = .000$]. Finalmente, as variáveis *disponibilidade parental para a comunicação* [$\beta = -.387$, $t(158) = -3.657$, $p = .000$] e *confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores* [$\beta = .300$, $t(158) = 2.363$, $p = .019$] são as variáveis independentes que contribuem significativamente para a predição da variável *tentativa de controlo*. A proporção de variância explicada por este modelo é baixa [$\Delta R^2 = .13$, $F(5, 158) = 5.65$, $p = .000$] (vide Tabela 24).

Tabela 24

Regressão Linear Múltipla pelo Método Enter Realizada com a Amostra dos Progenitores

Variáveis Independentes/Predictoras (COMPA-P)	Variáveis Dependentes (EMBU-P)			
	B	SE B	β	p
	Suporte Emocional ($\Delta R^2 = .51$, $F(5, 157) = 34.52$, $p = .000$)			
Constante	.863	.201	-	.000
Expressão do afeto e apoio emocional	.260	.092	.323	.006
Disponibilidade parental para a comunicação	-.038	.049	-.061	.447
Metacomunicação	.180	.058	.260	.002
Confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos	.080	.052	.117	.126
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.109	.061	.171	.076

Tabela 24

Regressão Linear Múltipla pelo Método Enter Realizada com a Amostra dos Progenitores (Continuação)

Variáveis Independentes/Preditoras (COMPA-P)	Variáveis Dependentes (EMBU-P)			
	B	SE B	β	p
	Rejeição ($\Delta R^2 = .22, F(5, 157) = 9.99, p = .000$)			
Constante	2.649	.233	-	.000
Expressão do afeto e apoio emocional	-.135	.106	-.183	.205
Disponibilidade parental para a comunicação	-.275	.057	-.483	.000
Metacomunicação	-.027	.067	-.042	.688
Confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos	.130	.060	.207	.032
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.063	.071	.106	.380
	Tentativa de Controlo ($\Delta R^2 = .13, F(5, 158) = 5.65, p = .000$)			
Constante	2.098	.293	-	.000
Expressão do afeto e apoio emocional	.182	.133	.207	.173
Disponibilidade parental para a comunicação	-.261	.071	-.387	.000
Metacomunicação	-.056	.084	-.074	.502
Confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos	.098	.075	.132	.192
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.211	.089	.300	.019

Amostra das crianças em idade escolar

As variáveis independentes analisadas foram: *disponibilidade parental para a comunicação e expressão do afeto e apoio emocional*. Estes resultados podem ser analisados em detalhe na Tabela 25. A regressão linear múltipla foi realizada para cada uma das versões da COMPA-C, isto é, para a versão dirigida aos pais e para a versão dirigida às mães. Relativamente à COMPA-C versão mães, verificou-se que tanto a variável *disponibilidade parental para a comunicação* [$\beta = .402, t(44) = 2.268, p = .028$] como a variável *expressão do afeto e apoio emocional* [$\beta = .369, t(44) = 2.079, p = .043$] são predictoras significativas da prática parental *suporte emocional*, explicando uma grande proporção da variância deste modelo [$\Delta R^2 = .52, F(2, 44) = 25.85, p = .000$]. Relativamente à variável *rejeição*, constata-se que apenas a dimensão *expressão do afeto e apoio emocional* [$\beta = -0.792, t(44) = -3.552, p = .001$] explica significativamente a sua variância [$\Delta R^2 = .24, F(2, 44) = 8.25, p = .001$]. Finalmente, não se verificou nenhum modelo estatisticamente significativo para a predição da prática parental *tentativa de controlo*.

Nenhuma das variáveis comunicacionais introduzidas no modelo revelou significância estatística para a explicação da predição das variáveis dependentes do EMBU-C na versão

paterna da COMPA-C.

Tabela 25

Regressão Linear Múltipla pelo Método Enter Realizada com a Amostra das Crianças em Idade Escolar

Variáveis Independentes/Preditores (COMPA-C)	Variáveis Dependentes (EMBU-C)			
	B	SE B	β	P
VERSÃO MÃES				
Suporte Emocional ($\Delta R^2 = .52, F(2, 44) = 25.85, p = .000$)				
Constante	1.078	.351	-	.004
Disponibilidade parental para a comunicação	.295	.130	.402	.028
Expressão do afeto e apoio emocional	.227	.109	.369	.043
Rejeição ($\Delta R^2 = .24, F(2, 44) = 8.25, p = .001$)				
Constante	2.104	.371	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.243	.138	.394	.084
Expressão do afeto e apoio emocional	-.410	.115	-.792	.001
Tentativa de Controlo ($\Delta R^2 = .12, F(2, 44) = 1.285, p = .287$)				
Constante	1.899	.541	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.304	.201	.385	.137
Expressão do afeto e apoio emocional	-.158	.168	-.239	.353
VERSÃO PAIS				
Suporte Emocional ($\Delta R^2 = .44, F(2, 44) = 19.108, p = .000$)				
Constante	1.566	.289	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.206	.128	.343	.115
Expressão do afeto e apoio emocional	.211	.123	.365	.095
Rejeição ($\Delta R^2 = .07, F(2, 44) = 2.752, p = .075$)				
Constante	2.039	.258	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	-.024	.115	-.057	.838
Expressão do afeto e apoio emocional	-.114	.110	-.284	.308
Tentativa de Controlo ($\Delta R^2 = .04, F(2, 44) = 1.956, p = .154$)				
Constante	1.795	.343	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.208	.152	.381	.180
Expressão do afeto e apoio emocional	-.062	.146	-.119	.673

Amostra dos adolescentes

As variáveis independentes introduzidas no modelo foram: *disponibilidade parental para a comunicação, confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores, expressão do afeto e apoio emocional e metacomunicação*.

A análise da regressão linear múltipla relativa à COMPA-A versão mães não revelou nenhum modelo estatisticamente significativo para a predição da prática parental *sobreproteção*. Relativamente à COMPA-A versão pais, a regressão linear múltipla permitiu identificar a variável *disponibilidade parental para a comunicação* [$\beta = -.834, t(34) = -4.084, p = .000$] como predictor significativa da prática parental *suporte emocional*. Este modelo é estatisticamente significativo e explica uma proporção elevada de variabilidade [$F(5, 34) = 17.23, p = .000, \Delta R^2 = .68$]. Em relação à variável dependente *sobreproteção*, o modelo que explica significativamente melhor a variância desta prática parental [$F(5, 34) = 6.49, p = .000, \Delta R^2 = .41$] inclui as dimensões *disponibilidade parental para a comunicação* [$\beta = -.887, t(34) = -3.231, p = .003$] e *expressão do afeto e apoio emocional* [$\beta = -.0642, t(34) = -3.035, p = .005$]. Por fim, a dimensão *padrão comunicacional negativo* [$\beta = .422, t(34) = 2.926, p = .006$] é aquela que, em melhor medida e significativamente, prediz a variável dependente *rejeição* [$F(5, 34) = 4.10, p = .005, \Delta R^2 = .28$]. Estes dados podem ser analisado em detalhe na Tabela 26.

Tabela 26

Regressão Linear Múltipla pelo Método Enter Realizada com a Amostra dos Adolescentes

Variáveis Independentes/Preditoras (COMPA-A)	Variáveis Dependentes (EMBU-A)			
	B	SE B	β	p
	VERSÃO MÃES			
	Suporte Emocional ($\Delta R^2 = .32, F(4, 41) = 5.82, p = .001$)			
Constante	3.849	.457	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	-.280	.295	-.342	.349
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.016	.228	.021	.946
Expressão do afeto e apoio emocional	-.017	.208	-.022	.935
Metacomunicação	-.256	.228	-.308	.270

Tabela 26

Regressão Linear Múltipla pelo Método Enter Realizada com a Amostra dos Adolescentes (Continuação)

Variáveis Independentes/Preditoras (COMPA-A)	Variáveis Dependentes (EMBU-A)			
	B	SE B	β	p
VERSÃO MÃES				
Sobreproteção ($\Delta R^2 = .06, F(4, 41) = 1.64, p = .184$)				
Constante	3.207	.420	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.296	.271	.463	.282
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	-.083	.209	-.143	.695
Expressão do afeto e apoio emocional	-.406	.191	-.675	.041
Metacomunicação	.038	.210	.058	.858
Rejeição ($\Delta R^2 = .35, F(4, 41) = 6.61, p = .000$)				
Constante	2.409	.257	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.317	.166	.671	.064
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	-.062	.128	.146	.630
Expressão do afeto e apoio emocional	-.136	.117	-.307	.253
Metacomunicação	.187	.128	.389	.154
VERSÃO PAIS				
Suporte Emocional ($\Delta R^2 = .68, F(5, 34) = 17.23, p = .000$)				
Constante	4.776	.391	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	-.679	.166	-.834	.000
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	-.004	.177	-.005	.984
Expressão do afeto e apoio emocional	-.152	.121	-.197	.218
Metacomunicação	.254	.194	.290	.201
Padrão comunicacional negativo	-.163	.080	-.197	.051
Sobreproteção ($\Delta R^2 = .41, F(5, 34) = 6.49, p = .000$)				
Constante	3.638	.310	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	-.426	.132	-.887	.003
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	.249	.140	.556	.085
Expressão do afeto e apoio emocional	-.292	.096	-.642	.005
Metacomunicação	.232	.154	.450	.141
Padrão comunicacional negativo	.060	.064	.122	.355

Tabela 26

Regressão Linear Múltipla pelo Método Enter Realizada com a Amostra dos Adolescentes (Continuação)

Variáveis Independentes/Preditoras (COMPA-A)	Variáveis Dependentes (EMBU-A)			
	B	SE B	β	p
	VERSÃO PAIS			
	Rejeição ($\Delta R^2 = .28, F(5, 34) = 4.10, p = .005$)			
Constante	2.694	.242	-	.000
Disponibilidade parental para a comunicação	.208	.103	.612	.051
Confiança/partilha comunicacional de filhos para progenitores	-.095	.110	-.299	.393
Expressão do afeto e apoio emocional	.002	.075	.007	.976
Metacomunicação	-.023	.120	-.064	.848
Padrão comunicacional negativo	.146	.050	.422	.006

DISCUSSÃO

A literatura teórica considera o divórcio como um evento acidental e perturbador do funcionamento individual e familiar (Peck & Manocherian, 1995; Afifi et al., 2006). Assim, analisar a relação entre a comunicação parento-filial, as práticas parentais e o divórcio surge como um desafio atual e necessário (Afifi et al., 2006).

Ao contrário do que a maior parte dos autores indica (Martinez & Forgatch, 2002; Afifi et al., 2006; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011), o efeito da variável *divórcio* não revelou, no presente estudo, diferenças estatisticamente significativas ao nível da composição familiar (famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio), na perspectiva de progenitores e de filhos (em idade escolar e adolescentes). Este resultado é, por si só, um dado importante, podendo dever-se às transformações sociais e familiares que se têm vindo a registar nos últimos anos, assim como à progressiva aceitação social do divórcio (Panasencko, 2013). Destacam-se os trabalhos de Lambert (2007) e Lansford (2009) para a desmistificação do estigma associado ao divórcio. O estudo de Martinez e Forgatch (2002) concluiu que as práticas parentais baseadas no suporte emocional são mediadoras da relação entre a transição da estrutura familiar e o ajustamento das crianças no âmbito escolar. Na amostra específica de famílias em processo de RRP verifica-se que tanto os progenitores como as crianças em idade escolar percebem, sobretudo, estratégias centradas no suporte emocional, o que poderá justificar o facto de esta amostra não se diferenciar das famílias nucleares intactas.

Uma análise específica de cada subamostra revela o papel de destaque da figura materna comparativamente à figura paterna. Nas famílias em processo de RRP as mães pontuam mais do que os pais na dimensão *confiança / partilha comunicacional de progenitores para filhos*, indicando que estas admitem uma maior partilha de questões pessoais com os seus filhos comparativamente aos progenitores do sexo masculino. Este resultado é compreensível se for considerado que a presente amostra de famílias pós-divórcio é constituída, sobretudo, por mães que detêm a custódia, logo, passam mais tempo junto dos filhos. De acordo com Amato, Loomis e Booth (1995) a ocorrência do divórcio conduz, geralmente, a uma diminuição do contacto entre filhos e progenitores não residentes, ou seja, que não detêm a guarda parental. Além disto, a literatura refere que, tradicionalmente, os filhos de ambos os sexos tendem a procurar mais as mães para partilhar questões íntimas, enquanto os pais são, sobretudo, procurados para comunicações de cariz instrumental (McHale et al., 2003).

As mães voltam a destacar-se nas famílias nucleares intactas, pois percecionam maior confiança/partilha por parte dos seus filhos, comparativamente aos pais. Por sua vez, os adolescentes percecionam maior *expressão do afeto e apoio emocional* por parte das figuras maternas em comparação com as figuras paternas. Estes resultados são convergentes com a literatura que sugere a existência de diferenças ao nível do sexo na comunicação parentofamiliar (Barnes & Olson, 1985; Jiménez & Delgado, 2002; Wilson & Koo, 2010; Portugal & Alberto, in press). As representações sociais que favorecem estereótipos relativos às figuras parentais podem justificar estes resultados: por um lado, o papel protetor e afetivo das mães e, por outro, o papel disciplinador dos pais (Park, 2002).

Para além da comparação entre grupos, realizaram-se análises no sentido de compreender se os padrões comunicacionais são preditores das práticas parentais. Genericamente, o presente estudo mostra que os padrões comunicacionais tendem a ser preditores de estratégias educativas parentais baseadas no *suporte emocional* e, por outro lado, tendem a prever negativamente estratégias educativas baseadas na *tentativa de controlo / sobreproteção e rejeição*. A literatura demonstra que nem todas as formas de comunicação contribuem para um clima familiar ajustado (Ponnet et al., 2013; Wichstrom et al., 1994). Quando os estilos comunicacionais entre progenitores e filhos se baseiam na empatia, compreensão e respeito, tendem a promover dinâmicas familiares harmoniosas que previnem o desenvolvimento de patologias físicas/mentais (Rivero-Lazcano et al., 2011). Assim, compreende-se que as estratégias educativas levadas a cabo pelos progenitores sejam influenciadas pelo estilo comunicacional que pontua a relação entre pais e filhos.

Neste contexto, importa realçar um dos resultados mais surpreendentes e significativos da análise da relação entre as variáveis. O modelo que explica 68% da variância da dimensão *suporte emocional* inclui, como uma das variáveis com mais peso, a *disponibilidade parental para a comunicação*, relativamente aos progenitores do sexo masculino, na perceção dos adolescentes. Esta relação estabelece-se numa direção negativa e com peso elevado,

ou seja, quanto menor for a percepção dos adolescentes relativamente à disponibilidade comunicacional dos progenitores, maior tenderá a ser a percepção de que estes recorrem a estratégias educativas centradas no suporte emocional. Este resultado é aparentemente contraditório com a linha de pensamento apresentada, no entanto, pode ser interpretado através das próprias características dos instrumentos e dimensões em análise. A dimensão *disponibilidade parental para comunicação* é constituída por itens que implicam, essencialmente, uma comunicação explícita, presencial e verbalizada (e.g., “posso confiar nos meus pais e contar-lhes os meus problemas”, “os meus pais explicam-me porque dizem *não* às coisas que eu peço”) (Portugal & Alberto, in press). Por sua vez, a estratégia educativa *suporte emocional* é constituída por itens que são, sobretudo, direcionados para a demonstração implícita de cuidado e preocupação (e.g., “os teus pais abraçam-te?”, “sentes que os teus pais gostam de ti?”) (Lacerda de Almeida, 2005). Para além destas características, há que atender à etapa do ciclo vital *família com filhos adolescentes* que é caracterizada pela abertura ao exterior (Allué, 2011). Este resultado demonstra, assim, que a comunicação não-verbal desempenha um papel fundamental para que os adolescentes se sintam suportados emocionalmente pelos seus progenitores.

A investigação apresentada revela algumas limitações que implicam cautela na análise dos resultados. A literatura indica que a variável *conflito parental* prediz, em maior medida, o bem-estar das crianças/jovens, comparativamente à variável *estrutura familiar* (Bing et al., 2009; Esmaili et al., 2011). Assim, a inclusão de um instrumento de medida que avaliasse objetivamente o nível de conflito entre os progenitores das amostras estudadas poderia ser útil para a discussão dos resultados. A segunda limitação do presente trabalho prende-se com a duração e morosidade dos processos de RRP. De acordo com Lansford (2009), a idade das crianças/jovens aquando da ocorrência do divórcio é uma variável importante para compreender a adaptação a este evento. No caso concreto desta investigação, e devido à dificuldade na recolha da amostra específica, foram selecionados processos com uma grande amplitude em termos da data de início (2001-2011). Em alguns casos o divórcio parental ocorreu há mais de uma década, aspeto que poderá ter influenciado os resultados obtidos pois, nessas circunstâncias, as famílias tiveram tempo para se reorganizar perante a crise (Lewis et al., 2004). Relacionada com esta dificuldade está a terceira limitação do estudo, ou seja, a impossibilidade de administrar o protocolo de avaliação a todos os elementos do mesmo sistema familiar. A consequência que derivou desta dificuldade refletiu-se na considerável diminuição do tamanho da amostra aquando da análise estatística emparelhada. Por fim, alguns valores da consistência interna das escalas poderão comprometer a interpretação dos resultados obtidos neste estudo.

Apesar das limitações referidas, o presente estudo deverá servir de base a posteriores investigações. Uma das sugestões de investigação futuras passa pela validação do modelo que relaciona a comunicação parento-filial com as práticas parentais a partir de técnicas estatísticas mais robustas (e.g., modelos de equações estruturais). Seria igualmente útil efetuar uma recolha de dados junto de famílias que estão a iniciar um processo de divórcio

e de RRP, encontrando também uma estratégia para ter o contributo de todos os elementos do mesmo agregado e, assim, poder realizar análises estatísticas diádicas e triádicas mais aprofundadas. Por fim, promover estudos de cariz longitudinal sobre o impacto que o divórcio possa ter na comunicação e nas práticas parentais torna-se um desafio essencial, permitindo compreender qual a percentagem de variância da comunicação explicada pelo divórcio antes, durante e depois da sua ocorrência.

CONCLUSÃO

A literatura indica que o divórcio implica um conjunto de reorganizações familiares, particularmente no que diz respeito aos padrões comunicacionais estabelecidos entre progenitores e filhos e ao exercício da parentalidade. O presente estudo procurou analisar a relação entre comunicação, práticas educativas parentais e divórcio, comparando uma amostra de famílias em processo de RRP com uma amostra de famílias nucleares intactas. Ao contrário do que era esperado, a rutura conjugal, por si só, não diferencia significativamente o funcionamento das famílias ao nível da comunicação parento-filial. Verificam-se, porém, algumas especificidades comunicacionais entre os núcleos familiares intactos (mães percecionam maior confiança/partilha comunicacional por parte dos filhos e os adolescentes percecionam maior expressão de afeto e apoio emocional por parte destas) e as famílias pós-divórcio (mães referem partilhar conteúdos comunicacionais pessoais com os seus filhos com maior frequência do que os pais).

Apesar das dificuldades relacionais que caracterizam as famílias pós-divórcio, a componente comunicacional parece não ser muito perturbada com a ocorrência da separação. Estes resultados sugerem que é essencial reconhecer competências às famílias pós-divórcio e considerar a estrutura familiar como uma variável importante mas não definidora da qualidade do funcionamento da família. É necessário que os profissionais da área clínica, forense e social consigam ir para além dos rótulos e analisem o funcionamento familiar de forma aprofundada e global.

CAPÍTULO VII

DISCUSSÃO INTEGRADA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Despite the fact that most people become parents
and everyone who has ever lived has had parents,
parenting remains a most mystifying subject.*
(Bornstein, 2002, p. 11)

Este projeto foi desenhado com o objetivo de explorar as especificidades da comunicação parento-filial em famílias portuguesas, estabelecendo-se três objetivos gerais: (a) identificar as dimensões comunicacionais que pautam o exercício da parentalidade na perspectiva de pais e filhos, (b) construir um instrumento de avaliação da comunicação no contexto da parentalidade e caracterizar os padrões comunicacionais da população portuguesa em *famílias com filhos em idade escolar e famílias com filhos adolescentes*, e (c) identificar possíveis especificidades dos padrões comunicacionais de famílias pós-divórcio, em comparação com famílias nucleares intactas. Para responder a estes objetivos realizaram-se seis estudos, com amostras e metodologias diversas, contribuindo, cada um, para uma perspectiva específica e integrada do objeto de estudo. A lente conceptual proposta pelo modelo ecossistémico de desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1977, 1979, 1992) e a teoria da pragmática da comunicação humana (Watzlawick et al., 1993) foram os fundamentos teóricos que orientaram toda a investigação. Os resultados deste trabalho foram apresentados nos capítulos anteriores, de forma independente, pelo que, neste capítulo, será realizada uma análise integrada dos mesmos. Esta apresentação será dividida em três secções: (a) construção do instrumento de avaliação, (b) caracterização da comunicação parento-filial na população portuguesa e (c) padrões comunicacionais nas famílias pós-divórcio. Segue-se uma reflexão sobre as principais limitações dos estudos desenvolvidos e sobre os contributos e implicações que este projeto apresenta para a avaliação e intervenção familiar na área das relações progenitores-filhos. Por fim, serão colocadas algumas questões que poderão servir como ponto de partida para investigações futuras neste âmbito.

INTEGRAÇÃO DOS PRINCIPAIS RESULTADOS

Construção do Instrumento de Avaliação

Estabelecer as dimensões concretas da comunicação familiar tem-se revelado um enorme desafio para os teóricos e investigadores que se debruçam sobre as questões relacionadas com o sistema *família* (Edwards & Graham, 2009; Koerner & Fitzpatrick, 2002). Assim, para se concretizar a construção de um instrumento de avaliação da comunicação entre progenitores e filhos foi necessário realizar uma revisão detalhada da literatura no

sentido de identificar definições que caracterizassem o conceito *comunicação*, assim como as dimensões que este integra. Os modelos teóricos que se debruçam sobre a análise do funcionamento familiar incorporam a componente comunicacional, assumindo que se trata de uma dimensão central para a caracterização das dinâmicas relacionais no seio da família (Beavers & Hampson, 2000; Koerner & Fitzpatrick, 2002; Miller et al., 2000; Olson, 2000; Skinner et al., 2000; Wilkinson, 2000). No entanto, prevalecem algumas dificuldades associadas à elaboração de uma conceptualização que forneça indicadores precisos sobre como se estabelece a comunicação entre progenitores e filhos.

Apesar desta lacuna, a literatura destaca, de forma consistente, algumas dimensões que parecem caracterizar a comunicação parento-filial, contribuindo para uma maior compreensão do conceito, designadamente: abertura comunicacional (capacidade dos elementos da família para ouvir o outro e aceitar as suas opiniões) e problemas comunicacionais (dificuldade de empatia, manutenção de dinâmicas comunicacionais que afastam os comunicantes) (Barnes & Olson, 1985; Watzlawick et al., 1993); expressão afetiva (associada às teorias da vinculação, isto é, ao limite afetivo estabelecido entre progenitores e filhos) (Cummings & Cummings, 2002; Floyd & Morman, 2003; Segrin & Flora, 2005); e exercício da autoridade associado à função executiva (definição de regras e limites que garantem a hierarquização do sistema familiar) (Herber, 2004). A literatura revela, também, que a comunicação, no contexto familiar, varia em função das diferentes etapas do ciclo vital, dadas as especificidades de cada uma delas (Carr, 2006; Relvas, 1996), assim como, em função do sexo de progenitores e de filhos (Barnes & Olson, 1985; Bumpus & Hill, 2008; Crockett et al., 2007; Jackson et al., 1998; Jiménez & Delgado, 2002; Lanz et al., 1999; McNaught, 2000; Patrick et al., 2005).

Tendo por base a informação recolhida a partir da revisão da literatura, foi planeado um estudo de cariz misto (qualitativo e quantitativo), com recurso a entrevistas semiestruturadas, com o intuito de identificar as dimensões concretas do processo de comunicação que progenitores e filhos estabelecem entre si. Os resultados deste estudo permitiram agrupar um conjunto de dimensões que, na perspetiva de progenitores e de filhos, parecem caracterizar a comunicação parento-filial. Constatou-se que este é, de facto, um conceito multifatorial, passível de estabelecer padrões e, assim, identificar dimensões que o caracterizem. Apesar das especificidades de cada etapa do ciclo vital, descritas na literatura (Alarcão, 2006; Carter & McGolgrick, 1995; Herbert, 2004; Laursen & Collins, 2004; Relvas, 1996; Stafford, 2004), a saturação teórica da análise de conteúdo revelou que, tanto as *famílias com filhos em idade escolar* como as *famílias com filhos adolescentes*, identificam dimensões comunicacionais semelhantes. Este resultado permite confirmar o pressuposto defendido por alguns autores (Aquilino, 2006; Laursen & Collins, 2004) de que as características da comunicação se mantêm estáveis ao longo do tempo, verificando-se apenas alguns ajustes em função dos desafios e tarefas de cada etapa do ciclo vital²¹.

21 Este resultado será discutido em detalhe na secção “Caracterização da comunicação na população portuguesa”.

Com base na análise da informação recolhida através das entrevistas aos principais intervenientes na comunicação parento-filial (progenitores, crianças em idade escolar e adolescentes, no papel de filhos), foi desenvolvido um instrumento de avaliação, denominado *Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade* (COMPA). Atendendo ao facto de o estudo misto não ter apresentado distinções relevantes entre as duas etapas do ciclo vital analisadas (*famílias com filhos em idade escolar e família com filhos adolescentes*), no que diz respeito aos aspetos comunicacionais, esta escala contemplou os mesmos itens para os filhos das duas etapas do ciclo vital. No entanto, dada a grande amplitude de idades (7 aos 16 anos), e a dificuldade de aplicação da escala às crianças mais pequenas, foi criada uma versão reduzida da COMPA. Desta forma, a escala COMPA é constituída por três versões: COMPA-P, COMPA-C (7 aos 11 anos) e COMPA-A (12 aos 16 anos), sendo que os estudos de validação do instrumento, nomeadamente de validade e de fiabilidade, revelaram bons resultados psicométricos para aplicação na população portuguesa.

As dimensões que estiveram na base da construção da escala foram adaptadas aos resultados das análises fatoriais exploratória e confirmatória em cada uma das três versões da escala. Assim, resultaram cinco dimensões/subescalas nas versões COMPA-P e COMPA-A e duas dimensões/subescalas na versão COMPA-C²². A designação das dimensões e a sua descrição foi realizada com base nos itens que as compõem e em referências teóricas. A *expressão do afeto e apoio emocional*, que integra as três versões da escala, está relacionada com a troca de mensagens positivas entre os membros da família (Olson, 1993). Aspetos como clareza comunicacional, escuta ativa e empatia, permitem dar resposta a situações *stressantes* e manter a coesão e adaptabilidade familiar (Olson, 1993; Segrin & Flora, 2005). A *disponibilidade parental para a comunicação*, também presente nas três versões da escala COMPA, diz respeito à capacidade para responder claramente às questões colocadas pelos filhos, procurando o equilíbrio entre a abertura comunicacional e a privacidade (Kirkman et al., 2005). De acordo com Noller e Callan (1991), esta dimensão é essencial para um desenvolvimento social ajustado e para o desenvolvimento de estratégias de *coping* adequadas. A *metacomunicação*, dimensão que integra as versões COMPA-P e COMPA-A, implica que progenitores e filhos recorram a estratégias que permitam a clarificação dos conteúdos comunicacionais (Teti & Candelaria, 2002; Watzlawick et al., 1993). A *confiança/partilha comunicacional de progenitores para filhos* (COMPA-P) e de *filhos para progenitores* (COMPA-P e COMPA-A) diz respeito à partilha de problemas/tópicos pessoais relacionados com o trabalho, escola, amizades, entre outros. Por fim, os itens que compõem a dimensão *padrões negativos de comunicação*, que emergiu exclusivamente na escala COMPA-A, focam-se em aspetos como a hesitação na partilha de conteúdos comunicacionais e a manutenção de interações negativas que promovem o afastamento dos comunicantes (Olson et al., 1985).

²² A escala COMPA-C resulta de uma abreviação da escala COMPA-A, originando um número de dimensões, menor dada a redução do número de itens.

A construção desta escala de avaliação da comunicação na parentalidade permitiu dar resposta a uma lacuna em termos de investigação e intervenção clínica. A escala COMPA conjuga três mais-valias: (a) permite avaliar diversas dimensões da comunicação parento-filial, (b) abarca uma faixa etária ampla, podendo ser aplicada a jovens dos 7 aos 16 anos de idade, e (c) integra as perspetivas tanto de progenitores como dos filhos sobre o mesmo processo. De acordo com Miller-Day e Kam (2010), este é um aspeto essencial para a identificação de discrepâncias e convergências das percepções de progenitores e de filhos que possam estar na base da manutenção de interações relacionais negativas. Desta forma, a escala COMPA apresenta-se como um instrumento relevante para a identificação de padrões comunicacionais desfavoráveis, permitindo a prevenção de dinâmicas parento-filiais baseadas em padrões comunicacionais que tendem a afastar os comunicantes.

Caracterização da Comunicação Parento-filial numa Amostra da População Portuguesa

Após o desenvolvimento da COMPA, enquanto instrumento que avalia a multidimensionalidade da comunicação, procurou-se identificar os padrões comunicacionais numa amostra da população portuguesa, nas duas etapas do ciclo vital que a escala COMPA contempla: *famílias com filhos em idade escolar* e *famílias com filhos adolescentes* (Relvas, 1996). Em ambos os casos, pretendeu-se recolher estatísticas descritivas (média e desvio-padrão) de progenitores e filhos para as várias subescalas que compõem as três versões da COMPA e analisar o efeito de variáveis sociodemográficas consideradas influentes no processo comunicacional de acordo com a literatura, nomeadamente: *sexo* (Barnes & Olson, 1985; Bumpus & Hill, 2008; Crockett et al., 2007; Jackson et al., 1998; Jiménez & Delgado, 2002; Lanz et al., 1999; McNaught, 2000; Patrick et al., 2005; Tomé et al., 2012), *nível de escolaridade* (Jiménez & Delgado, 2002), *estatuto socioeconómico* (Magnuson & Duncan, 2002), *área de residência* (Wamoyi et al., 2010) e *tipo de estrutura familiar* (Afifi et al., 2006; Carlsund et al., 2012; Dunn et al., 2001; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011; Nair & Murray, 2005). Os resultados, que serão seguidamente analisados em maior detalhe, demonstram que a comunicação parento-filial não apresenta padrões muito distintos entre as duas etapas do ciclo vital analisadas, tal como fora já sugerido pelo estudo 1.

Família com filhos em idade escolar e família com filhos adolescentes

A análise efetuada aos padrões comunicacionais de progenitores e filhos de famílias em idade escolar corrobora grande parte dos indicadores descritos pela literatura empírica. Ao nível do *sexo*, nas *famílias com filhos em idade escolar*, constata-se que as meninas tendem a perceber maior disponibilidade comunicacional por parte de ambos os progenitores do que os meninos, enquanto as mães percebem maior partilha/confiança por parte dos seus filhos/filhas do que os pais, e também maior expressão do afeto e apoio emocional. As mães de *famílias com filhos adolescentes* apresentam um resultado semelhante a este. Tal

como McNaught (2000) refere, parece incontornável assumir a existência de diferenças ao nível do sexo na comunicação estabelecida entre progenitores e filhos. De acordo com alguns autores (Fitzpatrick & Vangelisti, 1995; Stewart, Cooper, Stewart, & Friedly, 1996), as mães tendem a iniciar mais frequentemente as interações comunicacionais com os seus filhos do que os pais através, por exemplo, de questões sobre o dia a dia. Este facto pode justificar a percepção de uma comunicação mais ativa por parte das mães. De acordo com McNaught (2000), a iniciativa materna para a comunicação parece influenciar as interações das filhas, promovendo um modelo de comunicação baseado na empatia. Fitzpatrick e Marshall (1996) referem que, em geral, as adolescentes tendem a receber mais afeto e a manter uma comunicação verbal mais frequente com os progenitores, comparativamente aos rapazes. No entanto, os resultados do presente estudo não registam este padrão, verificando-se que na fase da adolescência, os adolescentes do sexo masculino confiam e partilham mais os seus problemas com os progenitores do sexo masculino. Uma justificação possível para este resultado poderá estar relacionado com o facto de os progenitores do sexo masculino estabelecerem mais frequentemente uma comunicação de cariz instrumental (McNaught, 2000). Assim, perante dificuldades ou problemas pessoais, os rapazes procuram respostas mais assertivas e dirigidas para a resolução de problemas. Este resultado converge com o estudo realizado por Tomé et al. (2012).

Relativamente ao *local de residência*, constata-se que, em ambas as etapas do ciclo vital, progenitores e filhos de contextos urbanos apresentam melhores índices de comunicação comparativamente aos que vivem em contextos rurais. As dimensões que se destacam são: *expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, meta-comunicação e confiança/partilha de progenitores para filhos*. Apesar de a literatura existente sobre este tópico ser escassa e dispersa (Diggs & Socha, 2004), o estudo de Wamoyi et al. (2010) indica que a comunicação sobre alguns tópicos (e.g., sexo) nos contextos rurais tende a ser mais difícil do que nos contextos urbanos. Ainda assim, constata-se que, em ambas as etapas do ciclo vital, a confiança/partilha de progenitores para filhos é inferior nos contextos predominantemente urbanos, comparativamente aos contextos mediantemente urbanos e rurais. Sociologicamente, as famílias que vivem em contextos rurais tendem a seguir um modelo patriarcal, fechado sobre si mesmo, com uma grande valorização do núcleo familiar (Simionato & Oliveira, 2003). Esta organização pode justificar que a partilha de problemas e a confiança de progenitores para filhos seja mais elevada, uma vez que a família é considerada como um núcleo privilegiado de interação e partilha.

Considerando o *estatuto socioeconómico*, verifica-se que o nível alto se destaca dos níveis socioeconómicos médio e baixo por apresentar melhores índices de comunicação parento-filial, especificamente: as crianças percebem maior disponibilidade parental e expressão de afeto e apoio emocional, os adolescentes percebem padrões de comunicação negativos menores com as mães e os pais percebem maior partilha/confiança por parte dos seus filhos. Estes dados são coerentes com a literatura que contempla as dificuldades económicas como uma variável condicionante do bem-estar parental e, conseqüentemente,

da relação pais-filhos (Whitbeck et al., 1997). No entanto, à semelhança do que acontece com os progenitores que vivem em contextos rurais, os pais e mães de crianças em idade escolar que pertencem ao estatuto socioeconómico baixo tendem a perceber maior partilha e confiança com os seus filhos do que pais e mães de nível socioeconómico médio e elevado. As dificuldades económicas podem dever-se a vários motivos sendo que um deles é o desemprego. Esta variável, por sua vez, parece reduzir a rede social dos progenitores direcionando, assim, a necessidade de diálogo, por parte destes, para os seus filhos (Brown & Lynn, 2010).

A *escolaridade* foi a única variável analisada apenas para a amostra dos progenitores, dado que a variabilidade de escolaridade dos filhos é menor. Um dos resultados mais relevantes desta análise revelou que pais e mães com níveis de escolaridade inferiores a quatro (*famílias com filhos em idade escolar*) e a seis (*família com filhos adolescentes*) anos tendem a referenciar menor *metacomunicação*, comparativamente a progenitores que estudaram no ensino superior. A *metacomunicação* diz respeito à capacidade parental para clarificar os conteúdos comunicacionais. Uma possível explicação para este resultado poderá passar por uma menor capacidade de elaboração cognitiva e do domínio da linguagem verbal, que se reflete em maiores dificuldades na organização de um pensamento complexo e na estruturação de uma comunicação clara (Dekovic & Gerris, 1992). Um outro resultado, transversal às duas etapas do ciclo vital, indica que os progenitores que completaram os nove (*família com filhos em idade escolar*) e os dozes anos (*família com filhos adolescentes*) de escolaridade tendem a partilhar e a confiar mais os seus problemas aos filhos, comparativamente a progenitores com níveis de escolaridade superiores. A literatura indica a existência de uma clara relação entre o nível de escolaridade e a profissão que se exerce (Rocha-Vidigal & Vidigal, 2012; Shambrook, Roberts, & Triscari, 2011), sendo que o estatuto socioeconómico de cada família traduz essa relação. Apesar de não constituir uma regra, pode considerar-se, como possível justificação para este resultado, que estes progenitores pertençam a um nível socioeconómico médio-baixo, dado o seu nível de escolaridade. De acordo com o que foi referido anteriormente, esta condição socioeconómica parece estar efetivamente relacionada com uma maior partilha/confiança dos pais para os filhos.

Foram também analisados os padrões comunicacionais em diferentes *estruturas familiares*, nomeadamente: famílias pós-divórcio, famílias monoparentais, famílias reconstituídas e famílias nucleares intactas. De uma forma geral, a literatura tende a indicar que os progenitores e filhos de composições familiares cujo agregado familiar não é intacto apresentam maiores dificuldades ao nível da comunicação (Afifi et al., 2006; Dunn et al., 2001; Eldar-Avidan et al., 2009; McManus & Nessbaum, 2011; Nair & Murray, 2005). Estes estudos reforçam a importância que, tradicionalmente, é atribuída às famílias nucleares intactas (Alarcão, 2006). Porém, a caracterização dos padrões comunicacionais na amostra que compõe o presente estudo contraria a maior parte destes dados, exceto no que diz respeito às famílias monoparentais, com filhos em idade escolar. Verifica-se que as crianças de famílias monoparentais percebem menor disponibilidade parental para a comunicação

por parte dos progenitores do sexo masculino. Este dado é compreensível se for considerado que a amostra em estudo foi maioritariamente constituída por famílias monoparentais cujo exercício da parentalidade se centraliza nas figuras maternas. Desta forma, a pontuação destas crianças na dimensão *disponibilidade parental para a comunicação* relativamente ao pai diminui dado que, por regra, estas crianças mantêm uma interação privilegiada com as mães. Estes dados são suportados pela literatura (Amato et al., 1995; Furstenberg & Nord, 1985).

Uma análise integradora destes resultados sugere a existência de diferenças comunicacionais em função do *sexo, local de residência, estatuto socioeconómico, escolaridade* dos progenitores e tipologia da *estrutura familiar*. Os dados revelam, assim, que algumas variáveis se destacam no sentido de uma perceção positiva da comunicação, designadamente: (a) o sexo feminino, particularmente ao nível dos progenitores, (b) famílias que vivem em contextos urbanos, (c) famílias de estatuto socioeconómico médio e elevado e (d) níveis de escolaridade superiores a nove anos. Os resultados relativos à composição familiar não revelaram diferenças entre famílias nucleares intactas e outras estruturas familiares, ao contrário do que seria de esperar. Um dado central desta caracterização prende-se com o facto de existirem características transversais à comunicação de *famílias com filhos em idade escolar* e de *famílias com filhos adolescentes*, embora se verifiquem algumas especificidades.

A generalização destes dados deve ser cautelosa, dado que nem sempre se verifica a representatividade populacional dos grupos amostrais distribuídos pelas diversas categorias das variáveis analisadas. Desta forma, a caracterização efetuada deve ser interpretada atendendo ao seu cariz exploratório. Apesar disto, estes dados permitem retirar algumas conclusões e implicações úteis para os profissionais que, em contexto clínico, trabalham com famílias. Estas implicações serão consideradas mais adiante.

Comunicação Parento-filial nas Famílias Pós-divórcio

O modo como os progenitores exercem a parentalidade reflete o funcionamento familiar, integrando três dimensões centrais (Alarcão 2006; Cummings & Cummings, 2002; Dix, 1991; Herbert, 2004; Relvas, 1996; Taborda Simões, Martins, & Formosinho, 2006): a expressão emocional, o exercício de funções executivas e a promoção da socialização e individualização. O exercício da parentalidade traduz-se num conjunto de práticas educativas parentais que pretendem promover o desenvolvimento ajustado e estável das crianças (Bornstein, 2002). Desta forma, a comunicação parento-filial, enquanto processo básico da interação humana, contribui para a definição das práticas parentais adotadas por cada progenitor (Herbert, 2004). A literatura indica que esta relação se complexifica na presença de um divórcio (Afifi, et al., 2006; McManus & Nessbaum, 2011). A revisão da literatura efetuada por Lewis et al. (2004) demonstra que grande parte dos casais que se divorciam

revelam padrões comunicacionais disruptivos prévios e posteriores à ocorrência do divórcio. De acordo com os autores, este aspeto está relacionado com uma menor adequação das estratégias educativas parentais que, por sua vez, conduzem ao desajustamento social e emocional das crianças (Lewis et al., 2004).

O presente estudo não encontrou diferenças estatisticamente significativas, ao nível da comunicação parento-filial, entre famílias pós-divórcio (famílias em regulação das responsabilidades parentais) e famílias nucleares intactas. Trata-se de um resultado importante e inovador pois contraria a maior parte das indicações da literatura empírica que sugerem que a comunicação parento-filial é uma das dimensões mais afetadas na presença de um divórcio (Afifi et al., 2006; Eldar-Avidan et al., 2009; Martinez & Forgatch, 2002; McManus & Nessbaum, 2011). As justificações para este resultado poderão ser de cariz (a) conceptual, (b) sociológico e/ou (c) metodológico.

Em termos conceptuais, Laursen e Collins (2004) consideram que a qualidade da comunicação entre progenitores e filhos tende a ser estável ao longo do tempo, sendo que as flutuações que apresenta se devem, essencialmente, aos desafios de cada etapa do ciclo vital. A inexistência de diferenças estatisticamente significativas entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio pode dever-se ao facto de a comunicação prévia à separação ser promotora da aproximação entre os comunicantes. Esta hipótese sugere que a comunicação parento-filial deve ser analisada como um processo que se ajusta às crises acidentais que ocorrem ao longo do ciclo vital (e.g., divórcio), ainda que, de acordo com Allen e Land (1999), a magnitude das mudanças nos padrões comunicacionais reflitam a história relacional prévia à separação. Ou seja, a comunicação ajusta-se aos desafios que vão surgindo na relação pais-filhos mas, independentemente disso, os padrões comunicacionais tendem a refletir a relação prévia ao divórcio.

Em termos sociológicos, verifica-se que o divórcio tem vindo a ser progressivamente aceite pela sociedade (Panassenko, 2013), registando-se um aumento das taxas de separação conjugal nas últimas quatro décadas (Torres, 2010). Este aumento está relacionado com transformações sociais, familiares e matrimoniais. Os obstáculos que se impunham ao divórcio foram sendo enfraquecidos pelas alterações socioeconómicas associadas à industrialização, à urbanização e ao papel social cada vez mais ativo das mulheres. À medida que as oportunidades para ter um projeto de vida, para além do casamento, aumentam, a opressão, a infelicidade, a tolerância e os abusos diminuem (Phillips, 1991). Estas alterações sociais podem ajudar a compreender o facto de não se terem registado diferenças significativas entre as famílias nucleares intactas e as famílias pós-divórcio do presente estudo. De acordo com Torres (2010):

O que parece ter mudado foram os modelos familiares e as representações e modos de investimento na família. Fenómenos como a baixa da fecundidade e a desdramatização do divórcio e da coabitação não podem ser lidos como sintomas do declí-

nio da família, mas antes como sintomas de novos investimentos e sentidos que lhes são dados (p. 16).

A progressiva aceitação social do divórcio reconhece competências às famílias, diminuindo a estigmatização e a representação social pautada pelo “desajustamento” destas famílias. Desta forma, supõe-se que nos últimos 40 anos, e dada a banalização do divórcio, a sociedade tenha implementado estratégias que promovam a integração das famílias pós-divórcio na interação social, diminuindo a perspectiva deficitária sobre estas composições familiares (Torres, 2010). Em termos macrossistémicos, a comunicação entre progenitores e filhos parece ser uma dimensão familiar que, com o passar dos anos, se ajustou às transformações sociais.

Este resultado pode também ser justificado por algumas condições metodológicas inerentes ao presente estudo, nomeadamente: (a) o tamanho da amostra, (b) a inexistência de uma escala de avaliação do conflito conjugal e (c) a inexistência de uma escala de avaliação da desejabilidade social. O próprio desenho do estudo poderá ter influenciado os resultados obtidos. Estas limitações serão analisadas em detalhe na secção “Limitações e Indicações para Estudos Futuros”.

Para além da ausência de diferenças estatisticamente significativas entre ambas as tipologias familiares, o presente estudo revelou que a comunicação parento-filial tem valor preditivo sobre as práticas parentais adotadas pelos progenitores. Trata-se de um resultado expectável considerando a literatura (Herbert, 2004). Genericamente, as dimensões da comunicação que constituem a escala COMPA tendem a ser predictoras, no sentido positivo, de estratégias educativas parentais baseadas no *suporte emocional* e, por outro lado, tendem a prever negativamente estratégias educativas baseadas na *tentativa de controlo/sobreproteção* e *rejeição*. Este resultado sugere que quanto mais elevadas forem as pontuações nas dimensões da COMPA, maior será a perceção de recurso a estratégias educativas parentais centradas no suporte emocional, tanto na perspectiva dos progenitores como na perspectiva dos filhos. O estudo longitudinal realizado por Pereira, Canavarro, Cardoso e Mendonça (2009) demonstra que os progenitores da população portuguesa recorrem, com maior frequência, a estratégias parentais centradas no suporte e no controlo. Este padrão de exercício de parentalidade tende a estar associado a um ajustamento positivo por parte das crianças em idade escolar. Os autores concluem que, apesar do controlo parental, as crianças tendem a beneficiar da perceção de que os pais recorrem a estratégias centradas no *suporte emocional* e não a estratégias centradas na *rejeição*. Os resultados do presente estudo, em conjugação com os dados apresentados por Pereira et al. (2009), reforçam o contributo que a comunicação parento-filial tem para o estabelecimento de uma parentalidade ajustada entre pais e filhos.

Contributos do Estudo para a Prática Clínica

Podem destacar-se como principais contributos deste estudo: (a) o desenvolvimento da escala de avaliação da comunicação entre progenitores e filhos – COMPA, (b) a identificação das especificidades comunicacionais em função de algumas variáveis sociodemográficas (*sexo, local de residência, nível socioeconómico, escolaridade dos progenitores e composição familiar*), e (c) a identificação das características comunicacionais de famílias pós-divórcio, assim como o seu efeito no exercício da parentalidade. A abordagem ecossistémica que serviu de alicerce a esta investigação é concordante com as abordagens preventivas – participativas e ecológicas – dimensionadas para a exploração e prevenção da relação entre progenitores e filhos enquanto membros de um sistema (e.g., Center of the Study of Social Policy, 2012).

A principal mais valia do presente estudo prende-se com o desenvolvimento e validação de uma medida de avaliação da comunicação na parentalidade. Atendendo às lacunas de investigação associadas a este tema, assim como à importância que a literatura atribui à comunicação como elemento central para uma compreensão holística da relação progenitores-filhos, revelou-se urgente a criação deste instrumento de medida. A escala COMPA foi baseada em indicações da literatura teórica sobre o conceito e num estudo misto de cariz, essencialmente, qualitativo. A conjugação de metodologias qualitativas e quantitativas confere validade de constructo ao instrumento (Teddlie & Yu, 2007), permitindo a identificação mais fiel das dimensões comunicacionais que caracterizam a relação progenitores-filhos.

A utilização da escala COMPA por profissionais que trabalham com *famílias com filhos em idade escolar e com famílias com filhos adolescentes* (e.g., psicólogos, terapeutas familiares) permitirá a identificação de áreas fortes e áreas frágeis da comunicação parento-filial, promovendo um conhecimento mais objetivo da qualidade da comunicação. Para além disto, o preenchimento de autorresposta, por parte de progenitores e de filhos, de forma independente, contribui para uma reflexão pessoal sobre aspetos da comunicação quotidiana que caracteriza a relação (Barker, Pistrang, & Elliott, 2005), assim como, para o cruzamento de perspetivas dos vários intervenientes. Esta possibilidade fomenta a tomada de consciência de progenitores e de filhos sobre as redundâncias comunicacionais que podem estar na base de interações cristalizadas que tendem a amplificar as dificuldades relacionais e afastar os comunicantes. A identificação dos padrões comunicacionais de cada família permite a definição de objetivos terapêuticos concretos e dirigidos às necessidades familiares. Por outro lado, a literatura desenvolvida no âmbito forense revela a necessidade de elaboração de um protocolo de avaliação que contemple diversas dimensões inerentes ao exercício da parentalidade (Lago & Bandeira, 2008; Taborda Simões et al., 2006). A validação da escala COMPA para a população portuguesa permite que este instrumento seja integrado num protocolo de avaliação mais vasto, contribuindo assim para a análise mais aprofundada das competências parentais.

O estudo exploratório da caracterização da comunicação parento-filial na população portuguesa permite retirar algumas implicações para a prática em contextos sociodemográficos particulares. Verifica-se que progenitores e filhos de contextos rurais e com um estatuto socioeconómico baixo tendem a obter pontuações mais baixas nas dimensões *expressão do afeto e apoio emocional, disponibilidade parental para a comunicação, metacomunicação e confiança / partilha de progenitores para filhos* da COMPA. Estes resultados, enquadrados pela literatura empírica (Wamoyi et al., 2010; Whitbeck et al., 1997), sugerem a necessidade de uma atenção reforçada, por parte dos profissionais do âmbito clínico, comunitário e de saúde, aos elementos de famílias provenientes destes contextos. Estes dados poderão ser relevantes para a planificação de estratégias de intervenção específicas no sentido de promover: competências afetivas, escuta ativa, comunicação clara e equilíbrio na partilha comunicacional de pais para filhos. Estas dimensões permitem o estabelecimento de uma relação parento-filial ajustada, fomentando a autonomia das crianças e dos jovens. O estudo realizado por Leung et al. (2009) exemplifica a importância desta relação. Os autores concluíram que a expressão materna de afeto negativo (e.g., expressão de tristeza, dificuldade na tomada de decisão, baixa autoestima) está significativamente associada a sintomatologia depressiva nos filhos adolescentes, sendo que esta relação é mediada pela satisfação da qualidade da relação familiar, ou seja, nas famílias onde as relações são percebidas como sendo de baixa qualidade, a sintomatologia depressiva tende a ser significativamente superior. Desta forma, os resultados da caracterização da comunicação na população portuguesa reforçam a importância do bom relacionamento familiar para um adequado funcionamento mental, tanto de progenitores como de adolescentes (Leung et al., 2009). Esta informação é particularmente relevante para os profissionais que trabalham com famílias cujos rendimentos financeiros são baixos e famílias que vivem em contextos rurais.

Em geral, a caracterização da comunicação familiar na amostra da população portuguesa revela o papel de destaque das figuras femininas (mães e filhas), no sentido de estas apresentarem uma percepção mais positiva sobre a comunicação que estabelecem, comparativamente às figuras masculinas (pais e filhos). As diferenças verificadas no presente estudo, em função do sexo, são amplamente referenciadas pela literatura empírica (Barnes & Olson, 1985; Bumpus & Hill, 2008; Crockett et al., 2007; Jackson et al., 1998; Jiménez & Delgado, 2002; Lanz et al., 1999; McNaught, 2000; Patrick et al., 2005). Estes resultados não pretendem diminuir a importância da figura paterna nas interações familiares, pois o destaque de mães e filhas poderá dever-se, sobretudo, a características inerentes ao género (Fitzpatrick & Vangelisti, 1995; Stewart et al., 1996). Segundo Morman e Floyd (2006), a concretização de uma parentalidade adequada por parte dos progenitores do sexo masculino, passa pela garantia do papel de cuidador, isto é, a capacidade de representar um modelo adequado de paternidade, estar disponível para as necessidades dos filhos e ser um bom ouvinte e tutor. Os resultados do presente estudo, particularmente aquele que diz respeito às famílias com filhos adolescentes, vem desmistificar a ideia de um papel de desrespon-

sabilização e/ou desinteresse tipicamente associado aos progenitores do sexo masculino (Palkovitz, 1997). Os resultados do presente estudo demonstram que mães e pais assumem papéis e funções distintos na comunicação, sem que isso represente a superioridade de um relativamente ao outro.

Por fim, a ausência de diferenças estatisticamente significativas, ao nível da comunicação, entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio acarreta, como principal implicação prática, a desmistificação do divórcio como um evento estigmatizante e perturbador da relação parento-filial. Os estudos efetuados no âmbito da sociologia sugerem que as crenças atribuídas ao divórcio têm vindo a sofrer alterações nas últimas quatro décadas (Panaseko, 2013; Torres, 2010). Ainda que considerado como um evento acidental e perturbador das relações entre progenitores e filhos (Cloutier et al., 2006; Peck & Manocherian, 1995), a banalização do divórcio tem-se vindo a refletir nas taxas crescentes de separações conjugais (Torres, 2010). Num primeiro olhar, os resultados do presente estudo sugerem a normalização do divórcio ou, inclusivamente, a atenuação do seu impacto nos elementos da família. Porém, é fundamental analisar estes dados a partir de uma perspetiva aprofundada e holística. Assim, definindo a comunicação como uma dimensão que se mantém estável ao longo do tempo e que caracteriza a relação entre progenitores e filhos (Aquilino, 2006; Laursen & Collins, 2004), pode considerar-se que o impacto do divórcio se faça notar, sobretudo, ao nível de questões pragmáticas do relacionamento parento-filial (e.g., definição do regime de visitas, diminuição dos rendimentos económicos) (Lambert, 2007). Esta perspetiva não pretende retirar o carácter complexo inerente ao processo de separação/divórcio mas sim, identificar as áreas que, de forma imediata e estrutural, sofrem o impacto da sua ocorrência.

Numa perspetiva macrossistémica, é fundamental que os serviços que trabalham com famílias pós-divórcio (e.g., gabinetes de atendimento psicológico, escolas) reconheçam que, em termos comunicacionais, estas se distinguem em poucos aspetos das famílias nucleares intactas. Com a diminuição do estigma social associado ao divórcio, a comunidade tende a atribuir competências às famílias, assumindo cada vez menos uma abordagem deficitária. Neste sentido, é essencial que as famílias pós-divórcio sejam consideradas como organizações familiares multidesafiadas e não multiproblemáticas (Alarcão, 2006). A adoção de uma perspetiva centrada nas competências e não nos défices, permite que o divórcio seja percecionado como uma crise transacional, promovendo competências de resolução de problemas (Cloutier et al., 2006; Rubin et al., 2007). A estimulação de uma comunicação clara entre progenitores e filhos sobre a ocorrência do divórcio parece ser um fator protetor do impacto da separação nas relações familiares (Afifi et al., 2006; Lewis et al., 2004; Linker et al., 1999). Partilhar os principais motivos que conduziram ao divórcio pode ser doloroso a curto prazo mas permite que os filhos cresçam com uma compreensão mais adequada e ajustada de que a separação é uma questão conjugal, distinta da parentalidade, e que decorre do relacionamento específico entre os seus progenitores enquanto marido e mulher (Lewis et al., 2004). A planificação de programas de intervenção que incidam sobre

os aspetos comunicacionais, a desenvolver junto de progenitores que iniciam um processo de divórcio, poderá ser relevante no sentido de orientar pais e mães a gerir o exercício da parentalidade em função deste desafio. A mediação familiar pode oferecer uma solução adequada para estas situações, contribuindo para a diminuição do conflito interparental, para o envolvimento mais ativo e positivo do progenitor não residente e para o exercício positivo das competências parentais (Holtzworth-Munroe, Applegate, D'onofrio, & Bates, 2010). De acordo com McIntosh (2007), o processo de mediação familiar em situações de divórcio parece ser mais frutífero quando envolve a opinião das crianças/jovens, já que alerta os progenitores para as necessidades dos filhos durante este momento de transição, criando condições para que os progenitores proporcionem uma base emocional segura aos seus filhos.

Limitações e Indicações para Estudos Futuros

Nesta investigação, a partir de um olhar sistémico, foram ouvidas as “vozes” de progenitores e de filhos, na primeira pessoa, sobre vários aspetos da comunicação que caracterizam as suas dinâmicas relacionais abrindo, assim, uma porta para o estudo mais alargado da comunicação na população portuguesa e das composições familiares pós-divórcio.

Porém, o estudo aqui apresentado revela algumas limitações que devem ser consideradas na interpretação dos resultados e que devem nortear a planificação de investigações futuras. Um aspeto que poderia contribuir para uma maior consistência deste trabalho relaciona-se com a amostra do estudo qualitativo. A análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas com pais/mães e filhos/filhas de duas etapas do ciclo vital (*família com filhos em idade escolar e família com filhos adolescentes*) revelou, de forma consistente e transversal, a existência de dimensões que caracterizam a comunicação. Porém, a aplicação destas entrevistas poderia ter sido feita com uma amostra de maior dimensão, no sentido de confirmar a saturação teórica do tema. Teria sido útil considerar informações fornecidas por profissionais que investiguem ou trabalhem diretamente com famílias (e.g., terapeutas familiares, investigadores). Apesar de se terem realizado grupos focais com profissionais e investigadores, e de a análise de conteúdo ter sido feita, não foi integrada nos resultados do presente estudo uma vez que introduzia uma grande complexidade para a elaboração da escala. A perspetiva mais tecnicista e teórica sobre a comunicação familiar dos profissionais entrevistados diverge da perspetiva pragmática que progenitores e filhos têm sobre o relacionamento que mantêm. Deste modo, optou-se por considerar apenas a análise de conteúdo das entrevistas efetuadas aos intervenientes diretos (progenitores e filhos) para a definição das dimensões finais que estiveram na base da escala COMPA. A análise às entrevistas realizadas aos profissionais poderá, futuramente, ser utilizada para a criação de uma escala da comunicação parento-filial a preencher especificamente por profissionais que trabalhem diretamente com famílias (e.g., terapeutas familiares). O de-

envolvimento deste instrumento permitirá o cruzamento de informação e a consequente definição de linhas de intervenção mais adequadas a cada família, assim como, a monitorização dos ganhos das intervenções terapêuticas a nível comunicacional.

Ainda relativamente ao estudo qualitativo, surge como limitação o facto de terem sido utilizadas duas metodologias distintas para a recolha de dados, nomeadamente a aplicação de entrevistas semiestruturadas individuais (progenitores) e a discussão de um guião de entrevista semiestruturada em grupos focais (crianças em idade escolar e adolescentes). Apesar da literatura indicar que ambas as opções são igualmente válidas para a exploração da temática (Hill & Hill, 2009; Milena et al., 2008), considera-se importante a homogeneização das condições de recolha de dados, no sentido de garantir que a análise dos depoimentos tiveram, na sua base, procedimentos semelhantes e, assim, reduzir a interferência de eventuais variáveis parasitas.

Relativamente aos estudos que estiveram na base do desenvolvimento e validação da escala COMPA, uma das limitações remete para a não realização de alguns procedimentos de validação, nomeadamente da estabilidade temporal, validade discriminante e validade convergente (Pasquali, 2007). De acordo com Pasquali (2007) “a validade responde se algo é verdadeiro ou falso (...) diz respeito a um problema ontológico” (p. 105). Desta forma, seria útil aprofundar os testes de validade da escala COMPA no sentido de garantir o mais que possível que o instrumento mede realmente a comunicação entre progenitores e filhos. Para tal, avaliar este constructo em momentos distintos do tempo, assim como, analisar a sua correlação com outros instrumentos e com várias amostras distintas (e.g., clínicas) permitiria garantir diferentes dimensões da validade.

A composição do grupo amostral utilizado para a validação da escala e para a caracterização dos padrões comunicacionais da população portuguesa constitui, também, uma limitação. Apesar da grande dimensão da amostra ($n = 1422$), esta não garante representatividade em alguns níveis das variáveis sociodemográficas da população portuguesa. Esta limitação é particularmente relevante para a caracterização dos padrões comunicacionais. Deste modo, seria fundamental organizar uma amostra aleatória estratificada em função das diversas variáveis sociodemográficas analisadas, permitindo assim a obtenção de dados normativos (Teddlie & Yu, 2007).

Uma outra limitação da investigação tem a ver com a informação solicitada sobre a variável divórcio. A planificação do presente estudo teve, na sua origem, a necessidade de analisar a comunicação parento-filial em famílias que se encontram em processo RRP. Por este motivo, a ficha de dados sociodemográficos foi composta por dois tipos de questões: (a) sociodemográficas e (b) processuais. Uma das questões de cariz processual pretendia identificar o ano em que o processo de RRP se iniciou, no entanto, teria sido útil identificar, também, o ano em que o divórcio/separação ocorreu. Em função da complexidade de cada caso, verifica-se que, por vezes, existe uma grande amplitude temporal entre a ocorrência do divórcio e a regulação das responsabilidades parentais. Nas situações em que isto se

verifica a interpretação dos resultados torna-se mais complexa pois não existe um controlo fiel do momento em que o divórcio ocorreu. Em estudos futuros, será de ponderar a recolha de informação relativa ao processo de divórcio propriamente dito.

De acordo com o exposto, é, então, fundamental que se dê continuidade à análise dos resultados exploratórios que o presente estudo revela, em termos da caracterização da comunicação parento-filial na população portuguesa, mas também que se explore esta dimensão em populações específicas (e.g., famílias com um elemento com doença crónica, famílias de diferentes composições – monoparental, de casal homossexual, de casal bicultural). O desenvolvimento destes estudos permitirá um aperfeiçoamento da escala COMPA, assim como o conhecimento mais aprofundado das características comunicacionais de diversos subgrupos da população portuguesa. Prevê-se que a partir destas análises específicas, se possam identificar redundâncias comunicacionais que caracterizem e padronizem a comunicação entre progenitores e filhos.

Sugere-se, ainda, a inclusão de uma escala de desejabilidade social que possa integrar as diversas versões da escala COMPA, particularmente a COMPA-P. Gooden e Struble (1990) referem que é essencial garantir que as respostas dadas pelos progenitores sobre os seus comportamentos parentais são genuínas e não fruto exclusivo daquilo que consideram importante partilhar e que é socialmente desejável. A inexistência de uma escala de desejabilidade social torna-se particularmente relevante no momento de interpretação dos resultados obtidos com as famílias pós-divórcio. Por vezes, o momento em que o divórcio ocorre é acompanhado por sentimentos de mágoa e frustração entre os progenitores, especialmente quando a situação de divórcio e a regulação das responsabilidades parentais é levada à barra dos tribunais (Bing et al., 2009). Nestas ocasiões, a disputa pelo poder parental ou, simplesmente, a necessidade de definir um regime de responsabilidades parentais que agrade a ambos os progenitores, poderá estar na base da expressão de comportamentos parentais idealizados. O estudo realizado por Gooden e Struble (1990) identifica a influência da desejabilidade social por parte das mães quando se referem ao amor que sentem pelos filhos e às exigências que lhes colocam. Deste modo, a inclusão de uma escala de desejabilidade social no protocolo aplicado no último estudo que compõe a presente investigação poderia ser importante para justificar a inexistência das diferenças preconizadas pela literatura entre famílias nucleares intactas e famílias pós-divórcio (Affi et al., 2006; Eldar-Avidan et al., 2009; Martinez & Forgatch, 2002; McManus & Nessbaum, 2011).

Para além de uma escala de avaliação da desejabilidade social, o estudo apresentado no sexto capítulo ficaria enriquecido se integrasse uma escala de avaliação do conflito parental. Alguns autores sugerem que esta variável explica, em maior medida, o ajustamento das crianças e jovens ao divórcio dos seus progenitores (Bing et al., 2009; Lewis et al., 2004). Por este motivo, conhecer o nível de conflito entre os progenitores que compõem a presente amostra poderia ser útil para compreender alguns dos resultados obtidos.

Em termos de investigação futura, é importante que os estudos se centrem no desenvolvimento e validação de versões da escala COMPA dirigidas a (a) *famílias com filhos pequenos* e (b) *famílias com filhos adultos*. Este foco de investigação permitirá complementar as versões já existentes, assim como, promover um conhecimento cronossistémico da comunicação parento-filial ao longo do ciclo vital. Relativamente ao estudo particular das famílias pós-divórcio, sugere-se que, de futuro, sejam promovidas investigações de cariz observacional, seguindo uma abordagem longitudinal prospetiva já que os estudos existentes recorrem maioritariamente a escalas de auto-resposta e centram-se num desenho retrospectivo (Lewis et al., 2004). O desenvolvimento destes trabalhos permitirá uma compreensão mais aprofundada sobre o impacto do divórcio nas relações parento-filiais a curto, médio e longo prazo. A promoção destes estudos possibilitará, também, a identificação de fatores protetores e de fatores de risco que estão envolvidos na adaptação do exercício da parentalidade ao processo de divórcio.

Finalmente, torna-se essencial desenvolver investigação que cruze informação sobre a comunicação parento-filial com outras variáveis também consideradas importantes no exercício da parentalidade, tais como, a vinculação, definição de regras e limites, e a transmissão geracional de modelos familiares de parentalidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abaid, J., Dell'Aglio, D., & Koller (2008). Preditores de sintomas depressivos em crianças e adolescentes institucionalizados. *Universitas Psychologica*, 9(1), 199-212.

Adamsons, K., O'Brien, M., & Pasley, K. (2007). An ecological approach to father involvement in biological and stepfather families. *Fathering*, 5, 129-247.

Afifi, T. D., Huber, F. N., & Ohs, J. (2006). Parents' and adolescents' communication with each other about divorce-related stressors and its impact on their ability to cope positively with the divorce. *Journal of Divorce and Remarriage*, 45(1/2), 1-30.

Ahrons, C. R. (2007). Family ties after divorce: long-term implications for children. *Family Process*, 46(1), 53-65.

Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios Familiares* (3ª Ed.). Coimbra: Quarteto.

Alberto, I. (2006). *Maltrato e Trauma na Infância* (2ª Ed.). Coimbra: Almedina.

Alberto, I. (2008). Maltrato Infantil: Entre um destino e uma história. In A. Matos et al. (Eds.), *A Maldade Humana*. Coimbra: Almedina.

Allen, J. P., & Land, D. (1999). Attachment in adolescence. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment* (pp. 319-335). New York: Guilford Press.

Allué, F. (2011). El Adolescente sin Atributos. La Construcción de la Identidad en un Mundo Complejo. In R. Pereira (Ed.), *Adolescentes en el Siglo XXI: Entre impotencia, resiliencia y poder* (pp. 23-50). Madrid: Ediciones Morata.

Amato, P. R. (2001). Children of divorce in the 1990s: An update of the Amato and Keith (1991) meta-analysis. *Journal of Family Psychology*, 15(3), 355-370. doi:10.1037/0893-3200.15.3.355

Amato, P. R., Loomis, L. S., & Booth, A. (1995). Parental divorce, marital conflict, and off-spring well-being during early adulthood. *Social Forces*, 73, 895-915.

Amato, P. R., & Keith, B. (1991a). Parental divorce and adult well-being: A meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 53, 43-58.

Amato, P. R., & Keith, B. (1991b). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 110, 26-46.

American Psychological Association. (2002). Ethical principles of psychologists and code of conduct. *American Psychologist*, 57, 1060-1073. doi:10.1037//0003-066X.57.12.1060

Annear, K. D., & Yates, G. R. (2010). Restrictive and supportive parenting: Effects on children's school affect and emotional responses. *Australian Educational Researcher*, 37(1), 63-82.

Aquilino, W. S. (2006). The noncustodial father-child relationship from adolescence into young adulthood. *Journal of Marriage and Family*, 68(4), 929-946.

Ausloos, G. (2003). *A Competência das famílias. Tempo, caos, processo*. (2ª Ed.). Lisboa: Climepsi.

Avison, W. R., Ali, J., & Walters, D. (2007). Family structure, stress, and psychological distress: A de-

monstration of a impact of differential exposure. *Journal of Health and Social Behavior*, 48(3), 301-317.

Barker, L. L. (1987). *Communication*. (4th Ed.). New Jersey: Prentice-Hall.

Barker, C., Pistrang, N., & Elliott, R. (2005). Self-report methods. In *Research methods in clinical psychology: An introduction for students and practitioners* (2^a Ed.). John Wiley & Sons: Chichester, UK. doi: 10.1002/0470013435.ch6

Barnes, L. H., & Olson, D. H. (1985). Parent-adolescent communication and the circumplex model. *Child Development*, 56, 438-447. doi:10.1111/1467-8624.ep7251647.

Bateson, G., Jackson, D., Haley, J., & Weakland, J. (1956). Toward a theory of schizophrenia. *Behavioral Science*, 1(4), 251-254.

Baumrind, D. (2005). Patterns of parental authority and adolescent autonomy. *New Directions for Child and Adolescent Development*, 108, 61-69.

Beavers, R., & Hampson, R. B. (2000). The beavers systems model of family functioning. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 128-143. doi:10.1111/1467-6427.00143

Berge, J., Loth, K., Hanson, C., Croll-Lampert, J., & Neumark-Sztainer, D. (2012). Family life cycle transitions and the onset of eating disorders: A retrospective grounded theory approach. *Journal of Clinical Nursing*, 21(9/10), 1355-1363. doi:10.1111/j.1365-2702.2011.03762.x

Bertalanffy, L. (1968). *Teoria geral dos sistemas*. São Paulo: Vozes.

Biederman, J., Petty, C., Monuteaux, M., Mick, E., Clarke, A., & Faraone, S. (2009). Familial risk analysis of the association between attention-deficit/hyperactivity disorder and psychoactive substance use disorder in female adolescents: A controlled study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(3), 352-358. doi:10.1111/j.1469-7610.2008.02040.x

Bing, N. M., Nelson, W., & Wesolowski, K. L. (2009). Comparing the effects of amount of conflict on children's adjustment following parental divorce. *Journal of Divorce and Remarriage*, 50(3), 159-171. doi:10.1080/10502550902717699

Bornstein, M. H. (2002). *Handbook of parenting - Volume 1. Children and parenting*. (2nd Ed.). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Briggs, S. R., & Cheek, J. M. (1986). The role of factor analysis in the development and evaluation of personality scales. *Journal of Personality*, 54(1), 106-149. doi:10.1111/1467-6494.ep8970518

Bronckart (2001). Comunicação. In R. Doron, & F. Parot, (Eds.), *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

Bronfenbrenner, U. (1977). Toward an experimental ecology of human development. *American Psychologist*, 32(7), 513-531.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development - Experiments by nature and design*. Massachusetts: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp. 187-249). London: Jessica Kingsley Publishers.

Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon & R. M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology* (5th Ed.), Vol. Theoretical models of human development, (pp. 993-1028). New York: John Wiley.

Brown, F. H. (1995). A Família Pós-divórcio. In B. Carter & M. McGolgrick (Eds.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. (2^a Ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.

Brown, E. D., & Lynn, T. K. (2010). Daily poverty-related stress and mood for low-income parents, as a function of the presence of a cohabiting partner relationship. *Individual Differences Research*, 8(4), 204-213.

Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Bumpus, M. F., & Hill, L. G. (2008). Secrecy and parent-child communication during middle childhood: Associations with parental knowledge and child adjustment. *Parenting: Science and Practice*, 8, 93-116.

Burleson, B. R., Delia, J. G., & Applegate, J. L. (1995). The socialization of person-centered communication. In M. A. Fitzpatrick & A. L. Vangelisti (Eds.), *Explaining family interactions* (pp. 34-76). Thousand Oaks, CA: Sage.

Camacho, I., & Matos, M. G. (2007). Práticas parentais educativas, fobia social e rendimento académico em adolescentes. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 3(3), 1-15.

Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007a). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: a versão Portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.

Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007b). A percepção dos filhos sobre os estilos educativos parentais: A versão portuguesa do EMBU-C. *Revista Iberoamericana de Diagnostico y Evaluación Psicologica*, 24(2), 193-210.

Carlsund, A., Eriksson, U., & Sellstrom, E. (2012). Shared physical custody after family split-up: Implications for health and well-being in Swedish schoolchildren. *Acta Paediatrica*, 29, 1-6. doi: 10.1111/apa.12110.

Carr, A. (2006). *Family therapy. Concepts, process and practice*. (2nd Ed.). John Wiley & Sons: Chichester, England.

Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGolgrick (Eds.), *As Mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. (2^a Ed.) (pp. 7-27). Porto Alegre: Artes Médicas.

Castro, L., Pablo, J., Gómez, J., Arrindell, W. A., & Toro, J. (1997). Assessing rearing behavior from the perspective of the parents: a new form of the EMBU. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 32, 230-235.

Castro, J., Toro, J., Van Der Ende, J., & Arrindell, W. A. (1993). Exploring the feasibility of assessing perceived parental rearing styles in Spanish children with the EMBU. *International Journal of Social Psychiatry*, 39(1), 47-57.

Center for the Study of Social Policy. (2012). Encouraging Strong Family Relationships. State Policies That Work. Brief Number 6. *Center for the study of Social Policy*.

Cia, F., Pamplin, R., & Del Prette, Z. (2006). Comunicação e participação pais-filhos: Correlação com habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Paidéia*, 16(35), 395-406. doi:10.1590/S0103-863X2006000300010

Cloutier, R., Fillion, L., & Timmermans, H. (2006). *Quando os pais se separam... Para melhor lidar com a crise e ajudar a criança*. Lisboa: Climepsi.

Conger, R., & Conger, K. (1992). A family process model of economic hardship and adjustment of early adolescent boys. *Child Development*, 63(3), 526-541. doi:10.1111/1467-8624.ep9207061028

Corraze, J. (1982). *As comunicações não-verbais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Crockett, L., Brown, J., Russel, S., & Shen, Y. (2007). The meaning of good parent-child relationships for Mexican American adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 17(4), 639-668.

Crouter, A. C., & Head, M. R. (2002). Parental monitoring and knowledge of children. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 3 - Being and becoming a parent* (2nd Ed.). (pp. 461-483) London: Lawrence Erlbaum Associates.

Cummings E. M., & Cummings, J. S. (2002). Parenting and attachment. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting. Volume 5 - Practical issues in parenting* (2nd Ed.). (pp. 35-58) London: Lawrence Erlbaum Associates.

Davalos, D. B., Chavez, E. L., & Guardiola, R. J. (2005). Effects of perceived parental school support and family communication on delinquent behaviors in latinos and white non-latinos. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 11(1), 57-68.

Dekovic, M., & Gerris, J. (1992). Parental reasoning complexity, social class, and child-rearing behaviors. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 675-685.

Demick, J. (2002). Stages of parental development. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting. Volume 3 - Being and Becoming a Parent* (2nd Ed.). (pp. 389-413) London: Lawrence Erlbaum Associates.

Diggs, R. C., & Socha, T. (2004). Communication, families, and exploring the boundaries of cultural diversity. In A. L. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 249-266). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

Dix, T. (1991). The affective organization of parenting: Adaptive and maladaptive processes. *Psychological Bulletin*, 110(1), 3-25.

Doron, R., & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores.

Dunn, J., Davies, L. C., O'Connor, T. G., & Sturgess, W. (2001). Family lives and friendships: The perspectives of children in step-, single-parent, and nonstep families. *Journal of Family Psychology*, 15(2), 272-287.

Eckstein, N. J. (2004). Emergent issues in families experiencing adolescent to parent abuse. *Western Journal of Communication*, 68(4), 365-388.

Edwards, A. P., & Graham, E. E. (2009). The relationship between individuals' definitions of family and implicit personal theories of communication. *Journal of Family Communication*, 9(4), 191-208.

doi:10.1080/15267430903070147

Eldar-Avidan, D., Haj-Yahia, M. M., & Greenbaum, C. W. (2009). Divorce is a part of my life... Resilience, survival, and vulnerability: young adults' perception of the implications of parental divorce. *Journal of Marital and Family Therapy*, 35(1), 30-46.

Epstein, J. L., & Sanders, M. G. (2002). Family, school, and community partnerships. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting. Volume 5 - practical issues in parenting*. (2nd Ed). (pp. 407-437) London: Lawrence Erlbaum Associates.

Esmaeili, N., Yaacob, S., Juhari, R., & Mariani, M. (2011). Post-divorce parental conflict, economic hardship and academic achievement among adolescents of divorced families. *Asian Social Science*, 7(12), 119-124. doi: 10.5539/ass.v7n12p119

Field, A. P., & Hole, G. J. (2003). *How to design and report experiments*. London: Sage Publications.

Fiske, J. (2005). *Introdução ao Estudo da Comunicação*. (9^a Ed.). Lisboa: ASA Editores.

Fitzpatrick, M. A., & Marshall, L. J. (1996). The effect of family communication environments on children's social behavior during middle childhood. *Communication Research*, 23(4), 379-407.

Fitzpatrick, M. A., & Vangelisti, A. L. (1995). *Explaining family interactions*. Thousand Oaks, CA: SAGE.

Floyd, K., & Morman, M. (2003). Human affection exchange: II. Affectionate communication in father-son relationships. *The Journal of Social Psychology*, 143(5), 599-612.

Flouri, E. (2004). Correlates of parents' involvement with their adolescent children in restructured and biological two-parent families: The role of child characteristics. *International Journal of Behavioral Development*, 28(2), 148-156.

Fonseca, A. C. (2006). Psicologia Forense: uma breve introdução. In A. C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. Tabora Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia Forense*. Coimbra: Almedina.

Furstenberg, F. F., & Nord, C. W. (1985). Parenting apart: Patterns of childrearing after marital disruption. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 893-904.

Gameiro, A. (1989). Comunicação e saúde mental na família. Da comunicação quantitativa à qualitativa. *Hospitalidade*, 208(53), 6-21.

Gameiro, J. (1992). *Voando sobre a Psiquiatria*. Porto: Afrontamento.

Gentzler, A. L., Contreras-Grau, J. M., Kerns, K. A., & Weimer, B. L. (2005). Parent-child emotional communication and children's coping in middle childhood. *Social Development*, 14(4), 591-612.

Gerlsma, C., Arrindel, W., Van Der Veen, N., & Emmelkamp, P. (1991). A parental rearing style questionnaire for use with adolescents: Psychometric evaluation of the EMBU-A. *Personality and Individual Differences*, 21, 1245-1252.

Gooden, W. E., & Struble, K. D. (1990). Perceived parental behavior and the social desirability response set. *Journal of Youth and Adolescence*, 19, 19605-613. doi:10.1007/BF01537179

Goodman, S. H., Barfoot, B., Frye, A. A., & Belli, A. M. (1999). Dimensions of marital conflict and chil-

dren's social problem-solving skills. *Journal of Family Psychology*, 13, 33–45.

Gordon, I. G., & Feldman R. (2008). Synchrony in the triad: A microlevel process model of coparenting and parent-child interactions. *Family Process*, 47(4), 465-479.

Grass-Sternas, K. A. (1995). Single parent widows: Stressors, appraisal, coping, resources, grieving responses and health. *Marriage and Family Review*, 20(3-4), 411-445.

Grotevant, H., & Cooper, C. (1985). Patterns of interaction in family relationships and the development of identity exploration in adolescence. *Child Development*, 56(2), 415-428. doi:10.1111/1467-8624.ep7251638

Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: Sage.

Harakeh, Z., Scholte, R. H. J., Vries, H., & Engels, R. (2005). Parental rules and communication: Their association with adolescent smoking. *Addiction*, 100, 862-870.

Heiman, T., Zinck, L. C., & Heath, N. L. (2008). Parents and youth with learning disabilities. Perceptions of relationships and communication. *Journal of Learning Disabilities*, 41(6), 524-534.

Herbert, M. (2004). Parenting across the lifespan. In M. Hoghughi, & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting. Theory and research for practice*. (pp. 55-72) London: Sage Publications.

Herzog, M. J., & Cooney, T. M. (2002). Parental divorce and perceptions of past interparental conflict: Influences on the communication of young adults. *Journal of Divorce and Remarriage*, 36(3/4), 89-109. doi:10.1300/J087v36n03_06

Hesse-Biber, S. N., & Leavy, P. (2011). *The practice of qualitative research* (2nd Ed.). Thousand Oaks: SAGE Publications.

Hill, M. M., & Hill, A. (2009). *Investigação por Questionário*. (2^a Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Hillaker, B. D., Brophy-Herb, H. E., Villarruel, F. A., & Haas, B. E. (2008). The contributions of parenting to social competencies and positive values in middle school youth: Positive family communication, maintaining standards, and supportive family relationships. *Family Relations*, 57(5), 591-601. doi:10.1111/j.1741-3729.2008.00525.x

Hoff, E., Laursen, B., & Tardif, T. (2002). Socioeconomic status and parenting. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 2 - Biology and ecology of parenting* (2nd ed.) (pp. 231-252). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Hoffman, L. (1995). O ciclo de vida familiar e a mudança descontínua. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar* (pp. 84-96). Porto Alegre, Artes Médicas.

Holden, G. W., & Buck, M. J. (2002). Parental attitudes toward childrearing. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 3 - Being and becoming a Parent*. (2nd Ed.) (pp. 537-562). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Holtzworth-Munroe, A., Applegate, A. G., D'onofrio, B., & Bates, J. (2010). Child Informed Mediation Study (CIMS): Incorporating the children's perspective into divorce mediation in an American pilot study.

Journal of Family Studies, 16(2), 116-129.

Houk, C. D., Rodrigue, J., & Lobato, D. (2007). Parent-adolescent communication and psychological symptoms among adolescents with chronically ill parents. *Journal of Pediatric Psychology*, 32, 595-604.

Jackson, A. P., & Scheines, R. (2005). Single mothers' self-efficacy, parenting in the home environment, and children's development in a two-wave study. *Social Work Research*, 29(1), 7-20.

Jackson, S., Bijstra, J., Oostra, L., & Bosma, H. (1998). Adolescents' perception of communication with parents relative to specific aspects of relationship with parents and personal development. *Journal of Adolescence*, 21, 305-322.

Jiménez, A. P., & Delgado, A. O. (2002). Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia. *Anales de Psicología*, 18(2), 215-231.

Johnson, P., Buboltz, W. C., & Nichols, C. (1999). Parental divorce, family functioning, and vocational identity of college students. *Journal of Career Development*, 26(2), 137-146.

Keijsers, L., & Poulin, F. (2013). Developmental changes in parent-child communication throughout adolescence. *Developmental Psychology*, 1, 1-8. doi:10.1037/a0032217

Kelley, H. H. (1983). Analyzing close relationships. In H. H. Kelley, E. Berscheid, A. Christensen, J. H. Harvey, T. L. Huston, G. Levinger, E. McClintock, L. A. Peplau, & D. R. Peterson (Eds.), *Close relationships* (pp. 20-678). New York: Freeman.

Kerr, M., Stattin, H., & Özdemir, M. (2012). Perceived parenting style and adolescent adjustment: Revisiting directions of effects and the role of parental knowledge. *Developmental Psychology*, 48(6), 1540-1553. doi:10.1037/a0027720

Kirkman, M., Rosenthal, D. A., & Feldman, S. (2005). Being open with your mouth shut: The meaning of 'openness' in family communication about sexuality. *Sex Education*, 5(1), 49-66. doi:10.1080/1468181042000301885

Koerner, A. F., & Fitzpatrick, M. A. (2002). Toward a theory of family communication. *Communication Theory*, 12, 70-91.

Lacerda de Almeida, M. I. (2005). *A percepção das práticas parentais pelos adolescentes: implicações na percepção de controlo e nas estratégias de coping*. Tese de Mestrado em Psicologia, apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Ladd, G. W., & Pettit, G. S. (2002). Parenting and the development of children's peer relationships. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 3 - Being and becoming a parent*. (2nd Ed.). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Lago, V., & Bandeira, D. (2008). As práticas em avaliação psicológica envolvendo disputa de guarda no Brasil. *Avaliação Psicológica*, 7(2), 223-234.

Lambert, A. N. (2007). Perceptions of divorce advantages and disadvantages: A comparison of adult children experiencing one parental divorce versus multiple parental divorces. *Journal of Divorce and Remarriage*, 48(1/2), 55-77. doi:10.1300/J087v48n01_03

- Lansford, J. E. (2009). Parental divorce and children's adjustment. *Perspectives on Psychological Science*, 4(2), 140-152. doi:10.1111/j.1745-6924.2009.01114.x
- Lanz, M., Iafate, R., Rosnati, R., & Scabini, E. (1999). Parent-child communication and adolescent self-esteem in separated, intercountry adoptive and intact non adoptive families. *Journal of Adolescence*, 22, 785-794.
- Laursen, B., & Collins, W. A. (2004). Parent-child communication during adolescence. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication* (pp. 333-348). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates,
- Leung, S. K., Stewart, S. M., Wong, J. S., Ho, D. Y., Fong, D. T., & Lam, T. H. (2009). The association between adolescents' depressive symptoms, maternal negative affect, and family relationships in Hong Kong: Cross-sectional and longitudinal findings. *Journal of Family Psychology*, 23(5), 636-645. doi:10.1037/a0016379
- Levin, K., Dallago, L., & Currie, C. (2012). The association between adolescent life satisfaction, family structure, family affluence and gender differences in parent-child communication. *Social Indicators Research*, 106(2), 287-305.
- Lewis, J. M., Wallerstein, J. S., & Johnson-Reitz, L. (2004). Communication in divorced and single-parent families. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of family communication*. (pp. 197-214) New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, p. 197-214.
- Lewis, J. M., Rodnick, E. H., & Goldstein, M. J. (1981). Intrafamilial interactive behaviour, parental communication, deviance, and risk for schizophrenia. *Journal of Abnormal Psychology*, 90(5), 448-457.
- Liau, A., Khoo, A., & Ang, P. (2008). Parental awareness and monitoring of Adolescent internet use. *Current Psychology*, 27(4), 217-233.
- Lima, A. O. (1999). O papel da família no ajustamento social e psicológico da criança. *Revista Simposium*, 3, 48-50.
- Linker, J. S., Stolberg, A. L., & Green, R. G. (1999). Family communication as a mediator of child adjustment to divorce. *Journal of Divorce and Remarriage*, 30(1/2), 83-97.
- Magnuson, K. A., & Duncan, G. J. (2002). Parents in Poverty. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting - Volume 4. Social conditions and applied parenting* (2nd Ed.) (pp. 95-122). London: Lawrence.
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: A link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3-21. doi:10.1037/0893-3200.15.1.3
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com Utilização do SPSS*. (3^a Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J., & Garcia-Marques, T. (2006). Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 65-90.
- Martinez, C., & Forgatch, M. S. (2002). Adjusting to change: linking family structure transitions with parenting and boys' adjustment. *Journal of Family Psychology*, 16(2), 107-117. doi:10.1037/0893-3200.16.2.107
- Matherne, M. M., & Thomas, A. (2001). Family environment as a predictor of adolescent delinquency. *Adolescence*, 36, 655-664.

McHale, S. M., Crouter, A. C., & Whiteman, S. D. (2003). The family contexts of gender development in childhood and adolescence. *Social Development, 12*(1), 125-148.

McIntosh, J. (2007). Child inclusion as a principle and as evidence-based practice: Applications to family law services and related sectors. *Australian Family Relationships Clearinghouse Issues, 1*, 1-23.

McLeod, J. M., & Chaffee, S. H. (1973). Interpersonal approaches to communication research. *American Behavioral Scientist, 16*, 469-499.

McManus, T. G., & Nussbaum, J. F. (2011). Social support expectations and strategic ambiguity in parent-young adult child divorce-related stressor conversations. *Journal of Divorce and Remarriage, 52*(4), 244-270.

McNaughton, J. (2000). Gender differences in parent-child communication patterns. *Journal of Undergraduate Research, 3*, 25-32.

Merchant, J. (2011). Las Respuestas del adulto al adolescente y sus consecuencias en la construcción de la identidad de éste. In R. Pereira (Ed.), *Adolescentes en el siglo XXI: Entre impotencia, resiliencia y poder* (pp. 51-65). Madrid: Ediciones Morata.

Miermont, J. (1994). *Dicionário de terapias familiares. Teoria e prática*. (2ª Ed.) Porto Alegre: ArtMed.

Miles, M. B., & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: An expanded sourcebook*. (2nd Ed.). Thousand Oaks: Sage Publications.

Milena, Z., Dainora, G., & Alin, S. (2008). Qualitative research methods: A comparison between focus-groups and in-depth interview. *Annals of the University of Oradea, Economic Science Series, 17*(4), 1279-1283.

Miller, I. W., Ryan, C. E., Keitner, G. I., Bishop, D. S., & Epstein, N. B. (2000). The McMaster approach to families: Theory, assessment, treatment and research. *Journal of Family Therapy, 22*(2), 168-189. doi:10.1111/1467-6427.00145

Miller-Day, M., & Kam, J. A. (2010). More than just openness: Developing and validating a measure of targeted parent-child communication about alcohol. *Health Communication, 25*, 293-302.

Milne, A. (1986). Divorce mediation: A process of self-definition and self determination. In N. Jacobson, & A. Gurman, (1986). *Clinical Handbook of Marital Therapy*. (pp. 197-216) London: The Guilford Press.

Minuchin, S. (1984). *Family kaleidoscope*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Minuchin, S., & Fishman, H. C. (1981). *Family Therapy Techniques*. London: Harvard Press.

Morgan, D. (1998). *Planning focus group - Focus group kit* (Vol. 2). Thousand Oaks: SAGE Publications.

Morin, E. (1994). *Ciência com consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

Morman, M. T., & Floyd, K. (2006). Good fathering: Father and son perceptions of what it means to be a good father. *Fathering, 4*(2), 113-136. doi:10.3149/fth.0402.113

Nair, H., & Murray, A. D. (2005). Predictors of attachment security in preschool children from intact and divorced families. *Journal of Genetic Psychology, 166*(3), 245-263.

- Noller, P. (1980). Misunderstanding in marital communication: A study of couples' nonverbal communication. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(6), 1135-1148.
- Noller, P., & Callan, V J. (1991). *The adolescent in the family*. London: Routledge.
- Nunnally, J. (1978). *Psychometric theory*. New York: McGraw-Hill.
- Ochoa, G. M., Lopez, E. E., & Emler, N. P. (2008). Adjustment problems in the family and school contexts, attitude towards authority, and violent behaviour at school in adolescence. *Family Therapy*, 35(2), 93-108.
- Olson, D. H. (1993). Circumplex model of marital and family systems: Assessing family functioning. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (2nd Ed.) (pp. 104-137). New York: Guilford.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167.
- Olson, D. H., McCubbin, H. I., Barnes, H. L., Larsen, A. S., Muxen, M., & Wilson, M. (1985). *Family Inventories: Inventories used in a national survey of families across the family life cycle*. (Rev. Ed.). St. Paul, Minnesota: Family Social Science, University of Minnesota.
- Olson, D. H., Russell, C. S., & Sprenkle, D. H. (1983). Circumplex model of marital and family systems: Theoretical update. *Family Process*, 22, 69-83.
- Otten, R., Harakeh, Z., Vermulst, A. A., Van de Eijnden, R., & Engels, R. (2007). Frequency of quality of parental communication as antecedents of adolescent smoking cognitions and smoking onset. *Psychology of Addictive Behaviors*, 21(1), 1-12.
- Overbeek, G., Vermulst, A., Ha, T., Engels, R. C. M. E., & Stattin, H. (2007). Parent-child relationships, partner relationships, and emotional adjustment: A birth-to-maturity prospective study. *Developmental Psychology*, 43(2), 429-437.
- Pais-Ribeiro, J. (2007). *Metodologia de investigação em psicologia e saúde*. Porto: Legis Editora.
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing involvement: Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives* (pp. 200-216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Pallant, J. (2010). *SPSS Survival Manual. A step by step guide to data analysis using SPSS for program (Version 18)*. (4th Ed.). Philadelphia: Open University Press.
- Panasenko, N. (2013). Czech and Slovak family patterns and family values in historical, social and cultural context. *Journal of Comparative Family Studies*, 44(1), 79-98.
- Park, R. D. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of Parenting. Volume 3 - Being and becoming a parent*. (2nd Ed.). London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pasquali, L. (2007). Validade dos testes psicológicos: Será possível reencontrar o caminho? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, 99-107.
- Patock-Peckham, J. & Morgan-Lopez, A. (2006). College drinking behaviors: Meditational links between parenting styles, impulse control, and alcohol-related outcomes. *Psychology of Addictive Behaviors*, 20(2), 117-125.

Patock-Peckham, J. & Morgan-Lopez, A. (2007). College drinking behaviors: Meditational links between parenting styles, parental bonds, depression and alcohol problems. *Psychology of Addictive Behaviors*, 21(3), 297-306.

Patrick, M. R., Snyder, J., Schrepferman, L. M., & Snyder, J. (2005). The joint contribution of early parental warmth, communication and tracking, and early child conduct problems on monitoring in late childhood. *Child Development*, 76(5), 999-1014.

Pearce, W. B. (1976). The coordinated management of meaning: A rules-based theory of interpersonal communication. In G. R. Miller (Ed.), *Explorations in interpersonal communication* (pp. 17-36). Beverly Hills, CA: Sage.

Peck, J. S. & Manocherian, J. R. (1995). O Divórcio nas mudanças do ciclo de vida familiar. In B. Carter, & M. McGolgrick (Eds.), *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. (2ª Ed.). (pp. 291-320) Porto Alegre: Artes Médicas.

Pereira, A. F., Canavarro, C., Cardoso, M. F., & Mendonca, D. (2009). Patterns of parental rearing styles and child behaviour problems among portuguese school-aged children. *Journal of Child and Family Studies*, 18(4), 454-464.

Pereira, R. (2011). Introducción. Adolescentes en el siglo XXI. In R. Pereira (Ed.), *Adolescentes en el siglo XXI: entre impotencia, resiliencia y poder*. (pp. 11-20) Madrid: Ediciones Morata.

Peris, T. S., Cummings, E. M., Goeke-Morey, M. C., & Emery, R. E. (2008). Marital conflict and support seeking by parents in adolescence: Empirical support for the parentification construct. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 633-642.

Phillips, R. (1991). *Desfazer o nó. Breve história do divórcio*. Lisboa: Terramar.

Ponnet, K., Wouters, E., Mortelmans, D., Pasteels, I., De Backer, C., Van Leeuwen K., & Van Hiel A. (2013). The influence of mothers' and fathers' parenting stress and depressive symptoms on own and partner's parent-child communication. *Family Process*, 52(2), 312-324. doi:10.1111/famp.12001

Porto Editora (Ed.) (2005). *Dicionário Essencial de Inglês-Português*.

Portugal, A., & Alberto, I. (2013). A comunicação parento-filial: Estudo das dimensões comunicacionais realçadas por progenitores e por filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 319-326.

Portugal, A., & Alberto, I. (in press). Escala de avaliação da comunicação na parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latinoamericana*. Aceite para publicação em 25/07/2013.

Preto, N. G. (1995). Transformações do sistema familiar na adolescência. In B. Carter & M. McGolgrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar*. (2ª Ed.) (pp. 223-247). Porto Alegre: Artes Médicas.

Prigogine, I. (1990). Loi, histoire... et désertion. In K. Pomian (Ed.), *La Querelle du Déterminisme* (pp. 102-112). Éditions Gallimard.

Reis, H. T., Collins, W. A., & Berscheid, E. (2000). The relationship context of human behavior and deve-

lopment. *Psychological Bulletin*, 126, 844–872.

Relvas, A. P. (1996). *O Ciclo Vital da Família. Perspectiva Sistémica*. Porto: Afrontamento.

Relvas, A. P. & Alarcão, M. (2002). *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto Editora.

Richards, L. N., & Schmiede, C. J. (1993). Problems and strengths of single-parent families. Implications for practice and policy. *Family Relations*, 42(3), 277-285.

Riesch, S. K., Anderson, L. S., & Krueger, H. A. (2006). Parent-child communication processes: Preventing children's health-risk behavior. *Journal for Specialists in Pediatric Nursing*, 11(1), 41-56.

Ritchie, L. D., & Fitzpatrick, M. A. (1990). Family communication patterns: Measuring interpersonal perceptions of interpersonal relationships. *Communication Research*, 17, 523-544.

Rivero-Lazcano, N., Martínez-Pampliega, A., & Iraurgi, I. (2011). El papel funcionamiento y la comunicación familiar en los síntomas psicossomáticos. *Clínica y Salud*, 22(2), 175-86. doi:10.5093/cl2011v22n2a6

Rocha-Vidigal, C., & Vidigal, V. (2012). Investimento na qualificação profissional: Uma abordagem econômica sobre sua importância. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences*, 34(1), 41-48. doi:10.4025/actascihumansoc.v34i1.14181

Rubin, N. J., Bebeau, M., Leigh, I. W., Lichtenberg, J. W., Nelson, P. D., Portnoy, S., Smith, I. L., & Kaslow, N. J. (2007). The competency movement within psychology: An historical perspective. *Professional Psychology: Research and Practice*, 38(5), 452-462. doi:10.1037/0735-7028.38.5.452

Rueter, M. A., Keyes, M. A., Iacono, W. G., & McGue, M. (2009). Family interactions in adoptive compared to nonadoptive families. *Journal of Family Psychology*, 23(1), 58-66.

Schermelleh-Engel, K., Moosbrugger, H., & Müller, H. (2003). Evaluating the fit of structural equation models: Tests of significance and descriptive goodness-of-fit measures. *Methods of Psychological Research*, 8(2), 23-74.

Segrin, C. (2006). Invited article: Family interactions and well-being: Integrative perspectives. *Journal of Family Communication*, 6, 3-21.

Segrin, C., & Flora, J. (2005). *Family Communication*. London: Lawrence Erlbaum Associates.

Shambrook, J., Roberts, T. J., & Triscari, R. (2011). Research administrator salary: Association with education, experience, credentials and gender. *Journal of Research Administration*, 42(2), 87-99.

Silveira, L., Pacheco J., Schneider, A., & Cruz, T. (2005). Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: Uma comparação entre a percepção de pais e de mães de adolescentes. *Alethéia*, 21, 31-42.

Simionato, M. & Oliveira, R. (novembro, 2003). *Funções e transformações da família ao longo da história*. Comunicação apresentada no I Encontro Paranaense de Psicopedagogia, Paraná Norte.

Skinner, H., Steinhauer, P. D., & Santa-Barbara, J. (1983). The family assessment measure. *Canadian Journal of Community Mental Health*, 2, 91-105.

Skinner, H., Steinhauer, P., & Sitarenios, G. (2000). Family Assessment Measure (FAM) and process model of family functioning. *Journal of Family Therapy*, 22, 190-210.

Stafford, L. (2004). Communication competencies and sociocultural priorities of middle childhood. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of Family Communication*. (pp. 311-332). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Stamp, G. (2004). Theories of family relationships and a family relationships theoretical model. In A. Vangelisti (Ed.), *Handbook of Family Communication*. (pp. 1-30). London: Lawrence Erlbaum Associates.

Steinberg, L., & Morris, A. (2001). Adolescent development. *Annual Review of Psychology*, 52(1), 83-110.

Stewart, L. P., Cooper, P. J., Stewart, A. D., & Friedley, S. A. (1996). *Communication and gender* (3rd Ed.) Scottsdale, AZ: Gorsuch Scarisbrick.

Stivers, C. (1988). Parent-adolescent communication and its relationship to adolescent depression and suicide proneness. *Adolescence*, 23, 291-295.

Streeck, J. (2002). Culture, meaning, and interpersonal communication. In M. L. Knapp, & J. A. Daly (Eds.), *The handbook of interpersonal communication* (3rd Ed.) (pp. 300-336). Thousand Oaks, CA: Sage.

Stromwall, L. K., & Robinson, E. A. R. (1998). When a family member has a schizophrenic disorder: Practice issues across the family cycle. *American Journal of Orthopsychiatry*, 68(4), 580-589.

Taborda Simões, M. C. T., Martins, R. C., & Formosinho, M. D. (2006). Regulação do exercício do poder paternal: Aspectos jurídicos e avaliação psicológica. In A. C. Fonseca, M. R. Simões, M. C. Taborda Simões, & M. S. Pinho (Eds.), *Psicologia Forense*. (pp. 497-518) Coimbra: Almedina.

Tashakkori, A., & Teddlie, C. (Eds.). (2003). *Handbook of mixed methods in social and behavioral research*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Teddlie, C., & Tashakkori, A. (2009). *Foundations of mixed methods research: Integrating quantitative and qualitative approaches in the social and behavioral sciences*. Thousand Oaks: SAGE Publications.

Teddlie, C., & Yu, F. (2007). Mixed methods sampling: A typology with examples. *Journal of Mixed Methods Research*, 7(1), 77-100.

Teodoro, M., Cerqueira-Santos, E., Morais, N., & Koller, S. H. (2007). Protective factors related to smoking among Brazilian youth. *Universitas Psychologica*, 7(1), 139-147.

Thomson, E., Mosley, J., Hanson, T. L., & McLanahan, S. F. (2001). Remarriage, cohabitation, and changes in mothering behavior. *Journal of Marriage and Family*, 63, 370-380.

Tolan, P. H., Gorman-Smith, D., Zeli, A., & Huesmann, L. R. (1997). Assessment of family relationship characteristics: A measure to explain risk for antisocial behaviour and depression among urban youth. *Psychological Assessment*, 9(3), 212-223.

Tomé, G., Gaspar de Matos, M., Camacho, I., Simões, C., & Diniz, J. A. (2012). Portuguese adolescents: The importance of parents and peer groups in positive health. *Spanish Journal of Psychology*. 15(3), 1315-1324. http://dx.doi.org/10.5209/rev_SJOP.2012.v15.n3.39417

Torres, A. M. (2010). *Mudanças na família. O privado na agenda pública*. Provas de agregação em Sociologia apresentadas ao Departamento de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa.

Tribuna, F. (2000). *Famílias de acolhimento e vinculação na adolescência*. Tese de mestrado apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

Turner, H., & Watson, T. (1999). Consultant's guide for the use of time-out in the preschool and elementary classroom. *Psychology in the Schools, 36*(2), 135-148.

Vangelisti, A. L. (Ed.). (2004). *Handbook of family communication*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

Villa Moral-Jiménez, M., Ovejero-Bernal, A., Castro, Á., Rodríguez-Díaz, F., & Sirvent-Ruiz, C. (2011). Modificación de actitudes hacia el consumo de sustancias en adolescentes: Seguimiento de las diferencias inter-género. *International Journal of Clinical and Health Psychology, 11*(2), 291-311.

Wallerstein, J. W., & Kelly, J. B. (1980). *Surviving the breakup: How children and parentes cope with divorce*. New York. Basic Books.

Wamoyi, J., Fenwick, A., Urassa, M., Zaba, B., & Stones, W. (2010). Parent-child communication about sexual and reproductive health in rural Tanzania: Implications for young people's sexual health interventions. *Reproductive Health, 7*(6), 1-18. doi:10.1186/1742-4755-7-6

Watzlawick, P., Beavin, J. B., & Jackson, D. (1993). *Pragmatics of human communication: A study of international patterns, pathologies, and paradoxes*. New York: W. W. Norton & Company.

White, F. A., & Matawie, K. (2004). Parental morality and family processes as predictors of adolescent morality. *Journal of Child and Family Studies, 13*(2), 219-233.

Whitbeck, L. B., Simons, R. L., Conger, R. D., Wickrama, K., Ackley, K. A., & Elder, G. H. (1997). The effects of parents' working conditions and family economic hardship on parenting behaviors and children's self-efficacy. *Social Psychology Quarterly, 60*(4), 291-303.

Wichstrom, L., Holte, A., Husby, R., & Wynne, L. C. (1994). Disqualifying familycommunication as a predictor of changes in offspring competence: A 3-year longitudinal study of sons of psychiatric patients. *Journal of Family, 8*(1), 104- 108. doi:10.1037/0893-3200.8.1.104

Wilkinson, I. (2000). The darlington family assessment system: Clinical guidelines for practitioners. *Journal of Family Therapy, 22*(2), 211-224.

Wilkinson, I., Barnett, M. B., Delf, L., & Pirie, V. (1988). Family assessment: Developing a formal assessment system in clinical practice. *Journal of Family Therapy, 10*, 17-32.

Wills, T. A., Murry, V. M., Brody, G. H., Gibbons, F. X., & Gerrard, M. (2003). Family communication and religiosity relate to substance use and sexual behavior in early adolescence: A test for pathways through self-control and prototype perceptions. *Psychology of addictive Behaviors, 17*(4), 312-323.

Wilson, E. K., & Koo, H. P. (2010). Mothers, fathers, sons, and daughters: Gender differences in factors associated with parent-child communication about sexual topics. *Reproductive Health, 7*, 31-39. doi:10.1186/1742-4755-7-31

Wilsona, S. R., Racka, J. J., Shib, X., & Norris, A. (2008). Comparing physically abusive neglectful, and non-maltreating parents during interactions with their children: A meta- analyses of observational studies. *Child Abuse & Neglect, 32*, 897-911.

Xiao, Z., Li, X., & Staton, B. (2010). Perceptions of parent-adolescent communication within families: It

is a matter of perspective. *Psychology, Health & Medicine*, 16(1), 53-65. doi:10.1080/13548506.2010.521563

Yoshikawa, H., Weisner, T. S., Kalil, A., & Way, N. (2013). Mixing qualitative and quantitative research in developmental science: Uses and methodological choices. *Qualitative Psychology*, 1(S), 3-18. doi:10.1037/2326-3598.1.S.3

Zawawi, D. (2013). Quantitative versus qualitative methods in social sciences: Bridging the gap. *Integration & Dissemination*, 3, 13-4.

Zhang, X. (2012). The effects of parental education and family income on mother-child relationships, father-child relationships, and family environments in the people's republic of china. *Child Development*, 51(4), 483-497. doi: 10.1111/j.1545-5300.2011.01380.x.

Zwick, R. (1988). Another look at interrater agreement. *Psychological Bulletin*, 103(3), 374-378.

APÊNDICES

Apêndice A: Guião de entrevistas semiestruturadas aplicadas a progenitores de crianças com idades entre os 7 e os 16 anos, crianças em idade escolar (7-11 anos) e adolescentes (12-16 anos);

Apêndice B: Versões originais da escala COMPA (COMPA-P, COMPA-C e COMPA-A) utilizadas na validação para a população portuguesa;

Apêndice C: Declaração de autorização emitida por parte do serviço de Inovação Educativa;

Apêndice D: Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-P;

Apêndice E: Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-A;

Apêndice F: Modelos de equações estruturais (1 e 2) testados com a escala COMPA-C;

Apêndice G: Protocolo de avaliação administrado: ficha de dados sociodemográficos, Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA-P, COMPA-A, COMPA-C) e Questionário de Avaliação da Percepção das Práticas Parentais (EMBU-P, EMBU-A, EMBU-C);

Apêndice H: Declarações de autorização emitidas por parte do Conselho Superior da Magistratura e do Núcleo de Infância e Juventude do Instituto da Segurança Social.

APÊNDICE A

Informação Sociodemográfica - Progenitores

Pai	
Mãe	

Nome (só iniciais) _____

Data de Nascimento: ___ / ___ / _____

Idade: _____

Local de Residência: _____

Estado civil:

Solteiro(a)	
Casado(a)/União de facto	
Divorciado(a)/Separado(a)	
Viúvo(a)	

Habilitações Literárias: _____

Situação profissional: _____

Filho/a(s):

Quantos filhos?	
Idades e Género	___ M/F ___ M/F ___ M/F ___ M/F ___ M/F

Constituição do Agregado Familiar:

Data e duração da entrevista:

___ / ___ / _____, _____

A Investigadora Responsável

(Alda Portugal)

Entrevista para Progenitores

- 1. De um modo geral, o que entende pelo conceito de comunicação?**
 - a. O que é que para si comunicar?
 - b. O que pretende atingir/conseguir quando comunica?

- 2. Como se processa a comunicação entre si e o(s) seu(s) filho(s)?**
 - a. O que pretende atingir/conseguir quando comunica com o(s) seu(s) filho(s)?
 - b. Descreva um exemplo prático de como ocorre essa comunicação?
 - c. Sobre o que é mais fácil comunicar com o(s) seu(s) filho(s)?
 - d. O que é mais difícil?
 - e. Sabe se existe algum tema que deixe o(s) seu(s) filho(s) com pouca vontade de conversar?
 - f. Quais são os temas que se recusa a conversar com o(s) seu(s) filho(s)?

- Essencialmente, sobre o que é que comunicam?**
 - g. Quais são as temáticas/problemáticas centrais que estão na base da comunicação que mantem com o(s) seu(s) filho(s)?
 - h. É frequente partilhar preocupações pessoais (problemas profissionais, opções de vida, ...) com o(s) seu(s) filho(s)?

- 3. Tem por hábito falar/discutir os seus sentimentos com o(s) seu(s) filho(s)?**
 - a. Em que circunstâncias?
 - b. O(s) seu(s) filhos são perspicazes quanto aquilo que sente?
 - c. O(s) seu(s) filho(s) partilham as dificuldades que sentem consigo?
 - d. Como é a comunicação quando estão zangados/aborrecidos?

- 4. Como é que mostra ao(s) seu(s) filho(s) que gosta dele(s)? Como é que demonstra o seu afeto?**

- 5. Como faz para que o(s) seu(s) filho(s) respeite(m) as suas ordens?**
 - a. O(s) seu(s) filho(s) ajuda(m) nas tarefas de casa?
 - b. De que forma gerem os problemas que surgem no contexto escolar?

- 6. Sente-se ouvido pelo(s) seu(s) filho(s)?**
 - a. Em que situações específicas?

- 7. Pensa que, para os seu(s) filho(s), é mais fácil comunicar com o pai ou com a mãe?**
 - a. Porque razão?
 - b. Em termos do exercício da parentalidade, como é que ambos os progenitores se organizam para a gestão da educação? Conversam entre os dois? Há coisas sobre as quais sentem que não é possível conversar? Discordam sobre aspectos do exercício da parentalidade à frente do(s) filho(s)?

- c. O que fazem quando não concordam um com o outro sobre o que fazer e como fazer com o(s) filho(s)?

8. O que sentiram no decorrer desta conversa? Foi abordado algum tópico menos confortável? O que sentiram como mais positivo?

Categorias e subcategorias a considerar na entrevista

Categoria GERAL	Categorias ESPECÍFICAS	Nº da questão
Comunicação Geral	- Transformação de informação; - Comunicação verbal e não-verbal; - Multidimensionalidade do conceito (diferentes contextos, temas, situações, ...); - Comunicação enquanto processo.	1
		2
Comunicação Parento-Filial	- Identificação da dimensão considerada mais central na comunicação com o(s) filho(s); - Temáticas/problemáticas mais frequentes (associar à etapa do ciclo vital); - Partilha de situações problemáticas no sentido de buscar apoio afetivo; - Partilha/expressão aberta e livre de sentimentos; - Conflitualidade; - Manifestação de afeto (positivo vs. negativo); - Negociação de regras e limites; - <i>Go-between</i> : comunicação entre os sistemas parental, filial e escolar; - Distorções comunicacionais: desconfirmação, desqualificação, rejeição, ...; - Diferenças de género.	3
		4
		4
		5
		5d
		6
		7
		7b
8		
8		

Informação Sociodemográfica - Filhos

Rapaz	<input type="checkbox"/>
Rapariga	<input type="checkbox"/>

Nome: _____

Data de Nascimento: ___ / ___ / _____

Idade: _____

Local de Residência: _____

Ano de escolaridade: _____

Estabelecimento escolar: _____

Tens irmãos/irmãs?

Sim Não

Se sim, que idade(s) têm? _____

Com quem vives?

Qual é a profissão dos teus pais?

Pai: _____

Mãe: _____

Data e duração da discussão:

___ / ___ / ___, _____

A Investigadora Responsável

(Alda Portugal)

Tópicos de discussão para GRUPOS FOCAIS com crianças em idade escolar e adolescentes

- 1. O que significa para vocês comunicar?**
 - a. O que é que implica comunicar?
 - b. Qual é o objetivo da comunicação? Com que sentido é que comunicamos?

- 2. Costumam comunicar (conversar, falar) com os vossos pais? Sobre o quê?**
 - a. Quais as temáticas/problemáticas que mais surgem nas vossas conversas?
 - b. Partilham algumas das vossas preocupações com os vossos pais? Os vossos pais partilham convosco as preocupações que têm?

- 3. Em que circunstâncias costumam conversar mais com os vossos pais?**
 - a. Partilham problemas e/ou sentimentos menos positivos com os vossos pais? Particularmente em que situações?
 - b. Os vossos pais percebem facilmente quando vocês estão com problemas?
 - c. Os vossos pais partilham, também, as dificuldades/problemas que têm convosco?
 - d. Como é a comunicação quando estão zangados?

- 4. Como é que mostram aos vossos pais que gostam deles?**
 - a. Como é que manifestam o vosso afecto?

- 5. Imaginem que os vossos pais vos pedem para fazer alguma tarefa, por exemplo, pôr a mesa para o jantar. Como é que eles fazem este pedido? Gostavam que eles vos pedissem de forma diferente? Vocês, respeitam, habitualmente, as ordens dos vossos pais?**
 - a. Que género de pedidos fazem os vossos pais?
 - b. Sentem-se ouvidos e compreendidos pelos vossos pais? Em que situações específicas?

- 6. Sentem-se mais à vontade para conversar com o pai ou com a mãe?**
 - a. Porquê?

Categorias e subcategorias a considerar na entrevista

Categoria GERAL	Categorias ESPECÍFICAS	Nº da questão
Comunicação Geral	<ul style="list-style-type: none"> - Transformação de informação; - Comunicação verbal e não-verbal; - Multidimensionalidade do conceito (e.g., diferentes contextos, temas, situações); - Comunicação enquanto processo. 	1
Comunicação Filio-parental	<ul style="list-style-type: none"> - Identificação da dimensão considerada mais central na comunicação com os progenitores; - Temáticas/problemáticas mais frequentes (associadas à etapa do ciclo vital); - Partilha de situações problemáticas no sentido da busca de suporte afetivo; - Partilha/expressão aberta e livre de sentimentos; - Conflitualidade; - Manifestação de afeto (positivo vs. negativo); - Negociação de regras e limites; - Distorções comunicacionais: desconfirmação, desqualificação, rejeição; - Diferenças de género. 	2 2a 3 3/4 3e 4 5 5b 6

APÊNDICE B



APRESENTAÇÃO DO PROTOCOLO

O meu nome é Alda Portugal e estou a desenvolver um trabalho de investigação no âmbito do Doutoramento em Psicologia, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, sobre a **comunicação entre pais e filhos**.

De seguida encontrará três documentos necessários para a realização deste estudo: o 1º trata de um consentimento informado sobre a sua participação; o 2º solicita alguns dados sócio-demográficos essenciais para a concretização do nosso estudo; e no 3º está um questionário que dá conta das opiniões e percepções que os pais têm (ou podem ter) sobre a comunicação que mantêm com os seus filhos.

Assim, solicitamos a sua colaboração neste trabalho no sentido de que partilhe a sua opinião relativamente às diferentes afirmações que surgem no terceiro documento. Estamos certos de que a sua participação será muito importante para uma melhor compreensão do tipo de relações que se estabelecem entre pais e filhos. O preenchimento deste protocolo não demora muito tempo (aproximadamente 15 minutos) e garantimos-lhe **confidencialidade** (a informação contida neste protocolo só será do conhecimento da investigadora e da sua orientadora) e **anonimato** (os dados serão inseridos numa base de dados em que não haverá qualquer possibilidade de identificação dos respondentes, que serão aproximadamente 1000) no tratamento dos seus dados.

Com este questionário pretendemos ter a **sua opinião**, pois aqui não existem respostas certas nem respostas erradas.

Se pretender mais alguma informação sobre este estudo ou sobre algum assunto relacionado, poderá enviar um e-mail para:

Alda Portugal: aldaportugal@hotmail.com

Isabel Alberto: isamaria@fpce.uc.pt

Muito obrigado pela sua colaboração!



Consentimento Informado

Este documento visa solicitar a sua participação na investigação de Doutoramento em Psicologia Clínica que tem como objectivo o estudo da comunicação entre pais e filhos.

Este termo garante os seguintes direitos: (1) solicitar, a qualquer momento, maiores esclarecimentos sobre a investigação; (2) sigilo absoluto sobre os seus dados pessoais; e (3) possibilidade de solicitar os resultados obtidos no término deste estudo.

“Declaro estar ciente das informações que constam neste documento, e entender que serei resguardado pelo sigilo absoluto dos meus dados pessoais e da minha participação na investigação. Poderei pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre este estudo e solicitar os seus resultados finais depois de estar concluído.”

(Ass. Participante)

(Ass. Investigador)

Coimbra, _____ de _____ de 2011



Código do Progenitor

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: Pai Mãe

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ Nacionalidade: _____

Local de Habitação: _____

Habilitações Literárias: _____

Profissão: _____

Estado Civil: Casado(a)/União de facto Ano: _____

Separado(a)/Divorciado(a) Ano: _____

Viúvo(a) Ano: _____

Adopção por Pessoa Singular Ano: _____

Tem filhos? Sim Não

Sexo (rapaz/rapariga)	Idade	Vivem consigo? (sim/não)

Agregado Familiar: _____

Data do preenchimento: ____ / ____ / ____ (Dia) (Mês) (Ano)



COMPA - Versão PAIS

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

(Portugal, A. & Alberto I., 2010)

Apesar de nem sempre ser fácil conseguir explicar com exactidão a forma **como comunica com os seus filhos**, certamente terá uma ideia mais ou menos precisa de como o tem feito.

De seguida irá encontrar várias afirmações relativas à forma como os pais comunicam com os filhos. Para responder, é necessário que pense nos comportamentos, atitudes e conversas que caracterizam mais frequentemente a sua comunicação com o seu filho ou filha. **Se tem dois ou mais filhos pedimos-lhe para que responda a este questionário focando-se apenas na comunicação que mantém com um deles, desde que tenha entre os 7 e os 16 anos de idade.**

Para cada frase vai encontrar 5 opções de resposta. Deve indicar com um **X** a opção que considera que melhor corresponde à frequência daquela situação na comunicação que tem com o seu filho (a designação “filho” abrange a existência de um filho tanto do sexo masculino como do sexo feminino). É importante que responda a todas as questões.

As opções de resposta são:

- 1: Isto **Nunca** acontece
- 2: Isto **Raramente** acontece
- 3: Isto acontece **Às vezes**
- 4: Isto acontece **Muitas vezes**
- 5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
O meu filho pede-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achar que a afirmação “O meu filho pede-me chocolates” acontece Muitas vezes então deverá assinalar com o X a opção 4).

Idade e sexo do filho em relação ao qual irá responder:

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. O meu filho sabe que pode conversar comigo sobre o que quiser.					
2. Sinto que posso confiar no meu filho e contar-lhe todos os meus problemas.					
3. Procuo escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho.					

4. Eu sei que posso contar com o meu filho para me apoiar.					
5. Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder-lhe com clareza e de forma sincera.					
6. Eu e o meu filho não nos chateamos.					
7. Quando eu e o meu filho nos aborrecemos, ele tem tendência para se aproximar mais à/ao mãe/pai.					
8. Sinto que posso confiar no meu filho.					
9. Quando eu não estou bem, o meu filho só descobre muito tempo depois.					
10. O meu filho insulta-me quando está zangado comigo.					
11. Quando quero falar sobre alguma coisa, é com o meu filho que gosto de conversar.					
12. Converso com o meu filho sobre a minha infância e a forma como fui educado/a.					
13. Os meus sentimentos em relação ao “ser-se pai/mãe” mudam constantemente.					
14. O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele.					
15. Quando o meu filho se aborrece, isola-se no seu quarto ou noutra lugar qualquer.					
16. É difícil estar de acordo com o pai/mãe do meu filho sobre as regras e limites a impor-lhe.					
17. O meu filho é muito atencioso e carinhoso comigo.					
18. É fácil impor regras e limites ao meu filho.					
19. Sei como o meu filho se sente sem ter de lhe perguntar.					
20. Quando falo com o meu filho, digo as coisas de uma forma que o entristece ou magoa.					
21. Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo.					
22. Compreendo os problemas e preocupações do meu filho.					
23. Evito falar sobre alguns assuntos com o meu filho.					
24. Penso que todos os maus comportamentos do meu filho são muito graves e terão consequências ao longo do seu crescimento.					
25. Quando estou a conversar com o meu filho, ele vai-se embora e deixa-me a falar sozinho/a.					
26. O meu filho chateia-me.					
27. Deixo que o meu filho tome as suas próprias decisões de forma responsável.					
28. Quando o meu filho está aborrecido ou zangado comigo, explica-me claramente o que sente.					
29. Cedo aos pedidos do meu filho para evitar birras.					
30. O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação (por exemplo sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...).					
31. Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado.					
32. Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho.					

33. É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho.					
34. Explico as regras ao meu filho.					
35. Gostava que o meu filho fosse criança para sempre.					
36. Não gosto de falar com o meu filho sobre as coisas que me magoam/chateiam.					
37. Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos a melhor maneira de o resolver.					
38. Tento compreender o ponto de vista do meu filho.					
39. Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho.					
40. Minto ao meu filho.					
41. A escola serve para educar os filhos.					
42. Sou capaz de dizer ao meu filho o que me está a incomodar.					
43. Não deixo que o meu filho me diga tudo o que lhe vai na cabeça porque não sou como um dos seus amigos.					
44. O meu filho entende aquilo que lhe quero dizer.					
45. Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante.					
46. Digo ao meu filho que gosto dele.					
47. Eu e o meu filho estamos de acordo em relação à maioria das regras estabelecidas.					
48. Quando converso com o meu filho esforço-me para que não o desvalorize ou envergonhe.					
49. Quando eu e o meu filho nos zangamos discutimos conflituosamente.					
50. O meu filho conversa comigo sobre as obrigações / responsabilidades que tem.					
51. Quando tenho algum problema prefiro não contar ao meu filho.					
52. Tenho dificuldade em acreditar no que o meu filho me diz.					
53. Eu e o meu filho discutimos um com o outro sempre por causa dos mesmos problemas.					
54. Perante o meu filho, admito que estou, ou que estive, errado.					
55. O meu filho gosta muito de conversar comigo.					
56. Dou ordens contraditórias ou dou opiniões que deixam o meu filho confuso ou baralhado.					
57. Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê.					
58. Conto algumas coisas ao meu filho sobre mim e sobre o meu trabalho e/ou amizades.					
59. Procuo animar o meu filho quando ele está mais em baixo e/ou triste.					
60. Não gosto, ou sinto-me pouco à vontade, para conversar com o meu filho sobre determinados assuntos.					
61. Quando me apercebo de que o meu filho não está a compreender aquilo que digo,					

procuo explicar-lhe de outra forma.					
62. Preocupo-me com os sentimentos do meu filho.					
63. Eu e o meu filho não nos mostramos chateados à frente de pessoas que não são da família.					
64. O meu filho tem dificuldade em pedir-me aquilo que quer.					
65. O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso.					
66. Converso com o meu filho quando me sinto aborrecido/a.					
67. Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim.					
68. Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho.					
69. O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto.					
70. Quando o meu filho se porta mal coloco-o de castigo e nem falo com ele sobre o que aconteceu.					
71. O meu filho perde facilmente o controlo.					

MUITO OBRIGADO!



APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

O meu nome é Alda Portugal e estou a fazer um trabalho sobre a **comunicação entre pais e filhos**.

De seguida vais encontrar quatro documentos: o 1º pede a tua autorização para participares neste trabalho; o 2º serve para que eu te possa conhecer melhor; o 3º é um questionário onde peço a tua opinião sobre a comunicação que tens com o teu pai; e o 4º é o mesmo questionário mas em relação à comunicação que tens com tua mãe.

A tua ajuda neste trabalho é muito importante! Não demora muito tempo a preencher (aproximadamente 15 minutos) e tudo o que escreveres ficará guardado e **não será mostrado a outras pessoas**.

Se precisares de mais alguma informação sobre este estudo ou sobre algum assunto relacionado, poderás enviar um e-mail para:

Alda Portugal: aldaportugal@hotmail.com

Isabel Alberto: isamaria@fpce.uc.pt

Muito obrigado pela tua colaboração!



Autorização

Queremos pedir-te a tua **autorização** para que participes neste estudo sobre a comunicação entre pais e filhos.

Se participares neste trabalho poderás fazer perguntas sobre ele a qualquer altura; damos-te a certeza de que o teu nome não vai ser revelado a ninguém; e podes pedir-nos, depois de acabarmos o estudo, os resultados finais.

“Compreendo o que aqui está escrito e sei que, nem os meus dados pessoais, nem as minhas respostas, serão revelados a outras pessoas. Posso colocar dúvidas sobre este estudo e, depois de estar realizado, pedir os resultados finais.”

(Ass. Participante)

(Ass. Investigador)

Data: ____ / ____ / 2011

Código do Jovem



QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: Masculino Feminino

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ Nacionalidade: _____

Escola: _____ Ano Escolar: _____

Em que cidade/vila/aldeia vives? _____

Quem vive em tua casa? _____

Tens irmãos? Sim Não

Sexo (rapaz/rapariga)	Idade	Vivem contigo? (sim/não)

Os teus pais estão: Casados/União de facto

Separados/Divorciados

	Qual a idade dos teus pais?	Vivem contigo? (sim/não)
Pai		
Mãe		
(Padrasto)		
(Madrasta)		

Qual a profissão do teu pai (ou padrasto)? _____

Qual a profissão da tua mãe (ou madrasta)? _____

Data do preenchimento: ____ / ____ / ____

(Dia) (Mês) (Ano)



COMPA - Versão Filhos 12-16 anos (em relação ao PAI)

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

(Portugal, A. & Alberto I., 2010)

No dia-a-dia das famílias os pais e os filhos vão comunicando uns com os outros. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como **comunicas com o teu pai**.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um **X** a opção que mais se aproxima da tua opinião! Ou seja, terás de apontar com um X, se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com o teu pai.

É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

As opções de resposta são:

1: Isto **Nunca** acontece

2: Isto **Raramente** acontece

3: Isto acontece **Às vezes**

4: Isto acontece **Muitas vezes**

5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
O meu pai dá-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achares que a afirmação “O meu pai dá-me chocolates” acontece Muitas vezes então deves assinalar com o X a opção 4).

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com o meu pai.					
2. Converso com o meu pai sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
3. Converso com o meu pai quando me sinto aborrecido/a.					
4. Eu e o meu pai procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.					

5. Eu e o meu pai ficamos chateados um com o outro.					
6. Minto ao meu pai.					
7. Converso com o meu pai sobre os meus problemas.					
8. O meu pai não me explica porque é que existem certas regras em nossa casa.					
9. Quando faço alguma asneira, não sei como é que o meu pai vai reagir.					
10. Quando converso com o meu pai digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.					
11. O meu pai dá-me muita liberdade.					
12. O meu pai conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educado.					
13. Posso confiar no meu pai e contar-lhe os meus problemas.					
14. Quando me aborreço com o meu pai, fecho-me no meu quarto ou noutro lugar onde possa ficar só.					
15. O meu pai compreende os meus problemas e as minhas preocupações.					
16. O meu pai diz-me o que é certo e errado.					
17. O meu pai dá-me atenção e é carinhoso comigo.					
18. O meu pai gosta de me fazer surpresas.					
19. Fico confuso/a ou baralhado/a com as ordens que o meu pai me dá.					
20. Quando falo com o meu pai ele ouve-me e dá-me atenção.					
21. O meu pai tenta compreender aquilo que eu digo.					
22. O meu pai preocupa-se com o que eu sinto.					
23. Quando converso com o meu pai, ele vai-se embora e deixa-me a falar sozinho/a.					
24. Quando preciso de conversar com o meu pai, ele mostra-se atento para me ouvir e falar.					
25. O meu pai explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
26. O meu pai põe-me de castigo sem tentar perceber primeiro o que aconteceu.					
27. O meu pai deixa-me tomar as minhas decisões e escolhas.					
28. O meu pai gosta de conversar comigo.					
29. Quando faço perguntas ao meu pai ele é sincero e claro na forma como responde.					
30. Digo as coisas de uma forma que entristece o meu pai.					
31. Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que o meu pai me dá.					
32. Gosto de dar beijos e de abraçar o meu pai.					
33. Não gosto de contar ao meu pai as coisas que me magoam/chateiam.					

34. Quando o meu pai está zangado comigo, chama-me nomes.					
35. Só o meu pai é que me dá ordens.					
36. O meu pai pensa que tem sempre razão.					
37. O meu pai explica-me o que sente quando está aborrecido ou zangado comigo.					
38. O meu pai gostava que eu fosse criança para sempre.					
39. Sinto que o meu pai conversa comigo de maneira a que eu entenda o que ele está a dizer.					
40. Eu e o meu pai acabamos as conversas a gritar um com o outro.					
41. O meu pai acha que é na escola que se deve dar educação.					
42. Quando tenho algum problema prefiro não contar ao meu pai.					
43. Quando não percebo o que o meu pai me está a dizer, digo-lhe, e ele tenta explicar-se melhor.					
44. Entendo o que o meu pai me quer dizer.					
45. Os meus pais não se entendem sobre as regras/ordens que me dão.					
46. Digo ao meu pai que gosto dele.					
47. Consigo convencer o meu pai a dar-me ou a fazer o que eu quero.					
48. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por exemplo, sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...) converso com o meu pai.					
49. Não gosto de conversar com o meu pai sobre alguns assuntos.					
50. Quando discuto com o meu pai, aproximo-me mais da minha mãe.					
51. O meu pai não percebe quando eu tenho algum problema.					
52. É difícil pedir ao meu pai aquilo que quero.					
53. Procuo alegrar o meu pai quando ele está mais em baixo e/ou triste.					
54. Eu e o meu pai discutimos um com o outro sempre por causa das mesmas coisas.					
55. Quando eu e o meu pai discutimos, costumo ouvi-lo até ao fim.					
56. Não digo tudo o que me apetece ao meu pai porque sei que ele não é como um(a) dos/as meus/minhas amigos/as.					
57. É fácil para mim dizer ao meu pai aquilo que sinto.					
58. Converso mais com o meu pai do que com qualquer outra pessoa.					
59. Sei que posso conversar com o meu pai sobre o que eu quiser e ele sabe que também pode contar comigo para o apoiar.					
60. Quando faço alguma coisa errada digo-o ao meu pai sem medo.					
61. O meu pai conversa comigo sobre aquilo que ele espera que eu venha a ser.					
62. Eu e o meu pai não nos mostramos chateados/as à frente de pessoas que não são da					

família.					
63. Tenho dificuldade em acreditar no que o meu pai me diz.					
64. O meu pai acha muito grave quando eu me porto mal e diz-me que isso vai ter consequências quando eu crescer.					
65. O meu pai sabe que também pode contar comigo para o apoiar.					



COMPA - Versão Filhos 12-16 anos (em relação à MÃE)

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

(Portugal, A. & Alberto I., 2010)

No dia-a-dia das famílias os pais e os filhos vão comunicando uns com os outros. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como **comunicas com a tua mãe**.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um **X** a opção que mais se aproxima da tua opinião! Ou seja, terás de apontar com um X, se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com o teu pai.

É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

As opções de resposta são:

1: Isto **Nunca** acontece

2: Isto **Raramente** acontece

3: Isto acontece **Às vezes**

4: Isto acontece **Muitas vezes**

5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
A minha mãe dá-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achares que a afirmação “A minha mãe dá-me chocolates” acontece Muitas vezes então deves assinalar com o X a opção 4).

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com a minha mãe.					
2. Converso com a minha mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
3. Converso com a minha mãe quando me sinto aborrecido/a.					
4. Eu e a minha mãe procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.					

5. Eu e a minha mãe ficamos chateados/as um(a) com o/a outro/a.					
6. Minto à minha mãe.					
7. Converso com a minha mãe sobre os meus problemas.					
8. A minha mãe não me explica porque é que existem certas regras em nossa casa.					
9. Quando faço alguma asneira, não sei como é que a minha mãe vai reagir.					
10. Quando converso com a minha mãe digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.					
11. A minha mãe dá-me muita liberdade.					
12. A minha mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educada.					
13. Posso confiar na minha mãe e contar-lhe os meus problemas.					
14. Quando me aborreço com a minha mãe, fecho-me no meu quarto ou noutra lugar onde possa ficar só.					
15. A minha mãe compreende os meus problemas e as minhas preocupações.					
16. A minha mãe diz-me o que é certo e errado.					
17. A minha mãe dá-me atenção e é carinhosa comigo.					
18. A minha mãe gosta de me fazer surpresas.					
19. Fico confuso/a ou baralhado/a com as ordens que a minha mãe me dá.					
20. Quando falo com a minha mãe ela ouve-me e dá-me atenção.					
21. A minha mãe tenta compreender aquilo que eu digo.					
22. A minha mãe preocupa-se com o que eu sinto.					
23. Quando converso com a minha mãe, ela vai-se embora e deixa-me a falar sozinho/a.					
24. Quando preciso de conversar com a minha mãe, ela mostra-se atenta para me ouvir e falar.					
25. A minha mãe explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
26. A minha mãe põe-me de castigo sem tentar perceber primeiro o que aconteceu.					
27. A minha mãe deixa-me tomar as minhas decisões e escolhas.					
28. A minha mãe gosta de conversar comigo.					
29. Quando faço perguntas à minha mãe ela é sincera e clara na forma como responde.					
30. Digo as coisas de uma forma que entristece a minha mãe.					
31. Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que a minha mãe me dá.					
32. Gosto de dar beijos e de abraçar a minha mãe.					
33. Não gosto de contar à minha mãe as coisas que me magoam/chateiam.					

34. Quando a minha mãe está zangada comigo, chama-me nomes.					
35. Só a minha mãe é que me dá ordens.					
36. A minha mãe pensa que tem sempre razão.					
37. A minha mãe explica-me o que sente quando está aborrecida ou zangada comigo.					
38. A minha mãe gostava que eu fosse criança para sempre.					
39. Sinto que a minha mãe conversa comigo de maneira a que eu entenda o que ela está a dizer.					
40. Eu e a minha mãe acabamos as conversas a gritar um com o outro.					
41. A minha mãe acha que é na escola que se deve dar educação.					
42. Quando tenho algum problema prefiro não contar à minha mãe.					
43. Quando não percebo o que a minha mãe me está a dizer, digo-lhe, e ela tenta explicar-se melhor.					
44. Entendo o que a minha mãe me quer dizer.					
45. Os meus pais não se entendem sobre as regras/ordens que me dão.					
46. Digo à minha mãe que gosto dela.					
47. Consigo convencer a minha mãe a dar-me ou a fazer o que eu quero.					
48. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por exemplo, sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...) converso com a minha mãe.					
49. Não gosto de conversar com a minha mãe sobre alguns assuntos.					
50. Quando discuto com a minha mãe, aproximo-me mais do meu pai.					
51. A minha mãe não percebe quando eu tenho algum problema.					
52. É difícil pedir à minha mãe aquilo que quero.					
53. Procuo alegrar a minha mãe quando ela está mais em baixo e/ou triste.					
54. Eu e a minha mãe discutimos um com o outro sempre por causa das mesmas coisas.					
55. Quando eu e a minha mãe discutimos, costumo ouvi-la até ao fim.					
56. Não digo tudo o que me apetece à minha mãe porque sei que ela não é como um(a) dos/as meus/minhas amigos/as.					
57. É fácil para mim dizer à minha mãe aquilo que sinto.					
58. Converso mais com a minha mãe do que com qualquer outra pessoa.					
59. Sei que posso conversar com a minha mãe sobre o que eu quiser e ela sabe que também pode contar comigo para a apoiar.					
60. Quando faço alguma coisa errada digo-o à minha mãe sem medo.					
61. A minha mãe conversa comigo sobre aquilo que ela espera que eu venha a ser.					
62. Eu e a minha mãe não nos mostramos chateados/as à frente de pessoas que não são					

da família.					
63. Tenho dificuldade em acreditar no que a minha mãe me diz.					
64. A minha mãe acha muito grave quando eu me porto mal e diz-me que isso vai ter consequências quando eu crescer.					
65. A minha mãe sabe que também pode contar comigo para a apoiar.					

MUITO OBRIGADO!



APRESENTAÇÃO DO TRABALHO

O meu nome é Alda Portugal e estou a fazer um trabalho sobre a **comunicação entre pais e filhos**.

De seguida vais encontrar quatro documentos: o 1º pede a tua autorização para participares neste trabalho; o 2º serve para que eu te possa conhecer melhor; o 3º é um questionário onde peço a tua opinião sobre a comunicação que tens com o teu pai; e o 4º é o mesmo questionário mas em relação à comunicação que tens com tua mãe.

A tua ajuda neste trabalho é muito importante! Tudo o que escreveres ficará guardado e **não será mostrado a outras pessoas**.

Se precisares de mais alguma informação sobre este estudo ou sobre algum assunto relacionado, poderás enviar um e-mail para:

Alda Portugal: aldaportugal@hotmail.com

Isabel Alberto: isamaria@fpce.uc.pt

Muito obrigado pela tua colaboração!



Autorização

Queremos pedir-te a tua **autorização** para que participes neste estudo sobre a comunicação entre pais e filhos.

Se participares neste trabalho poderás fazer perguntas sobre ele a qualquer altura; damos-te a certeza de que o teu nome não vai ser revelado a ninguém; e podes pedir-nos, depois de acabarmos o estudo, os resultados finais.

“Compreendo o que aqui está escrito e sei que, nem os meus dados pessoais, nem as minhas respostas, serão revelados a outras pessoas. Posso colocar dúvidas sobre este estudo e, depois de estar realizado, pedir os resultados finais.”

(Ass. Participante)

(Ass. Investigador)

Data: ____ / ____ / 2011



Código do Jovem

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: Masculino Feminino

Data de Nascimento: ____ / ____ / ____ Nacionalidade: _____

Escola: _____ Ano Escolar: _____

Em que cidade/vila/aldeia vives? _____

Quem vive em tua casa? _____

Tens irmãos? Sim Não

Sexo (rapaz/rapariga)	Idade	Vivem contigo? (sim/não)

Os teus pais estão: Casados/União de facto

Separados/Divorciados

	Qual a idade dos teus pais?	Vivem contigo? (sim/não)
Pai		
Mãe		
(Padrasto)		
(Madrasta)		

Qual a profissão do teu pai (ou padrasto)? _____

Qual a profissão da tua mãe (ou madrasta)? _____

Data do preenchimento: ____ / ____ / ____

(Dia) (Mês) (Ano)



COMP A - Versão Filhos 7-11 anos (em relação ao PAI)

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

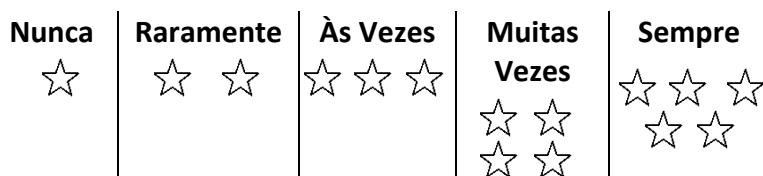
(Portugal, A. & Alberto I., 2010)

Este questionário serve para saber como comunicas com o teu **PAI** no teu dia-a-dia.

Vais encontrar algumas frases sobre a comunicação de pais e filhos e terás de marcar com um **X** aquilo que acontece mais entre ti e o teu pai.

Por exemplo: **Se achas que o teu pai te compra chocolates muitas vezes então tens de fazer um X na opção que tem 4 estrelas “Muitas Vezes”.**

É importante que respondas a tudo pois **não existem respostas certas nem respostas erradas.**



Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
☆	☆ ☆	☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆ ☆

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1. Converso com o meu pai sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
2. Converso com o meu pai sobre os meus problemas.					
3. O meu pai não me explica porque é que existem regras em nossa casa.					
4. Não sei como é que o meu pai reage quando faço alguma asneira.					
5. O meu pai compreende os meus problemas e preocupações.					
6. O meu pai diz-me o que é certo e errado.					
7. O meu pai dá-me atenção e é carinhoso comigo.					
8. Fico confuso/a ou baralhado/a com as ordens que o meu pai me dá.					
9. Quando falo com o meu pai ele ouve-me e dá-me atenção.					
10. O meu pai tenta compreender aquilo que eu digo.					
11. O meu pai preocupa-se com o que eu sinto.					
12. O meu pai deixa-me a falar sozinho/a.					
13. O meu pai ouve-me e fala comigo quando preciso.					

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
	☆	☆ ☆	☆ ☆ ☆	☆☆ ☆☆	☆☆ ☆☆ ☆
14. O meu pai explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
15. O meu pai põe-me de castigo sem tentar perceber primeiro o que aconteceu.					
16. Não gosto de contar ao meu pai as coisas que me magoam/chateiam.					
17. Quando o meu pai está zangado comigo chama-me nomes.					
18. Só o meu pai é que me dá ordens.					
19. O meu pai pensa que tem sempre razão.					
20. O meu pai explica-me o que sente quando está aborrecido ou zangado comigo.					
21. O meu pai gostava que eu fosse criança para sempre.					
22. Eu e o meu pai acabamos as conversas a gritar um com o outro.					
23. Quando tenho algum problema prefiro não contar ao meu pai.					
24. Quando não percebo o que o meu pai me está a dizer, digo-lhe, e ele tenta explicar-se melhor.					
25. Entendo o que o meu pai me quer dizer.					
26. O meu pai diz-me que gosta de mim.					
27. Consigo convencer o meu pai a dar-me o que eu quero.					
28. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por ex. violência, doenças, amigos, ...) converso com o meu pai.					
29. Não gosto de conversar com o meu pai sobre alguns assuntos.					
30. O meu pai não percebe quando eu tenho algum problema.					
31. É difícil pedir ao meu pai aquilo que quero.					
32. Eu e o meu pai discutimos um com o outro sempre por causa das mesmas coisas.					
33. Não digo tudo o que me apetece ao meu pai porque sei que ele não é como um dos meus amigos.					
34. É fácil para mim dizer ao meu pai aquilo que sinto.					



COMP A - Versão Filhos 7-9 anos (em relação à Mãe)

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

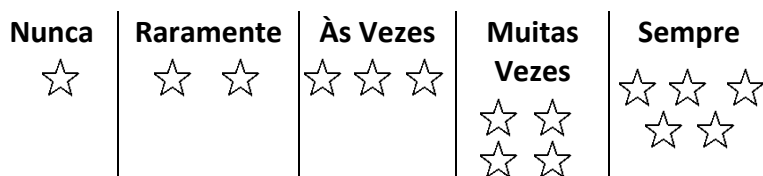
(Portugal, A. & Alberto I., 2010)

Este questionário serve para saber como comunicas com a tua **MÃE** no teu dia-a-dia.

Vais encontrar algumas frases sobre a comunicação de pais e filhos e terás de marcar com um **X** aquilo que acontece mais entre ti e a tua mãe.

Por exemplo: **Se achas que a tua mãe te compra chocolates muitas vezes então tens de fazer um X na opção que tem 4 estrelas “Muitas Vezes”.**

É importante que respondas a tudo pois **não existem respostas certas nem respostas erradas.**



Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
☆	☆ ☆	☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆ ☆

1.	Converso com a minha mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.				
2.	Converso com a minha mãe sobre os meus problemas.				
3.	A minha mãe não me explica porque é que existem regras em nossa casa.				
4.	Não sei como é que minha mãe reage quando faço alguma asneira.				
5.	A minha mãe compreende os meus problemas e preocupações.				
6.	A minha mãe diz-me o que é certo e errado.				
7.	A minha mãe dá-me atenção e é carinhosa comigo.				
8.	Fico confuso/a ou baralhado/a com as ordens que a minha mãe me dá.				
9.	Quando falo com a minha mãe ela ouve-me e dá-me atenção.				
10.	A minha mãe tenta compreender aquilo que eu digo.				
11.	A minha mãe preocupa-se com o que eu sinto.				
12.	A minha mãe deixa-me a falar sozinho/a.				
13.	A minha mãe ouve-me e fala comigo quando preciso.				

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
	☆	☆ ☆	☆ ☆ ☆	☆☆ ☆☆	☆☆ ☆☆ ☆
14. A minha mãe explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
15. A minha mãe põe-me de castigo sem tentar perceber primeiro o que aconteceu.					
16. Não gosto de contar à minha mãe as coisas que me magoam/chateiam.					
17. Quando a minha mãe está zangada comigo chama-me nomes.					
18. Só a minha mãe é que me dá ordens.					
19. A minha mãe pensa que tem sempre razão.					
20. A minha mãe explica-me o que sente quando está aborrecida ou zangada comigo.					
21. A minha mãe gostava que eu fosse criança para sempre.					
22. Eu e a minha mãe acabamos as conversas a gritar um com o outro.					
23. Quando tenho algum problema prefiro não contar à minha mãe.					
24. Quando não percebo o que a minha mãe me está a dizer, digo-lhe, e ela tenta explicar-se melhor.					
25. Entendo o que a minha mãe me quer dizer.					
26. A minha mãe diz-me que gosta de mim.					
27. Consigo convencer a minha mãe a dar-me o que eu quero.					
28. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por ex. violência, doenças, amigos, ...) converso com a minha mãe.					
29. Não gosto de conversar com a minha mãe sobre alguns assuntos.					
30. A minha mãe não percebe quando eu tenho algum problema.					
31. É difícil pedir à minha mãe aquilo que quero.					
32. Eu e a minha mãe discutimos um com o outro sempre por causa das mesmas coisas.					
33. Não digo tudo o que me apetece à minha mãe porque sei que ela não é como um dos meus amigos.					
34. É fácil para mim dizer à minha mãe aquilo que sinto.					

APÊNDICE C



Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Consultar inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:

Alda Portugal

Nome do Interlocutor:

Alda Portugal

E-mail do interlocutor:

aldaportugal@hotmail.com

Dados do Inquérito

Número de registo:

0137000001

Designação:

Escala de Percepção dos Padrões Comunicacionais na Parentalidade - COMPA

Descrição:

A acompanhar o inquérito, propriamente dito, estão três documentos necessários: a) consentimento informado da criança relativamente à sua vontade em participar na investigação; b) consentimento dos encarregados de educação relativamente à participação dos respectivos educandos; e c) questionário sócio-demográfico (não são colocadas questões que conduzam à identificação do respondente, tal como previsto na Lei 67/98 de 26 de Outubro).

O inquérito de avaliação, na versão filhos, é composto por uma versão relativa ao pai (ou seja, como é que a criança/jovem percepciona a comunicação que mantém com o pai) e uma versão relativa à mãe (ou seja, como é que a criança/jovem percepciona a comunicação que mantém com a mãe). Deste modo, o questionário é de auto-resposta, composto por 128 itens (metade relativos ao pai e a outra metade relativos à mãe) e respondido numa escala de Likert em que 1 corresponde a NUNCA e a 5 corresponde a SEMPRE.

As dimensões iniciais deste questionário são sete: Afecto, Atitude Filial, Atitude Parental, Estabelecimento de Regras e Limites, Metacomunicação, Partilha de Situações Problemáticas e Problemas Comunicacionais. Deste modo, o questionário pretende avaliar a comunicação estabelecida entre pais e filhos (com idades compreendidas entre os 7 e os 16 anos).

Objectivos:

O questionário COMPA (versão filhos) surge enquadrado num projecto de Doutoramento em Psicologia Clínica e da Família, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, cujo objectivo máximo é comparar a comunicação entre famílias em processo de divórcio (regulação das responsabilidades parentais) e famílias intactas.

No entanto, em Portugal, não existe nenhuma escala de avaliação da comunicação parento-filial e, por isso, foi realizado um estudo qualitativo que teve como objectivo identificar as dimensões da comunicação parento-filial consideradas mais importantes. Esta etapa foi realizada com a colaboração de pais, de filhos (idade escolar e adolescentes), de técnicos e terapia familiar e de investigadores/académicos na área da Família.

Deste estudo qualitativo surgiu o COMPA que necessita agora de ser validado para a população portuguesa (pais e filhos). Assim, o nosso objectivo é aplicar o questionário ao maior número possível de crianças para poder analisar as suas qualidades psicométricas (validade e fiabilidade) e utilizá-lo na fase seguinte do projecto de doutoramento.

Periodicidade:

Pontual

Data do início do período de recolha de dados:

15-09-2010

Data do fim do período de recolha de dados:

Alda Portugal

Sair

Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registar inquérito
- Instruções

- Início
- Pesquisar inquéritos

08-04-2011

Universo:

Duas escolas da região Norte; oito escolas da região Centro; 7 escolas da região de Lisboa e Vale do Tejo; 2 escolas da região do Alentejo (as escola

Unidade de observação:

Crianças e jovens com idades compreendidas entre os 7 e os 16 anos de idade.

Método de recolha de dados:

Através do questionário de auto-resposta de avaliação da comunicação parento-filial (COMPA).

Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional:

Não

Inquérito aplicado pela entidade:

Sim

Instrumento de inquirição:

[01370_201008161121_Documento1.doc](#) (DOC - 302,00 KB)

Nota metodológica:

[01370_201008161122_Documento2.doc](#) (DOC - 29,00 KB)

Outros documentos:

[01370_201008161122_Documento3.doc](#) (DOC - 66,50 KB)

Data de registo:

16-08-2010

Versão:

3 (3)

Dados adicionais

Estado:

Aprovado

Avaliação:

Exmo(a). Senhor(a) Dr(a) Alda Portugal

Venho por este meio informar que o pedido de realização de questionário em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos de qualidade técnica e metodológica para tal devendo, no entanto, ter em atenção as observações aduzidas.

Com os melhores cumprimentos

Isabel Oliveira

Directora de Serviços de Inovação Educativa

DGIDC

Observações:

1 - A autorização dos pais / encarregados de educação deve ser expressa e não apenas tácita, pelo que apenas deverão responder ao questionário os alunos que apresentarem a declaração de consentimento devidamente assinada pelos respectivos pais / encarregados de educação.

2 - Considerando que a unidade de observação integra alunos (dos 7 aos 16 anos) com diferentes níveis de aquisição no que concerne às competências de leitura e de escrita aconselha-se que, pelo menos relativamente aos alunos do 1º ciclo, sejam adoptadas estratégias de inquirição adequadas ao nível etário dos alunos e às respectivas competências.

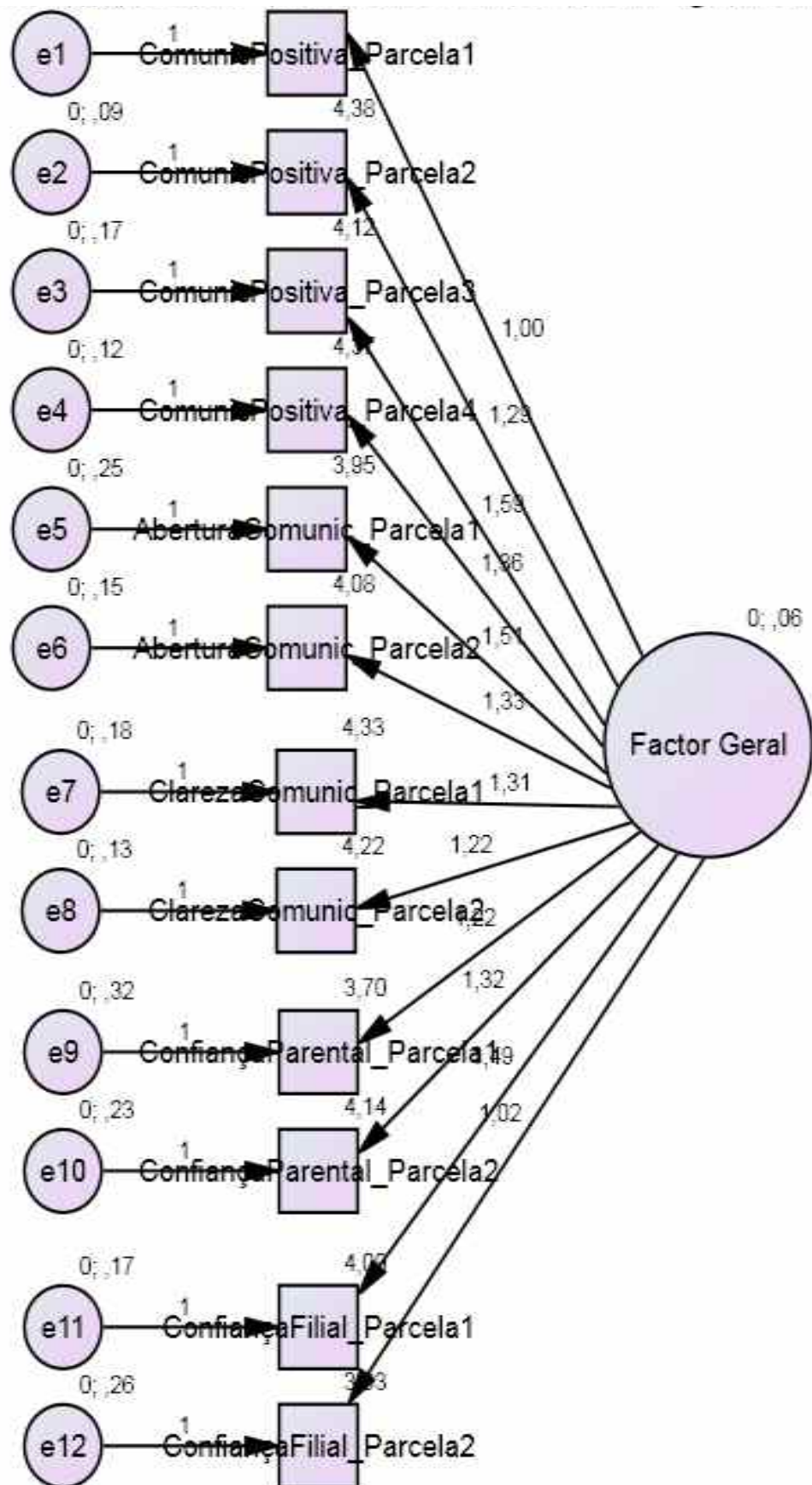
Outras observações:

Sem observações.

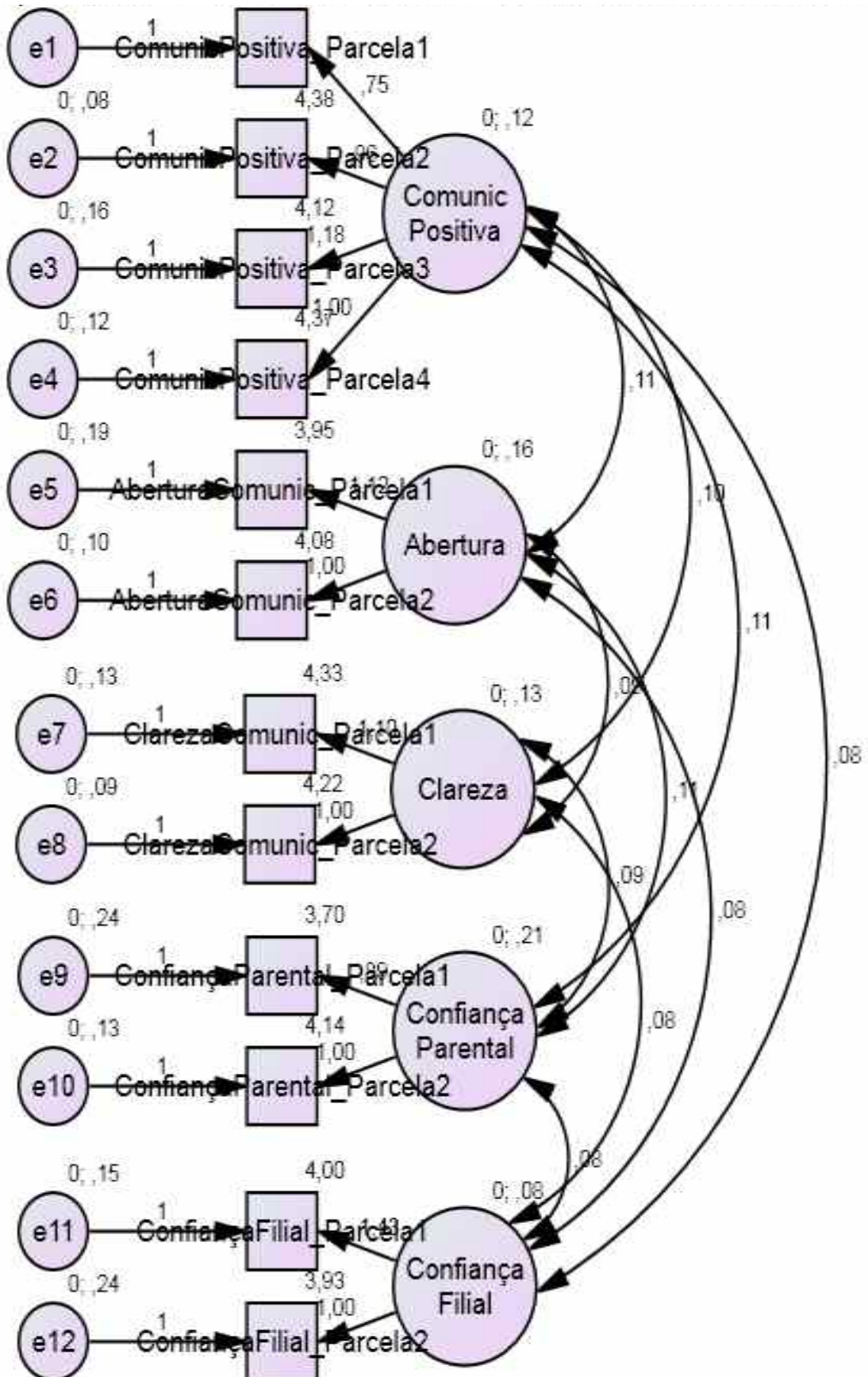
| [Voltar](#) | [Versão 1](#) | [Versão 2](#) | [Versão 3](#) |

APÊNDICE D

Modelo de Equação Estrutural com 1 Fator (COMPA-P) - Software AMOS

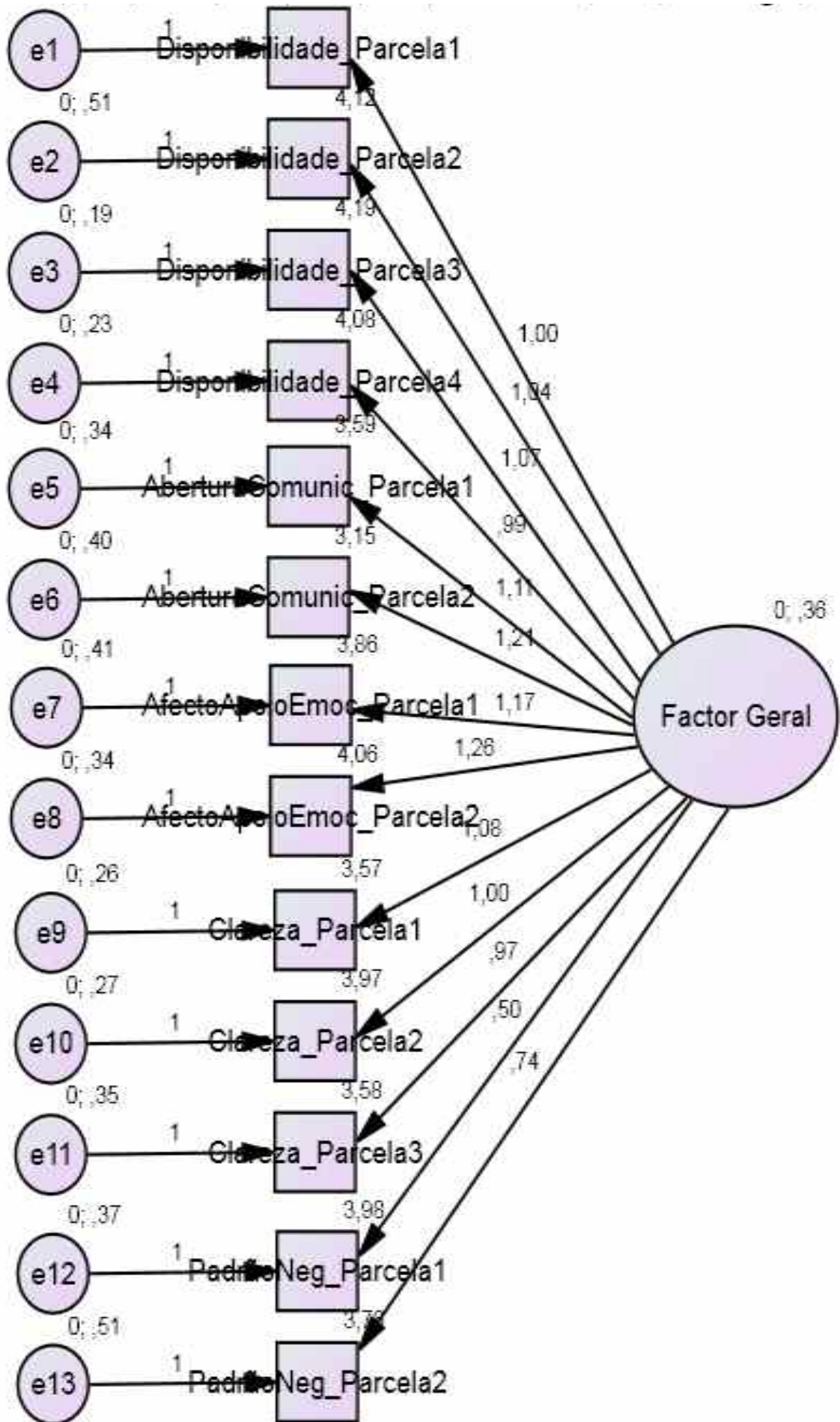


Modelo de Equação Estrutural com 5 Fatores (COMPAP) - Software AMOS

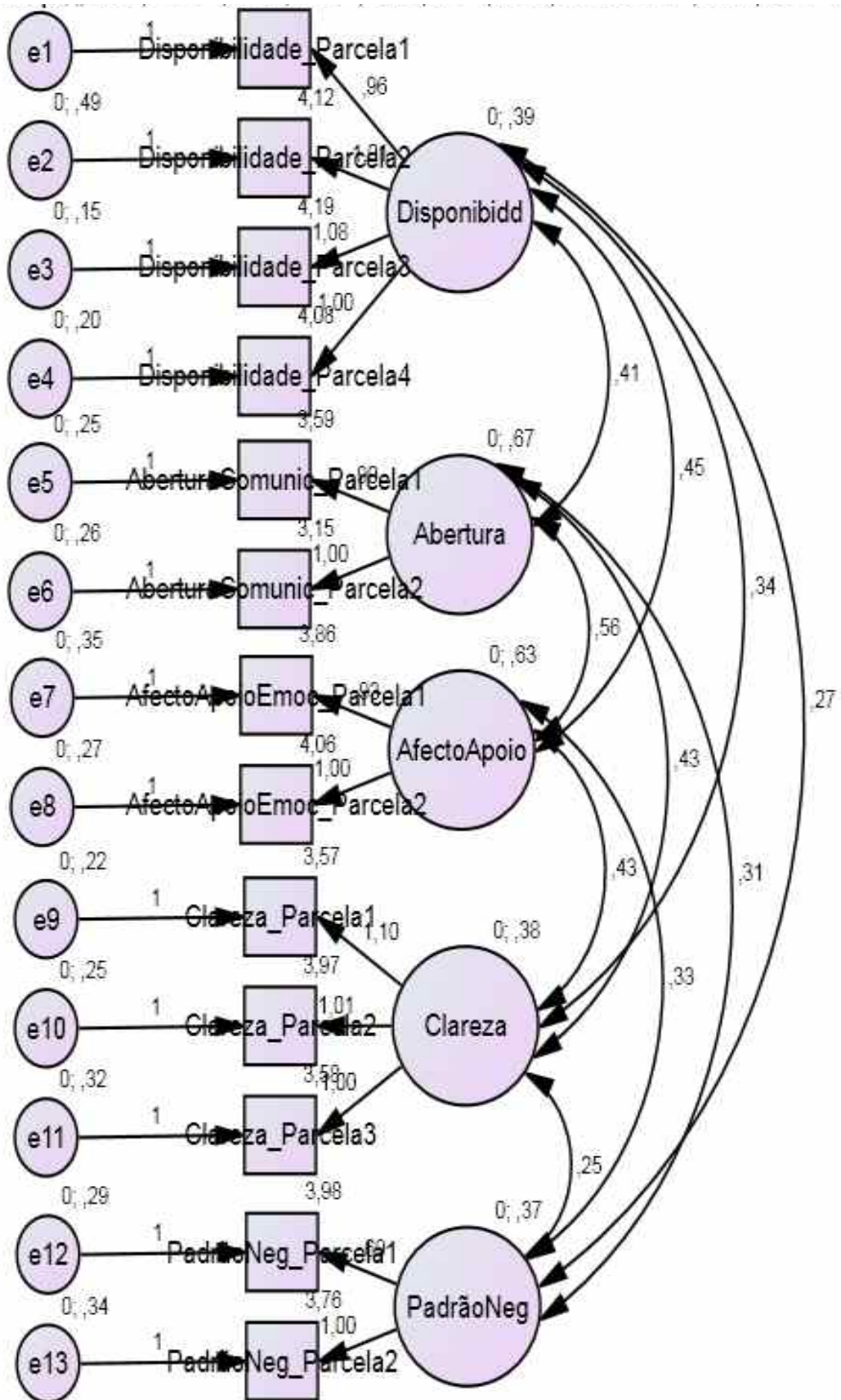


APÊNDICE E

Modelo de Equação Estrutural com 1 Fator (COMPA-A) – Software AMOS

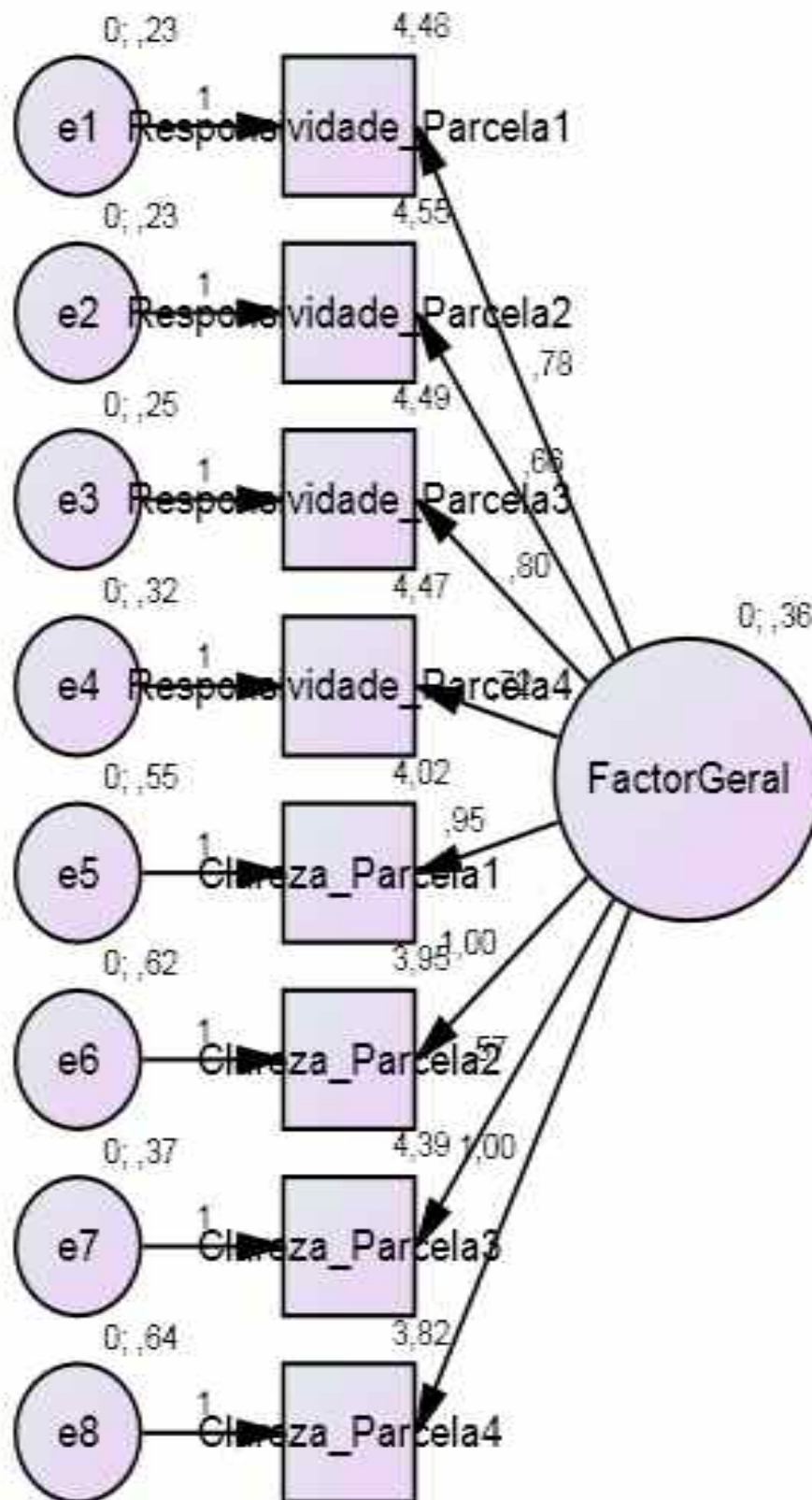


Modelo de Equação Estrutural com 5 Fatores (COMPA-A) – Software AMOS

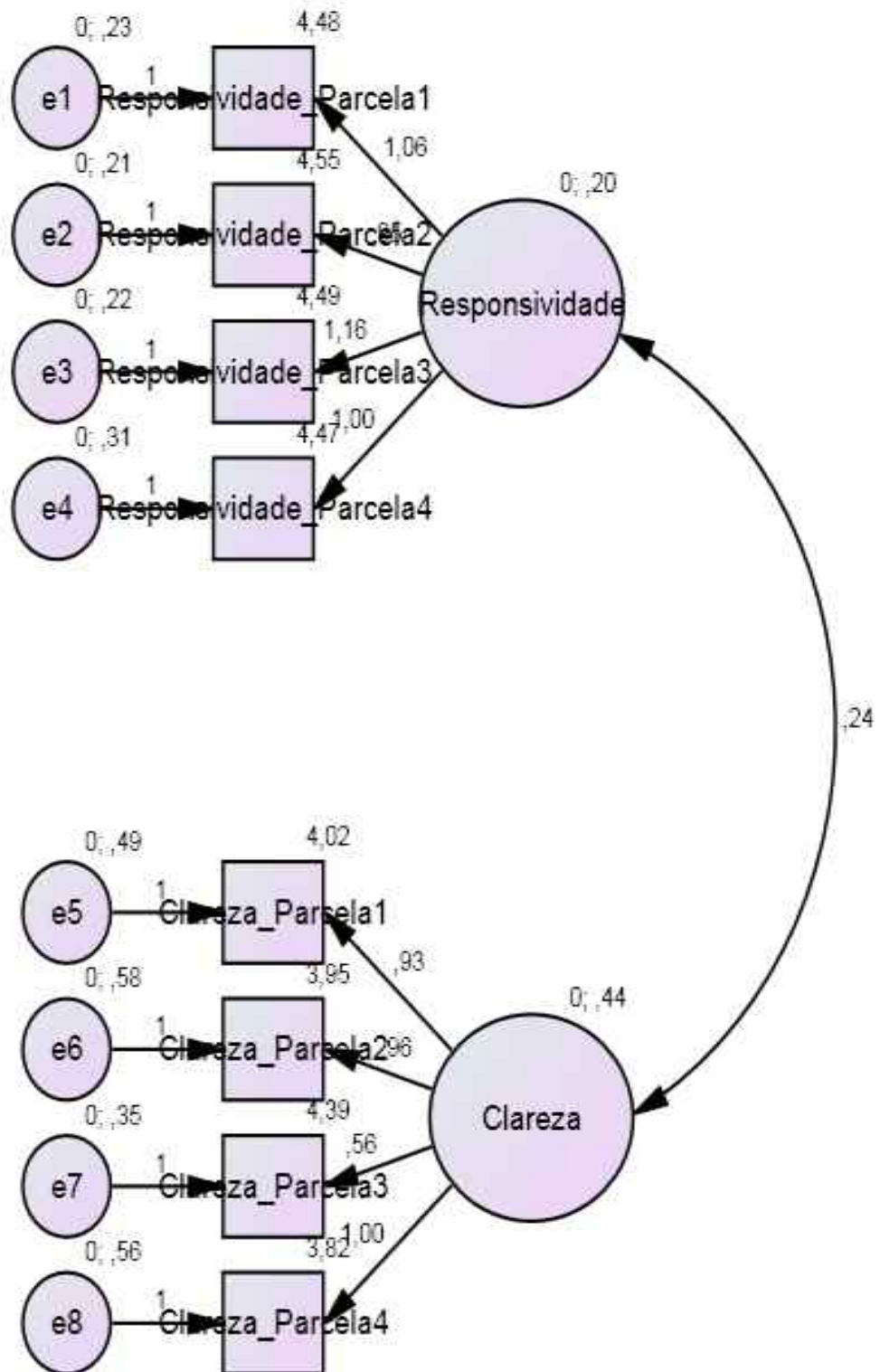


APÊNDICE F

Modelo de Equação Estrutural com 1 Fator (COMPA-P) - Software AMOS



Modelo de Equação Estrutural com 2 Fatores (COMPA-C) – Software AMOS



APÊNDICE G



Exmos. Pai/Mãe,

Uma equipa de investigação da Universidade de Coimbra está a desenvolver um estudo pioneiro sobre a **comunicação entre pais e filhos**, supervisionado pela Professora Doutora Isabel Alberto e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. A relevância deste tema prende-se com a importância que a comunicação assume no contexto familiar. Esta temática tem sido alvo de investigação no estrangeiro porém, em Portugal, não existem indicadores sobre a forma como pais/mães e filhos comunicam.

Neste sentido, solicitamos a sua colaboração para integrar o nosso estudo! Para tal pedimos-lhe para que, enquanto pai ou mãe, responda a algumas questões sobre a temática em causa, possibilitando, também a participação do(s) seu(s) filho(s). Para colaborar com este trabalho é apenas necessário preencher três breves questionários de auto-resposta. O seu contributo será uma mais-valia para colmatar as falhas da investigação nesta área em Portugal.

Atendendo às mudanças que vivencia neste momento, compreendemos a dificuldade que possa sentir em aceitar o nosso convite. Porém, salientamos os benefícios que a sua colaboração poderá trazer, tanto para a ciência, como para o trabalho clínico com famílias, no sentido de prevenir a ocorrência de potenciais situações de risco.

Garantimos-lhe que toda a informação disponibilizada por si, e pelo(s) seu(s) filho(s), servirá **exclusivamente** para efeitos desta investigação e que nenhum dado pessoal será revelado (os questionários são **confidenciais e anónimos**), nem para a Segurança Social nem para o Tribunal de Família e Menores.

Agradecemos e cumprimos, desde já, a vossa disponibilidade e compreensão.

(Alda Portugal, Investigadora)

(Natacha Pombeiro, Investigadora)



Termo de Consentimento Informado - Pais

Este documento visa solicitar a sua autorização para participar na Investigação subordinada ao tema “**Comunicação entre pais e filhos**”, levado a cabo por uma equipa de investigação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Este termo garante-lhe os seguintes direitos:

(1) A possibilidade de solicitar, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a investigação em causa;

(2) A garantia de que a informação por si disponibilizada (datas de nascimento, habilitações literárias, etc.), para efeitos desta investigação, será mantida em anonimato e guardada por um período de tempo limitado;

(3) A possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julga serem prejudiciais à sua integridade física, moral e/ou social.

“Declaro estar ciente das informações que constam neste Termo e de entender que serei resguardado(a) pelo sigilo absoluto dos meus dados pessoais e da minha participação nesta investigação. Poderei pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre este estudo e recusar-me a dar informações que julgue serem prejudiciais para mim.”

(Alda Portugal, Investigadora)

(Natacha Pombeiro, Investigadora)

(Participante)

_____, ____ de _____ de 2011
(Cidade) (Dia) (Mês)



Termo de Consentimento Informado - Filhos

Este documento visa solicitar a sua autorização para a participação do seu educando na Investigação subordinada ao tema “**Comunicação entre pais e filhos**”, levado a cabo por uma equipa de investigação da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Este termo garante-lhe os seguintes direitos:

(1) A possibilidade de solicitar, a qualquer momento, esclarecimentos sobre a investigação em causa;

(2) A garantia de que a informação disponibilizada pelo seu educando, para efeitos desta investigação, será mantida em anonimato e guardada por um período de tempo limitado;

(3) A possibilidade do(a) seu/sua filho(a) se negar a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julgue serem prejudiciais à integridade física, moral e/ou social.

“Declaro estar ciente das informações que constam neste Termo e de entender que o meu educando será resguardado pelo sigilo absoluto dos seus dados pessoais e da sua participação nesta investigação. Poderei pedir, a qualquer momento, esclarecimentos sobre este estudo.”

(Alda Portugal, Investigadora)

(Natacha Pombeiro, Investigadora)

(Participante)

_____, ____ de _____ de 2011
(Cidade) (Dia) (Mês)



Questionário de Identificação

I. Identificação Pessoal

Sexo: Pai Mãe

Idade: _____ (em Anos) Nacionalidade: _____

Local de Residência: _____ Habilitações Literárias: _____

Profissão: _____

Estado Civil:

- Casado(a) Ano: _____
- União de Facto Ano: _____
- Divorciado(a) Ano: _____
- Separado(a) Ano: _____
- Viúvo(a) Ano: _____
- Solteiro(a) Ano: _____

Tem filhos? Sim Não

Sexo (Rapaz/Rapariga)	Idade	Vivem consigo? (sim/não)

Composição do Agregado Familiar: _____

Já alguma vez recebeu algum tipo de ajuda psicológica? Sim Não

Se respondeu afirmativamente, preencha as seguintes questões:

- Motivo do pedido: _____

- Tipo de intervenção realizada: _____

II. Identificação Processual

Natureza do Processo:

- Regulação das Responsabilidades Parentais Ano: _____
- Alteração das Responsabilidades Parentais Ano: _____
- Incumprimento das Responsabilidades Parentais Ano: _____
- Promoção e Protecção Ano: _____
- Outro. Especifique: _____ Ano: _____

Qual a data de início do processo? _____ (Mês)/ _____ (Ano)

Existem outros processos a decorrer em simultâneo? Sim Não

Se respondeu afirmativamente, indique quais? _____

Existe decisão do Tribunal de Família e Menores? Sim Não

Se respondeu afirmativamente, indique qual a decisão: _____

Existem outras entidades/serviços envolvidos no processo? Sim Não

Se respondeu afirmativamente, indique quais? _____

Data do preenchimento: _____ / _____ / _____
(Dia) (Mês) (Ano)

COMP A - Versão PAIS

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

(A. Portugal & I. Alberto, 2010)

Apesar de nem sempre ser fácil conseguir explicar com exactidão a forma **como comunica com os seus filhos**, certamente terá uma ideia mais ou menos precisa de como o tem feito.

De seguida irá encontrar várias afirmações relativas à forma como os pais comunicam com os filhos. Para responder, é necessário que pense nos comportamentos, atitudes e conversas que caracterizam mais frequentemente a sua comunicação com o seu filho ou filha. **Se tem dois ou mais filhos pedimos-lhe para que responda a este questionário focando-se apenas na comunicação que mantém com um deles, desde que tenha entre os 7 e os 16 anos de idade.**

Para cada frase vai encontrar 5 opções de resposta. Deve indicar com um **X** a opção que considera que melhor corresponde à frequência daquela situação na comunicação que tem com o seu filho (a designação “filho” engloba o sexo masculino e o sexo feminino). É importante que responda a todas as questões, considerando que não existem respostas certas ou erradas.

As opções de resposta são:

1: Isto **Nunca** acontece

2: Isto **Raramente** acontece

3: Isto acontece **Às vezes**

4: Isto acontece **Muitas vezes**

5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	Nunca	Raramente	Às vezes	Muitas vezes	Sempre
O meu filho pede-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achar que a afirmação “O meu filho pede-me chocolates” acontece Muitas vezes então deverá assinalar com o X a opção 4).

Idade e sexo do filho em relação ao qual irá responder:

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. O meu filho sabe que pode conversar comigo sobre o que quiser.					
2. Sinto que posso confiar no meu filho e contar-lhe todos os meus problemas.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
3. Procuo escolher as palavras mais adequadas para conversar com o meu filho.					
4. Eu sei que posso contar com o meu filho para me apoiar.					
5. Quando o meu filho me faz perguntas procuro responder-lhe com clareza e de forma sincera.					
6. Sinto que posso confiar no meu filho.					
7. Quando quero falar sobre alguma coisa, é com o meu filho que gosto de conversar.					
8. Converso com o meu filho sobre a minha infância e a forma como fui educado/a.					
9. O meu filho está disponível quando eu quero falar com ele.					
10. O meu filho é atencioso e carinhoso comigo.					
11. É fácil impor regras e limites ao meu filho.					
12. Sei como o meu filho se sente sem ter de lhe perguntar.					
13. Compreendo aquilo que o meu filho me conta quando conversa comigo.					
14. Compreendo os problemas e preocupações do meu filho.					
15. Quando o meu filho está aborrecido ou zangado comigo, explica-me claramente o que sente.					
16. O meu filho vem conversar comigo quando tem alguma dúvida ou preocupação (por exemplo sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...).					
17. Digo ao meu filho aquilo que é certo e errado.					
18. Gosto de dar beijos e de abraçar o meu filho.					
19. É fácil dizer aquilo que sinto ao meu filho.					
20. Explico as regras ao meu filho.					
21. Gostava que o meu filho fosse criança para sempre.					
22. Quando eu e o meu filho temos algum problema conversamos e procuramos a melhor maneira de o resolver.					
23. Tento compreender o ponto de vista do meu filho.					
24. Sinto-me satisfeito com as conversas que tenho com o meu filho.					
25. Sou capaz de dizer ao meu filho o que me está a incomodar.					
26. O meu filho entende aquilo que lhe quero dizer.					
27. Acredito que o meu filho será uma pessoa muito importante.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
28. Digo ao meu filho que gosto dele.					
29. Eu e o meu filho estamos de acordo em relação às regras estabelecidas.					
30. 30. Quando converso com o meu filho esforço-me para não o desvalorizar ou envergonhar.					
31. Quando eu e o meu filho nos zangamos discutimos conflituosamente.					
32. O meu filho conversa comigo sobre as obrigações/responsabilidades que tem.					
33. Perante o meu filho admito que estou, ou que estive, errado.					
34. O meu filho gosta de conversar comigo.					
35. Quando nego algum pedido ao meu filho explico-lhe o porquê.					
36. Conto algumas coisas ao meu filho sobre mim e sobre o meu trabalho e/ou amizades.					
37. Procuro animar o meu filho quando ele está mais em baixo e/ou triste.					
38. Quando me apercebo de que o meu filho não está a compreender aquilo que digo, procuro explicar-lhe de outra forma.					
39. Preocupo-me com os sentimentos do meu filho.					
40. O meu filho fala comigo num tom de voz carinhoso e caloroso.					
41. Converso com o meu filho quando me sinto aborrecido/a.					
42. Quando surge uma discussão entre mim e o meu filho ele ouve-me até ao fim.					
43. Sinto-me sozinho quando é necessário impor regras e limites ao meu filho.					
44. O meu filho gosta de me surpreender com coisas das quais eu gosto.					

MUITO OBRIGADO!

EMBU-PAIS

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança: Nome Data Idade anosCódigo da criança

Quem responde a este questionário?

Pai

Mãe

Pai e Mãe

O seu filho vive consigo (ou convosco)?

Sim

Não

Em caso negativo, há quantos anos que não vive(m) com o seu (vosso) filho?

anos.

Quantos filhos tem? filhos.

Que lugar ocupa este entre os irmãos?

1º

2º

3º

4º

5º

outro

Mesmo que seja difícil explicar com exactidão como se relaciona ou se relacionou com os seus filhos, certamente tem uma ideia, mais ou menos precisa, de como o tem educado e porque tem procedido dessa forma.

Para responder a este questionário é muito importante que tente recordar as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho. Como verá, cada pergunta pode ser respondida de diferentes maneiras. Deve escolher a resposta que melhor reflecta o comportamento que tem ou teve para com o seu filho. **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, deverá rodeá-la com um círculo**

Antes de seleccionar a resposta que julga ser a mais adequada, leia atentamente cada uma das quatro alternativas possíveis. Lembre-se que só pode escolher uma opção por pergunta. Não deixe nenhuma questão por responder. Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

Seguidamente, apresentamos um exemplo de como se devem responder às perguntas deste questionário:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
<i>Costuma bater no seu filho?</i>	1	2	3	4
<i>É carinhoso(a) com ele?</i>	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?	1	2	3	4
2. Castiga o seu filho mesmo no caso de pequenas faltas?	1	2	3	4
3. Tenta influenciar o seu filho para que ele venha a ser uma pessoa bem colocada na vida?	1	2	3	4
4. Deseja que o seu filho seja diferente em algum aspecto?	1	2	3	4
5. Acha que é demasiado severo (a) com o seu filho?	1	2	3	4
6. Decide como o seu filho deve vestir-se ou que aspecto deve ter?	1	2	3	4
7. Proíbe o seu filho de fazer coisas que outras crianças da idade dele fazem, por medo que lhe aconteça algo de mal?	1	2	3	4
8. Bate ou repreende o seu filho em frente de outras pessoas?	1	2	3	4
9. Preocupou-se em saber o que faz o seu filho na sua ausência?	1	2	3	4
10. Quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo?	1	2	3	4
11. Impõe ao seu filho mais castigos corporais do que ele merece?	1	2	3	4
12. Aborrece-se com o seu filho porque ele não o (a) ajuda nas tarefas de casa como gostaria?	1	2	3	4
13. Quando acha que o seu filho faz algo mal, mostra-se de tal forma triste que o faz sentir-se culpado?	1	2	3	4
14. Conta a outras pessoas o que o seu filho faz ou diz, envergonhando-o com isso?	1	2	3	4
15. Mostra interesse em que o seu filho tire boas notas?	1	2	3	4
16. Ajuda o seu filho quando ele enfrenta uma tarefa difícil?	1	2	3	4
17. Diz ao seu filho frases como estas: "Com a tua idade não deverias comportar-te desta forma"?	1	2	3	4
18. Fica triste por culpa do seu filho?	1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
19. Tenta estimular o seu filho para que ele seja o melhor?	1	2	3	4
20. Demonstra ao seu filho que está satisfeito com ele?	1	2	3	4
21. Confia no seu filho de tal forma que o deixa actuar sob a sua própria responsabilidade?	1	2	3	4
22. Respeita as opiniões do seu filho?	1	2	3	4
23. Se o seu filho tem pequenos segredos, pede insistentemente que lhos conte?	1	2	3	4
24. Quer estar ao lado do seu filho?	1	2	3	4
25. Acha que é, de alguma forma, “forreta” e “duro (a)” para com o seu filho?	1	2	3	4
26. Quando regressa a casa, o seu filho tem que dar-lhe explicações sobre o que fez ?	1	2	3	4
27. Tenta que a infância do seu filho seja estimulante, interessante e atractiva (por exemplo; dando-lhe bons livros, encorajando-o a participar em passeios e excursões, etc.)	1	2	3	4
28. Elogia o comportamento do seu filho?	1	2	3	4
29. Diz ao seu filho frases como estas: “É assim que nos agradeces todo o esforço que temos feito por ti e todos os sacrifícios que temos feito para o teu bem”?	1	2	3	4
30. Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	1	2	3	4
31. Diz ao seu filho que não está de acordo com a forma de ele se comportar em casa?	1	2	3	4
32. Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do seu filho?	1	2	3	4
33. É brusco e pouco amável com o seu filho?	1	2	3	4
34. Castiga o seu filho com dureza, inclusive por coisas que não têm importância?	1	2	3	4
35. Acha que o seu filho deseja que se preocupe menos com as actividades dele?	1	2	3	4
36. Participa activamente nos passatempos e diversões do seu filho?	1	2	3	4
37. Bate ao seu filho?	1	2	3	4
38. Coloca limitações estritas ao que o seu filho pode ou não fazer, obrigando-o a respeitá-las rigorosamente?	1	2	3	4
39. Tem um medo exagerado que aconteça alguma coisa ao seu filho?	1	2	3	4
40. Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?	1	2	3	4
41. Fica orgulhoso(a) do seu filho quando ele consegue atingir um objectivo a que se tinha proposto?	1	2	3	4
42. Manifesta ao seu filho que está satisfeito com ele através de expressões física carinhosas como dar-lhe palmadas nas costas, abraçá-lo, etc.?	1	2	3	4

Código da Família



Questionário de Identificação

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____ (em Anos) Nacionalidade: _____

Ano Escolar que Frequentas: _____

Qual o teu local de residência? _____

Quem vive em tua casa? _____

Tens irmãos? Sim Não

Sexo (rapaz/rapariga)	Idade	Vive contigo? (sim/não)

Os teus pais estão: Casados
 União de Facto
 Divorciados
 Separados
 Solteiro/a

	Qual a idade dos teus pais?	Vivem contigo? (sim/não)
Pai		
Mãe		

Tens padrasto ou madrasta? Sim Não

Data do preenchimento: ____/____/____

(Dia) (Mês) (Ano)



COMPA - Versão Filhos 12-16 anos (em relação ao PAI)

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade
(A. Portugal & I. Alberto, 2010)

No dia-a-dia das famílias, pais e filhos vão comunicando entre si. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como **comunicas com o teu PAI**.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um **X** a opção que mais se aproxima da tua opinião, isto é, deves indicar se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com o teu pai. É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

As opções de resposta são:

- 1: Isto **Nunca** acontece
- 2: Isto **Raramente** acontece
- 3: Isto acontece **Às vezes**
- 4: Isto acontece **Muitas vezes**
- 5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
O meu pai dá-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achares que a afirmação “O meu pai dá-me chocolates” acontece Muitas vezes então deves assinalar com o X a opção 4).

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com o meu pai.					
2. Converso com o meu pai sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
3. Converso com o meu pai quando me sinto aborrecido/a.					
4. Eu e o meu pai procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às Vezes	4. Muitas Vezes	5. Sempre
5. Eu e o meu pai ficamos chateados um com o outro.					
6. Minto ao meu pai.					
7. Converso com o meu pai sobre os meus problemas.					
8. Quando converso com o meu pai digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.					
9. O meu pai conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educado.					
10. Posso confiar no meu pai e contar-lhe os meus problemas.					
11. O meu pai compreende os meus problemas e as minhas preocupações.					
12. O meu pai diz-me o que é certo e errado.					
13. O meu pai dá-me atenção e é carinhoso comigo.					
14. O meu pai gosta de me fazer surpresas.					
15. Quando falo com o meu pai ele ouve-me e dá-me atenção.					
16. O meu pai tenta compreender aquilo que eu digo.					
17. O meu pai preocupa-se com o que eu sinto.					
18. Quando preciso de conversar com o meu pai, ele mostra-se atento para me ouvir e falar.					
19. O meu pai explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
20. O meu pai gosta de conversar comigo.					
21. Quando faço perguntas ao meu pai ele é sincero e claro na forma como responde.					
22. Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que o meu pai me dá.					
23. Gosto de dar beijos e de abraçar o meu pai.					
24. O meu pai explica-me o que sente quando está aborrecido ou zangado comigo.					
25. Sinto que o meu pai conversa comigo de maneira a que eu entenda o que ele está a dizer.					
26. Quando tenho algum problema prefiro não contar ao meu pai.					
27. Quando não percebo o que o meu pai me está a dizer, digo-lhe, e ele tenta explicar-se melhor.					
28. Entendo o que o meu pai me quer dizer.					
29. O meu pai diz-me que gosta de mim.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às Vezes	4. Muitas Vezes	5. Sempre
30. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por exemplo, sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...) converso com o meu pai.					
31. Procuo alegrar o meu pai quando ele está mais em baixo e/ou triste.					
32. Quando eu e o meu pai discutimos, costumo ouvi-lo até ao fim.					
33. É fácil para mim dizer ao meu pai aquilo que sinto.					
34. Converso mais com o meu pai do que com qualquer outra pessoa.					
35. Sei que posso conversar com o meu pai sobre o que eu quiser e ele sabe que também pode contar comigo para o apoiar.					
36. Quando faço alguma coisa errada digo-o ao meu pai sem medo.					
37. O meu pai conversa comigo sobre aquilo que ele espera que eu venha a ser.					
38. Tenho dificuldade em acreditar no que o meu pai me diz.					
39. O meu pai sabe que também pode contar comigo para o apoiar.					

COMPA - Versão Filhos 12-16 anos (em relação à MÃE)



Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade

(A. Portugal & I. Alberto, 2010)

No dia-a-dia das famílias, pais e filhos vão comunicando entre si. Este questionário serve para saber qual é a tua opinião sobre a forma como **comunicas com a tua MÃE**.

De seguida encontrarás algumas frases sobre a comunicação entre pais e filhos e terás de marcar com um **X** a opção que mais se aproxima da tua opinião, isto é, deves indicar se cada afirmação acontece Nunca, Raramente, Às vezes, Muitas vezes ou Sempre, quando comunicas com a tua mãe. É importante que respondas a tudo! Como é um questionário de opinião, **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

As opções de resposta são:

1: Isto **Nunca** acontece

2: Isto **Raramente** acontece

3: Isto acontece **Às vezes**

4: Isto acontece **Muitas vezes**

5: Isto acontece **Sempre**

Exemplo	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
A minha mãe dá-me chocolates				X	

(Por exemplo, se achares que a afirmação “A minha mãe dá-me chocolates” acontece Muitas vezes então deves assinalar com o X a opção 4).

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
1. Sinto-me bem com as conversas que tenho com a minha mãe.					
2. Converso com a minha mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
3. Converso com a minha mãe quando me sinto aborrecido/a.					
4. Eu e a minha mãe procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
5. Eu e a minha mãe ficamos chateados um(a) com o(a) outro(a).					
6. Minto à minha mãe					
7. Converso com a minha mãe sobre os meus problemas.					
8. Quando converso com a minha mãe digo o que penso sem me sentir envergonhado/a.					
9. A minha mãe conta-me histórias de quando tinha a minha idade e de como foi educada.					
10. Posso confiar na minha mãe e contar-lhe os meus problemas.					
11. A minha mãe compreende os meus problemas e as minhas preocupações.					
12. A minha mãe diz-me o que é certo e errado.					
13. A minha mãe dá-me atenção e é carinhosa comigo.					
14. A minha mãe gosta de me fazer surpresas.					
15. Quando falo com a minha mãe ela ouve-me e dá-me atenção.					
16. A minha mãe tenta compreender aquilo que eu digo.					
17. A minha mãe preocupa-se com o que eu sinto.					
18. Quando preciso de conversar com a minha mãe, ela mostra-se atenta para me ouvir e falar.					
19. A minha mãe explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
20. A minha mãe gosta de conversar comigo.					
21. Quando faço perguntas à minha mãe ela é sincera e clara na forma como responde.					
22. Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que a minha mãe me dá.					
23. Gosto de dar beijos e de abraçar a minha mãe.					
24. A minha mãe explica-me o que sente quando está aborrecida ou zangada comigo.					
25. Sinto que a minha mãe conversa comigo de maneira a que eu entenda o que ela está a dizer.					
26. Quando tenho algum problema prefiro não contar à minha mãe.					
27. Quando não percebo o que a minha mãe me está a dizer, digo-lhe, e ela tenta explicar-se melhor.					
28. Entendo o que a minha mãe me quer dizer.					

	1. Nunca	2. Raramente	3. Às vezes	4. Muitas vezes	5. Sempre
29. A minha mãe diz-me que gosto de mim.					
30. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por exemplo, sobre violência, doenças, amigos, sexualidade ...) converso com a minha mãe.					
31. Procuo alegrar a minha mãe quando ela está mais em baixo e/ou triste.					
32. Quando eu e a minha mãe discutimos, costumo ouvi-la até ao fim.					
33. É fácil para mim dizer à minha mãe aquilo que sinto.					
34. Converso mais com a minha mãe do que com qualquer outra pessoa.					
35. Sei que posso conversar com a minha mãe sobre o que eu quiser e ela sabe que também pode contar comigo para a apoiar.					
36. Quando faço alguma coisa errada digo-o à minha mãe sem medo.					
37. A minha mãe conversa comigo sobre aquilo que ela espera que eu venha a ser.					
38. Tenho dificuldade em acreditar no que a minha mãe me diz.					
39. A minha mãe sabe que também pode contar comigo para a apoiar.					

MUITO OBRIGADO!

EMBU – A

(Lacerda Almeida, I., 2005)

Neste questionário, vais encontrar uma série de perguntas sobre **a tua relação com os teus pais**. Lê atentamente cada uma das questões e assinala com **uma cruz (X)** a resposta que melhor exprime a tua relação com os teus pais no momento actual. Responde em colunas separadas para o pai e para a mãe, tendo em conta as quatro alternativas que se seguem:

Sim, a maior parte do tempo 1	Sim, frequentemente 2	Sim, ocasionalmente 3	Não, nunca 4
--	--	--	-------------------------------

Questões	PAI				MÃE			
1. Os teus pais interferem em tudo o que fazes?	1	2	3	4	1	2	3	4
2. Os teus pais demonstram que gostam de ti?	1	2	3	4	1	2	3	4
3. Os teus pais gostariam que fosses diferente?	1	2	3	4	1	2	3	4
4. Já te aconteceu os teus pais não falarem contigo durante algum tempo depois de fazeres alguma coisa errada?	1	2	3	4	1	2	3	4
5. Os teus pais castigam-te por coisas sem importância?	1	2	3	4	1	2	3	4
6. Os teus pais pensam que tu tens de te esforçar para ires mais longe na vida?	1	2	3	4	1	2	3	4
7. Pensas que os teus pais gostariam que fosses diferente?	1	2	3	4	1	2	3	4
8. Mesmo quando fazes uma coisa estúpida, depois consegues fazer as pazes com os teus pais?	1	2	3	4	1	2	3	4
9. Os teus pais abraçam-te?	1	2	3	4	1	2	3	4
10. Achas que os teus pais gostam mais dos teus irmãos ou irmãs do que de ti?	1	2	3	4	1	2	3	4
11. Sentes que os teus pais são mais injustos contigo do que com os teus irmãos?	1	2	3	4	1	2	3	4
12. Os teus pais proíbem-te de fazeres coisas que os teus colegas estão autorizados a fazer, porque têm medo que te aconteça alguma coisa?	1	2	3	4	1	2	3	4
13. Os teus pais humilham-te na presença de outras pessoas?	1	2	3	4	1	2	3	4
14. Os teus pais preocupam-se com o que tu fazes depois das aulas?	1	2	3	4	1	2	3	4
15. Se a tua vida não corre bem, os teus pais tentam ajudar-te ou consolar-te?	1	2	3	4	1	2	3	4
16. Os teus pais castigam-te mais do que tu mereces?	1	2	3	4	1	2	3	4
17. Se fizeres alguma coisa sem autorização, os teus pais reagem de tal modo que comesças a sentir-te culpado?	1	2	3	4	1	2	3	4

18. Os teus pais mostram interesse pelas tuas notas escolares?	1	2	3	4	1	2	3	4
19. Sentes que os teus pais te ajudam se tiveres de fazer alguma coisa difícil?	1	2	3	4	1	2	3	4
20. Os teus pais tratam-te como a “ovelha negra” da família?	1	2	3	4	1	2	3	4
21. Sentes que os teus pais gostam de ti?	1	2	3	4	1	2	3	4
22. Os teus pais pensam que tens de ser o melhor em tudo?	1	2	3	4	1	2	3	4
23. Os teus pais demonstram claramente que gostam de ti?	1	2	3	4	1	2	3	4
24. Pensas que os teus pais têm a tua opinião em consideração?	1	2	3	4	1	2	3	4
25. Sentes que os teus pais gostam de estar contigo?	1	2	3	4	1	2	3	4
26. Tens a sensação de que os teus pais não têm tempo para ti?	1	2	3	4	1	2	3	4
27. Tens de dizer aos teus pais o que estiveste a fazer quando chegas a casa?	1	2	3	4	1	2	3	4
28. Sentes que os teus pais tentam que tenhas uma juventude feliz durante a qual possas aprender muitas coisas diferentes (por exemplo, através de liros, excursões, ect.)?	1	2	3	4	1	2	3	4
29. Os teus pais elogiam-te?	1	2	3	4	1	2	3	4
30. Sentes-te culpado porque te comportas de um modo que os teus pais desaprovam?	1	2	3	4	1	2	3	4
31. Sentes que os teus pais têm expectativas muito elevadas em relação ao teu desempenho escolar, desportivo, etc.?	1	2	3	4	1	2	3	4
32. Se te sentes infeliz, podes contar com a ajuda e compreensão dos teus pais?	1	2	3	4	1	2	3	4
33. És castigado pelos teus pais mesmo quando não fizeste nada de errado?	1	2	3	4	1	2	3	4
34. Os teus pais dizem coisas desagradáveis a teu respeito a outras pessoas, por exemplo, que és preguiçoso ou difícil?	1	2	3	4	1	2	3	4
35. Quando acontece alguma coisa, os teus pais culpam-te?	1	2	3	4	1	2	3	4
36. Os teus pais aceitam-te como tu és?	1	2	3	4	1	2	3	4
37. Os teus pais alguma vez lidam contigo de um modo duro e pouco amigável?	1	2	3	4	1	2	3	4
38. Os teus pais castigam-te muito mesmo por coisas sem importância?	1	2	3	4	1	2	3	4
39. Os teus pais já te deram uma bofetada sem razão?	1	2	3	4	1	2	3	4
40. Os teus pais interessam-se pelos teus passatempos ou por aquilo que gostas de fazer?	1	2	3	4	1	2	3	4
41. Os teus pais batem-te?	1	2	3	4	1	2	3	4
42. Os teus pais tratam-te de maneira que te sentes inferiorizado?	1	2	3	4	1	2	3	4
43. Achas que os teus pais estão sempre com medo que te aconteça alguma coisa?	1	2	3	4	1	2	3	4
44. Achas que tu e o teu pai/mãe gostam uns dos outros?	1	2	3	4	1	2	3	4

45. Os teus pais permitem que tu tenhas uma opinião diferente da deles?	1	2	3	4	1	2	3	4
46. Se fazes uma coisa bem-feita, sentes que os teus pais têm orgulho em ti?	1	2	3	4	1	2	3	4
47. Os teus pais já te mandaram para a cama sem comer?	1	2	3	4	1	2	3	4
48. Sentes que os teus pais demonstram que gostam de ti, por exemplo, abraçando-te?	1	2	3	4	1	2	3	4

Muito Obrigada!

Código da Família



Questionário de Identificação

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____ (em Anos) Nacionalidade: _____

Ano Escolar que Frequentas: _____

Qual o teu local de residência? _____

Quem vive em tua casa? _____

Tens irmãos? Sim Não

Sexo (rapaz/rapariga)	Idade	Vive contigo? (sim/não)

Os teus pais estão: Casados
 União de Facto
 Divorciados
 Separados
 Solteiro/a

	Qual a idade dos teus pais?	Vivem contigo? (sim/não)
Pai		
Mãe		

Tens padrasto ou madrasta? Sim Não

Data do preenchimento: ____/____/____

(Dia) (Mês) (Ano)

	Nunca	Rara-mente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
	☆	☆ ☆	☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆ ☆
13. Entendo o que o meu pai me quer dizer.					
14. O meu pai diz-me que gosta de mim.					
15. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por ex. violência, doenças, amigos, ...) converso com o meu pai.					
16. É fácil para mim dizer ao meu pai aquilo que sinto.					



COMP A - Versão Filhos 7-11 anos (em relação à Mãe)

Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade
(A. Portugal & I. Alberto I., 2010)

Este questionário serve para saber como comunicas com a tua **MÃE** no teu dia-a-dia.

Vais encontrar algumas frases sobre a comunicação de pais e filhos e terás de marcar com um **X** aquilo que acontece mais entre ti e a tua **mãe**.

Por exemplo: **Se achas que a tua mãe te compra chocolates muitas vezes então tens de fazer um X na opção que tem 4 estrelas “Muitas Vezes”.**

É importante que respondas a tudo pois **não existem respostas certas nem respostas erradas**.

Nunca ☆	Raramente ☆ ☆	Às Vezes ☆ ☆ ☆	Muitas Vezes ☆ ☆ ☆ ☆	Sempre ☆ ☆ ☆ ☆ ☆
-------------------	-------------------------	--------------------------	-----------------------------------	-------------------------------

Nunca ☆	Raramente ☆ ☆	Às Vezes ☆ ☆ ☆	Muitas Vezes ☆ ☆ ☆ ☆	Sempre ☆ ☆ ☆ ☆ ☆
-------------------	-------------------------	-----------------------------	-----------------------------------	----------------------------------

	Nunca	Raramente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
1. Converso com a minha mãe sobre os meus amigos e/ou amigas e algumas coisas do dia-a-dia.					
2. Converso com a minha mãe sobre os meus problemas.					
3. A minha mãe compreende os meus problemas e preocupações.					
4. A minha mãe diz-me o que é certo e errado.					
5. A minha mãe dá-me atenção e é carinhosa comigo.					
6. Quando falo com a minha mãe ela ouve-me e dá-me atenção.					
7. A minha mãe tenta compreender aquilo que eu digo.					
8. A minha mãe preocupa-se com o que eu sinto.					
9. A minha mãe ouve-me e fala comigo quando preciso.					
10. A minha mãe explica-me porque me diz NÃO às coisas que eu peço.					
11. A minha mãe explica-me o que sente quando está aborrecida ou zangada comigo.					
12. Quando não percebo o que a minha mãe me está a dizer, digo-lhe, e ela tenta explicar-se melhor.					

	Nunca	Rara- mente	Às Vezes	Muitas Vezes	Sempre
	☆	☆ ☆	☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆	☆ ☆ ☆ ☆ ☆
13. Entendo o que a minha mãe me quer dizer.					
14. A minha mãe diz-me que gosta de mim.					
15. Quando tenho alguma dúvida ou preocupação (por ex. violência, doenças, amigos, ...) converso com a minha mãe.					
16. É fácil para mim dizer à minha mãe aquilo que sinto.					

MUITO OBRIGADO!

EMBU-Crianças 6-12

(Versão Original de J. Castro, 1993)

Código criança:

Agora vamos falar um pouco sobre as coisas que acontecem em tua casa. Vais explicar-me como é que te sentes, o que dizem e o que fazem os teus pais, se às vezes se aborrecem contigo, se te fazem surpresas, oferecem prendas, etc.

Aqui estão algumas perguntas a que tu vais responder dizendo se o que te é perguntado não acontece NUNCA, se acontece ALGUMAS VEZES, se acontece MUITAS VEZES, ou se acontece SEMPRE.

Vamos ver como tu respondes:

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
Os teus pais dão-te um beijo antes de te deitares?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4

	Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1. Os teus pais dizem-te que gostam de ti e abraçam-te ou beijam-te?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
2. Sentes-te triste quando os teus pais não te dão o que queres?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
3. Se fazes algo mal, podes resolver a situação se pedires desculpa aos teus pais?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
4. Os teus pais dizem-te como te deves vestir, pentear...?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
5. Os teus pais proíbem-te de fazer coisas que os teus amigos podem fazer, por medo que te aconteça algo de mal?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
6. Os teus pais preocupam-se em saber o que fazes quando saís da escola, quando saís com algum amigo, etc.?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
7. Se as coisas te correm mal, achas que os teus pais te tentam compreender e ajudar?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
8. Quando fazes algo mal, os teus pais ficam tão tristes que te fazem sentir culpado?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
9. Achas que os teus pais te ajudam quando tens que fazer algo difícil?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
10. Tratam-te como o "mau da história" e deitam-te as culpas de tudo o que acontece em tua casa?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
11. Os teus pais gostavam que te parecesses com outra criança?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
12. Os teus pais demonstram-te que estão contentes contigo?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
13. Achas que os teus pais confiam em ti e te deixam decidir coisas por tua conta?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4
14. Achas que os teus pais te escutam e têm em conta as tuas opiniões?	Pai ▶ 1	2	3	4
	Mãe ▶ 1	2	3	4

		Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
15. Os teus pais querem que lhes contes os teus segredos?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
16. Achas que os teus pais querem ajudar-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
17. Achas que os teus pais são “forretas” e “duros” contigo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
18. Os teus pais dizem-te coisas como esta: “Se fazes isto, vou ficar muito triste”?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
19. Ao chegar a casa tens que contar aos teus pais o que fizeste?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
20. Os teus pais fazem alguma coisa para que te divirtas e aprendas coisas (por exemplo comprar livros, procurar que saias num passeio, etc.)?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
21. Os teus pais dizem-te que te portas bem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
22. Os teus pais dizem-te que não te compram algo para que não sejas um menino mimado?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
23. Sentes-te culpado quando não te comportas como os teus pais querem?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
24. Quando estás triste os teus pais consolam-te e animam-te?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
25. Os teus pais dizem que não gostam da maneira como te comportas em casa?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
26. Os teus pais zangam-se ou chamam-te de preguiçoso à frente de outras pessoas?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
27. Os teus pais gostam de ti como és?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
28. Os teus pais batem-te sem motivo?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
29. Os teus pais jogam contigo e participam nas tuas diversões?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
30. Os teus pais têm demasiado medo que te aconteça algo de mal?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
31. Os teus pais ficam tristes ou aborrecidos contigo sem te dizerem a razão?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4
32. Se os teus pais estão contentes contigo, demonstram-te com abraços, beijos, carícias, etc.?	Pai ▶	1	2	3	4
	Mãe ▶	1	2	3	4

APÊNDICE H



S. R.

CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA

Exma. Senhora
Investigadora Principal
Da Faculdade de Psicologia e de Ciências
da Educação
Dra. Alda Portugal
Universidade de Coimbra
Rua do Colégio Novo, Apartado 6153
3001-802 Coimbra

S/Referência	De:	N./Referência	Of.º n.º	Data
V/Carta. P.º n.º	12.01.2011	Gabinete de Apoio P.º n.º 10-437/D	002533	2011-03-14

Assunto: Extracto de Deliberação do Plenário Ordinário do Conselho Superior da Magistratura

Exmo. Senhor,

Tenho a honra de informar Vossa Excelência que na sessão do Plenário Ordinário do C.S.M. de 15.02.2011, foi tomada a deliberação, cuja fotocópia do extracto se junta.

Sem outro assunto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos.

O Juiz Secretário

Luís Miguel Vaz da Fonseca Martins

Em anexo: cópia de extracto de deliberação

JM /

Sede: Rua Mouzinho da Silveira, n.º 10 · 1269-273 Lisboa · Telefone: +351 213220020 · Fax: +351 213474918
Correio electrónico: esm@esm.org.pt · Internet: www.esm.org.pt

EM CASO DE RESPOSTA, AGRADECEMOS A MENÇÃO DAS NOSSAS REFERÊNCIAS



S. R.

CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA

Procº nº 10-437/D

EXTRACTO DE DELIBERAÇÃO

Na sessão do Plenário Ordinário do C.S.M., realizado em 15.02.2011, foi tomada a deliberação do seguinte teor:

*Aos 15 dias do mês de Fevereiro de 2011, pelas 10,45 horas, na sala das sessões do Conselho Superior da Magistratura, reuniu-se o mesmo Conselho, em **sessão Plenária Ordinária**, com a presença dos Excelentíssimos Senhores: Juiz Conselheiro Dr. Luís António Noronha Nascimento, Presidente; Juiz Conselheiro Dr. José Manuel de Sepúlveda Bravo Serra, Vice-Presidente; Juiz Conselheiro Jubilado Dr. Álvaro José Brilhante Laborinho Lúcio e Prof. Doutor Manuel da Costa Andrade, Vogais designados pelo Presidente da República; Drª Florbela de Almeida Pires, Prof. Doutor José Francisco de Faria Costa, Prof. Doutor Eduardo Augusto Alves Vera-Cruz Pinto, Dr. Rui Filipe Serra Serrão Patrício, Dr. Manuel Artur Barbot Veiga de Faria e Dr. Victor Manuel Pereira de Faria, Vogais eleitos pela Assembleia da República; Juiz Desembargador Dr. Tibério Nunes da Silva e Juízes de Direito Dr. Rui Francisco Figueiredo Coelho, Dr. Artur Dionísio do Vale Santos Oliveira, Drª Patrícia Helena Leal Cordeiro da Costa e Dr. José Manuel Costa Galo Tomé de Carvalho, Vogais eleitos pelos Magistrados Judiciais. -----*

Juiz Secretário, o Juiz de direito Dr. Luís Miguel Vaz da Fonseca Martins. -----

...

Nesta altura deu entrada na sala o Exmº Vogal, Dr. José António Machado Estelita de Mendonça, Vogal eleito pelos Magistrados



S. R.

CONSELHO SUPERIOR DA MAGISTRATURA

Judiciais. -----

...

Nesta altura saíram da sala os Exm^{os} Vogais Prof. Doutor Costa Andrade e Dr. Veiga de Faria. -----

"Foi deliberado autorizar a Exm^a Investigadora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Alda Portugal, a consultar os processos de Regulação das Responsabilidades Parentais disponíveis nos Tribunais de Família e Menores de Coimbra, de Lisboa e do Porto, com a reserva da intimidade, sujeito ao controle dos Exm^{os} Juízes Presidentes dos Tribunais referidos. "

Lisboa, 14 de Março de 2011

O Escrivão de direito

José Martins

Faculdade de Psicologia e de Ciências da
Educação da Universidade de Coimbra
Ao C/ da Exma. Sra. Dra. Alda Portugal
Rua do Colégio Novo
Apartado 6153
3001-802 Coimbra

Sua Referência

Sua Comunicação

Nossa Referência

Data

25-03-2011

Assunto: **Pedido de colaboração em estudo de Doutoramento**

Exma. Sra. Dra. Alda Portugal

Vimos pelo presente acusar a recepção do V/ ofício, datado de 28-02-2011, o qual mereceu a nossa melhor atenção e manifestar a nossa inteira disponibilidade em colaborar no estudo sobre comunicação entre pais e filhos, tema que também abordamos na avaliação das competências parentais de ambos os progenitores dos menores, em situação de divórcio ou de separação, no âmbito da assessoria técnica que prestamos aos Tribunais, na área Tutelar Cível.

Com os melhores cumprimentos,

DR. MANUELA GUEDES

A Directora do Núcleo de Infância e Juventude



(Rosa Leite de Sousa)